



TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

19

CADERNO DE ORIENTAÇÕES ÀS(AOS) EDUCADORAS(ES)

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO



Pacto pela
Superação do
Analfabetismo
e Qualificação da Educação
de Jovens e Adultos

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



Organização:

MARINAIDE LIMA DE QUEIROZ FREITAS FERRI
JARINA RODRIGUES FERNANDES
CLECIO DOS SANTOS BUNZEN JUNIOR



19

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

CADERNO DE ORIENTAÇÕES ÀS(AOS) EDUCADORAS(ES)

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

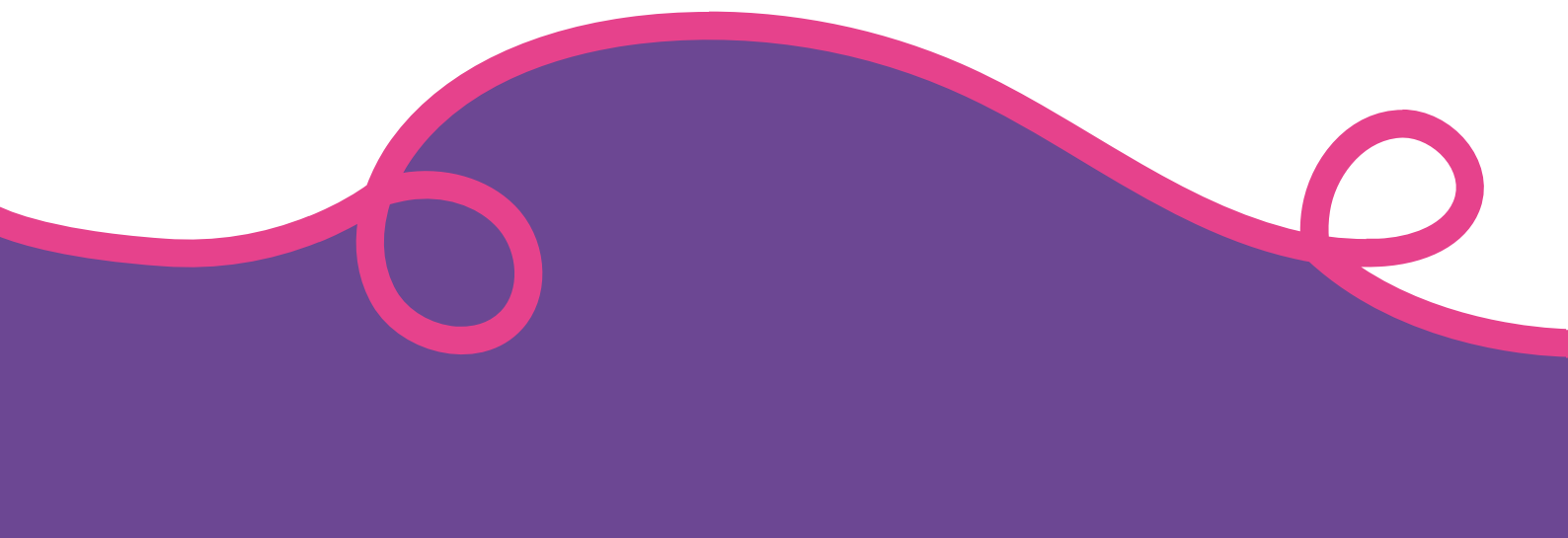
PROFESSORES ALFABETIZADORES DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS,

A Coleção *Trilhas para Alfabetização* é uma iniciativa no âmbito do Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos (Pacto EJA), coordenado pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI). Seu objetivo é apoiar as redes de ensino, os docentes das turmas de alfabetização de jovens, adultos e idosos, bem como educadores populares, na qualificação do trabalho educativo voltado à população não alfabetizada.

Nossa expectativa é que esta Coleção se constitua como um instrumento pedagógico capaz de fortalecer a prática docente do alfabetizador diante do desafio urgente de superar a realidade de aproximadamente 9,1 milhões de pessoas não alfabetizadas no país. Trata-se de um contexto diverso marcado por desigualdades e transformações significativas no mundo do trabalho, além de crises econômicas, sociais e ambientais que exigem compreensão crítica e posicionamento.

A diversidade é uma marca da formação social de nosso país continental, com variados biomas e culturas, construídas no encontro de diferentes povos que, com muito trabalho e luta, fazem o nosso Brasil, em seus diversos contextos e modos de vida. Em nossas raízes se encontram, também, matrizes de desigualdades, que persistem, exigindo esforço social e político para superação.

Inspirada na educação popular e nos ensinamentos freireanos, a Coleção *Trilhas para Alfabetização* compreende a educação como ato político, a alfabetização como leitura da palavra precedida pela leitura do mundo e a escrita como expressão criativa do protagonismo dos sujeitos e de seus saberes, numa realidade que precisa ser transformada.



Nessa concepção pedagógica, a alfabetização se realiza por meio do diálogo problematizador entre alfabetizador e alfabetizandos, mediado pela realidade, tendo o material didático como ferramenta que deve ser utilizada de forma criativa e contextualizada às práticas sociais onde ocorrem a oralidade, a leitura e a escrita.

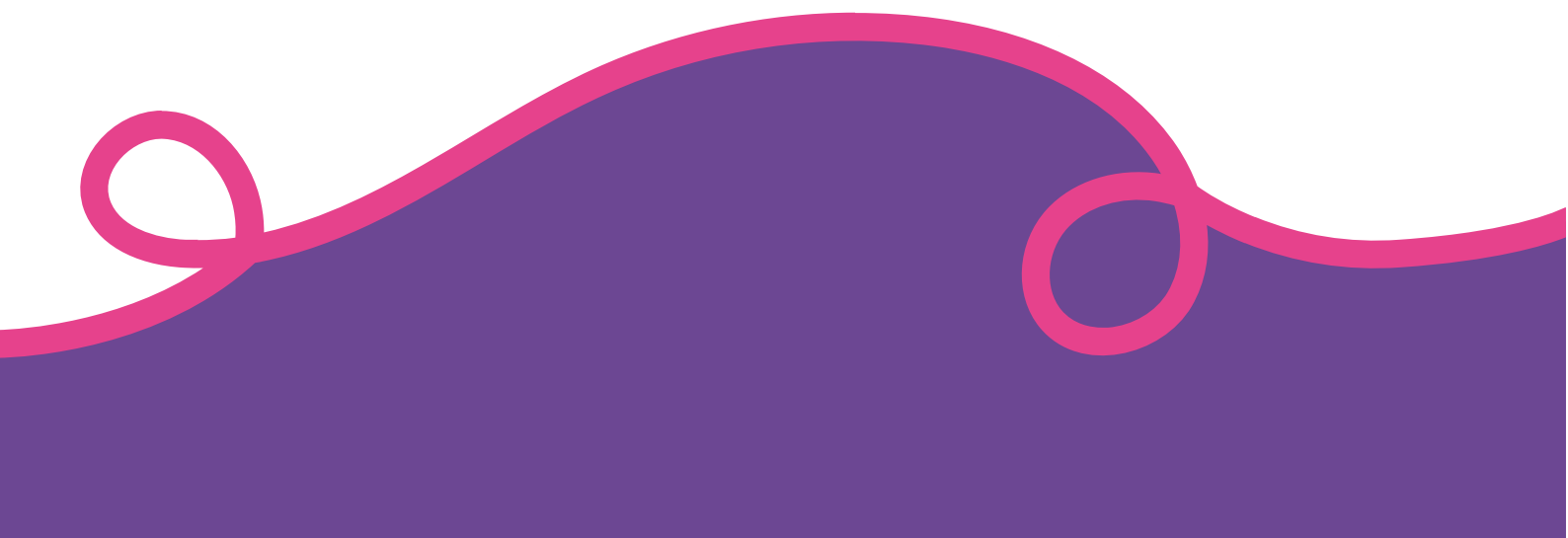
As 18 trilhas que compõem as 6 unidades temáticas da coleção orientam a jornada de apropriação do sistema alfabético-ortográfico em diálogo com a realidade. Cada unidade aborda temas como identidade, pertencimento, diversidade, direito à diferença, a relação com a natureza, o trabalho e suas transformações, as tecnologias digitais e a cidadania contemporânea.

Avançar na construção de um futuro que assegure qualidade de vida a cada um e a todos requer desenvolver a capacidade de compreender essa realidade complexa e contraditória, bem como competências para transformá-la.

A alfabetização é um passo essencial nesse processo, que demanda competência e compromisso dos educadores de jovens, adultos e idosos. É com esse propósito que a Coleção Trilhas para Alfabetização foi concebida.

Desejamos a todos uma jornada exitosa nas trilhas para alfabetização!

COORDENAÇÃO-GERAL DE ALFABETIZAÇÃO - CGA
DIRETORIA DE POLÍTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - DPAEJA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS,
DIVERSIDADE E INCLUSÃO - SECADI
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC

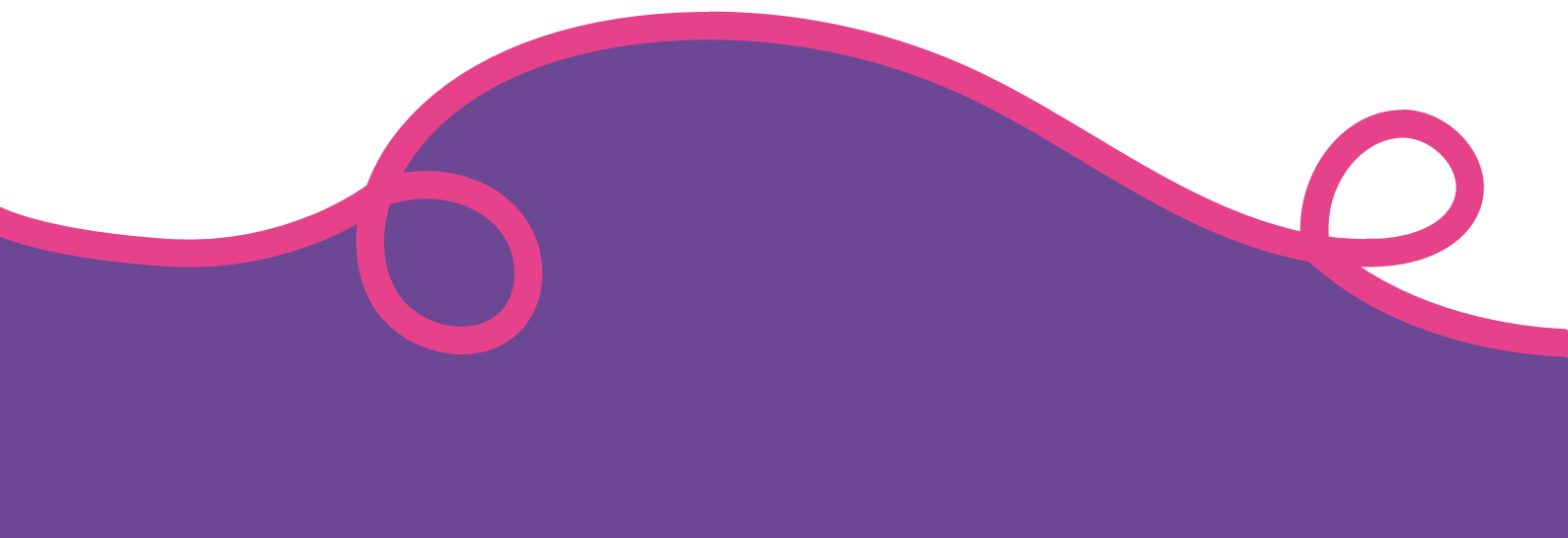


OLÁ, EDUCADORAS E EDUCADORES!

É com compromisso social, político e pedagógico que apresentamos a Coleção *Trilhas para alfabetização*, que se insere no âmbito do Pacto Nacional pela superação do analfabetismo e qualificação da Educação de jovens e adultos, instituído por meio do Decreto nº 12.048, de 05 de junho de 2024.

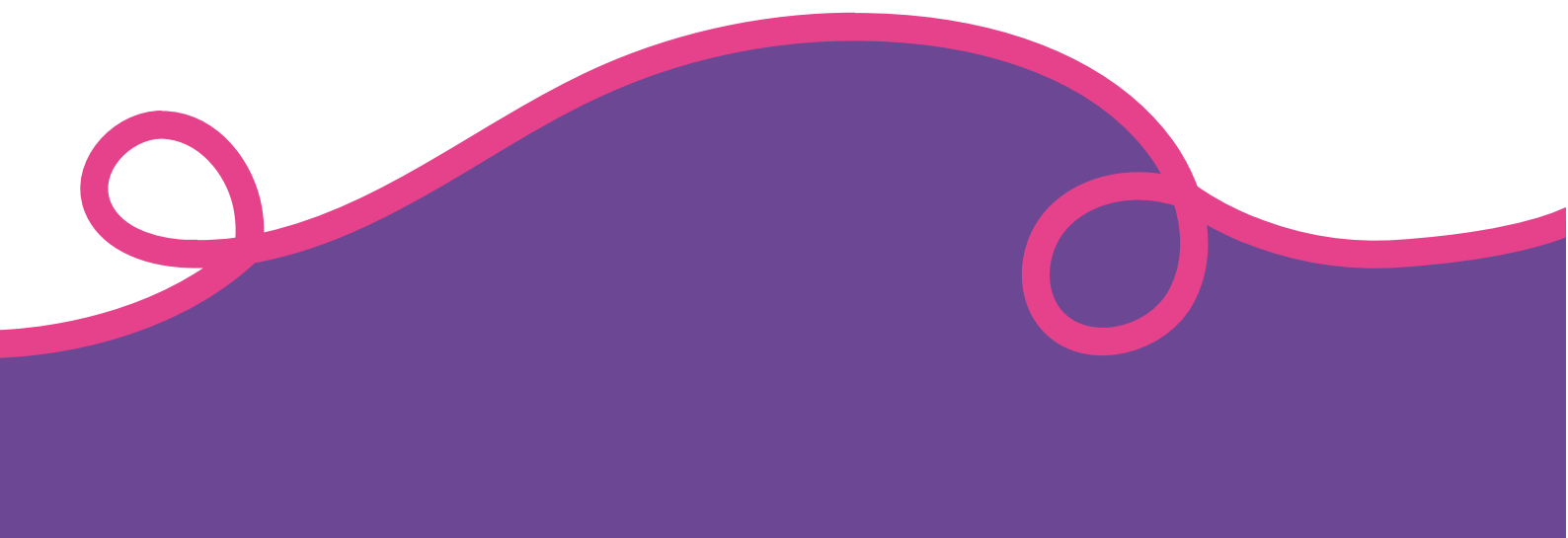
Criado pelo Ministério da Educação, o referido Pacto tem a finalidade de apoiar os Estados, o Distrito Federal e os Municípios nessa importante responsabilidade da ação alfabetizadora para pessoas com 15 anos ou mais de idade. Essas pessoas jovens, adultas e idosas tiveram o direito negado de acesso à escola e à conclusão da Educação Básica, o que é assegurado na Constituição Federal. Nesse contexto, situa-se o novo ciclo do Programa Brasil Alfabetizado (PBA).

Os desafios e os limites de um material de apoio didático de âmbito nacional, ora apresentado, só podem ser superados com a participação de educadoras(es) e educandas(os), ao vivenciar as unidades temáticas nos contextos das trilhas propostas. Tais vivências advindas da realidade local e regional possibilitam a ampliação da leitura do mundo e da palavra.



Esperamos que a Coleção possa apoiá-las(os) com orientações e propostas de atividades que venham somar contribuições às suas experiências e a das(os) educandas(os) no processo de alfabetização, no qual seus saberes e sua atuação são fundamentais. Que os espaços de diálogo e de aprendizagem mútua possibilitem problematizar a realidade, superar situações-limite e expressar sonhos e o esperar, na perspectiva da Educação Popular, como nos ensina Paulo Freire.

AS ORGANIZADORAS E O ORGANIZADOR





APRESENTAÇÃO

A Coleção *Trilhas para alfabetização* de pessoas jovens, adultas e idosas é composta por seis Unidades Temáticas, contendo três trilhas em cada uma, perfazendo um total de 18 trilhas, acompanhadas por um Caderno de Orientações às(aos) Educadoras(es). Tem como objetivo apoiar o processo linguístico-pedagógico a ser desenvolvido, por meio do compartilhamento de orientações e propostas, no intuito de agregar contribuições ao planejamento das(os) educadoras(es).

A alfabetização é concebida na perspectiva freireana, na qual a leitura do mundo precede a leitura da palavra, em meio a práticas de oralidade, leitura e escrita. A alfabetização tem como base textos utilizados em situações reais de interação social, veiculados por meio de cartazes, placas, rótulos, receitas, romances, poemas, letras de música, cards, charges dentre outros. A apropriação do sistema alfabético-ortográfico acontece de forma integrada às referidas práticas, em contextos de interlocução, na dialogicidade entre educandas(os) e educadoras(es), em diferentes situações formais e informais.

Nas trilhas assume-se a concepção da linguagem como interação autor→texto→leitor. A língua é compreendida como um conhecimento complexo, cujos sentidos são produzidos pelos sujeitos por meio de suas culturas. A partir dessa compreensão, a aprendizagem se dá em diferentes cenários, em que acontecem as práticas de oralidade, leitura e escrita na sociedade. É nesses cenários que se dão práticas de reflexão sobre a língua escrita, com destaque para a leitura e produção de palavras, frases e textos com significados socioculturais.

As(os) educandas(os) em processo de alfabetização são sujeitos de saberes e experiências de vida que, por meio do diálogo, são convidadas(os) a problematizar coletivamente a realidade para relê-la e reinventá-la.

SUMÁRIO

AS UNIDADES TEMÁTICAS	13
AS TRILHAS E SUAS ATIVIDADES	17
UNIDADE TEMÁTICA I: QUEM SOU EU? QUEM SOMOS NÓS?	46
Trilha 1: Os nomes da gente	47
Trilha 2: A gente tem sobrenome	52
Trilha 3: Nomes e sobrenomes carregam história	60
UNIDADE TEMÁTICA II: SOMOS PARTE DE UM TERRITÓRIO	66
Trilha 4: Onde estamos?	67
Trilha 5: Origens e andanças	77
Trilha 6: Os sabores do Brasil	88
UNIDADE TEMÁTICA III: SOMOS DIFERENTES: SUJEITOS DE DIREITOS	98
Trilha 7: Nossos falares, nosso jeito de ser	99
Trilha 8: Preconceito e discriminação em cena	107
Trilha 9: Conhecer direitos e tomar atitudes	118

UNIDADE TEMÁTICA IV: SOMOS PARTE DO MEIO AMBIENTE	130
Trilha 10: A água na vida da gente	131
Trilha 11: Cuidado com o meio ambiente	142
Trilha 12: Da fome à alimentação saudável	150
UNIDADE TEMÁTICA V: SOMOS TRABALHO: PRODUZIMOS CULTURA	164
Trilha 13: Trabalho, natureza e cultura	165
Trilha 14: O trabalho no mundo contemporâneo	176
Trilha 15: Trabalho, direitos e atitudes	186
UNIDADE TEMÁTICA VI: SOMOS CONECTADAS(OS)?	198
Trilha 16: Tecnologias na vida da gente	199
Trilha 17: Tecnologias em movimento	208
Trilha 18: Em busca da cidadania digital	218
PARA NÃO CONCLUIR...	228
REFERÊNCIAS	229



AS UNIDADES TEMÁTICAS

As seis Unidades Temáticas (UT) convidam a problematizar a realidade, sonhar e esperar, a partir de temas relacionados a: identidade; pertencimento aos territórios, diversidades, diferenças e direitos; questões ambientais; mundo do trabalho e produção de culturas e tecnologias, buscando ampliação do “saber de experiência feito”, por meio de processos de ação→reflexão→ação.

São temáticas que dialogam com especificidades das pessoas jovens, adultas e idosas, diante da complexidade, das desigualdades da sociedade brasileira, problemas e dilemas que perpassam a contemporaneidade.

PANORAMA DAS UNIDADES TEMÁTICAS

Unidade temática I: Quem sou eu? Quem somos nós?

Aborda a importância da identidade, nomes e sobrenomes que carregam histórias de vida.

Unidade temática II: Somos parte de um território

Enfatiza o pertencimento às localidades, origens e andanças no e pelo território brasileiro com as suas múltiplas expressões culturais.

Unidade temática III: Somos diferentes: sujeitos de direitos

Valoriza os diferentes falares do povo brasileiro, denuncia preconceitos e discriminação em diversos âmbitos e convida a superar a negação dos direitos por meio da tomada de atitudes.

Unidade temática IV: Somos parte do meio ambiente

Sensibiliza para a importância da água, do cuidado com o meio ambiente, de iniciativas de combate à fome, de defesa de uma alimentação saudável, tendo em vista a responsabilidade humana pela vida.

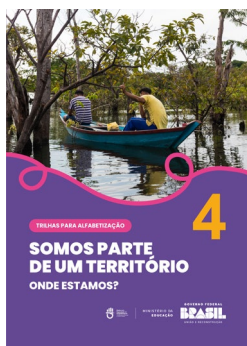
Unidade temática V: Somos trabalho: produzimos cultura

Valoriza o trabalho na constituição da identidade dos sujeitos produtores de cultura, problematiza o trabalho na contemporaneidade e aborda questões relativas a direitos das(os) trabalhadoras(es).

Unidade temática VI: Somos conectados(as)?

Instiga a reflexão sobre o movimento de invenções de tecnologias analógicas e digitais, a partir do presente para o passado, perspectivando trajetórias de ampliação da informação e comunicação, em busca da cidadania digital.

Cada Unidade, com suas três trilhas, foi desenhada para ser trabalhada em torno de um bimestre. Contudo, essa indicação não pode ser assumida de forma rígida, pois é o ritmo de aprendizagens das(os) educandas(os) que indicará o tempo necessário para cada atividade.





7

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS DIFERENTES: SUJEITOS DE DIREITOS
Nossos falares, nosso jeito de ser

GOV. DO BRASIL



8

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS DIFERENTES: SUJEITOS DE DIREITOS
Preconceito e discriminação em cena

GOV. DO BRASIL



9

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS DIFERENTES: SUJEITOS DE DIREITOS
Conhecer direitos e tomar atitudes

GOV. DO BRASIL



10

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS PARTE DO MEIO AMBIENTE
A água na vida da gente

GOV. DO BRASIL



11

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS PARTE DO MEIO AMBIENTE
Cuidado com o meio ambiente

GOV. DO BRASIL



12

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS PARTE DO MEIO AMBIENTE
Da fome ao direito à alimentação saudável

GOV. DO BRASIL



13

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS TRABALHO: PRODUZIMOS CULTURA
Trabalho, natureza e cultura

GOV. DO BRASIL



14

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS TRABALHO: PRODUZIMOS CULTURA
O trabalho no mundo contemporâneo

GOV. DO BRASIL



15

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS TRABALHO: PRODUZIMOS CULTURA
Trabalho, direitos e atitudes

GOV. DO BRASIL



16

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS CONECTADAS(OS)?
Tecnologias na vida da gente

GOV. DO BRASIL



17

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS CONECTADAS(OS)?
Tecnologias em movimento

GOV. DO BRASIL



18

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

SOMOS CONECTADAS(OS)?
Em busca da cidadania digital

GOV. DO BRASIL



AS TRILHAS E SUAS ATIVIDADES

Cada trilha corresponde a uma totalidade relacionada à temática da Unidade. Provoca as(os) educandas(os) ao diálogo, com o intuito de que avancem em suas aprendizagens, como sujeitos que pensam e agem no mundo, lendo, relendo, escrevendo e reescrevendo a realidade.

PANORAMA DAS ATIVIDADES

	Para começo de conversa Situações comunicativas para o desenvolvimento da oralidade e da escuta, a partir da leitura de imagens provocadoras que assumem um papel central no diálogo inicial sobre a temática.
	Roda de memórias Conversa em círculo na abertura de cada trilha, exercício de oralidade, evocando memórias das(os) educandas(os) sobre as questões que estarão em pauta.
	Prática de leitura e escrita Processo linguístico-pedagógico, a partir de situações comunicativas, tendo como base diferentes gêneros veiculados socialmente.
	Conversando sobre a língua escrita Reflexão sobre a língua escrita, em aspectos relativos à sua estrutura (letras, sílabas, palavras) com base em contextos significativos. As consciências fonológica, morfológica e ortográfica assumem um papel central.

	Cultura digital Prática educativa e de linguagens, em contextos das tecnologias da informação e comunicação presentes na sociedade, de forma integrada às temáticas em foco.
	Compartilhando Prática dialógica de uso de textos literários de obras singulares, por meio da leitura em voz alta realizada pelo(a) educador(a), com o objetivo de conversar sobre a vida e ter experiências singulares ao falar sobre si e sobre o outro.
	Ciranda cultural Prática dialógica a partir de manifestações artístico-culturais, com o objetivo de compartilhar reflexões, emoções e sentimentos.
	Para saber mais Proposta de atividades de pesquisa, a partir de indicações de endereços eletrônicos, visando ao aprofundamento da compreensão das temáticas em questão.

Cada trilha começa com uma Roda de memórias e termina com uma Ciranda cultural, sendo que as atividades, ao longo da trilha, são articuladas entre si para compor os movimentos de aprendizagem a serem vivenciados.

DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES



PARA COMEÇO DE CONVERSA

Ementa:

Conhecimento das expectativas e saberes das(os) educandas(os) que emergem da realidade local, considerando atentamente as imagens apresentadas. Identificação das temáticas presentes nas três trilhas que compõem a Unidade, seus sentidos, em um movimento de realidades e contradições presentes.

Objetivos de aprendizagem:

- Dialogar, a partir da leitura de mundo, sobre as representações constantes nas fotografias.
- Identificar nas fotografias semelhanças, diferenças e contradições, tendo como ponto de partida a própria realidade.
- Estabelecer relações entre os conhecimentos prévios das(os) educandas(os) e as fotografias referentes às unidades temáticas.

Para realizar a mediação durante a atividade:

Sugere-se que convidem as(os) educandas(os) a observar e interpretar de cada fotografia, considerando os seus conhecimentos prévios acerca da temática. Diante de um posicionamento de um(a) educando(a), o olhar e a atitude do(a) educador(a) devem ser de acolhimento das falas.

Recomenda-se ao(à) educador(a) registrar – na lousa ou em um papel afixado na parede, – uma frase ou palavras-chave que vão emergindo durante a conversa, inserindo o nome de quem fez a fala, à frente de cada registro, para valorizar a contribuição da(o) educanda(o). Ao perceber que suas falas são valorizadas, as(os) educandas(os) se sentem estimuladas(os) a continuar ou a começar a participar da conversa.

O objetivo do registro das falas das(os) educandas(os) realizado pelo(a) educador(a) é que, ao final da conversa, se possa (re)construir o que foi levantado pela turma. É relevante deixar as(os) educandas(os) refletirem sobre a escrita dos registros, de modo que possam assumir uma nova leitura diante da temática. Como se trata de uma atividade que tem como base a oralidade não requer, nesse momento, que as(os) educandas(os) façam anotações em seus cadernos.

Recomenda-se ainda que todo o processo seja acompanhado de problematizações significativas. Lembrando que problematizações são indagações, sem o uso do tom de correções ou ironias. A referência é a pedagogia da pergunta, por meio da qual as pessoas podem (re)construir seus posicionamentos, após um diálogo com as(os) colegas mediado pelo(a) educador(a).

Didaticamente é fundamental solicitar que as(os) educandas(os) reflitam sobre o que mencionaram e expressaram, exemplificando o que as(os) levou a emitir aquela fala. Ao se pronunciarem as(os) educandas(os) trazem informações, destacam as suas ideias, sentimentos e experiências. Deve-se ter cuidado com imposições ou autoritarismo, de forma a oportunizar a participação de todas(os), fazendo circular saberes para aprofundar e compreensão da temática.

Toda intervenção deve ser colaborativa. Em caso de resistência, valorize e aguarde momentos que sejam propícios para retomar o diálogo sobre um determinado assunto, ao abordar outras temáticas ou mesmo por solicitação das(os) educandas(os).

Ao fazer a mediação, cabe ao(a) educador(a) observar as pessoas silenciosas ou inquietas, identificando se é necessário reacender o diálogo ou se é momento de apresentar um resumo das reflexões feitas pela turma.

Reflexão sobre a prática vivenciada

Recomenda-se observar se as indagações provocaram o diálogo entre as(os) educandas(os), ao identificarem semelhanças, diferenças e contradições presentes nas fotografias e na própria realidade em que estão inseridas(os).



RODA DE MEMÓRIAS

Ementa:

Exercício de oralidade, trazendo lembranças que reúnem depoimentos das(os) educandas(os) por meio de memórias sobre as questões em pauta, em um movimento do presente para o passado com o olhar para o futuro.

Objetivos de aprendizagem:

- Narrar depoimentos de fatos vividos, provocados pela temática da trilha.
- Escutar as falas das(dos) colegas, com disponibilidade e atenção às singularidades e aos contextos, vivenciando experiências coletivas.
- Valorizar a diversidade, o diferente, o outro diante das histórias compartilhadas.

Para realizar a mediação durante a atividade:

A “Roda de memórias” implica mobilizar processos individuais e coletivos. As memórias individuais consistem nas experiências e nos conhecimentos das pessoas que trazem emoções articuladas a momentos significativos vividos na infância, adolescência, juventude, adultez e maturidade.

As memórias coletivas trazem as experiências e os conhecimentos compartilhados pelo grupo. Uma pessoa traz uma contribuição, o outro complementa a narrativa e, assim, são tecidas as memórias dos momentos significativos compartilhados, patrimônios daquela comunidade. Trata-se de um processo de construção grupal, social.

As memórias assumem um caráter afetivo, pois remetem a tudo aquilo que pode afetar os sujeitos. Esse afetar pode ser positivo ou negativo e causa emoções e sentimentos nas pessoas que participam de um determinado acontecimento.

No presente material, o trabalho com memórias das(os) educandas(os) apresenta dois aspectos importantes na perspectiva da ação pedagógica.

Como primeiro, permite ao(ã) educador(a) conhecer a visão de mundo das(os) educandas(os), suas histórias e posicionamentos diante das temáticas, ou seja, acessar os sentidos que permeiam o que expressaram diante de uma determinada realidade.

Como segundo aspecto, proporciona uma problematização inicial diante da temática proposta. O ato de problematizar é um ato de questionamento, de reflexão e análise que busca colocar em foco os problemas, as dificuldades e as contradições que existem no mundo real.

As questões propostas pelo material são disparadoras de reflexões, as quais abrem caminho para o trabalho pedagógico a ser realizado. Devem ser feitas, com tranquilidade, uma a uma, deixando um tempo para que as pessoas possam articular suas narrativas e argumentos.

As(os) educandas(os) devem ser encorajadas(os) a falar de suas vivências em conexão com a temática da trilha, e a escutar atentamente as(os) colegas, a fim de que a roda possa ser, efetivamente, uma atividade dialógica. Demanda planejar quais intervenções realizar para proporcionar a cada educanda(o) a ampliação de horizontes e caminhos mais propícios para a aprendizagem da leitura e escrita.

À medida que as(os) educandas(os) vão participando, o(a) educador(a) pode sentir a necessidade de fazer outras questões, para compreender melhor os posicionamentos: “Que interessante, essa vivência que o(a) senhor(a) teve, poderia nos contar um pouco mais como ocorreu?”; “Há mais alguém na nossa turma que teve uma experiência semelhante à da dona?”; “O(a) senhor(a) poderia falar um pouco mais sobre essa sua forma de compreender essa questão?”; “E, você, jovem o que tem a dizer?”.

As negociações e os combinados nas práticas de conversa em rodas são muito úteis para o alcance dos objetivos da atividade. De modo

semelhante, na condução do “Para começo de conversa”, o(a) educador(a) deve estar atento(a) aos turnos da fala, de modo que não haja monopolização da palavra. Deixar que a palavra seja geradora de interação e de comunicação dialógica.

É comum que haja diversas formas de participação em cada roda, que podem variar a cada situação, a depender de múltiplos fatores. O(a) educador(a) deve ter sensibilidade para fazer provocações, no sentido de que as pessoas não se sintam constrangidas, observando aquelas que estão participando ativamente pela escuta, uma vez que com um olhar encorajador do(a) educador(a) podem se animar a falar naquela roda ou em rodas futuras. Uma das formas de estimular a participação é o(a) educador(a) compartilhar também as suas experiências.

Em relação às pessoas que podem se mostrar dispersas durante a roda – muitas vezes pelo cansaço do dia a dia –, quando necessário, é recomendável uma conversa à parte, para compreender as razões, sem chamar a atenção das(os) colegas, sempre com uma atitude muito cuidadosa para não gerar desistências. É preciso que todas(os) se sintam confortáveis, que vivências, sentimentos e pensamentos de cada um(a) sejam acolhidos, respeitados e valorizados.

É possível encontrar pessoas jovens, adultas e idosas que nunca estudaram ou que viveram experiências anteriores de alfabetização na perspectiva “bancária”, por meio da qual o processo se faz a partir de depósitos de informações, como nos alertava Paulo Freire. Desse modo, pode haver um estranhamento de uma Roda de memórias fazer parte do processo de alfabetização. Nesse caso, é preciso dialogar sobre os objetivos da Roda, destacando que, no início de cada trilha, a turma conversará sobre o assunto a ser estudado e é em torno dele que serão realizadas as atividades de leitura e escrita, as quais terão como base o exercício de oralidade realizado.

Reflexão sobre a prática vivenciada:

Recomenda-se que o(a) educador(a) reflita se os disparadores de memórias tiveram condições de mobilizar as(os) educandas(as) para narrar os seus depoimentos, escutar o outro e valorizar a diversidade de olhares e de saberes a partir das experiências vivenciadas pelas(os) colega(s) da turma.



PRÁTICA DE LEITURA E ESCRITA

Ementa:

Processos de leitura de textos diversos, em voz alta e silenciosa; escrita espontânea e reflexão colaborativa sobre as palavras escritas e produção textual individual e coletiva. Articula oralidade, a interpretação de textos verbais e visuais, por meio da relação autor→texto→leitor.

Objetivos de aprendizagem:

- Ler textos verbais e visuais de diferentes gêneros, interpretando-os a partir de seus conhecimentos prévios, vivenciando a relação autor→texto→leitor.
- Experienciar o processo da produção textual individual e coletiva.
- Refletir de forma colaborativa sobre a escrita de palavras e frases, no contexto da produção de textos.

Para realizar a mediação durante a atividade:

Sugere-se que a mediação do(a) educador(a) durante uma atividade de “Prática de leitura e escrita” seja sempre de partir dos conhecimentos das(os) educandas(os), construídos em sua trajetória de vida, a fim de alavancar a construção de novos conhecimentos que extrapolem o tema em questão.

É um espaço para que educadoras(es)-educandas(os) interajam em um processo de construção mútua, o que requer ação→reflexão→ação. Demanda problematizações coletivas e o uso de diferentes gêneros, a fim de que possam avançar no sentido de uma compreensão mais crítica da realidade. Nesses movimentos, as práticas de oralidade, leitura e escrita se interligam:

Leitura visual

Permite a compreensão e a interpretação por meio de elementos visuais, como imagens, fotos, figuras, gráficos, desenhos entre outros. Ao convidar as(os) educandas(os) a fazer a leitura visual do texto proposto, sugere-se que o(a) educador(a) as(os) estimule, indicando que a leitura visual que cada um(a) faz é importante e única, pois se faz a partir de suas vivências, de sua trajetória de vida, de seu lugar no mundo. Quando as(os) educandas(os) acionam conhecimentos prévios sobre uma temática e os verbalizam devem também se colocar abertas(os) para escutar e aprender novas perspectivas sobre uma mesma imagem.

Leitura em voz alta

É essencial considerar que a leitura em voz alta pode ser feita tanto pela(o) educanda(o) quanto pelo(a) educador(a).

A leitura em voz alta pela(o) educanda(o) propicia vivenciar a escuta do texto escrito lido, tendo como foco central aprender a fluência verbal. Isso faz com que o outro, entenda o que foi lido e, conseqüentemente, se apropriando das informações e avançando nos seus conhecimentos.

É importante que o diálogo texto→autor→leitor flua. Muitas pessoas têm aversão à leitura em voz alta por terem sido submetidas a situações constrangedoras – de julgamento e correções – em que lhes foi exigido realizá-la. É fundamental que a leitura em voz alta seja realizada sem tensões desnecessárias e seja um despertar para se tomar gosto pela leitura.

A leitura em voz alta feita pela(o) educanda(o) será a de um(a) leitor(a) iniciante que, possivelmente, lerá pausadamente e com apoio do(a) educador(a). É importante que o(a) educador(a) estimule e apoie as(os) educandas(os) na leitura de textos presentes no ambiente da sala, a começar pelos nomes dos colegas, listas, cartazes impressos, cartazes virtuais disponíveis nas redes sociais, charges, manchetes, legendas de fotos, rótulos de embalagens, folhetos de supermercado, receitas, dentre tantas possibilidades.

Encorajá-las(os) a buscar ler o que se apresenta, articulando a leitura de textos visuais e verbais, é muito pertinente, a fim de buscar compreender possíveis sentidos, a partir do que se consegue ler inicialmente. A leitura em voz alta feita pela(o) educanda(o), com o apoio do(a) educador(a), tem um papel central no processo de alfabetização.

No tocante à leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a), é importante realizá-la com a entonação – variação no tom da voz – que o texto lido demanda, de modo a propiciar às(aos) educandas(os) a compreensão dos possíveis sentidos do texto e o contato com uma leitura fluente. Tal atividade perpassa todas as trilhas, por meio da leitura dos textos disponibilizados e dos enunciados das atividades.

No planejamento da atividade de leitura em voz alta, é preciso se atentar para três etapas: a pré-leitura, o momento da leitura propriamente dita e a pós-leitura. A pré-leitura é o momento em que as(os) educandas(os) são chamadas(os) a mobilizar conhecimentos prévios antes do texto ser lido. É também o momento de levantar hipóteses e refletir sobre a temática e sobre o gênero. O momento da leitura tem como foco a compreensão do texto, considerando-o como uma fonte de conhecimentos, experiências e modos de expressão de pontos de vista sobre o mundo. O momento da pós-leitura é a compreensão final, a partir das inferências, comparações e intertextos.

Leitura silenciosa

É aquela em que a(o) educanda(o) lê para si mesmo, com o movimento dos olhos, permitindo que se concentre no significado e na interpretação do que lê, “mergulhando” no texto. É um contato da(o) educanda(o) com o(a) autor(a), na busca da compreensão daqueles escritos. Nela se decodificam as palavras mentalmente. Ajuda no processo da leitura em voz alta, dando mais fluência àquela, porque a(o) educanda(o) vai se familiarizando com o texto, antecipadamente, ou seja, conhecendo-o. Destaca-se que esse tipo de leitura deixa a(o) educanda(o) mais tranquilo, uma vez que processa o texto, considerando seu próprio ritmo.

Quanto mais pratica a leitura silenciosa, tal processo vai se internalizando e as(os) educandas(os) conseguem, cada vez mais, realizar a leitura sem o movimento dos lábios.

Cabe ao(à) educador(a) sentir o momento de fazer a proposta da leitura silenciosa. Deve situar a(o) educanda(o), informando o que se pretende ao ler silenciosamente, ou seja, qual o propósito e finalidade. É importante que seja um texto de interesse da(o) educanda(o).

Produção escrita

Nesta atividade, a perspectiva é que oralidade e escrita sejam trabalhadas em suas relações mútuas e intercambiáveis. Desse modo, exercita-se o texto falado, ouvido, lido e escrito, que constitui o objeto de estudo das aulas de língua. Nesse processo de alfabetização, assume-se que a fala e a escrita se realizam por meio de textos. As tentativas de se trabalhar palavras e frases são um fio condutor em relação à temática da trilha. No entanto, representam um saber limitado no momento de ler e escrever textos, porque uma língua viva, real e situada acontece por meio de textos e não de frases soltas.

Destaca-se, que no processo de orientar, colaborar e mesmo intervir realizado pelo(a) educador(a), é preciso que os registros sejam fiéis às palavras, às frases ou aos textos orais que foram ditados pelas(os) educandas(os) e escritos na lousa pelo(a) educador(a) como escriba. O(a) educador(a) registra-os inicialmente como as(os) educandas(os) vão ditando. Nessa direção, ele(ela) deve refletir coletivamente sobre a escrita e dar ao texto a unidade de sentido, por meio das ligações linguísticas que forem necessárias.

Nessas anotações, lacunas ocorrerão e marcas de oralidade estarão presentes e na (re)leitura das anotações, realizadas junto aos(às) educandas(os) vão se identificando questões a serem refletidas e aprimoradas e, desse modo, novas aprendizagens sobre a construção textual.

Tentar a escrita várias vezes é muito importante; é um construto de reflexão. Observar as tentativas e a identificação das dificuldades de cada um(a), por meio de rasuras, é fundamental. As rasuras demonstram que as(os) educandas(os) ainda têm conflito no processo da escrita, trocando ou confundindo as letras. Nesse sentido, a(o) educanda(o) faz e refaz a sua escrita. Nesse contexto, o(a) educador(a) poderá contribuir muito, ao intervir colaborativamente com a reflexão sobre aquela escrita.

O(a) educador(a), ao propor os trabalhos em pares, deve observar se os saberes se complementam e em que momentos de aprendizagem as(os) educandas(os) se encontram, na apropriação do funcionamento do sistema alfabético ou mesmo da escrita de um texto. Aquele(a) que diz o que sabe, beneficia o(a) outro(a) que recebe a informação e vice-versa, de modo que ambos aprendam, numa simetria ou mesmo em assimetria de turnos de fala, as quais se alternam. Evita-se, dessa forma, a superioridade de um sobre o outro.

Nesse processo, didaticamente, ambos aprendem, ao se apoiar e são mediadores no processo de escrita. Enquanto os pares estão trabalhando, é extremamente importante que o(a) educador(a) transite pela sala, acompanhando, o trabalho.

Um caderno de registros pessoais do(a) educador(a) permite anotar o processo de cada educanda(o) e se planejar para que todas as duplas se sintam contempladas por seu olhar e sua mediação.

Reflexão sobre a prática vivenciada:

Recomenda-se que o(a) educador(a) reflita se ao longo das Práticas de leitura e escrita propostas, cada educanda(o) está avançando em termos de aprender a ler textos verbais e visuais, interpretando-os a partir de seus conhecimentos prévios, vivenciando a relação autor→texto→leitor e se as atividades de produção escrita estão favorecendo que reflita, de forma colaborativa, sobre o ato de escrever.

No tocante à estrutura dos textos, é importante que as(os) educandas(os) possam reconhecer com o apoio do(a) educador(a) as partes principais que compõem um determinado gênero textual. O mais importante é que as(os) educandas(os) percebam que os textos têm sempre um propósito comunicacional. Aprender a ler e a escrever se faz lendo e escrevendo a partir dos desafios do dia a dia.



CONVERSANDO SOBRE A LÍNGUA ESCRITA

Ementa:

Reflexão sobre a língua escrita, com destaque para o português brasileiro contemporâneo. Aprender o sistema alfabético para produzir palavras, frases e textos com base nas temáticas da trilha. Refletir sobre o uso de letras, sílabas, palavras e expressões para produzir e ler textos diversos.

Objetivos de aprendizagem:

- Nomear as letras do alfabeto latino, reconhecendo as que compõem palavras significativas para as(os) educandas(os).
- Identificar letras, sílabas iniciais e finais, que se repetem em diferentes palavras, estabelecendo relação entre grafemas e fonemas.
- Ler sílabas e palavras, refletindo sobre o processo de formação de novas palavras.
- Produzir novas palavras e novos textos, criando sentidos e experienciando a aprendizagem da leitura e da escrita em situações comunicativas propostas no âmbito da temática da trilha.
- Desenvolver uma consciência grafofonêmica e ortográfica inicial no processo de produção de escrita de determinadas palavras e sílabas.

Para realizar a mediação durante a atividade:

A mediação do(a) educador(a) durante uma atividade “Conversando sobre a língua escrita” se faz para apoiar as(os) educandas(os) a pensar sobre a escrita das palavras, desde a sua composição, letras e sílabas e noções iniciais acerca da estrutura dos textos a depender do gênero textual a que pertencem, proporcionar o diálogo sobre a língua escrita.

A atividade “Conversando sobre a língua escrita” é decorrente de atividades de “Prática de leitura e escrita”. Trata-se de uma parada reflexiva sobre o que foi praticado nas atividades em que tiveram que ler e escrever em diferentes situações, de forma mais próxima possível, dos contextos comunicativos cotidianos, condizentes com a temática da trilha.

No tocante, ao funcionamento do sistema de escrita, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a: refletir, por exemplo, sobre quantas e quais letras e sílabas compõem uma determinada palavra; aprender a segmentar as palavras em sílabas, a partir da compreensão da diferença entre letras e sílabas; identificar as letras iniciais e finais, sílabas iniciais e finais, no intuito de comparar palavras e, por meio do estabelecimento de relações, desenvolver a consciência fonológica e a consciência morfológica.

Ao tomar como base palavras que emergirem nas atividades, o(a) educador(a) pode propor inúmeras reflexões sobre a língua escrita, tais como: “Como a escrita dessa palavra pode ajudar a escrever essa outra palavra?” Ou ainda: “O que acontece se eu modificar a primeira ou última letra dessa palavra, substituindo-a por outra letra? O que acontece se modificar a sílaba da palavra?”

É importante que as(os) educandas(os), em processo de alfabetização formal, identifiquem como os sons da fala são representados (e notados) na escrita e que o fato de a escrita não ser a transcrição da fala faz com o processo de alfabetização se torne complexo e que as questões ortográficas são aprendidas aos poucos, sendo muito importante a continuidade dos estudos.

Além do uso de letras móveis, a utilização de jogos, como recursos didáticos, pode contribuir para a compreensão do funcionamento do sistema alfabético. É muito importante, ter cuidado na seleção e preparação de materiais, de modo que se constituam atividades condizentes com o universo das pessoas jovens, adultas e idosas, sem que haja margem para práticas infantilizadoras. Como consta nas trilhas, é possível utilizar,

por exemplo, diversas variações de bingo, com sorteio de letras ou sílabas, a depender do objetivo de aprendizagem almejado pelo(a) educador(a).

No início, as cartelas podem ter uma única palavra, por exemplo, com o nome próprio. Com o passar do tempo, as cartelas podem ter mais palavras, que podem ser montadas facilmente, a partir de folhas de papel, dobradas em duas, quatro, oito, dezesseis partes. As diversas temáticas das trilhas podem ser trabalhadas por meio de jogos. Bingos temáticos com sorteio de letras ou sílabas das palavras em foco; jogos de dominó, da memória, ou de roleta podem ser planejados a depender dos objetivos de aprendizagem traçados pelo(a) educador(a). Cabe sempre discernir quais os melhores recursos para propiciar a aprendizagem do funcionamento do sistema alfabético-ortográfico.

Reflexão sobre a prática vivenciada:

Recomenda-se que o educador(a) reflita se cada “Conversando sobre a língua escrita” proposto propiciou que cada educanda(o), possa aprender progressivamente a: nomear as letras do alfabeto, reconhecendo as que compõem palavras significativas para si; identificar letras, sílabas iniciais e finais, estabelecendo relação entre grafemas e fonemas, e seja capaz de produzir novas palavras e novos textos, em situações comunicativas propostas no âmbito da temática trabalhada.



CULTURA DIGITAL

Ementa:

Prática educativa com tecnologias da informação e comunicação integradas à temática da trilha. Compartilhamento de saberes, experiências, interesses, demandas e aprendizagens sobre Cultura digital, propiciando ampliação de repertórios, processos educativos e novas perspectivas para a construção de uma cidadania digital, o que requer leitura crítica e produção autoral diante das inovações tecnológicas.

Objetivos de aprendizagem:

- Identificar saberes relativos a recursos disponíveis em aparelhos celulares conectados ou não à Internet, a fim de usar ferramentas de buscas de informações e outras potencialidades a partir de interesses e demandas dos cotidianos.
- Ler de forma crítica conteúdos veiculados em meios de comunicação e mídias sociais.
- Produzir fotografias, áudios e vídeos autorais relacionados às temáticas das trilhas.

Para realizar a mediação durante a atividade:

A mediação do(a) educador(a) nas atividades de “Cultura digital” depende diretamente das possibilidades que as(os) educandas(os) têm ou não para acessar celulares ou outros dispositivos eletrônicos e a Internet.

O(a) educador(a) precisa conhecer se existem e quais são as condições de acesso a equipamentos e à Internet para cada um(a). Pode ocorrer que: as(os) educandas(os) não possuam ou não se sintam seguros para trazer consigo celulares; a conexão delas(es) à Internet só aconteça de forma esporádica, mediante presença de rede *wi-fi* nos locais que frequenta, por pacote de dados de forma bem limitada ou não possuir nenhuma experiência e forma de conexão e, que não haja conexão à Internet no local onde são realizadas as aulas de alfabetização. Desse modo, é imprescindível mapear tais condições, para planejar como conduzir o processo.

As atividades podem ser propostas em dupla ou em grupo, de modo que as(os) educandas(os) possam se apoiar e realizá-las, colaborativamente, a partir dos recursos disponíveis. No caso de as(os) educandas(os) não terem condições de trazer celulares para a sala e/ou que não haja condições de acessar sinal de Internet, as propostas presentes em cada trilha podem ser apresentadas para ampliação de sua visão sobre a Cultura digital, de modo que as(os) educandas(os) possam realizar as atividades junto a familiares ou em outras situações em que o acesso aos recursos estiver disponível.

As práticas são sempre propostas de forma integrada à temática da trilha, utilizando recursos disponíveis em celulares, visando que aprendam a pesquisar informações, produzir fotografias, áudios e vídeos. O(a) educador(a) deve encorajar as(os) educandas(os) a interagir com o celular, experimentando criticamente o uso de novas funcionalidades. As práticas propostas são sugestões de integração das tecnologias digitais da informação e comunicação para aprofundamento da compreensão das temáticas abordadas nas unidades e tantas outras práticas podem ser realizadas a depender dos interesses, demandas e condições materiais para a sua realização.

A mediação do(a) educador(a) deve se fazer no sentido de que as(os) educandas(os) possam se apropriar mais da Cultura digital e, desse modo, preparar-se, progressivamente, para o exercício da cidadania digital.

A Cultura digital refere-se a conhecimentos e práticas relacionadas ao uso das tecnologias digitais, à interação com as redes sociais e ferramentas *online*, refletindo como essas tecnologias influenciam a comunicação, o trabalho, o lazer, o acesso à informação e as relações humanas.

O exercício da cidadania digital almejado refere-se a direitos, deveres, comportamentos responsáveis a serem assumidos nesse meio, quanto à apropriação de práticas que permitem uma participação ativa, crítica e ética em uma sociedade *online*, conectada, em rede, tendo em vista uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Ainda que as(os) educandas(os) não tenham condições de realizar de forma autônoma todas as atividades, que possam conhecer possibilidades de utilizar o celular para acessar seus direitos por meio dos canais do governo eletrônico, realizar pesquisas dos mais variados assuntos por diferentes procedimentos, e utilizar recursos como gravador de áudio e câmera, dentre outros recursos que possam ser explorados para refletir sobre a sua realidade, por meio da realização de entrevistas, produção de fotografias e filmagens, dentre outras possibilidades.

Reflexão sobre a prática vivenciada:

Recomenda-se que o(a) educador(a) reflita se cada atividade de Cultura digital propiciou que as(os) educandas(os) possam, dentro das condições de trabalho existentes, identificar saberes relativos a recursos disponíveis em aparelhos celulares conectados ou não à Internet, a fim de usar ferramentas de busca de informações e outras potencialidades a partir de interesses e demandas dos seus cotidianos; ler de forma crítica conteúdos veiculados em meios de comunicação, mídias sociais, produzir fotografias e participar da produção de áudios e vídeos relacionados às temáticas das trilhas.



COMPARTILHANDO

Ementa:

Compartilhar a experiência de escuta de textos literários que compõem obras literárias brasileiras específicas. Conversa ao redor do texto literário (círculos de leitura). Apresentação de experiências singulares ao falar sobre si e sobre o outro por meio da leitura/escuta de textos literários.

Objetivos de aprendizagem:

- Escutar a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) de textos literários, estabelecendo relações com suas vivências e culturas.
- Apropriar-se de repertórios culturais, a partir do contato com autores(as) e suas obras.
- Ampliar seu repertório cultural com base na leitura de trechos de obras impressas, com destaque para o processo de apropriação de textos literários no campo artístico e ficcional.

Para realizar a mediação durante a atividade:

A atividade “Compartilhando”, como seu próprio nome indica, é voltada ao compartilhamento de leitura literária. A proposta pedagógica é compartilhar leituras com outras pessoas, distanciando-se do ato isolado e silencioso de ler. A leitura pode ser coletiva e dialógica, abrindo espaços para rodas de conversa sobre diferentes aspectos estéticos e éticos. Sempre que possível é importante ter a obra literária para que as(os) educandas(os) possam compreender aspectos da cultura escrita e do impresso (capa, título, nome de autor(a), numeração das páginas, sumário etc.)

A atividade cultural literária envolve a experiência de escutar, degustar e apreciar a bibliodiversidade e os textos literários escritos, o que contribui para o desenvolvimento intelectual e cultural; a formação crítica; a ampliação da criatividade e da imaginação das(os) educandas(os).

Trata-se de um momento de fruição, de apreciação de textos literários em que o(a) educador(a), como par mais experiente na leitura, realizará a leitura em voz alta do texto da literatura para as(os) educandas(os), de forma fluente, com entonação e expressando sentimentos diante do texto em foco, contribuindo para a formação do comportamento leitor das(os) educandas(os).

Recomenda-se que seja uma atividade permanente e, se possível, diária, em que a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) permita situações de socialização e de aproximação do coletivo de educandas(os) do universo da escrita, propiciando a formação gradativa de posturas de leitoras(es) diante do texto, do livro lido.

A sua proposição, uma vez a cada trilha, é no sentido de demarcar que deve perpassar todo o processo de alfabetização. Nas trilhas, recomenda-se a leitura de obras e textos literários relacionados às temáticas em foco, podendo ser também realizadas leituras de outros textos literários, voltados ao universo da vida adulta.

No planejamento da atividade de leitura em voz alta, é preciso se atentar para três etapas: a pré-leitura, o momento da leitura propriamente dita e o pós-leitura.

No momento da pré-leitura, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a fazer inferências a partir do título, capa, ilustrações do texto a ser lido. Essa etapa mobiliza a atenção, os sentidos, os interesses, os desejos, dentre outros aspectos, de modo a predispor as(os) educandas(os) para o momento da leitura. Elenca-se a seguir, algumas sugestões disparadoras para essa primeira etapa: Do que será que se trata esse texto com esse título? O que já escutaram sobre esse título/tema? O que essa ilustração inicial ou da capa (quando houver) os(as) fazem pensar? Será que nossas antecipações irão se confirmar ao ouvir a leitura?

É relevante apresentar elementos sobre a trajetória do(a) autor(a) daquele texto, que permita conhecer aspectos sobre o seu contexto, o seu lugar de fala, a partir de pesquisas sobre as biografias dos autores e, se for o caso, dos ilustradores. Essa postura de apresentar quem são os autores vai despertando, formando gostos e possíveis preferências por escritores, ilustradores, temáticas, gêneros e estilos, promovendo o desejável diálogo entre o leitor e autor.

Concluída essa primeira etapa, vem a seguir o momento da leitura propriamente dita. O(a) educador(a) deve se preparar para fazer a leitura com fluência, de modo a criar um clima para que as(os) educandas(os) adentrem o contexto do texto e que possam se transportar para mundos diferentes, desconhecidos, intrigantes e fascinantes. É desejável uma leitura sem interrupções. Possíveis dificuldades diante do significado de palavras podem ser resolvidas por meio do diálogo a fim de compreender o seu sentido no contexto da frase e do texto.

Após a leitura, as(os) educandas(os) devem ser provocadas(os) a expressar com suas palavras o sentido do texto. São sempre sugeridas perguntas disparadoras para essa terceira etapa: O que o texto fez você pensar? Qual palavra, frase ou cena do texto você destacaria?

Diante das falas das(os) educandas(os), recomenda-se retornar a fragmentos do texto em que estão presentes os destaques realizados. A culminância dessa etapa é quando as(os) educandas(os) conseguem estabelecer relações entre o texto e o seu contexto, ao interpretar e reinventar o lido.

A atividade Compartilando aparece uma vez em cada trilha como um lembrete da importância da atuação do(a) educador(a) como leitor(a) experiente, que traz a presença da prosa e da poesia para que as(os) educandas(os) possam apreciar a beleza da escrita com arte.

A proposta é que essa leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) de textos literários seja uma atividade diária. Sugere-se reservar um determinado tempo, acordado com as(os) educandas(os), em torno de dez minutos, para a leitura de textos ou capítulos de um livro até a sua conclusão. Os poemas, contos e crônicas podem ser atrativos por serem textos, em geral, mais curtos. O intuito é fazer a experiência de escutar, degustar e apreciar a literatura.

Reflexão sobre a prática vivenciada:

Recomenda-se que o(a) educador(a) reflita sobre o desenvolvimento de cada Compartilando diante da intencionalidade dos objetivos propostos, de modo que as(os) educandas(os) possam aprender a escutar de forma atenta a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) de textos literários, estabelecendo relações com seus cotidianos; apropriar-se de repertórios culturais, a partir do contato com autores(as) e suas obras e desenvolver o gosto pela literatura, na perspectiva da própria formação como leitor(a).



CIRANDA CULTURAL

Ementa:

Prática dialógica a partir de manifestações artístico-culturais, voltadas ao compartilhamento de emoções, sentimentos e reflexões.

Objetivos de aprendizagem:

- Escutar de forma atenta a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) de letras de música, estabelecendo relações com seus cotidianos.
- Apreciar diferentes repertórios musicais, a partir do contato com compositores(as) e letras das canções.
- Expressar emoções, sentimentos e reflexões a partir do contato com manifestações artísticas.

Para realizar a mediação durante a atividade:

Nas atividades de Ciranda cultural, a mediação envolve uma etapa de pré-leitura, na qual cabe ao(à) educador(a) criar um clima de curiosidade e interesse pela letra da música que será abordada. É pertinente um diálogo sobre seus compositores e, caso possível, conhecer informações sobre o contexto de produção da letra de música em foco.

O(a) educador(a) realiza a leitura em voz alta da letra de música ou de trechos propostos, que se relacionam à temática abordada na trilha, o que demanda a preparação do(a) educador(a) para a sua leitura, com entonação e fluência, favorecendo a interpretação do texto. O intuito é que as(os) educandas(os) possam adentrar a poética da letra da canção.

Após a leitura, almeja-se proporcionar às(aos) educandas(os) espaço para expressar seus sentimentos e pensamentos ao entrar em contato com a obra, o que se coloca como mais uma oportunidade para conhecer manifestações artísticas e culturais de nosso país, sendo sempre recomendável o contato com a canção.

As letras selecionadas se referem a diferentes estilos, compostas em diferentes momentos históricos, sendo pertinente que diversas outras letras de música sejam sugeridas, tanto pelo(a) educador(a) quanto pelas(os) educandas(os), em meio às práticas de oralidade, leitura e escrita.

É relevante apresentar às(aos) educandas(os) que o nome da atividade, Ciranda cultural, se inspira na circularidade marcante e beleza das cirandas.

Reflexão sobre a prática vivenciada:

Recomenda-se que o(a) educador(a) reflita se cada Ciranda cultural propiciou o desenvolvimento de uma escuta atenta e sensível, estabelecendo relações entre as letras de música, os trechos propostos e seus cotidianos; a apreciação de diferentes repertórios, estilos, compositores(as) e letras de canções e a expressão de emoções, sentimentos e reflexões a partir do contato com as manifestações artísticas.



PARA SABER MAIS

Ementa:

Proposta de atividades de pesquisa, a partir de indicações de endereços eletrônicos, visando ao aprofundamento da compreensão das temáticas em questão.

Objetivos de aprendizagem:

- Cultivar o hábito da pesquisa em meios digitais para além de referências básicas.
- Identificar, dentre as indicações, aquela(s) que melhor atenda(m) seus interesses e curiosidades.
- Ampliar conhecimentos sobre a temática em questão, a partir do contato com fontes de informação digital.

Para realizar a mediação durante a atividade:

A mediação do(a) educador(a) no “Para Saber mais” é a de instigar a curiosidade das(os) educandas(os) para pesquisar *sites* de museus, universidades, fundações, organizações governamentais e não governamentais, para acessar podcasts, documentários, reportagens, livros dos mais variados gêneros sobre as temáticas abordadas nas trilhas, experiências que visam cultivar novos hábitos no tocante à utilização da Internet. Trata-se de convidar as(os) educandas(os) para adentrar novos espaços virtuais, que constituem fontes confiáveis de informação, oportunidades para conhecer diferentes culturas e conhecimentos socialmente construídos.

Reflexão sobre a prática vivenciada:

Recomenda-se que o(a) educador(a) observe se as(os) educandas(os) tiveram a oportunidade de cultivar o hábito da pesquisa em meios digitais para além de referências básicas; identificar, dentre as indicações, aquela(s) que melhor atendiam seus interesses e curiosidades e de ampliar conhecimentos sobre a temática em questão, a partir do contato com fontes de informação digital.



UNIDADE TEMÁTICA I: QUEM SOU EU? QUEM SOMOS NÓS?

Aborda a importância da identidade, nomes e sobrenomes que carregam histórias de vida.

Trilha 1: Os nomes da gente

Trilha 2: A gente tem sobrenome

Trilha 3: Nomes e sobrenomes carregam histórias

TRILHA 1: OS NOMES DA GENTE

A atividade **Para começo de conversa** traz fotografias que remetem a diferentes identidades, na busca de que as(os) educandas(os) possam identificar-se com aspectos presentes nas imagens ou posicionar-se explicando as razões pelas quais não se identificam, a partir das questões disparadoras “Quem sou eu? Quem somos nós?”

Sugere-se que convidem as(os) educandas(os) a fazer uma observação e interpretação de cada fotografia, considerando os seus conhecimentos prévios acerca da temática. Recomenda-se ao(à) educador(a) registrar – na lousa ou em um papel afixado na parede, – uma frase ou palavras-chave que vão emergindo durante a conversa, inserindo o nome de quem fez a fala, à frente de cada registro, para valorizar a contribuição das(os) educandas(os).

A Roda de memórias **Meu nome** provoca o diálogo sobre questões relativas ao nome de cada pessoa da turma: o que sabem sobre a história do próprio nome, quem o escolheu, as razões, o seu significado, se gostam do nome ou se há outro nome pelo qual gostariam de ser chamadas(os). À medida que se conhece a história do nome, adentra-se a história de vida de cada pessoa.

No caso de haver relatos de educandas(os) que nada sabem sobre a escolha ou significado de seu nome, cabe ao(à) educador(a) acolher cada relato. É importante que o(a) educador(a) fique atento(a) a como gostariam de ser chamadas(os): chamar uma pessoa pelo nome estabelece novas possibilidades nas relações humanas, propicia a criação de vínculos e um clima favorável de interação na turma.

O compartilhamento de elementos da trajetória de vida das(os) educandas(os) e das(os) educadoras(es) por meio da reconstrução da memória, na perspectiva freireana, coloca-se no intuito de conhecer quem fomos, para compreender melhor quem somos e quem queremos ser. A memória presente torna possível tomar nas mãos o passado e projetar o futuro. Trata-se de uma atividade potente que requer sensibilidade do(a) educador(a) para compreender silêncios, exercitar a escuta sensível e, ao mesmo tempo, coordenar e orientar a roda de modo a garantir que todos que desejam possam falar.

A Prática de leitura e escrita **História do nome** traz a personagem Severino que apresenta a história do próprio nome, no trecho inicial da peça teatral *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. É importante que o(a) educador(a) enfatize a percepção de Severino sobre o seu nome, que o articula à sua própria história, o que pode ser motivador para as(os) educandas(os) repensarem a história do próprio nome também inserida em sua história de vida.

A Prática de leitura e escrita **Conhecendo nomes** é um exercício que familiariza as(os) educandas(os) com a leitura e a escrita do seu nome ou da forma como gosta de ser chamada(o) por meio da construção e leitura de crachás.



Essa atividade permite a interação com as(os) colegas da turma e pode envolver vários desdobramentos. É importante que o(a) educador(a) encontre a melhor forma de confeccionar os crachás, de modo que possam ser expostos e manuseados diariamente, até que todos(as) da turma tenham condições de reconhecer o seu nome e os das(os) colegas.

O trabalho com nome próprio é fundamental no processo de alfabetização, pois promove aproximação com questões relacionadas à identidade e à autoestima das(os) educandas(os). O nome apresenta-se como um texto, com significado e passível de interpretação, elemento fundamental na comunicação humana.

O processo de aprender a ler e a escrever o próprio nome e os das(os) colegas por meio de crachás demanda ao(à) educador(a) criar outras atividades, a exemplo: estabelecer relações entre as letras iniciais do próprio nome e das(os) colegas, compreender que os nomes são formados por letras e sílabas, elaborar lista nominal por ordem alfabética, exercitando sempre as possibilidades do domínio da escrita dos referidos nomes.

A atividade Conversando sobre a língua escrita intitulada **Letras**, articulada à anterior, trabalha as letras do alfabeto latino, sendo relevante lembrar que estão presentes nos diversos espaços em que as(os) educandas(os) circulam, presentes nos celulares, nos teclados dos aplicativos de mensagens instantâneas.

As(os) educandas(os) precisam ser informadas(os) de que existem outros alfabetos no mundo (alfabeto grego, alfabeto árabe, alfabeto russo), mas que muitas línguas usam o alfabeto chamado de latino.

Ao final da atividade, os nomes Severino, Maria e Zacarias, presentes em *Morte e Vida Severina*, são retomados para que as(os) educandas(os): identifiquem o número de letras que os compõe; estabeleçam comparações entre as letras iniciais e as que se repetem nos referidos nomes e nos nomes da turma.

É importante que atividades semelhantes, com outros nomes, sejam criadas pelo(a) educador(a). Tais atividades devem ser diárias, junto às(aos) educandas(os) que estão em fase inicial de alfabetização, pois as(os) apoiam na reflexão sobre a composição do seu nome e dos nomes da turma. Tem o propósito de auxiliá-las(os) a reconhecer e compreender que as letras formam palavras; a memorizar a escrita de algumas palavras significativas – o nome próprio, nomes das(os) colegas da turma e dos familiares – e, desse modo, apropriar-se de um repertório que permitirá formar novas palavras em situações futuras.

A Prática de leitura e escrita **Lista de Nomes** trabalha com o gênero lista, que faz parte dos cotidianos das pessoas, utilizado em diferentes contextos sociais e culturais. Trata-se de um gênero descritivo-informativo, sendo que sua função principal consiste em organizar itens com certa finalidade comunicativa para lembrar, classificar, categorizar ou registrar informações.

Nesta atividade, a proposta é a elaboração de uma lista de nomes dos colegas, organizada em ordem alfabética, com o intuito de promover um momento de socialização e de apropriação dos nomes dos colegas que vivenciam o cotidiano da turma.

Recomenda-se que as(os) educandas(os) utilizem letras móveis para a escrita do próprio nome; acompanhem o registro feito pelo(a) educador(a) na lousa, que proporcionará diversas aprendizagens. Por fim, organizem, de forma coletiva, a lista de nomes da turma, em ordem alfabética.

O uso de letras móveis para a escrita de nomes ou de outras palavras é um recurso indispensável na alfabetização porque, dessa forma, as(os) educandas(os) conseguem manipular, selecionar e comparar letras no momento da escrita.

As letras móveis permitem a inserção, retirada ou substituição de letras, sem que se tenha que apagar a palavra. Essa reflexão requer o acompanhamento do(a) educador(a), fazendo intervenções e questionamentos, nesse processo de construção e compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabético.

Seria oportuno, caso seja possível, que a lista de nomes da turma permaneça afixada na sala e/ou esteja disponível em outro lugar de fácil acesso para consulta a qualquer momento, como por exemplo, colada na contracapa do caderno.

A Prática de leitura e escrita **Composição de nomes**, didaticamente, usa um bingo como um recurso educativo e lúdico, para proporcionar uma reflexão cognitiva sobre a quantidade das letras que compõe cada nome próprio, bem como as suas identificações.

Salienta-se que as(os) educandas(os) estão aprendendo os nomes de algumas letras e retomando conhecimentos já consolidados de outros nomes. Por isso, é importante visualizar as letras e perceber bem como são nomeadas no português brasileiro.

É essencial promover a socialização e a interação pedagógica entre as(os) educandas(os) da turma, sem a preocupação com um ganhador, sem estímulo à competição. Por ser considerado um recurso educativo, situa-se na contramão dos bingos que as(os) educandas(os) vivenciam nas suas localidades.

Conforme exposto na trilha, o bingo pode ser realizado a partir de uma tira de papel com a escrita do nome próprio de cada educanda(o). Poderá também ser proposto, em outras atividades, sempre de forma educativa, com o nome próprio de um(a) colega. Outros recursos lúdicos com nomes próprios podem ser criados pelo(a) educador(a), para proporcionar a familiarização com os nomes de todas(os) as(os) colegas.

A Prática de leitura e escrita **Nomes dos colegas** utiliza a dinâmica do Amigo secreto ou Amigo oculto, como um recurso didático-educativo, que promove empatia e cooperação entre as(os) educandas(os), fortalece os laços entre os integrantes da turma, ao criar uma situação comunicativa que estimula a criatividade.



Trata-se de uma brincadeira tradicional e divertida, feita por adultos em momentos de confraternização que, no caso, demanda a leitura de nomes e expressão oral de características e qualidades de um(a) colega, que possam permitir o seu reconhecimento, a partir de foi possível captar nos primeiros encontros.

A Ciranda cultural **ABC do Sertão** traz trecho da letra da canção, de Luiz Gonzaga e José Dantas, que homenageia a identidade linguístico-cultural do povo do sertão nordestino, uma alternativa para a leitura do alfabeto, de acordo com a pronúncia típica da região.

É pertinente na etapa de pré-leitura, indagar se as(os) educandas(os) conhecem a letra dessa música, o que imaginam ou sabem sobre a temática abordada.

Depois de escutar as contribuições das(os) educandas(os), é importante a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) da letra da canção, que tem potencial para promover, além um momento de descontração e deleite, a realização de uma reflexão sobre a necessidade de respeito à diversidade linguística presente no Brasil. Os nomes das letras do alfabeto podem mudar a depender da região. Tal pluralidade linguística é muito rica e importante de ser valorizada no processo de alfabetização.

A letra da música pode proporcionar recordações para uns e novas aprendizagens para outros, ao apresentar outra forma de nomear as letras do alfabeto, sendo importante a postura de acolhida do(a) educador(a) diante das falas das(os) educandas(os). Ao final, é sempre recomendável, se possível, propiciar aos(às) educandas(os) escutar a execução da canção.

No **Para saber mais**, há a sugestão de apreciação de uma interpretação de *Morte e Vida Severina*, o que pode aguçar o interesse pela pesquisa na Internet de outras interpretações.

Há também a indicação de que se conheça o trabalho realizado por educandas(os) da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Espaço de Bitita, no município de São Paulo, por meio da Rádio de Bitita, criada em uma plataforma digital. A rádio funcionou muito ativamente durante o período da pandemia, sendo que um dos episódios criados é sobre Luiz Gonzaga, o rei do baião, um dos autores e intérprete do ABC do Sertão, em destaque na trilha.

TRILHA 2: A GENTE TEM SOBRENOME

A Roda de memórias **Sobrenome** instiga o diálogo sobre: o que sabem sobre a história do(s) seu(s) sobrenome(s); se houve alteração por algum motivo; se consta em todos os seus documentos o(s) mesmo(s) sobrenome(s) e se alguém é chamado(a) por um dos sobrenomes.

Como se refere à origem e à família de uma pessoa, o(a) educador(a) deve ter cuidado no trato dessa atividade. Existem muitas(os) educandas(os) que possuem sobrenomes de quem as(os) acolheu – avós, avôs, tias, tios, madrinhas, padrinhos, ou até outras pessoas fora da família – ou até mesmo sugeridos pelo cartório. É importante ser discreto diante da possível dificuldade para trazerem documentos para a sala, seja por não disporem daqueles sugeridos, seja por se sentirem constrangidas(os) por não gostar da foto presente no documento, pela ausência do nome do pai, dentre outros fatores. A postura do(a) educador(a) deve ser sempre de sensibilidade e de acolhida.

A Prática de leitura e escrita intitulada **Documentos de identificação** propõe a leitura visual e a identificação de nomes e sobrenomes e outros dados presentes nos referidos documentos. Contudo, é importante não se limitar a essa exploração estrita de identificação de nomes ou de outros



CARTEIRA DE IDENTIDADE NACIONAL (CIN-CARTÃO)

Divulgação/TSE

dados pessoais, mas promover um diálogo sobre a importância e a função de cada documento focalizado na atividade.

Pela Certidão de Nascimento, a pessoa passa a ter um nome oficial, uma nacionalidade, insere-se no universo jurídico e, dessa forma, torna-se um cidadão de direitos e deveres.

A Carteira de Identidade Nacional (CIN) é uma também uma identificação oficial, que unifica o antigo Registro Geral (RG) em todas as unidades da Federação, por meio do Cadastro de Pessoa Física (CPF), na tentativa de evitar fraudes. Na atividade é apresentada a imagem do CIN-cartão. Contudo, é essencial comunicar às(aos) educandas(os) que existem as versões da CIN: papel, digital e cartão, sendo que a primeira via das versões em papel e digital é emitida gratuitamente e o CIN-cartão encontra-se disponível em alguns estados brasileiros e tem um custo para a sua emissão.

Já o Passaporte é um documento oficial de identificação, emitido pelo governo de um país, atestando a sua nacionalidade, que permite a circulação de seus cidadãos como viajantes em outros países. Por fim, a Carteira de Registro Nacional Migratório (CRNM) equivale a uma carteira de identidade para estrangeiros, de modo que possam permanecer em um país de forma legal.

Um tema relacionado à questão do nome é a assinatura em documentos. É importante dialogar sobre a relevância da assinatura como traçado

individual representativo do nome, forma de identificação da pessoa que tem a função de firmar compromissos. A assinatura é, geralmente, de tamanho inferior ao nome, pode estar a ele relacionado ou não. Há documentos que requerem assinaturas tais como a CIN e o Título de Eleitor. Ao se sentirem em condições de assinar um documento, as(os) educandas(os) costumam providenciar rapidamente a substituição daqueles que contenham o carimbo “não alfabetizado”. É importante, dar dicas, no sentido de que se deve ter cuidado para não realizar traçados que possam ser facilmente copiados e que deverão ser repetidos da mesma forma, nas diversas situações. O documento assinado os coloca em uma nova condição ainda que saibamos que seja apenas o começo, pois se trata de um ponto de partida para tantas outras aprendizagens e conquistas.

A Prática de leitura e escrita **Leitura de conta de energia** trabalha com gênero textual expositivo, que permite observar questões relacionadas ao consumo de energia durante um determinado período e o valor correspondente a ser pago, dependendo do consumo de cada residência, possibilitando a(o) educador(a) realizar uma abordagem interdisciplinar das informações disponíveis na conta.

Nesta prática, é chamada a atenção para a identificação do nome e sobrenome do cliente, devido à temática da trilha. Contudo, sugere-se a exploração de outras possibilidades, pois a conta presta-se à aprendizagem de conhecimentos práticos relativos ao cotidiano e à reflexão sobre o uso consciente de recursos.

Convide as(os) educandas(os) a trazer uma conta de energia elétrica, que pode se constituir um recurso didático motivador de leitura. Contudo, pode acontecer de não terem a conta ou algum constrangimento para trazê-la. O(a) educador(a) deve agir com sensibilidade para lidar com as situações de forma que todas(os) se sintam confortáveis. Podem ser trabalhadas também contas de água e de telefone.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Sigla** aborda situações dos cotidianos que exigem a apresentação de documentos que foram citados nesta trilha.

Do ponto de vista da aprendizagem da escrita, a atividade propõe a reflexão sobre siglas de documentos. No caso das siglas trabalhadas na atividade, são formadas pelas iniciais dos nomes compostos. Ao referir-se às siglas de documentos, essas têm a função de reduzir a repetição de palavras e expressões. Chama atenção aqui o fato de que as siglas são

normalmente formadas por letras (RG, CPF) que fazem parte já do cotidiano das(os) educandas(os).

Durante a atividade, inicialmente, são apresentadas imagens de documentos para que as(os) educandas(os) insiram as siglas. Para escrever as siglas, as(os) educandas(os) devem identificar, nomear e articular as letras que representam as palavras que compõem os nomes dos documentos.

Na sequência, são apresentadas as siglas dos documentos para escreverem o que cada letra representa. Para tanto, as(os) educandas(os) deverão identificar o significado de cada letra que se refere aos nomes de cada documento, o que será feito em diálogo com as(os) colegas e com o apoio do(a) educador(a). Na atividade, é possível explorar os nomes das letras R, G, C, N, H, P e F. Pergunte se conhecem outras siglas com tais letras. O(a) educador(a) deve alertar as(os) educandas(os) para que fiquem atentas(os) a outras siglas presentes no dia a dia, solicitando que as tragam para os encontros a fim de buscarem juntas(os) os seus significados. Mais adiante, outras propostas envolvendo siglas serão abordadas.

A Prática de leitura e escrita seguinte propõe a **Leitura de cartazes** de uma campanha governamental intitulada “Sua história tem nome e sobrenome”, veiculada em maio de 2024, que focaliza a questão do registro civil. A necessidade dessa campanha atribui-se ainda à existência de pessoas que desconhecem a importância da Certidão de Nascimento e o seu direito de adquiri-la gratuitamente, garantido pela Lei nº 9534 de dezembro de 1997.

A leitura de cartazes é muito pertinente para o processo de alfabetização, lembrando que cartaz é um gênero textual informativo e apelativo, que pode combinar elementos visuais – fotografias, imagens, ícones, logotipos e outros sinais – e textuais – a palavra escrita em suas diversas formas. Essa combinação poderá permitir às(aos) educandas(os) que não têm domínio da leitura, uma tentativa de compreensão, por meio de inferências, das informações disponíveis nos cartazes, articulando o verbal e o visual.

A perspectiva é de incentivá-las(os) a buscar, por meio de uma leitura visual, quais indícios de informações conseguem ler a partir dos conhecimentos que já possuem, ou seja, por meio da leitura de mundo que antecede a leitura da palavra, como defende Freire. Reconhecer palavras, datas ou alguma outra informação nas imagens dos cartazes é um exercício que deve ser encorajado como forma de aproximação das(os) educandas(os) da leitura de textos visuais e verbais.

Na sequência, as(os) educandas(os) devem ser convidadas(os) a acompanhar a leitura feita pelo(a) educador(a) dos textos verbais presentes nos cartazes. Dialogue se conhecem alguém que ainda não tenha registro civil e qual a importância de ter certidão de nascimento. Trata-se de uma oportunidade para orientá-las(os) sobre como solicitar esse documento, que é parte da cidadania legal das pessoas.

Na Cultura digital intitulada **Documentos de identificação digitais**, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a conhecer o chamado governo eletrônico, *e-gov*, e que diversos documentos possuem sua versão digital. Os documentos digitais são representações eletrônicas de arquivos físicos. Foram pensados para ser uma alternativa mais segura em relação aos documentos em papel e para contribuir para a redução de custos e, por sua vez, para sustentabilidade ambiental, pela redução da impressão de documentos.

Ainda que seja uma iniciativa que representa avanços, deve-se ter o cuidado de, na sequência, propor um diálogo com as(os) educandas(os) sobre a disponibilidade de celular e de acesso à Internet. É importante criar um debate crítico sobre essa realidade, em que seja possível o compartilhamento das vivências, pois ainda que a utilização de celulares e da Internet seja crescente nas classes populares, as desigualdades no tocante ao acesso e à qualidade da conexão ainda são um desafio. Em uma sociedade em que, cada vez mais, para exercer os direitos como cidadãos é preciso ter acesso à Internet e a dispositivos eletrônicos, a proposta é dialogar sobre as dificuldades existentes e as demandas por inclusão e apropriação da Cultura digital.

Na Prática de leitura e escrita **Nome Social** focaliza um direito da(o) cidadã(o). Trata-se de uma abordagem relevante, uma vez que, nem todas(os) as(os) educandas(os) são familiarizadas(os) com a temática e, por vezes, há dificuldade de dialogar sobre assuntos relacionados à orientação sexual e à identidade de gênero. É fundamental explicar que o nome social é um direito assegurado por lei. Desrespeitá-lo é um ato discriminatório.

Na sequência, o(a) educador(a) deve solicitar que as(os) educandas(os) localizem na Carteira de Identidade Nacional (CIN): nome, nome social, data de nascimento, naturalidade e assinatura. É importante explicar que a naturalidade remete ao nome do município de nascimento e o nome social se refere àquele escolhido pela pessoa, com o qual se autoidentifica, uma vez que o seu nome civil não reflete a sua identidade de gênero.

Nesse contexto, são apresentados dois cartazes de campanhas publicitárias: o primeiro da Universidade Federal de Pernambuco e o segundo cartaz da Prefeitura do Rio de Janeiro, que focalizam o direito de usar o nome social. É proposta a leitura de nomes presentes nos cartazes e sua identificação em um caça-palavras, utilizado como um recurso didático, em que as(os) educandas(os) são provocadas(os) a buscar, reconhecer e formar palavras que estavam ocultas. Dessa forma, a atividade estimula a atenção visual, fortalece a memória e amplia o vocabulário.

A Prática de leitura e escrita **Composição de sobrenomes** utiliza, novamente, um bingo como um recurso didático. Dessa vez, inicia-se com uma indagação sobre a existência de sobrenomes iguais entre os(as) colegas da turma. Em caso afirmativo, é proposto o registro dos referidos sobrenomes, com o apoio do(a) educador(a). Na sequência, encontra-se um bingo de sobrenomes, em que o sorteio das letras será realizado até que todos tenham completado suas cartelas, sempre sem estimular a competição, como realizado anteriormente.

A cartela pode ser preparada pelo(a) educador(a), inicialmente, com um dos sobrenomes, escolhido pela(o) educanda(o). Na sequência, podem ser realizados novos bingos com outros ou todos os seus sobrenomes. Como no bingo anterior, a proposta é criar uma situação para aprendizagem da escrita e reconhecimento das letras que compõem, no caso, cada sobrenome.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Painel de Sobrenomes** visa ampliar a discussão, com indagações sobre quais e quantas letras foram utilizadas para escrever os seguintes sobrenomes: Silva, Souza, Jesus, Gonzaga e Miranda.

LEIA OS SOBRENOMES, A SEGUIR, COM O APOIO DO(A) EDUCADOR(A):

SILVA	SOUZA	JESUS
GONZAGA	MIRANDA	

Na sequência, as(os) educandas(os) são desafiadas(os) a identificar, nomear e articular as letras que formam os sobrenomes apresentados, utilizando como apoio o alfabeto latino. As(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a escutar a sonoridade dos nomes; identificar quantas letras foram utilizadas para escrever cada sobrenome lido; nomear as letras que conhecem, circular as letras utilizadas para escrever os sobrenomes lidos; refletir por que utilizamos algumas letras diferentes e outras iguais para escrever os sobrenomes lidos e, por fim, completar com os sobrenomes as legendas posicionadas abaixo das fotografias. É importante destacar que a legenda acompanha imagens, fotografias ou ilustrações, de um modo geral; com o objetivo de descrever e apresentar informações sobre o texto visual em foco.

É fundamental que as(os) educandas(os) já comecem a perceber que letras diferentes formam sílabas distintas. Então, apesar da diversidade e das questões ortográficas, é fundamental que percebam que há sílabas que sempre se relacionam com os mesmos sons. Se mudarem as letras e a formação das sílabas, novos sons surgem também. A consciência fonológica é uma aprendizagem extremamente importante para o processo de alfabetização.

Na sequência, são apresentadas figuras de mulheres brasileiras reconhecidas publicamente, em diversos campos de atuação, Chica da Silva, Ruth de Souza, Clementina de Jesus, Chiquinha Gonzaga e Carmen Miranda, com o convite para que as(os) educandas(os) possam associar os sobrenomes às figuras destacadas, reconhecê-los e escrevê-los, tendo como apoio a lista de sobrenomes apresentada.



Domínio Público

CHICA DA

Domínio Público

CARMEM

Domínio Público

RUTH DE

Na sequência, indica-se que digam se sabem algo sobre suas histórias e registrem com o apoio do(a) educador(a).

Se houver possibilidade de pesquisa na Internet, a *Wikipedia*, por exemplo, possui informações sobre tais mulheres brasileiras que se destacaram em diferentes campos e períodos históricos, com possibilidades de enriquecimento do repertório cultural das(os) educandas(os).

Caso haja dificuldade, na própria trilha, são apresentadas informações sobre Carolina Maria de Jesus, autora da obra destacada na atividade Compartilhando, e sobre Clementina de Jesus, intérprete da canção destacada na Ciranda cultural.

A atividade Compartilhando é apresentada pela primeira vez, com a proposição da leitura de trecho inicial de **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. A obra é um retrato da sociedade, sob a ótica da autora, apreciada a ponto de ter sido traduzida em mais de uma dezena de idiomas, circulando em diversos países.

Na etapa da pré-leitura, é importante indagar cuidadosamente sobre o que imaginam que contenha em um diário e, em particular, em um diário com o título anunciado.

Após escutar as(os) educandas(os), o(a) educador(a) deve indicar que em um diário, a escrita é pessoal e original, podendo ter marcas de oralidade, explicando que qualquer modificação no diário pessoal de Carolina prejudicaria a sua autoria, a marca de seu estilo e originalidade.

A leitura deve ser feita com entonação e fluência. O diálogo deve possibilitar que as(os) educandas(os) compartilhem seus destaques. A obra traz a cumplicidade do olhar das pessoas da sua comunidade, diante de dramas vividos no dia a dia e um convite implícito para a apropriação da escrita e de uma leitura crítica do mundo, para o reconhecimento da importância do registro de sentimentos e reflexões sobre o que se passa nos cotidianos.

Recomenda-se que a atividade Compartilhando seja permanente e, se possível, diária, por meio de uma leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a), a ser realizada por capítulos, no caso, seções do diário de Carolina, com intuito de propiciar a formação gradativa de uma postura leitora das(os) educandas(os) diante de obras literárias.

A Ciranda cultural **Marinheiro só** visa proporcionar um momento de deleite em torno dessa significativa canção da cultura popular.

O momento da pré-leitura buscará mobilizar a atenção das(os) educandas(os) para a letra da música, indagando se a conhecem, se ela desperta alguma(s) lembrança(s) e se é conhecida de memória.

Concluído esse primeiro diálogo, realize a leitura feita em voz alta feita pelo(a) educador(a), com estímulo para que, ao final, as(os) educandas(os) compartilhem qual(is) verso(s) chama(m) mais a sua atenção e por qual(is) razão(ões).

É relevante destacar que a canção é considerada de domínio público, ou seja, não é reconhecido um autor específico. Uma das interpretações mais conhecidas é a de Clementina de Jesus, que teve seu trabalho voltado às raízes africanas da cultura brasileira, reconhecido somente aos 63 anos.

Trata-se de um momento propício para compartilhamento de saberes entre as gerações, valorização da cultura popular e para escutar atentamente a interpretação da referida cantora sobre essa significativa canção da tradição popular.

O **Para saber mais** apresenta como dicas de leitura: o livro *Quelê, a voz da cor* que reúne depoimentos sobre Clementina de Jesus e uma versão de *Quarto de Despejo* no formato de História em Quadrinhos.

Por fim, traz o [link](#) de um vídeo sobre o e-título, da Justiça Eleitoral, com a explicação de como se identificar na hora de votar.

TRILHA 3: NOMES E SOBRENOMES CARREGAM HISTÓRIAS

A Roda de memórias **Placas de ruas** é uma provocação às(aos) educandas(os) para refletirem sobre as placas de identificação de vias e logradouros, as quais permitem que pedestres e condutores de veículos se localizem e identifiquem um ponto de acesso desejado.

As placas podem ser consideradas como um gênero textual, de constituição simples, presente na comunicação cotidiana. Fazem parte das localidades, sendo que na área urbana estão mais presentes, indicando destinos, lugares, bem como orientando percursos.

Dentre o universo de placas de ruas, foram focalizadas, na trilha, aquelas que trazem nomes e sobrenomes de pessoas homenageadas em cada localidade, as quais carregam histórias que se destacam pelos mais variados motivos. Convide as(os) educandas(os) à reflexão sobre quem são as pessoas homenageadas e a refletir criticamente sobre quais histórias

foram consideradas relevantes, a ponto de os nomes serem escolhidos para nomear ruas.

Na sequência, instigue o compartilhamento de recordações que as(os) educandas(os) tenham acerca do nome de alguma rua. Pergunte se gostariam de alterar algum nome de rua da sua localidade, em uma situação de homenagem, explicando as razões. É importante, apresentar que para se mudar o nome de uma rua de forma permanente, é preciso todo um protocolo a ser seguido, junto ao poder público.

As questões propostas são indicações iniciais para a conversa. O(a) educador(a) poderá fazer outros questionamentos e problematizações, com condições de mobilizar a participação da turma em torno da temática.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Placas de ruas**, continuando com o foco anterior, destaca duas placas, que homenageiam Luciana de Abreu e Zumbi dos Palmares.



PLACA DE RUA EM HOMENAGEM A LUCIANA DE ABREU

Isabel Gomes/Revista Sextante



PLACA DE RUA EM HOMENAGEM A ZUMBI DOS PALMARES

Imagem gerada com auxílio de inteligência artificial

Na primeira placa, que se refere à Rua Luciana de Abreu, é possível identificar, na parte inferior dela, com letras bem pequenas, que se trata de uma pioneira na luta pela emancipação da mulher no Rio Grande do Sul. Provoque a curiosidade das(os) educandas(os) para pesquisarem e buscarem mais informações sobre essa poetisa e professora brasileira, a qual teve que superar muitas dificuldades em sua trajetória.

É importante provocar também o diálogo sobre a razão pela qual o nome Luciana de Abreu aparece duas vezes na placa. É essencial dar um tempo para que as(os) educandas(os) reflitam e antecipem seus comentários sobre a placa. Na sequência, é importante apresentar que as letras em tamanho maior têm o intuito de facilitar a leitura à certa distância e, em tamanho menor, de indicar o nome completo da rua.

É relevante indagar também qual o significado dos números que aparecem na parte inferior direita e inferior esquerda da placa. Novamente, indica-se reservar um tempo para que reflitam e tragam seus comentários e, depois, a partir das colocações das(os) educandas(os), comentar que as numerações na parte inferior esquerda da placa indicam o Código de Endereçamento Postal (CEP), e a numeração presente na parte inferior direita indica o intervalo da numeração das casas, prédios e estabelecimentos da quadra. Estimule a observarem se o nome da rua em que residem homenageia alguém e se a placa contém o CEP e o intervalo de numeração do quarteirão.

Na segunda placa, que se refere à Avenida Zumbi dos Palmares, não aparece uma minibiografia do homenageado, ou seja, um texto breve com dados importantes da sua trajetória. Promova um diálogo com as(os) educandas(os) sobre quem é Zumbi, bem como a busca de outras informações sobre esse líder negro, tão importante na história do país, de modo a enriquecer o repertório cultural das(os) educandas(os).

Há ainda indagações sobre como são as placas de rua na localidade das(os) educandas(os) – se são nomes de pessoas, se fazem referência a datas históricas, ou outros temas –, se há mais nomes de mulheres ou de homens nas referidas placas. Tais reflexões remetem ao diálogo sobre questões relacionadas a gênero e poder, à dívida histórica em relação ao reconhecimento de mulheres de resistência, que marcaram a história.

A partir dos destaques iniciais sobre quem são as duas personagens destacadas, há o convite à reflexão da escrita dos nomes completos de Luciana de Abreu e de Zumbi dos Palmares. É proposto que identifiquem quais letras foram utilizadas para escrever os referidos nomes e sobrenomes, se há letras que se repetem em cada nome completo e comparem os nomes entre si.

Provoque as(os) educandas(os) a perceber que, a partir do nome Luciana, podem ser formados outros nomes. A atividade traz o conceito implícito de sílaba, ao solicitar às(aos) educandas(os) a identificação de partes que compõem uma palavra. Essa atividade pode ser proposta com outras palavras significativas para a turma.

Na sequência, é proposta a análise do início de cada um dos nomes: Luciana e Zumbi.

Considerando esse exemplo, das iniciais Lu e do Zum, proponha atividades semelhantes, envolvendo a análise da sílaba inicial de nomes próprios.

Alerte-se que há outros nomes como Luciana e Zumbi em que o som em comum é o da segunda letra.

A *Prática de leitura e escrita* seguinte intitulada **Personalidades negras** segue com a temática das placas de rua apresentando intervenções significativas que têm sido feitas por movimentos sociais, substituindo temporariamente denominações de ruas por nomes de personalidades negras, tendo em vista o apagamento dessas pessoas, tão importantes para a história do país.

É sempre pertinente que o(a) educador(a) procure trazer mais informações das histórias das pessoas citadas no material e outras mencionadas durante os diálogos com a turma, para o enriquecimento cultural das(os) educandas(os).

Do ponto de vista linguístico, há uma ampliação do que foi solicitado nas atividades anteriores, ao solicitar a identificação das letras iniciais e finais dos nomes e sobrenomes das(os) homenageadas(os) nas placas em destaque nessa atividade.

Na Prática de leitura e escrita **Mulheres Resistência**, é proposta a leitura de três nomes: – Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Maria da Penha Maia Fernandes.

As(os) educandas(os) devem acompanhar a leitura em voz alta de suas minibiografias presentes na trilha. Provoque as(os) educandas(os) a identificar qual nome se repete. Convide-as(os) a identificar os primeiros nomes de cada uma, as letras iniciais que os compõem, se conhecem os nomes das letras utilizadas para escrevê-los e nomes de outras pessoas que começam com tais letras. A seguir, solicite que releiam os nomes completos e sublinhem os sobrenomes.

Tais atividades são importantes para a consolidação de aprendizagens, tais como: identificar nomes e sobrenomes, reconhecer letras iniciais, nomear as letras do alfabeto latino que compõem os referidos nomes e sobrenomes, identificar nomes de outras pessoas que iniciam com as mesmas letras.

Na atividade Conversando sobre a língua escrita **Sílabas**, como indicado em seu título, aparece pela primeira vez, explicitamente, o termo. É solicitado que as(os) educandas(os) leiam devagar os nomes – Firmina, Severino, Carolina, Maria e Zacarias – e observem que, podem ser divididos em partes, ou seja, em sílabas.

Na sequência, provoque as(os) educandas(os) a observarem as sílabas que estão faltando em nomes de atletas brasileiras(os).

Essa atividade pode ser estendida a outros nomes significativos para a turma, inclusive, nomes dos colegas e familiares, a fim de que vá se consolidando a aprendizagem relativa à identificação das partes, das sílabas que compõem as palavras. Por exemplo, ao tomar como base os nomes próprios conhecidos da turma e os nomes colocados em foco na atividade, o(a) educador(a) pode propor inúmeras reflexões sobre a língua escrita, tais como: “Como a escrita do nome de “Maria” pode nos ajudar a escrever, por exemplo, “Mateus”? Ou ainda: O que acontece se eu modificar a primeira letra da “Carina”, substituindo-a pela letra “M”? É possível escolher algumas sílabas iniciais dos nomes da turma para formação de outros nomes de pessoas ou de outras palavras para que compreendam que é possível formar “MAteus, “MAria”, “MAta” e “MApa”. A consciência silábica é muito importante para compreensão da apropriação do sistema alfabético, especialmente de certas regularidades.

Na Cultura digital **Redes sociais**, o convite é para observar ícones de redes de comunicação instantânea. As marcas das redes são textos visuais que convocam as(os) educandas(os) a realizar uma leitura visual, a partir da proposta de que identifiquem aquelas que já foram e/ou são utilizadas por elas(eles).

Após a leitura visual, recomenda-se a formação de um grupo, a partir da escolha coletiva de um aplicativo de mensagem instantânea, se possível com todas(os) educandas(os) e educador(a). Esse grupo poderá assumir diferentes funções nos processos de ensino-aprendizagem, a exemplo: envio de mensagens que podem trazer fotos, *cards*, *podcasts* ou vídeos, inclusive, produzidos pelos próprios(os) educandas(os), que preparem ou complementem o trabalho com a temática em foco. A interação em grupos dessa natureza tem potencial para estreitar laços, sendo que tantas outras possibilidades ficam em aberto, a depender do contexto da turma.

Na atividade Compartilhando **Quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus, é proposta a leitura de um novo trecho da obra, incentivando as(os) educandas(os) à continuidade da leitura que poderá se transformar em uma atividade permanente de leitura e escuta, até a conclusão da leitura da obra, no sentido da formação de um comportamento leitor.

A leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve se transformar em uma prática que extrapola uma simples vocalização de palavras. Permite a compreensão, a concentração, a memorização e a interação social. Como destacado, na trilha anterior, é importante que a leitura em voz

alta considere a escrita da autora, respeitando as marcas de oralidade presentes no texto.

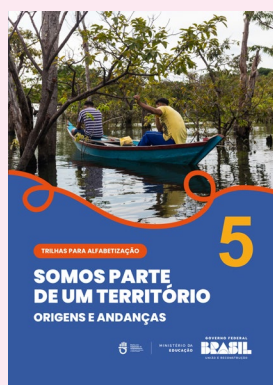
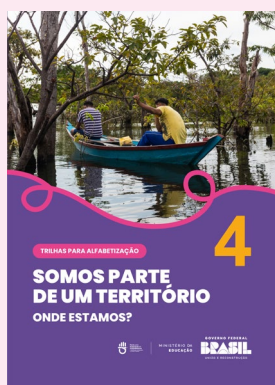
Após a leitura, as(os) educandas(os) devem ser convidadas(os) a realizar destaques de algum trecho que chamou mais a sua atenção, correlacionando-o com suas experiências, saberes e vivências.

Na Ciranda cultural **Carolina: a cinderela negra do Canindé**, encontra-se um samba-enredo, do Grêmio Recreativo Escola de Samba Colorado do Brás, que valoriza a biografia e o legado histórico-cultural da autora.

A proposta é que as(os) educandas(os) possam apreciar a letra do samba, por meio da leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) e, se possível, apreciar a canção.

A atividade traz um trecho do samba que proporciona o contato com diversos aspectos de sua vida e tem potencial para provocar a expressão de sentimentos e emoções, diante da possibilidade de identificação com a história de Carolina.

O **Para saber mais** traz sugestões de pesquisa, livros de cordéis que estão disponíveis no Museu da Pessoa e outro livro de Carolina Maria de Jesus, intitulado Diário de Bitita, que podem constituir outras leituras significativas para a turma.



UNIDADE TEMÁTICA II: SOMOS PARTE DE UM TERRITÓRIO

Trata do pertencimento às localidades – origens e andanças – e ao território brasileiro com as suas múltiplas e diversas expressões culturais.

Trilha 4: Onde estamos?

Trilha 5: Origens e andanças

Trilha 6: Os sabores do Brasil

TRILHA 4: ONDE ESTAMOS?

A atividade **Para começo de conversa** traz fotografias que remetem a diferentes territórios, na busca de que as(os) educandas(os) possam se identificar com o que está presente nas imagens, ou indicar com qual imagem se identificariam. Ao se manifestarem as(os) educandas(os) trazem seus conhecimentos prévios e destacam suas ideias, sentimentos e experiências diante dos diferentes territórios retratados. É fundamental solicitar que as(os) educandas(os) reflitam sobre o que expressaram, exemplificando o que o(a) levou a emitir aquela fala.

É sempre pertinente que o(a) educador(a) registre em tópicos as contribuições de cada um(a), para que se possa (re)construir o que foi abordado durante a conversa. Ressalta-se que não há necessidade das(os) educandas(os) registrarem tais informações, considerando que o foco da atividade é a introdução da temática da unidade por meio do exercício da oralidade.

A Roda de memórias **Minha localidade** instiga as(os) educandas(os) a se voltarem para seu bairro, vila, aldeia, quilombo, povoado, distrito, enfim, o lugar próprio em que moram. A reflexão sobre o lugar que habitam compreende não apenas o espaço geográfico, mas também o arcabouço de histórias, de emoções, de experiências vivenciadas, para além do tempo.

A atividade propõe, a partir de memórias individuais e coletivas, um movimento contínuo de ação-reflexão-ação, de identificação das necessidades e mudanças ocorridas em suas localidades e as que ainda precisam ser realizadas.

A Cultura digital **Câmeras em ação** é um convite desafiador: trata-se da utilização da câmera do celular, como dispositivo ótico, para registrar cuidadosamente locais que revelam necessidades existentes e mudanças ocorridas na localidade.

Para realização da atividade, são oferecidas dicas básicas para tirar fotografias digitais – as quais podem juntar-se a outras que tanto o(a) educador(a) como a(o)educanda(o) já disponham. A prática de fotografar pode estar incorporada aos cotidianos das(os) educandas(os) ou não, considerando que há pessoas que não possuem celular, ou não o utilizam para tal finalidade.

As(os) educandas(os) são convidadas(os) a fotografar, nos percursos os quais costumam fazer, locais que atestam mudanças ocorridas, ou revelam necessidades que ainda precisam ser atendidas em sua localidade.

A atividade pode ser realizada individualmente ou em dupla. Recomenda-se cuidado para garantir a participação de todas(os), inclusive, considerando os que não possuem celular. O intuito é que a(s) foto(s) seja(m) veiculada(s) no grupo formado no aplicativo de mensagens instantâneas da turma. A foto deve ser acompanhada por uma mensagem de áudio sobre a razão da escolha do(s) local(is) para fazer a fotografia.

Compartilhar a foto no grupo de mensagens instantâneas pode ser fácil para alguns, mas para outros não, por isso são oferecidas dicas para tal compartilhamento e se incentiva que seja realizada em dupla.

A intenção dessa atividade é provocar aprendizagens que se relacionam à temática da trilha ou a extrapolam, bem como propiciar a ampliação da Cultura digital. Muitas vezes, as fotografias são utilizadas somente para registro de momentos em família e junto aos(às) amigas, o que também é importante. Na atividade, pretende-se que experimentem e experienciem outras possibilidades de uso da fotografia, como recurso para investigação e reflexão sobre a realidade local.

Caso não seja possível a realização da atividade por falta de celulares e de acesso à internet, recomenda-se que o(a) educador(a), em negociação com a turma e considerando as suas sugestões, crie outras formas possíveis de diálogo sobre mudanças ocorridas e necessidades que ainda demandam por transformações na localidade.

Na Prática de leitura e escrita **Lendo fotografias**, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a realizar a leitura visual das fotografias e a dialogar sobre os áudios produzidos a respeito das mudanças e necessidades da localidade, disponibilizados no grupo de mensagens instantâneas.

As mudanças e necessidades podem se relacionar a vários aspectos, tanto relativas a questões físicas – como melhorias ou deterioração de prédios, praças, equipamentos públicos, vias públicas, construção históricas, entre outras – quanto culturais – relativas a costumes, valores, formas de organização das comunidades, entre outras questões da sociabilidade.

A leitura visual de cada um(a) é única e requer reflexão, pois se faz a partir de suas emoções e vivências na localidade, do seu lugar de fala. Nessa leitura, provoque os(as) educandas(os) a contextualizar a imagem. Como se trata de uma atividade dialógica, cada educanda(o) trará sua

leitura acerca das realidades retratadas nas fotografias e terá a oportunidade para escutar e aprender novas perspectivas sobre uma mesma imagem. As(os) educandas(os) devem ser desafiadas(os) a escolher uma das fotografias para formar, com letras móveis, uma palavra ou frase que seja representativa da imagem, a qual expresse o que cada foto traduz sobre mudanças ou necessidades da localidade.

Na sequência, são indicadas diversas atividades: leitura em voz alta feita pela(o) educanda(o) da(s) palavra(s) que construiu com letras móveis, com o apoio do(a) educador(a); acompanhamento do registro feito pelo(a) educador(a) na lousa das palavras construídas pela turma; leitura dessas palavras com o apoio do(a) educador(a); reflexão sobre a escrita das palavras junto às(aos) colegas e com o apoio do(a) educador(a), seguida pela escrita final das palavras ou frases representativas das fotografias sobre mudanças e necessidades da localidade.

Refletir sobre a escrita é pensar criticamente sobre o que se escreve, como, por que e para que se escreve, analisando ideias e o próprio processo, de modo a transformar a escrita em um aprendizado. Trata-se de voltar ao escrito para revê-lo em um processo de observação, com outro olhar, para revisar e ajustar a escrita, considerando a estruturação do pensamento. Esse movimento de refletir sobre a escrita é presente em todas as atividades de Prática de leitura e escrita das trilhas.

A mediação realizada pelo(a) educador(a) em cada uma dessas etapas é fundamental, sempre na busca de envolver a participação de todas(os) educandas(os) e proporcionar momentos reflexivos sobre os atos de ler e escrever. O(a) educador(a) deve escrever a palavra da forma que as(os) educandas(as) ditá-las, não realizando críticas nem julgamentos, estimulando um processo de diálogo a fim de que possam se apropriar de novos conhecimentos acerca do que foi escrito.

A Prática de leitura e escrita **Planejando uma entrevista**, gênero textual com função social informativa, propõe a interação entre entrevistador(a) e entrevistada(o), que permite se apropriar de opiniões e posicionamentos de um(a) convidado(a) sobre um determinado assunto.

DICAS PARA ORGANIZAR O ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1.** DEFINA O OBJETIVO DA **ENTREVISTA**.
- 2.** ELABORE AS PERGUNTAS.
- 3.** COLOQUE AS PERGUNTAS EM UMA SEQUÊNCIA LÓGICA.
- 4.** REVISE E AJUSTE O **ROTEIRO**.

Na entrevista, são utilizadas a oralidade e a escrita, uma vez que o diálogo se estabelece a partir de um roteiro inicial e culmina com um registro, ambos escritos. No caso da presente atividade, trata-se de uma entrevista com roteiro semiestruturado, composto de perguntas abertas, sendo possível a inclusão eventual de outras, a depender do encaminhamento da atividade.

A entrevista a ser realizada envolve uma pessoa conhecedora da história do município – a qual extrapole o que é dito por vias oficiais – que possa comentar sobre mudanças ocorridas ao longo do tempo e atuais necessidades que demandam por transformação.

Cabe ao(à) educador(a), em diálogo com a turma, listar nomes de pessoas que poderiam ser convidadas e escolherem coletivamente uma delas. Na sequência, é necessário elaborar junto às(aos) educandas(os) perguntas para compor o roteiro, o qual deverá ser escrito na lousa pelo(a) educador(a) que atuará como escriba. Concluído o roteiro, é fundamental que cada educanda(o) registre a pergunta que fará ao(à) convidado(a).

Toda a atividade deve ser organizada de forma colaborativa: quem vai entrar em contato com a(o) convidada(o); como será a organização no dia da entrevista; quem irá recebê-la(o), apresentá-la(o) e as responsabilidades de cada um(a) no momento da entrevista.

A Prática de leitura e escrita **“Escovando” a história do município** apresenta uma síntese detalhada pontuando o que foi mais importante na fala da(o) entrevistada(o), tendo o cuidado especial de conservar as ideias principais apresentadas.

O(a) educador(a), ao fazer uma leitura em voz alta da síntese, provoca um momento de diálogo com as(os) educandas(os), para que possam

se posicionar sobre a síntese e, ao mesmo tempo, observar se o objetivo pretendido foi alcançado, apresentando suas justificativas.

É pertinente o estabelecimento de relações entre as ideias defendidas pela(o) entrevistada(o) com as fotos produzidas anteriormente pelas(os) educandas(os) sobre mudanças e necessidades presentes na localidade, veiculadas no grupo de mensagens instantâneas da turma.

Ao fim do processo, o(a) educador(a) deve solicitar que, de forma coletiva, produzam palavras indicando mudanças positivas que ocorreram na localidade e necessidades ainda a serem atendidas, com o apoio do(a) educador(a), a serem registradas em um quadro disponível na trilha. Desse modo, é realizada uma sistematização das reflexões, salto para um novo conhecimento.

A Prática de leitura e escrita **Os direitos em questão** apresenta um cartaz sobre direitos dos cidadãos, presente nas redes sociais do Senado Federal.

Os cartazes, gênero textual informativo e apelativo, podem ser produzidos em diferentes suportes – manuscritos ou impressos em folhas de papel, plásticos entre outros materiais – produzidos em aplicativos. A finalidade de um cartaz é divulgar informações, produtos, campanhas, manifestações, eventos entre outros, por meio de textos e imagens, de forma objetiva, a fim de facilitar a compreensão de uma mensagem junto ao público em geral ou específico a que se destina, seja em ruas, repartições e outros espaços, seja em meios virtuais.

Nesta atividade, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a fazer uma leitura visual do cartaz que permite identificar direitos sociais dos cidadãos e outros que não estejam presentes. São indagadas(os) sobre com quais direitos se identificaram a partir dos seus conhecimentos prévios sobre o tema e a escrita; se já tinham ouvido falar de direitos sociais dos cidadãos e se haviam observado anteriormente cartazes semelhantes a esse na sua localidade ou nas redes sociais. É relevante provocar a reflexão sobre por quais razões uma comunicação dessa natureza deve ser veiculada. O(a) educador(a) pode, na reflexão, dialogar que todas as pessoas têm direito de ter direitos e direito de ter deveres e, nesse último aspecto, ampliar o diálogo sobre os deveres.

Um desdobramento possível da atividade, que pode ser realizada com os recursos disponíveis, é a produção de um cartaz dessa natureza, considerando quais direitos as(os) educandas(os) gostariam de colocar em destaque. Planeje junto às(aos) educandas(os) o cartaz: defina o

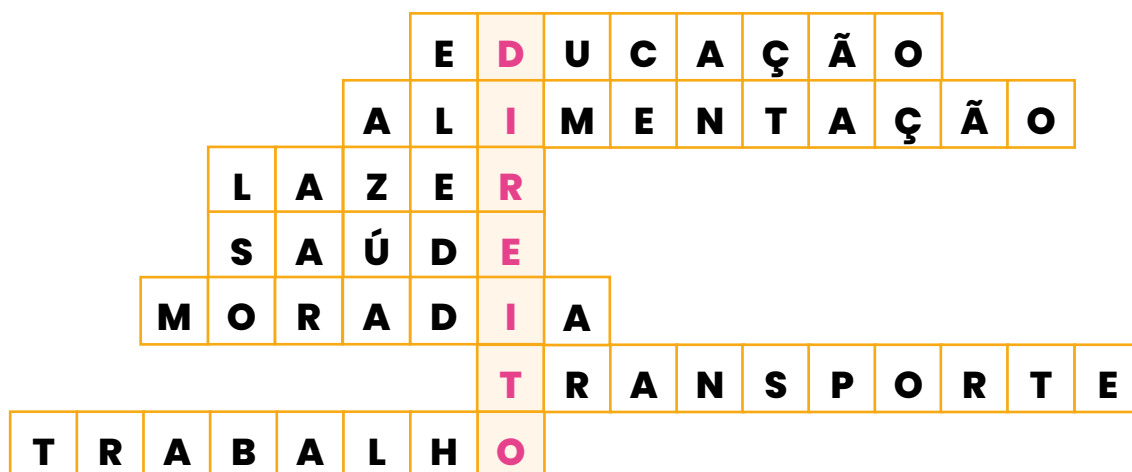
objetivo, o assunto e o público a que se destinará, escolha um meio para veiculação, o formato e o tamanho. Elabore uma mensagem atrativa, lembrando que textos de cartazes devem ser curtos, e os elementos visuais – desenhos, fotos, imagens – devem ser dispostos de forma que possam ser lidos com facilidade.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Sílabas iniciais e finais** focaliza palavras presentes no cartaz trabalhado na atividade anterior. Essa atividade contribui para que as(os) educandas(os) reconheçam e associem sons e letras, além de buscar aprimorar a formação de palavras, o que vai influenciar na escrita.

As palavras são destacadas em pares – já conhecidas, na atividade anterior –, por exemplo, “saúde” e “segurança”. Uma série de questões são feitas sobre quais letras foram necessárias para escrever tais palavras e quais sílabas foram utilizadas. Convide a turma para observar e identificar semelhanças na parte inicial dos nomes desses dois direitos. Recomenda-se que extrapolem essas palavras e escrevam outras semelhantes.

De modo análogo, são propostas reflexões em torno dos nomes dos direitos “educação” e “alimentação”. Nesse caso, destaque não só as letras e as sílabas que os compõem, mas também o fim das palavras, solicitando que identifiquem outras palavras terminadas da mesma forma.

No fim, é proposto um diagrama, originalmente uma representação gráfica de informações ou ideias que utiliza símbolos, linhas e formas, para transmitir uma mensagem de forma visual, utilizado nesta atividade como recurso didático. O diagrama registra a palavra Direito, na vertical, que é o fio condutor do trabalho com a temática, em que as(os) educandas(os) devem inserir alguns dos direitos focalizados na atividade, como disposto a seguir:



Ao preencher o diagrama, respeitando os cruzamentos das palavras, as(os) educandas(os) inserem as letras, sílabas iniciais e finais que compõem o nome de cada direito e, desse modo, é construído um resumo visual do que foi trabalhado durante a atividade.

Na Prática de leitura e escrita **Direito ao transporte** deve ser focalizado que se trata de um direito social, assegurado pela Constituição Federal.

O(a) educador(a) deve realizar um diálogo introdutório sobre a temática, por meio de um levantamento dos meios de transporte presentes em cada localidade. Ao propor um diálogo sobre os transportes que circulam na localidade e nas circunvizinhanças, o(a) educador(a) deve apresentar que podem, a depender das vias em que circulam, ser nomeados como meios de transporte terrestres, aquáticos e aéreos. Os terrestres se classificam em rodoviários e ferroviários, sendo os primeiros mais utilizados para transporte de passageiros. Vale ressaltar também que, em um país com uma vasta extensão litorânea, bem como regiões em que os rios, lagos e lagoas são os principais canais para o deslocamento, há lugares com preponderância dos transportes aquáticos, por vias marítimas, fluviais ou lacustres. Já os transportes aéreos, de custo elevado, acabam sendo menos utilizados pelas classes populares. Vale ressaltar que são transportados passageiros e cargas pelos diferentes meios.

Na sequência, o diálogo deve focalizar nos lugares frequentados pelas(os) educandas(os) em seu dia a dia, e os meios de transporte utilizados para os deslocamentos, bem como as vivências das(os) educandas(os) em relação à temática.

A atividade linguística proposta é a de escrita dos nomes dos referidos lugares e dos meios de transporte utilizados. Durante a atividade, indica-se a utilização das letras móveis como recurso pedagógico por auxiliarem na construção das palavras e permitirem a reflexão sobre a sua escrita, a fim de compor um quadro com as informações solicitadas.

O quadro, constituído por linhas e colunas, é um organizador de informações, que possibilita uma melhor visualização do que foi solicitado. Os quadros utilizam linguagem visual para organizar conteúdos, tornando-os mais acessíveis e de fácil compreensão. É importante que as(os) educandas(os) se familiarizem com essa forma de organização de dados, comumente utilizada em textos informativos e jornalísticos.

Como desdobramento da atividade, pode ser solicitado que as(os) educandas(os) socializem quais táticas utilizam para identificar linhas de ônibus, de embarcações, de trens, ou de outros transportes coletivos

que costumam utilizar. O fato de não saber ler os nomes das linhas dos transportes coletivos traz constrangimento a pessoas não alfabetizadas. A dificuldade de realizar tal leitura pode acarretar restrições à sua autonomia, mobilidade e, desse modo, criar barreiras para o acesso a outros direitos sociais como cidadãs(ãos).

É relevante dialogar com as(os) educandas(os) se, na sua localidade, existem sistemas de identificação visual alternativos, mediante a utilização de números, cores, símbolos ou imagens associadas a cada linha de transporte coletivo, a depender da região do município atendida, ou de outro critério estabelecido, os quais permitam a realização de leitura visual desses elementos que podem apoiar a identificação da linha.

Após a reflexão, pode ser proposto que formem com letras móveis, com o apoio do(a) educador(a), os nomes de linhas de transporte coletivo que utilizam ou que trafegam próximo à sua moradia; acompanhem o registro feito pelo(a) educador(a) na lousa dos referidos nomes; leiam, com o apoio do(a) educador(a) a lista de nomes das linhas de transporte público, dialoguem e registrem a escrita dos nomes, analisando se são compostos por uma ou mais palavras.

A Prática de leitura e escrita **Nomes de localidades e municípios** provoca um diálogo enriquecedor sobre a escrita do nome da localidade de cada educanda(o) – do bairro, da vila, da aldeia, do quilombo, do povoado, ou do distrito onde moram, bem como do nome do município ao qual pertence essa localidade.

Aprender a escrever o nome próprio do lugar onde se mora costuma ser algo muito significativo para as pessoas, envolve também a sua identidade. Ao receber um nome próprio, uma localidade se diferencia de outras e torna-se um ponto de referência no espaço geográfico mais amplo, do pertencimento das pessoas àquele lugar.

Em consonância com o movimento realizado em atividades anteriores, que parte do trabalho com letras móveis ao diálogo e ao registro da versão final das palavras, é proposto o trabalho reflexivo em torno dos nomes da(s) localidade(s) e do(s) município(s) em que as(os) educandas(os) residem.

A Prática de leitura e escrita **Nomes de localidades e municípios circunvizinhos** se inicia com a conversa sobre a existência de parentes e amigas(os), que moram em outros municípios – sejam eles circunvizinhos ou não –, se as(os) educandas(os) trabalham ou trabalharam anteriormente em outro(s) município(s) e sobre como se davam e/ou se dão tais deslocamentos.

Na sequência, é proposto o trabalho com letras móveis para formar os nomes das localidades e de outros municípios em que trabalham ou já trabalharam, sendo importante sempre o movimento de refletir sobre a escrita, por meio do acompanhamento do que foi registrado na lousa pelo(a) educador(a).

A reflexão sobre a escrita das palavras é fundamental para o processo de alfabetização, sempre realizada com o apoio do(a) educador(a), em diálogo com os(as) colegas até se alcançar a escrita da versão final dos referidos nomes, sempre procurando estabelecer relação com outras palavras e sílabas de palavras conhecidas de memória.

Os nomes próprios das localidades e dos municípios, dos estados, de um país são palavras carregadas de sentido, muito propícias para compor o processo de alfabetização. Tais nomes estão imbricados com a relação de pertencimento. Esse pertencimento não se encontra restrito à localidade de origem. As andanças realizadas pelas pessoas possibilitam a criação de novos laços, novas relações afetivas a partir das dinâmicas de movimentação nas localidades.

A atividade Compartilhando **Belém indígena – Belém cabocla** abre essa atividade na Unidade II, com a proposta de leitura como fruição de um poema. Dessa vez, focaliza um texto poético de uma autora indígena, Márcia Kambeba, pertencente à etnia Omágua/Kambeba. O poema intitulado *Belém indígena – Belém cabocla* (Homenagem aos povos indígenas de Belém do Pará) apresenta versos que narram a percepção da poetisa sobre a capital do seu estado, caracterizada pela autora por diversas palavras carregadas de conteúdo afetivo.



MÁRCIA WAYNE KAMBEBA

Divulgação/#Colabora.

No momento da pré-leitura, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a fazer inferências a partir do título do poema, ainda sem apresentá-lo. Essa etapa visa mobilizar a sua atenção e predispor para o momento da leitura. São sugeridas como questões disparadoras para essa primeira etapa: Do que será que se trata esse texto com esse título? O que já escutaram sobre esse tema? Será que nossas antecipações irão se confirmar ao ouvir a leitura?

Na sequência, quando as(os) educandas(os) estiverem visualizando o texto, o(a) educador(a) pode chamar a atenção para a estrutura do poema, a sua configuração em estrofes e versos.

A proposta da leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve ser feita com a entonação requerida pela poesia. As(os) educandas(os) são convidadas(os) a escutar, de forma sensível, as percepções da autora em relação à cidade de Belém e aos povos indígenas que nela habitam, em consonância com a temática da Unidade.

A Ciranda cultural **Sob o mesmo céu** remete a um passeio imaginário pelo Brasil, adentrando a percepção do compositor Lenine, mostrando que a gente vem de tantos cantos, de tantas formas, de diversas culturas e se tem em comum estar *sob o mesmo céu*.

No momento da pré-leitura, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a fazer inferências a partir do título da letra da canção, a fim de mobilizar sentidos e predispor para o momento da leitura: Do que será que se trata a letra de uma canção com esse título? Será que nossas antecipações irão se confirmar ao ouvir a leitura?

É significativo fazer a leitura em voz alta da letra da música pelo(a) educador(a), de forma a provocar o gosto pela canção, em um momento de deleite da cultura brasileira. Deve ser realizada com entonação, de forma ritmada, de modo a estimular as(os) educandas(os) a imaginar as cenas apresentadas nos versos.

Estimule as(os) educandas(os) a compartilharem sentimentos e reflexões despertadas a partir do contato com o texto e, se possível, é relevante ouvir a música que tem o potencial para evocar memórias e enriquecer a experiência cultural das(os) educandas(os).

No **Para saber mais**, disponibiliza-se o *link* do livro *Eu moro na cidade*, de Márcia Kambeba, que contém os poemas constantes nas três trilhas da Unidade II.

Há também a indicação do filme intitulado *Narradores de Javé*, que mostra em seu enredo uma crítica social que traz à tona a ideia da supremacia da escrita sobre a oralidade, trazendo a memória como meio científico de fazer a história.

TRILHA 5: ORIGENS E ANDANÇAS

A Roda de memórias **Meu lugar** instiga as(os) educandas(os) a dialogarem sobre se nasceram no lugar onde moram, ou se mudaram para essa localidade em algum momento de sua trajetória e se lembram quando. As perguntas disparadoras demandam o compartilhamento das lembranças fazendo um movimento do presente aos tempos passados, e em relação às suas origens e a possíveis andanças, ou seja, mudanças de moradia, de cidade, de estado ou até mesmo de país, vivenciadas e experienciadas pelas(os) educandas(os).

A atividade propõe que as(os) educandas(os) reflitam coletivamente sobre as suas experiências com os lugares por onde passaram, ou onde vivem atualmente. Desse modo, têm a oportunidade de narrar sobre suas origens, migrações e vínculos com territórios diversos – bairros, vilas, periferias, aldeias, quilombos, cidades do interior ou capitais. Esse movimento busca valorizar as suas identidades e memórias, que precisam ser reconhecidas nos diversos espaços sociais.

É importante que essa proposta gere discussões sobre pertencimento, desigualdades territoriais, (re)lembranças da infância, laços familiares e deslocamentos devido à necessidade de buscar trabalho em outras localidades – temas que façam as(os) educandas(os) compreenderem quem são e como os lugares deixaram marcas em suas vidas. Podem surgir comparações entre a vida no campo e na cidade, entre o centro e a periferia, entre tempos antigos e as transformações no presente.

A atividade tem potencial para despertar emoções – saudade, orgulho, tristeza ou alegria –, que compõem o processo de ensino e aprendizagem permanente junto a pessoas jovens, adultas e idosas. Ao trabalhar com as memórias territoriais das(os) educandas(os), a atividade visa ampliar significativamente as percepções acerca da aprendizagem da leitura e da escrita, que devem acontecer em conexão com as aprendizagens construídas ao longo da vida.

A atividade Compartilhando **São Paulo de Olivença** sequencia a atividade anterior, ao colocar as(os) educandas(os), em contato com um segundo poema de Márcia Kambeba que, dessa vez, apresenta a relação da poetisa com São Paulo de Olivença, denominada pela autora de “meu lugar”. Coloca-se em continuidade a escuta sensível das memórias e vivências das(os) educandas(os), fortalecendo a prática dialógica que caracteriza a atividade.

A etapa da pré-leitura pode ser realizada, indagando as(os) educandas(os) se já ouviram falar do município que dá o título ao poema e o que esperam que a autora apresente em seus versos, lembrando que se trata de uma leitura antecipada, motivadora para uma escuta atenta da criação artística.

É importante que o(a) educador(a) se prepare para realizar uma leitura envolvente, que estimule as(os) educandas(os) a mergulhar nas imagens provocadas pela poesia.

A autora nomeia São Paulo de Olivença como “meu lugar”, expressão carregada de memória, ancestralidade e afeto. Nesse sentido, a leitura não se encerra na apreciação do texto, mas amplia-se como convite para que as(os) educandas(os) também possam refletir em seus próprios territórios de afeto: lugares que marcaram sua história, que despertam saudade, orgulho e pertencimento: Inspirado(a) em Márcia Kambeba, converse com os(as) colegas: dentre os lugares em que morou, qual deles desperta em você o sentimento de “meu lugar”?

Falar sobre si e sobre o outro, a partir da escuta do poema, é abrir espaço para reconhecer a diversidade de experiências presentes na sala e valorizar as formas singulares com que cada sujeito constrói seus vínculos com o mundo.

Ao trazer poemas de Márcia Kambeba, escritora e ativista indígena, o momento de leitura em voz alta se torna uma oportunidade para que a palavra literária de uma representante dos povos originários desperte afetos, identidades e pertencimentos. Na atividade Saber mais, no fim da trilha, o(a) educador(a) encontra um *link* para acesso ao livro que reúne os poemas trabalhados na trilha, de modo que possa ser apreciado em sua totalidade.

A Prática de leitura e escrita **Moradia** focaliza um tema significativo: o lugar onde se habita. O tipo de moradia expressa tanto marcas da identidade cultural quanto de desigualdades sociais.

É muito importante que o(a) educador(a) conduza esse momento por meio de uma escuta atenciosa e sensível, respeitando o tempo de fala de cada educanda(o) e valorizando suas experiências. A atividade tem por objetivo que a turma compartilhe tipos de moradias onde já viveu: casas de alvenaria, de madeira, de lona, barracos, palafitas, apartamentos, casas na roça, albergues, abrigos, habitações precarizadas em situação de rua, entre outras situações.

É fundamental que o(a) educador(a) acolha com respeito os relatos e os silêncios, pois cada trajetória carrega marcas importantes da relação das(os) educandas(os) com as suas moradias e pode ocorrer de não desejarem compartilhar.

Solicita-se que a turma produza coletivamente uma sistematização das experiências, apontando aspectos relevantes das trajetórias das(os) educandas(os), problematizando criticamente as desigualdades estruturais do país. Esse será um exercício de prática social, histórica e concreta das(os) educandas(os).

É significativo que as(os) educandas(os) ditem as suas contribuições e sejam estimuladas(os) a acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a). A leitura em voz alta dessa sistematização visa promover tanto a reflexão sobre o conteúdo social e histórico compartilhado, quanto sobre a escrita.

Na Prática de leitura e escrita **Expressões artesanais**, é proposto um diálogo que articule a leitura de elementos visuais aos elementos verbais constantes abaixo das imagens que compõem um painel de expressões artesanais populares, típicas de diferentes localidades do Brasil. O referido diálogo deve acontecer, com o apoio do(a) educador(a), considerando os conhecimentos prévios das(os) educandas(os).

PEÇAS EM COURO



Karla Vidal/Unsplash

PANELAS DE BARRO



Sintegrity/ CC BY-SA 4.0

CESTARIA DE VIME



EyeEm/FreePik

O Brasil é riquíssimo em expressões de artesanania popular, as quais transcendem o aspecto da beleza e incorporam a origem, a identidade e a história do povo de uma localidade ou região. O(a) educador(a) deve, mais uma vez, manter a escuta sensível, pois a atividade provocará memórias, saberes, culturas que, muitas vezes, não tiveram oportunidade de serem manifestadas em outros espaços de aprendizagem.

Deve provocar as(os) educandas(os) a refletirem que, no universo da leitura, compreender o visual é indispensável também para ler os textos verbais e para a construção de novos conhecimentos. A leitura visual é extremamente importante na sociedade contemporânea, que se encontra imersa em um mundo de imagens, como as que se encontram presentes no painel proposto, articuladas ao objeto de leitura desta atividade. Ressalta-se que, nos mais diferentes cenários da vida cotidiana, há sempre um texto visual a ser lido, a partir de seu contexto de produção e das histórias de vida de suas(seus) autoras(es), em conexão com os seus territórios, a exemplo do que é proposto nessa atividade.

Esse painel proposto abre espaço para contribuir para que as(os) educandas(os) reflitam sobre a sua própria identidade histórica, social e cultural, problematizando e reconhecendo-se ou não diante das manifestações artesanais apresentadas.

Comente que, nesta atividade, foram registrados junto às imagens os nomes das manifestações artesanais, com a finalidade de facilitar a sua identificação, contudo, sugere-se a possibilidade de elaborar legendas para as imagens constantes no painel. É importante lembrar que a legenda se trata de um texto curto que apresenta a importância e as características de uma imagem, dentre outros aspectos, o que permite uma comunicação visual e verbal acerca do seu sentido. É relevante provocar a criatividade das(os) educandas(os) na elaboração das legendas.

Na sequência, indague quais expressões artesanais estão presentes onde residem; que outros trabalhos artesanais conhecem; se realizam trabalhos artesanais e se tem amigos(as) e familiares que também os(as) realizam. Registre os nomes das pessoas e dos respectivos trabalhos artesanais que realizam, conforme as(os) educandas(os) citam. Essa citação representa os trabalhos artesanais que reconhecem em sua localidade, ou são expostos em feiras e outros espaços do município. Com o uso do celular, os trabalhos artesanais da localidade podem ser fotografados, para que sejam registrados os seus nomes. Após o registro, deve ser realizada a sua leitura, associada à reflexão sobre a sua escrita.

Recomenda-se que a produção final seja materializada por meio da elaboração de um cartaz ou registro na lousa. O(a) educador(a) pode colocar no centro do cartaz ou da lousa “Manifestações artesanais da localidade...” [colocando aqui o nome da localidade ou do município]. O(a) educador(a) pode inserir setas que partem do nome da localidade e registrando, a cada seta, o nome de uma manifestação artesanal citada.

Se possível, seria pertinente inserir imagens impressas no cartaz. O educador(a) pode solicitar que disponibilizem as fotografias no grupo de mensagens instantâneas da turma. Os nomes dos trabalhos artesanais podem ser construídos a partir de letras móveis e, ao final do processo, registrados abaixo das fotografias e inseridos no cartaz. A atividade pode ser realizada em duplas ou grupos, a depender do contexto de cada turma.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Sílabas iniciais e finais** provoca reflexões sobre as sílabas que compõem palavras destacadas no painel de trabalhos artesanais. Em consonância com o objetivo da atividade, voltada a desenvolver uma consciência grafofonêmica e ortográfica, nomes de trabalhos artesanais tais como cuia, rede, bordado, filé, vime e peças em couro, são focalizados, a fim de que as(os) educandas(os) pensem sobre a função das sílabas que aparecem no início e no fim das palavras e exercitem a divisão silábica. Esse movimento tem por objetivo ampliar a consciência fonológica, por meio da leitura e da reflexão sobre composição das palavras focalizadas na atividade.

EU TENHO 06 LETRAS. “SOU A VENEZA BRASILEIRA”.

RE	CI	
-----------	-----------	--

A proposta é iniciar a atividade realizando uma leitura em voz alta dos nomes que estão no quadro presente na trilha. A referida leitura tem o propósito de favorecer o reconhecimento das palavras em sua forma visual e sonora. Recomenda-se que o(a) educador(a) realize com as(os) educandas(os) a leitura em voz alta das palavras, com atenção à percepção e à pronúncia delas, e as(os) incentive a fazer leitura silenciosa, ou seja, sem vocalizar as palavras.

Na sequência da atividade, é proposta a separação das palavras em sílabas, com a orientação de que o(a) educador(a) utilize traços como um marcador visual. É importante frisar que esse tipo de atividade de separação de sílabas não deve ser visto e muito menos tratado como um exercício mecânico. Trata-se de uma ferramenta para compreender como as palavras são estruturadas e, desse modo, desenvolver junto às(aos) educandas(os) um maior domínio da escrita. Durante esse processo, o(a) educador(a) pode indagar: “Com que som essa palavra começa?”, “Qual é o som final?”, “Essas palavras são parecidas? Em quê?”, promovendo o diálogo e a escuta ativa entre os pares.

Perguntas disparadoras podem ser feitas às(aos) educandas(os): “As sílabas utilizadas são iguais ou diferentes?”, “O que você observou?”. Elas possuem a função de promover uma análise comparativa a fim de despertar a percepção de padrões fonológicos e a regularidade da língua escrita, identificando também as exceções. Realizar a atividade em duplas ou grupos proporciona maior participação e compartilhamento de saberes que foram construídos de forma coletiva.

Nas etapas seguintes, as(os) educandas(os) exercitarão a criatividade ao escreverem novas palavras, utilizando a mesma sílaba inicial ou final, atividade que deve ser acompanhada pela leitura em voz alta das palavras produzidas. O intuito é ampliar o repertório vocabular e permitir, paulatinamente, a compreensão das relações entre a fala e a escrita. Novamente, é fundamental a escuta atenta do(a) educador(a), com a valorização de todas as sugestões de escrita apresentadas pelas(os) educandas(os), no entendimento de que os diálogos sobre as dúvidas propiciam os avanços contínuos desejados no processo de alfabetização das pessoas jovens, adultas e idosas.

A Prática de leitura e escrita **Nossas origens** tem por objetivo ampliar o repertório linguístico das(os) educandas(os), a partir da visualização do mapa político do Brasil. É fundamental apresentar que o mapa é uma representação cartográfica do território nacional. No caso, encontra-se exposto um mapa com a divisão política, indicando os 26 estados, o Distrito Federal com suas respectivas capitais, bem como a sua divisão em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Vale ressaltar que além do Distrito Federal e do Distrito insular de Fernando de Noronha, no Brasil existem 5.568 municípios, os quais não se encontram representados no mapa presente na trilha.

O(a) educador(a) poderá problematizar: Você já tinha visto um mapa como esse antes? O que chama a sua atenção no mapa? Onde está localizado, no mapa, o estado em que você nasceu? – essas e outras questões permitem ativar e estabelecer um diálogo a partir dos conhecimentos prévios das(os) educandas(os).

Caso seja possível levar um mapa para a sala, a atividade pode se tornar ainda mais interativa e significativa, com o convite para as(os) educandas(os) se aproximarem, reconhecerem pontos no mapa, indicando e compartilhando suas origens e locais por onde possam ter passado, visitado ou mesmo habitado.

Será muito importante, durante a interação, acolher as diferentes formas utilizadas pelas(os) educandas(os) para se referir aos lugares, sempre valorizando as histórias e os percursos de vida. Essa prática de dizer “de onde venho” configura um poderoso recurso para a valorização da identidade e da cultura no processo de alfabetização, promovendo, ao mesmo tempo, o reconhecimento uns dos outros e dos laços em comum existentes.

Na continuidade, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a escrever o nome do estado, da capital e da região de origem, com o apoio atento do educador(a). As letras móveis podem ser utilizadas para dinamizar esse processo.

Para finalizar essa atividade, a proposta é que cada educanda(o) dite para que o(a) educador(a) possa registrar em um quadro, a ser construído na lousa ou em um mural, que contenha o nome de cada educanda(o), seu município, estado, com sua respectiva sigla, e região de origem. Como forma de dinamizar a atividade, o(a) educador(a) poderá utilizar fichas/filipetas com os nomes dos estados e regiões, para compor o quadro e promover uma visualização panorâmica das origens das(os) educandas(os) da turma. É imprescindível que as(os) educandas(os) acompanhem o registro feito pelo(a) educador(a), leiam em voz alta os nomes e reflitam, com o seu apoio e em diálogo com as(os) colegas, sobre a sua escrita.

NOSSAS ORIGENS			
EDUCANDA(O)	MUNICÍPIO	ESTADO	REGIÃO

Diante dos saberes e conhecimentos construídos, a atividade tem potencial para fortalecer os vínculos entre as(os) educandas(os), em relação ao pertencimento aos territórios e ao próprio processo de aprendizagem.

É possível, ainda, ampliar a atividade com a customização de um mapa do Brasil com as marcas da turma, em que as(os) educandas(os), por meio do uso de alfinetes, cartões ou outros marcadores, possam destacar o seu lugar de origem, podendo incluir fotos e imagens de bandeiras, manifestações artísticas e culturais, enfim, de elementos que remetam à memória da localidade, do estado ou da região de origem.

A atividade **Conversando sobre a língua escrita** **Letras, sílabas e palavras** focaliza, inicialmente, nomes de cinco capitais brasileiras, cada uma delas pertencente a uma das cinco regiões do país. Nesta atividade, é retomada a questão do quantitativo de letras e sílabas, por meio da solicitação de preenchimento de um quadro, a fim de comparar as quantidades de letras que compõem os nomes e identificar as sílabas iniciais que se repetem nos nomes das capitais em destaque.

O estabelecimento de uma relação entre letras e sílabas é essencial no processo de alfabetização. É fundamental que as(os) educandas(os) percebam que as letras são unidades gráficas e as sílabas são unidades sonoras as quais compõem as palavras. Nomear as letras e reconhecer as sílabas das palavras são objetivos de aprendizagem importantes nessa etapa inicial. É fundamental que as(os) educandas(os) se apropriem de quantas e, sobretudo, quais letras compõem as sílabas, como unidades sonoras das palavras, sendo importantíssima a posição das letras em cada sílaba e, por conseguinte, nas palavras.

Ao completar o quadro comparativo, com letras e sílabas que compõem os nomes das capitais focalizadas, as(os) educandas(os) podem identificar que uma sílaba pode ser formada por uma, duas ou mais letras, e as letras podem eventualmente se repetir em sílabas diferentes de uma mesma palavra. Trata-se de uma forma de ampliar e aperfeiçoar o vocabulário das(os) educandas(os).

Após o preenchimento do quadro, é proposto que formem, com letras móveis, nomes de outras localidades que também se iniciam com a sílaba “MA”, sílaba inicial presente em nomes de duas capitais destacadas e os registrem, com o apoio do(a) educador(a).

Na sequência, é proposto um diálogo em torno de apelidos recebidos por alguns municípios do Brasil, e as(os) educandas(os) devem completar sílabas faltantes nos nomes dos municípios, tendo como dicas: o número

de letras, de sílabas ou de palavras que compõem os seus nomes. Durante a atividade, as(os) educandas(os) têm diversas oportunidades de perceber que as sílabas se integram no contexto de palavras, portadoras de sentido, presentes em textos orais e escritos.

Por fim, as(os) educandas(os) devem indicar se o município em que moram é conhecido por algum apelido e registrar, com o apoio do(a) educador(a), o referido cognome.

A Prática de leitura e escrita **Danças populares** apresenta como atividade disparadora a leitura visual de imagens de danças como ricas manifestações culturais de nosso país. A atividade é concebida a partir da ideia de que os corpos dançam histórias, e os ritmos de cada canto de nosso país expressam identidades, costumes e modos de vida de comunidades que procuram manter vivas as suas raízes.

BUMBA-MEU-BOI PARINTINS - PA



Clara Angeleas/MinC

MARACATU NAÇÃO RECIFE - PE



Tetrakys/CC BY-SA 3.0

PAU DE FITA GLAURA - MG



Domínio Público

A proposição de leitura visual das fotografias busca sensibilizar e estimular a memória cultural, valorizar as danças populares das diversas regiões brasileiras e propiciar a visão acerca da beleza das manifestações populares que compõem a diversidade cultural no território nacional. É preciso ter consciência e refletir junto às(aos) educandas(os) que tais manifestações culturais, muitas vezes, são marginalizadas e, nessa perspectiva, a proposta é desconstruir preconceitos que possam existir.

O(a) educador(a) deve criar um ambiente acolhedor de escuta e partilha durante o processo de leitura visual das imagens, chamando atenção para os detalhes das fotos como: vestimentas, instrumentos, gestos, expressões dos rostos, os contextos festivos. Podem ser feitas indagações às(aos) educandas(os): O que vocês conseguem observar na imagem? Alguém já participou de algo parecido? Qual dessas danças

mais chamou a sua atenção? O levantamento de questões contribui para um diálogo significativo.

Em continuidade, proponha a leitura em voz alta das legendas descritivas, com os nomes das danças e suas localidades. O(a) educador(a) deve realizar essa leitura, de forma pausada, a fim de permitir uma articulação entre a legenda e a imagem, o que estimulará a identificação visual com a escrita, um processo importante para a alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas.

As perguntas disparadoras convidam a realizar conexões entre a imagem e a história de vida das(os) educandas(os): Há alguma dança retratada com a qual você se identifica? Há danças populares vivas em sua comunidade? Quais? Que outras danças você conhece? Você ou alguém de sua família participa de grupos culturais?

Mais uma vez, o(a) educador(a) deve valorizar todas as respostas, por meio de relatos orais de memórias afetivas, ou conhecimentos que possuem sobre o tema. É importante o uso da lousa para registro que permite visualizar os saberes da turma e que constituirá um repertório de nomes de pessoas, festas e grupos locais. O incentivo às(aos) educandas(os) para ditarem os nomes a serem registrados pelo(a) educador(a) é importante para promover uma produção coletiva de escrita e a leitura compartilhada.

Como proposto por ocasião da atividade Manifestações Artesanais, recomenda-se que uma produção final possa sistematizar as informações acerca do tema, por meio da elaboração de um cartaz ou registro na lousa. O(a) educador(a) pode colocar no centro do cartaz ou da lousa “Danças populares da localidade...” [colocando aqui o nome da localidade ou do município]. O(a) educador(a) vai inserindo setas que partem do nome da localidade e registrando, a cada seta, o nome de danças citadas durante o diálogo

A Cultura digital **Conhecendo outras danças** visa propiciar uma ampliação do repertório cultural, com orientações para pesquisas sobre vídeos de danças populares do estado ou da região de seu interesse.

Há uma série de dicas sobre como realizar essa pesquisa a partir do uso do comando de voz. É importante o(a) educador(a) realizar a leitura do passo a passo com a turma para resolver as possíveis dúvidas que possam ocorrer. No caso de não haver celulares ou outros equipamentos suficientes, a pesquisa pode ser realizada de forma coletiva ou realizada previamente pelo educador(a) ou participantes, sendo os vídeos compartilhados no grupo de mensagens instantâneas da turma.

A Ciranda cultural **Eu sou Lia** presenteia as(os) educandas (os) com a letra da canção *Eu sou Lia* (Ciranda de Lia) que trata da relação de Lia de Itamaracá com o seu lugar, a ponto do nome da Ilha de Itamaracá se tornar o seu sobrenome artístico.



LIA DE ITAMARACÁ

Janine Moraes/MinC

No momento da pré-leitura, indague se já ouviram falar sobre a compositora. Na trilha, há algumas informações e outras podem ser acrescentadas pelo(a) educador(a). Lia, ainda criança, começou a participar das rodas de Ciranda, trabalhou muitos anos como merendeira em uma escola pública da ilha, sempre mantida a forte ligação com a ciranda e o seu lugar.

O momento da leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve ser feito com entonação, interpretando os versos da letra da música, a partir das questões disparadoras presentes na trilha.

Caso seja possível proporcionar a audição da canção, acompanhada pelos passos da ciranda, seria uma excelente experiência cultural para as(os) educandas(os). É relevante apresentar às(aos) educandas(os) que o nome da atividade, Ciranda cultural, se inspira na circularidade marcante e beleza das cirandas.

No **Para saber mais**, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a visitar um museu virtual, o “Museu da pessoa”, que coleciona histórias de vida inspiradoras, que revelam diversas origens e andanças.

Há também sugestões de vídeos sobre trabalhos artesanais presentes nas cinco regiões brasileiras, que narram como as diferentes expressões da arte se conectam ao pertencimento dos sujeitos aos territórios.

TRILHA 6: OS SABORES DO BRASIL

A Roda de memórias **Comidas afetivas** costuma proporcionar uma conversa alegre e animada, que promove a interação e a aproximação entre as pessoas. É importante o(a) educador(a) provocar as(os) educandas(os) a falarem sobre comidas que trazem boas lembranças, uma memória agradável permeada por sabores, aromas e, sobretudo, pessoas especiais, relacionadas a essas comidas afetivas. A conversa pode se expandir para que narrem em que situação costumam ou costumavam degustar tais pratos, quando os experimentaram pela primeira vez e quais deles gostam de preparar.



Byfreddygutierrez/Wikimedia Commons

As boas lembranças referentes a sabores culinários têm potencial para criar um clima acolhedor e motivador, contribuindo para que as(os) educandas(os) se sintam confortáveis e conectadas(os) com o processo de aprendizagem. Mencionar o nome e descrever o modo de preparar uma determinada receita, além de disparadores de memórias, pode desencadear diversas atividades significativas que envolvam a leitura e a escrita. A temática traz à tona um rico repertório a ser trabalhado no processo de alfabetização.

É importante que o(a) educador(a) acolha as narrativas apresentadas, pois pode acontecer que tais pratos sejam advindos tanto da própria localidade quanto de outros lugares e até de outros países.

A atividade Compartilhando **Educação indígena**, com sua vertente cultural e literária, envolve, dessa vez, a experiência de escutar, degustar e apreciar o fragmento de um poema, em que Márcia Kambeba fala da infância, de memórias afetivas relacionadas a costumes de seu povo, os quais abarcam o modo de se alimentarem, se divertirem, se vestirem e tecerem memórias.

A atividade de pré-leitura, ao instigar as(os) educandas(os) a realizarem antecipações sobre o conteúdo do poema a partir do seu título, possibilita que o(a) educador(a) acesse conhecimentos prévios da turma sobre como os povos originários educam as novas gerações. Antes das(os) educandas(os) terem acesso ao poema, o(a) educador(a) pode apresentar o título e propor que façam uma tempestade de ideias sobre o que estará presente nos versos escritos por Márcia Kambeba. O(a) educador(a) pode registrar em tópicos as ideias das(os) educandas(os) para que, depois da leitura, possam refletir de que modo as antecipações encontram-se articuladas ao que efetivamente o poema apresenta. Tais anotações têm o papel de valorizar as ideias da turma e, de modo algum, fazer comparações ou julgamentos. É fundamental indicar às(aos) educandas(os) que a atividade é apreciação literária e de desenvolvimento da oralidade e, desse modo, as anotações na lousa não serão registradas no caderno, pois outras atividades são voltadas para tal finalidade.

A leitura fluente do poema, feita em voz alta pelo(a) educador(a), visa criar um clima para que as(os) educandas(os) possam se transportar para o cenário apresentado. É desejável uma leitura sem interrupções. As dificuldades diante de palavras indígenas ou não indígenas podem ser resolvidas, após a leitura, por meio do diálogo, a fim de compreender o seu sentido no contexto do verso e do poema.

Após a leitura, podem ser propostas como questões disparadoras para a conversa: Quais sensações e recordações o poema desperta em você? Há algum alimento ou alguma comida presente no poema que provoca em você memórias afetivas?

As(os) educandas(os) podem ser convidadas(os) a destacar qual trecho do poema mais chamou a sua atenção. O(a) educador(a) pode retomar a leitura do(s) verso(s), buscando incentivá-las(os) a refletir sobre as semelhanças e diferenças entre a educação indígena e a educação na sua comunidade.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Culturas e costumes** focaliza uma raiz muito conhecida na culinária brasileira: aipi, aipim, castelinha, macaxeira, maniva ou mandioca. Aborda-se a diversidade linguística presente no país que se manifesta, no caso, nos diferentes nomes dados a um mesmo alimento em diversas regiões. As variações refletem aspectos relativos às raízes culturais de cada localidade, que influenciam e enriquecem a língua portuguesa falada no Brasil.

As(os) educandas(os) são convidadas(os) a compartilhar por qual(is) nome(s) a referida raiz é chamada em sua localidade e se conhecem outro(s) nome(s) que ela recebe. O desafio inicial é para que formem tais nomes com letras móveis. Na sequência, provoque que leiam em voz alta, com o apoio do(a) educador(a), uma lista de nomes atribuídos à raiz e indiquem se conhecem a região do país em que recebem tais nomes ou outros. A atividade tem potencial para que seja elaborado um quadro com os diferentes nomes atribuídos à referida raiz e as respectivas regiões em que recebe tais nomes.

Após a leitura, é proposto que insiram tais nomes, em um diagrama, utilizado como um recurso didático. As(os) educandas(os) são desafiadas(os) a observar atentamente a escrita das palavras, atentando para a quantidade de letras e a ordem em que aparecem, a fim de inserir os diferentes nomes no diagrama, respeitando os cruzamentos com a palavra “aipim”, disponibilizada na posição vertical.

Depois de finalizado o diagrama, as(os) educandas(os) podem visualizar o conjunto de nomes trabalhados. Na sequência, são desafiadas(os) a identificar a sílaba que se repete nos nomes em destaque e a formar novas palavras que apresentem tal sílaba.

Por fim, é proposta uma atividade lúdica, com finalidade didática, na qual as(os) educandas(os) escolherão quatro dos nomes trabalhados para compor uma cartela. O(a) educador(a) sorteará sílabas que compõem os referidos nomes. Como nas atividades anteriores, não será incentivada a competição. O sorteio será realizado até todas(os) as(os) educandas(os) terem completado suas cartelas e espera-se que a tarefa promova aprendizagem e interação entre as(os) educandas(os).

A Prática de leitura e escrita **Lista de compras** focaliza novamente o gênero lista, que faz parte dos cotidianos das pessoas, utilizado em diferentes contextos sociais e culturais. O trabalho com esse gênero textual na alfabetização de jovens e adultos aproxima as(os) educandas(os) de práticas sociais de leitura e escrita reais e usuais. O gênero descritivo-in-

formativo tem a finalidade comunicativa de lembrar, classificar, categorizar e registrar informações. A elaboração de listas traz contribuições para planejamento e organização de diversas situações. É relevante apresentar às(aos) educandas(os) que uma lista pode ser construída de diferentes formas: separada por linhas ou por vírgulas; numerada ou em ordem alfabética. No caso da lista de compras, a separação por linhas costuma ser a mais utilizada, por facilitar a visualização dos itens a serem adquiridos.

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| ☐ AIPI | ☐ CENOURA |
| ☐ AIPIM | ☐ INHAME |
| ☐ BATATA | ☐ MACAXEIRA |
| ☐ BATATA-DOCE | ☐ MANDIOCA |
| ☐ BATATA BAROA | ☐ MANDIOQUINHA |
| ☐ BETERRABA | ☐ MANI |
| ☐ CARÁ | ☐ MANIVA |
| ☐ CASTELINHA | ☐ NABO |
| ☐ CEBOLA | ☐ UAIPI |

Nesta atividade, serão focalizados nomes de alimentos que podem ser encontrados e/ou adquiridos em hortas, feiras, mercados e supermercados. É solicitada a construção de uma lista de alimentos que costumam consumir. A atividade tem o potencial para suscitar um diálogo interessante entre alimentos consumidos e comprados, pois, possivelmente, diversas(os) educandas(os) cultivam verduras e legumes em seus quintais, ou em hortas comunitárias.

A elaboração da lista apoia-se na utilização de letras móveis para a construção dos nomes dos alimentos. É importante que as(os) educandas(os) sejam incentivadas(os) a acompanhar o registro das palavras construídas, feito pelo(a) educador(a) na lousa, movimento seguido pela leitura em voz alta do registro, contando com o seu apoio, a fim de exercitar a leitura com entonação e aprimorar a compreensão do texto lido.

A atividade tem potencial para suscitar um diálogo muito interessante entre lista de alimentos de consumo e lista de compras, pois, possivelmente, diversas(os) educandas(os) cultivam verduras e legumes, em seus quintais ou em hortas comunitárias.

A Prática de leitura e escrita **Receita culinária** traz para o diálogo um gênero textual descritivo-informativo, com atenção à sua finalidade comunicativa, estrutura e a seu vocabulário. Do ponto de vista da sua estrutura, é importante apresentar às(aos) educandas(as) que a receita culinária possui um título, uma primeira parte descritiva e uma segunda informativa. Na parte descritiva, apresenta os ingredientes que serão utilizados no prato culinário e, na informativa, traz as etapas para o preparo do prato culinário, por meio de uma linguagem direta de mando, ordenando o modo de fazer.

No início da atividade, o(a) educador(a) pode fazer um trabalho a partir da leitura por antecipação, sem mostrar ainda a receita. Pode dar pistas, apresentando, por exemplo, o ingrediente principal, no caso, a batata, solicitando que as(os) educandas(os) façam uma predição sobre qual pode ser a receita. Nesse momento do diálogo, as(os) educandas(os) poderão apresentar as receitas que conhecem com o ingrediente citado, nas suas variedades.

A atividade evidencia nomes de diversos tipos de batata e pode estimular as(os) educandas(os) a conversarem sobre receita(s) de sua preferência com o ingrediente. Na sequência, são chamadas(os) a observar e analisar a estrutura da receita culinária apresentada – um doce de batata doce –, fazendo interpretações de suas partes e funções. Dessa forma, podem compreender o seu processo de aplicação e realização, em conformidade com as instruções contidas na receita.

É fundamental que o(a) educador realize a leitura em voz alta da receita com entonação e apoie as(os) educandas(os) a acompanhar a leitura, com possibilidade de tornar o ato de ler envolvente.

A Prática de leitura e escrita **Criação de receitas** tem como elemento motivador receitas que têm como ingrediente principal o milho.

Inicialmente, o(a) educador(a) é chamado a convidar as(os) educandas(os) a dialogar e a escrever nomes de pratos culinários com o referido ingrediente. Novamente, encontram-se presentes as variações linguísticas, com possibilidade de que as(os) educandas(os) indiquem canjica e mungunzá para nomear o primeiro prato apresentado; curau ou canjica para nomear o segundo. A terceira e quarta ilustrações apresentam dois pratos completamente diferentes que ganham um mesmo nome: cuscuz. Um conhecido como cuscuz paulista e o outro como cuscuz nordestino.

NO QUADRO A SEGUIR, VOCÊ ENCONTRARÁ ALGUNS PRATOS CULINÁRIOS FEITOS À BASE DE MILHO.

COMO SÃO CHAMADOS NA SUA LOCALIDADE?



A atividade propõe a reflexão de que as denominações e o feitiço mudam, a depender da cultura de cada lugar. Recomenda-se que o(a) educador(a) provoque o diálogo se há algum prato culinário da própria localidade que ganha nome diferente em outras regiões. São convidadas(os) também a registrar o nome do prato culinário feito a partir do milho que consideram ser o mais consumido em sua localidade.

Por fim, é focalizado o cuscuz, com a indagação se as(os) educandas(os) conhecem diferentes formas de prepará-lo. Após escutar as falas das(os) colegas, as(os) educandas(os) são desafiadas(os) a criar duas receitas para serem registradas na lousa pelo(a) educador(a). O desafio coletivo é refletir sobre a escrita das receitas e organizá-las, considerando a sua estrutura específica, o seu vocabulário e a presença de um título.

O título criado inicialmente para cada receita deve ser revisado ao final da produção, após a reflexão coletiva, se ficou adequado à receita registrada. Quanto à lista de ingredientes, em uma primeira versão, deve ser registrada na ordem em que for ditada pelas(os) educandas(os), o nome de um ingrediente abaixo do outro, antecedido pela quantidade necessária para o preparo da receita. Quanto à descrição do modo de fazer, o texto deve ser escrito pelo(a) educador(a), primeiramente, do modo como for ditado pelas(os) educandas(os). Na versão final, é relevante revisar se os comandos estão anunciados de forma direta e objetiva, sem lacunas, abarcando sequencialmente todas as etapas a serem percorridas.

Por fim, as(os) educandas(os) devem escolher uma das receitas para ser registrada.

Como desdobramento da atividade, o(a) educador(a) pode estimulá-los a criarem suas próprias receitas de cuscuz, incorporando ingredientes inovadores ao prato culinário. Caso seja possível organizar uma sessão de experimentação de sabores, será uma atividade prazerosa, com potencial para provocar um maior engajamento coletivo.

A Prática de leitura e escrita **Pratos culinários típicos** propõe a leitura visual de um painel de imagens de pratos culinários característicos de diversas regiões brasileiras, indagando se as(os) educandas(os) os conhecem e quais deles já experimentaram.

**GALINHA À
CABIDEIA**



Rhphotoandillustration/FreePik

TACACÁ



Domínio Público

FEIJÃO TROPEIRO



Domínio Público

As educandas(os) são convidadas(os) à reflexão sobre as riquezas culinárias presentes no nosso país e que os pratos típicos, criados em uma localidade, são mais do que alimentos, pois carregam, nos seus ingredientes e no modo de preparo, a identidade cultural, histórica e geográfica daquele lugar. Desse modo, ao serem realizados em outra localidade, são recriados com as marcas identitárias desse novo lugar. Nessa perspectiva, ultrapassaram fronteiras e são criados com novos sabores.

É proposta uma série de atividades linguísticas: leitura visual do painel apresentado; leitura, em duplas, de cinco palavras relacionadas às imagens presentes no painel; acompanhamento da leitura feita em voz alta pelo(a) educador(a), articulando os nomes dos pratos culinários às imagens. É solicitado que dialoguem e registrem, com o apoio do(a) educador(a): se e quais pratos culinários presentes no painel conhecem e se já experimentaram alguns deles.

No painel foram registrados, abaixo das imagens, os nomes dos pratos culinários para facilitar a sua identificação. Como em atividades anteriores, sugere-se a possibilidade de elaborar legendas para as imagens constantes no painel, texto curto voltado a apresentar características do prato culinário em foco.

Na sequência, é proposta uma conversa sobre outros pratos culinários típicos, os quais as(os) educandas(os) conheçam e que não estejam representados no painel e formem, com letras móveis, o(s) nome(s) do(s) referido(s) prato(s). O convite é para as(os) educandas(os) compartilharem com os(as) colegas o(s) nome(s) construídos com as letras móveis e que acompanhem o registro feito pelo(a) educador(a) na lousa da lista de nomes dos pratos culinários brasileiros destacados pela turma. São desafiados(as) a refletir, com o apoio do(a) educador(a), sobre a escrita desses nomes e a registrar a versão final da referida lista. As(os) educandas(os) devem ser provocadas(os) a dialogar e a registrar, com o apoio do educador(a), se gostam e, em caso afirmativo, quais as suas preferências diante de pratos culinários típicos da sua localidade, do seu município ou da sua região.

As palavras formadas por letras móveis, frases ou textos, ao serem ditados pelos(as) educandas(os) para o(a) educador(a) subvertem o comando das atividades de alfabetização que, comumente, ficam nas mãos do(a) educador(a).

Ao registrar na lousa, as palavras ou frases ditadas pelas(os) educandas(os), valorize sua autoria. Desse modo, são criadas situações significativas para a reflexão sobre a escrita, sendo sempre importante registrar, inicialmente, as palavras do modo como são ditadas pelas(os) educandas(os) para que, na sequência, possam ser objeto de diálogo e reflexão.

A Prática de leitura e escrita **Receita preferida** é centrada na escolha de uma receita que as(os) educandas(os) gostem de preparar. É importante o(a) educador(a) provocar um diálogo entre as(os) educandas(os) a fim de escolher uma delas que seja apreciada por todas(os) da turma para ser registrada.

Como já exposto anteriormente, é importante que o registro produzido esteja em consonância com as características do gênero textual – estrutura, vocabulário e finalidade comunicativa. Do ponto de vista da estrutura, é importante a escolha de um título para a receita. O título pode ser criado inicialmente e revisado ao final da produção coletiva, a fim de verificar se, após a finalização da produção da receita, todas(os) estão satisfeitas(os) com o título escolhido.

Quanto à lista de ingredientes, em uma primeira versão, deve ser registrada na ordem em que for ditada pelas(os) educandas(os), o nome de um ingrediente abaixo do outro, antecedido pela quantidade necessária para o preparo da receita. Na versão final, a lista de ingredientes pode ser organizada, em ordem decrescente, ou seja, colocando no topo da lista os ingredientes que são utilizados em maior quantidade e, ao final, temperos, aromatizantes e ingredientes utilizados em menor quantidade, como é comumente realizado no registro de receitas.

Quanto à descrição do modo de fazer, como nas atividades anteriores, o texto deve ser registrado pelo(a) educador(a), inicialmente, do modo como for ditado pelas(os) educandas(os). Na versão final, é relevante revisá-lo, quanto ao vocabulário e à estrutura. Vale ressaltar que é opcional indicar o rendimento da receita – quantas porções são preparadas com o quantitativo de ingredientes indicado – e também é opcional indicar o tempo de preparo.

A Cultura digital **Vídeos de receitas** apresenta dicas para pesquisa de vídeos longos e curtos que tragam informações culinárias. Os vídeos longos são a melhor opção para orientações mais detalhadas. Os vídeos curtos são ideais quando se deseja apenas tirar uma dúvida, ou conferir se há alguma dica adicional sobre a lista de ingredientes ou modo de fazer.

Em termos de formação para uma Cultura digital, há também dicas sobre a questão das propagandas, por vezes, indesejáveis quando se está assistindo a um vídeo. É relevante apresentar às(aos) educandas(os) que, de algum modo, os *sites* são patrocinados e visam à obtenção de lucros. Dessa forma, as receitas acessadas, gratuitamente, são mantidas nos *sites* e plataformas por empresas que pagam para poder oferecer suas propagandas aos usuários.

É relevante indicar às(aos) educandas(os) como “pular” propagandas, caso não desejem vê-las. Outra dica importante é que na página das receitas, por vezes, há *links* que aparecem na tela e conduzem para outros *sites*, desviando o usuário do objetivo da pesquisa. A presente atividade proporciona também orientações sobre como utilizar a barra de navegação posicionada na parte inferior da tela do celular para retornar à página inicial. Tal dica é importante pois é comum que, ao navegar pela internet, os *links* direcionem para outros *sites* indesejados. Desse modo, é importante saber utilizar os ícones que ficam na parte inferior da tela do celular e conseguir voltar para a página anterior, ou seja, o *site* desejado.

A Ciranda cultural **No tabuleiro da baiana** apresenta a letra de uma canção, composta por Ary Barroso, em 1936, que fez sucesso, dentre outras(os) cantoras(es), na voz de Carmem Miranda.

No momento da pré-leitura, o(a) educador(a) pode indagar se as(os) educandas(os) já ouviram a canção *No tabuleiro da baiana*. É provável que as pessoas adultas de meia idade e idosas conheçam a canção. É relevante provocar o compartilhamentosignificativo e intergeracional de saberes e curiosidades.

A leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve ser realizada com entonação e interpretação, sendo que a audição atenta da canção tem potencial para promover um engajamento maior na atividade, caso seja possível fazê-lo.

A letra homenageia as baianas, que mantêm vivo, dentre outros sabores, o acarajé, tradição culinária da Mãe África. Como apresentado na trilha, no Brasil existe uma explosão de sabores de norte a sul – frutas, legumes, hortaliças, temperos – que se unem em pratos típicos saborosos. Ao focalizar comidas típicas da Bahia, a atividade intenciona provocar a reflexão: “O que tem no seu tabuleiro?” – ou seja, o propósito é fomentar o diálogo sobre os gostos e costumes das(os) educandas(os) quanto à alimentação. A figura do tabuleiro é tomada em sentido figurado, com o convite para que as(os) educandas(os) indiquem, após todo o percurso reflexivo realizado na trilha, o que não deixaria de fora do seu tabuleiro, ou seja, o conjunto de pratos culinários que mais refletem suas preferências.

No **Para saber mais**, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a acessar uma reportagem que coloca a macaxeira, o aipim, a mandioca, como herança dos povos originários, que se encontra muito presente na culinária brasileira.

Traz também a sugestão de visita a um *blog* com cem comidas típicas do Brasil e de conhecer o livro de *Receitas de família*, organizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em parceria com órgãos governamentais e comunidades do território do Distrito Federal.

Por fim, há a indicação para assistir a um documentário intitulado *Memórias à mesa: culinária afetiva em Delfim Moreira – MG*, que trata da relação entre as pessoas, o seu lugar, suas receitas e suas histórias, que deseja inspirar as(os) educandas(os) a refletir sobre alimentos que marcam a própria identidade e trajetória.



UNIDADE TEMÁTICA III: SOMOS DIFERENTES: SUJEITOS DE DIREITOS

Valoriza os diferentes falares do povo brasileiro, denuncia preconceitos e discriminação em diversos âmbitos, convida a superar a negação dos direitos por meio da tomada de atitudes.

Trilha 7: Nossos falares, nosso jeito de ser

Trilha 8: Preconceito e discriminação em cena

Trilha 9: Conhecer direitos e tomar atitudes

TRILHA 7: NOSSOS FALARES, NOSSO JEITO DE SER

A atividade **Para começo de conversa** traz fotografias que apresentam diferentes sujeitos em cenas que remetem à afirmação do direito a diversidade, diferença, equidade e inclusão. O(a) educador(a) deve provocar o diálogo sobre os conhecimentos prévios das(os) educandas(os) sobre a temática da unidade; observar se manifestaram identificação com alguma(s) das fotografias, se têm contato com grupos representados nas imagens e se refletiram sobre situações observadas em sua localidade.

É importante que o(a) educador(a) provoque reflexões sobre a diversidade que constitui a sociedade brasileira, o pertencimento das(os) educandas(os) a algum grupo representado ou não nas imagens.

Indica-se que o(a) educador(a) faça um registro na lousa, durante a conversa, que permita uma sistematização dos pontos principais destacados a partir da leitura visual das fotografias, convocando as(os) educandas(os) para uma leitura em voz alta do referido registro.

A Roda de memórias **Palavras indígenas e africanas** propõe que as(os) educandas(os) dialoguem sobre contribuições das línguas dos povos originários e africanos para a Língua Portuguesa falada no Brasil e, nessa perspectiva, para a identidade, a história e a cultura brasileiras.



TATU

Guillaume Delaitre/Wikimedia Commons.



GUARANÁ

AnitaFortis/Wikimedia Commons.

As questões disparadoras iniciais indagam se as(os) educandas(os) sabiam que as palavras “tatu” e “guaraná” são de origem indígena. As(os) educandas(os) devem ser convidadas(os) a identificar outras palavras, expressões, nomes de pessoas, municípios, festas populares que tenham raízes africanas ou indígenas. Ainda que as(os) educandas(os) possam não ter certeza da origem das palavras, é muito importante evocar memórias e incentivá-las(os) a construir hipóteses.

É relevante o(a) educador(a) apresentar que, nos diversos estados brasileiros, existem muitas localidades cujos nomes têm origem em línguas dos povos originários. Desse modo, é pertinente indagar se reconhecem o nome de alguma localidade que possa ter origem nas referidas línguas, informação que poderá ser checada ao longo da trilha.

Cabe ao(à) educador(a) exercer uma escuta atenta, estimulando as(os) educandas(os) a compartilharem e a ampliarem seus saberes a respeito da diversidade linguística que existe na Língua Portuguesa falada em nosso país. A atividade tem potencial para ser ampliada e promover o reconhecimento das heranças deixadas pelos povos originários e africanos em nossos falares cotidianos e em nossa brasilidade.

A Cultura digital **Museu na palma da mão** desafia a aprender a pesquisar vídeos, disponíveis no Canal Oficial que o Museu da Língua Portuguesa mantém em uma plataforma de vídeos. Trata-se de conhecer “objetos digitais de aprendizagem”, produzidos pelo referido museu, que trazem conhecimentos sobre influências dos povos originários e africanos para a Língua Portuguesa falada no Brasil.

É fundamental que o(a) educador(a) instigue as(os) educandas(os) a compartilharem se já visitaram museus presencialmente ou virtualmente e quais foram as suas experiências. O(a) educador(a) deve contextualizar que, embora o Museu da Língua Portuguesa seja um espaço físico situado na cidade de São Paulo, o contato com o seu acervo foi ampliado por meio das redes sociais digitais. Tal experiência pode ser realizada em outros acervos digitais de museus em qualquer parte do mundo.

Encontram-se disponíveis na trilha orientações para que as(os) educandas(os) possam utilizar o celular para localizar os vídeos indicados. Os referidos vídeos podem ser assistidos, dando pausas para escuta atenta e diálogo, a fim de realizarem destaques, oralmente, dos trechos que contêm contribuições das línguas indígenas e africanas para o vocabulário da Língua Portuguesa. O(a) educador(a) também pode chamar a atenção para os diferentes falares de nossa língua, destacando os sotaques que aparecem e o quanto a nossa língua é bela, com a musicalidade presente em nossos falares.

É pertinente que o(a) educador(a) possa adentrar e explorar, junto às(aos) educandas(os), todo o *site* oficial do museu, que contém imagens e informações de parte de suas exposições, as quais transportam os visitantes a histórias da Língua Portuguesa no Brasil, nem sempre conhecidas. Nessa

perspectiva, o celular pode se configurar como um instrumento de acesso ao conhecimento, outros usos que ele pode ter no dia a dia.

A Prática de leitura e escrita **Nuvem de palavras indígenas** proporciona o contato com um conjunto de palavras que advêm do vocabulário dos povos originários, valorizando a identidade multicultural presente na sociedade brasileira. Trabalhar com as palavras advindas das línguas indígenas é um reconhecimento da contribuição desses povos para a Língua Portuguesa falada no Brasil. Fazer esse exercício é uma forma de preservar as nossas raízes, enriquecer o vocabulário das(os) educandas(os) e promover respeito à diversidade linguística.



NUVEM DE PALAVRAS INDÍGENAS

Lucas Vale

As(os) educandas(os) são provocadas(os) a realizar uma leitura visual da nuvem, de forma coletiva, articulando as palavras constantes aos conhecimentos prévios a partir dos seus cotidianos. O compartilhamento de palavras familiares às(aos) educandas(as) deve suscitar o diálogo sobre seus usos em diferentes situações. É importante a escuta ativa e sensível na busca da valorização dos diferentes saberes.

O(a) educador(a) deve incentivar cada educanda(o) a escolher cinco palavras que dão nomes a animais e cinco que nomeiam plantas, encon-

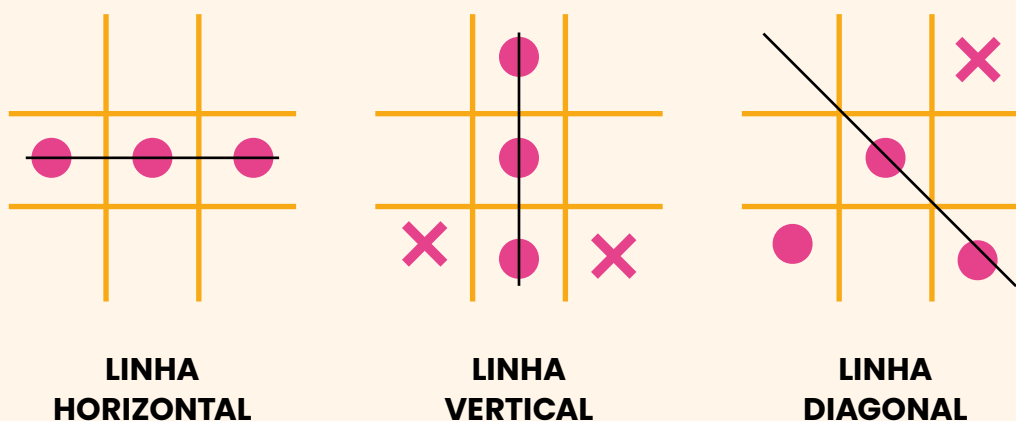
tradas na nuvem de palavras, as quais devem ser registradas, com o seu apoio, no quadro presente na trilha. É importante observar quais são as táticas que as(os) educandas(os) mobilizam para realizar a leitura, pois, a partir daí, é possível fazer intervenções e questionamentos para a reflexão da escrita das palavras.

Na sequência, o(a) educador(a) é chamado(a) a promover um sorteio de palavras dentre aquelas presentes na nuvem, a fim de que as(os) educandas(os) reconheçam se, no quadro organizado por cada um(a), constam as sorteadas pelo(a) educador(a). As palavras sorteadas devem ser registradas pelo(a) educador(a) na lousa que, ao fazê-lo, convida as(os) educandas(os) a participarem ativamente da construção desse registro.

Instigue a leitura em voz alta feita pelas(os) educandas(os) da lista de palavras sorteadas e registradas, sempre contando com o apoio constante do(a) educador(a); reflexão sobre a escrita dessas palavras, comparando as que iniciam e terminam com a mesma letra, a quantidade de sílabas, entre outros aspectos e, por fim, o registro da versão final da lista de palavras sorteadas.

Como ampliação, o(a) educador(a) pode inovar com a elaboração de outras práticas – focalizando nomes de localidades, instrumentos ou alimentos, dentre outras possibilidades – que envolvam a leitura e a escrita das palavras de origem indígena presentes na nuvem.

Na atividade Conversando sobre a língua escrita **Palavras indígenas em foco**, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a participar de um jogo da velha, voltado a fins educacionais. É realizada uma breve reconstrução da sua história e a apresentação das regras criadas.



O objetivo é que as(os) educandas(os) interajam, leiam as palavras presentes no tabuleiro e as articulem com imagens correspondentes, refletindo sobre a escrita dessas palavras, procurando pronunciar esses nomes presentes no português falado no Brasil, advindos de línguas dos povos originários.

O(a) educador(a) distribuirá dez peças com imagens de alimentos e animais, cujos nomes são de origem indígena. Cada dupla, na sua vez de jogar, deverá fazer a leitura de uma das palavras presentes no tabuleiro, colocando sobre a palavra a imagem correspondente, a fim de buscar completar uma linha na direção horizontal, vertical ou diagonal.

É proposta uma conversa, seguida pelo registro da quantidade de letras e sílabas das palavras presentes em um quadro, com a solicitação de que identifiquem a palavra que possui mais letras e aquela que possui menos letras.

Na sequência, são propostos dois outros quadros, diante dos quais é demandado que as(os) educandas(os) identifiquem sílabas que se repetem em cada quadro e indiquem, oralmente, se estão posicionadas no início, no meio ou no fim das palavras. Solicite também que escrevam, com apoio do(a) educador(a), palavras iniciadas com as sílabas repetidas no quadro 1 e 2.

Por fim, são apresentadas as palavras PIPOCA, CAPIVARA, JABUTICABA e PITANGA, com a solicitação de que retirem sílabas ou letras e busquem formar novas palavras.

A Prática de leitura e escrita **Nuvem de palavras africanas** traz a proposta de um encontro com palavras que fazem parte do nosso dia a dia e testemunham raízes advindas da Mãe África.

As(os) educandas(os) são provocadas(os) a realizar uma leitura visual da nuvem de palavras com origem em línguas africanas, seguida pela sua leitura em voz alta, com o apoio do(a) educador(a). Essas palavras remetem a diversos campos que nomeiam: alimentos, comportamentos, costumes, localidades, instrumentos musicais, entre outros. Instigue as(os) educandas(os) a contarem o que sabem sobre o significado dessas palavras, associando-as a vivências familiares, culturais e comunitárias. É importante orientar as(os) educandas(os) que essas palavras possuem marcas históricas, identitárias e afetivas dos povos africanos, as quais contribuíram e contribuem para a formação da Língua Portuguesa falada no Brasil.

Na sequência, o(a) educador(a) deve solicitar às(os) educandas(as) que escolham cinco palavras africanas presentes nos seus falares cotidianos, e as construam com letras móveis. Em seguida, deve propor um diálogo com a turma sobre as situações em que utilizam essas palavras destacadas.

O(a) educador(a) deve escrever na lousa as palavras destacadas pela turma, convidando as(os) educandas(os) a realizarem uma leitura compartilhada. O acompanhamento da escrita da lista das palavras na lousa pelo(a) educador(a) é importante, pois, como mencionado em outras situações, esse movimento de ler as palavras em voz alta, com o seu apoio, refletir sobre a sua escrita e registrar a versão final da lista de palavras destacadas pela turma constitui-se um momento de ação-reflexão-ação, que pode ser muito produtivo e rico no processo de apropriação da escrita. É importante estimulá-las(os) a compartilhar outras palavras que supõem ter origem africana para checarem posteriormente suas origens.

Como ampliação, o(a) educador(a) pode propor a elaboração de um glossário de palavras com origem africana no caderno, organizado por ordem alfabética. Nele estarão presentes as palavras escolhidas pela turma, com a possibilidade de inserção de desenhos e imagens, que apoiem a sua leitura visual.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Palavras africanas em foco** retoma a atividade realizada anteriormente sendo que, dessa vez, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a interagir, ler e articular imagens a palavras que têm origem em línguas dos povos africanos.



NUVEM DE PALAVRAS AFRICANAS

Lucas Vale

É proposta uma conversa significativa sobre palavras que apresentam sílabas em comum e sílabas semelhantes. É solicitado que as(os) educandas(os) escolham duas sílabas iniciais de palavras do tabuleiro e criem mais palavras.

Por fim, são apresentados instrumentos musicais, ATABAQUE, BERIMBAU, CUÍCA e ZABUMBA, cujos nomes têm origem em línguas africanas, com a solicitação de que as(os) educandas(os) escrevam, em cada quadro, as sílabas que faltam para completar os nomes dos instrumentos.

A atividade Compartilhando **Da calma e do silêncio** traz para apreciação um poema da escritora Conceição Evaristo.

As(os) educandas(os) são instigadas(os) a pensar o que um poema com o título “Da calma e do silêncio” pode abordar. Como se trata do primeiro contato com a autora, é importante que o(a) educador(a) leia as informações disponibilizadas sobre sua trajetória, as quais podem ser complementadas pela busca de outros dados relevantes. É importante destacar que as atividades anteriores à leitura têm o papel de mobilizar e ampliar o repertório das(os) educandas(os) como leitores (as), no caso, no tocante ao conhecimento acerca de autoras(es), suas obras e temáticas.

Na sequência, as(os) educandas(os) são requisitadas(os) a escutar a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) do poema e a viajarem, no seu imaginário, com Conceição Evaristo. Trata-se de um diálogo com a autora, considerando que a leitura é uma atividade de interação e de produção de sentidos.

Para promover o diálogo em torno do poema, pergunte às(aos) educandas(os): Que imagens o poema desperta em nós? Conceição Evaristo afirma não querer ser apressada ao “morder”, “mascar” e “rasgar” palavras. E vocês? Já passaram por essa experiência? Há palavras que ferem? Palavras que acolhem? Que palavras vocês gostariam de descartar dos falares por serem ofensivas, excludentes e preconceituosas? E quais palavras deveriam ser guardadas, valorizadas e espalhadas? A turma pode ainda refletir sobre o poder das palavras no cotidiano, nas mídias, nos espaços educativos ou de convivência.

A Ciranda cultural **Chegança** instiga reflexões em torno da letra da canção, de Antônio Nóbrega e Wilson Freire, lançada em 1997.

Na etapa de pré-leitura, o(a) educador(a) é convidado(a) a criar um clima de curiosidade e interesse pela letra de música que será abordada, a partir da indagação sobre o que o título da letra da música sugere. É

pertinente um diálogo sobre seus compositores e, caso possível, conhecer informações sobre o contexto de produção da letra de música. Proponha como questão disparadora: O que será que os compositores trazem nos versos de uma canção intitulada “Chegança”?

Em seguida, o(a) educador(a) deve fazer a leitura em voz alta do fragmento da letra da música presente na trilha, com a entonação requerida.

Após a leitura, o(a) educador(a), se possível, poderá colocar a música para apreciarem sua expressiva melodia. É importante solicitar às(aos) educandas(os) que compartilhem suas impressões sobre a música e reflitam sobre quais imagens lhes vêm à mente ao escutar a letra e a canção. Por fim, questione as(os) educandas(os) que sentimentos e pensamentos a canção despertou. O intuito é apreciar sua poética que trata da diversidade, resistência e pertencimento dos povos originários, na busca por defender suas identidades e culturas.

O **Para saber mais** apresenta *links* de vídeos produzidos pelo Museu da Língua Portuguesa: “Uma terra de muitas vozes”, “Uma terra de muitas vozes–atividade” e “Feijoada de Palavras”, que tratam de contribuições dos povos indígenas e africanos para a Língua Portuguesa no Brasil, indicando caminhos marcados por tensões e movimentos de resistência desses povos.

Traz também vídeo de projeto sobre a defesa de direitos linguísticos de estudantes da EJA, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Altino Arantes, localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo (SP), que alcançou excelentes resultados.

Apresenta também vídeo sobre palavras de origem indígena, protagonizado por Aliria Wiuira, doutoranda do Programa de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Por fim, indica reportagem, publicada no *site* oficial do Geledés, Organização da Sociedade Civil dedicada à Defesa de Mulheres e Negros, que possibilita conhecer palavras com origem nas línguas africanas que fazem parte da nossa cultura.

TRILHA 8: PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO EM CENA

A Roda de memórias **Preconceito e Discriminação** suscita que as(os) educandas(os) compartilhem notícias sobre situações que evidenciam preconceito e discriminação, percebidas em meio a conversas com familiares, vizinhos, crescendo conhecidas(os) e amigas(os). A atividade provoca também a reflexão sobre a presença da temática em programas de rádio, televisão, redes sociais e/ou plataformas digitais.

É importante acolher as situações relatadas e, a partir delas, provocar as(os) educandas(os) a refletirem sobre a diferença entre preconceito e discriminação, de modo que percebam que preconceito é prejulgamento, sem base reflexiva ou crítica, que leva a atitudes de discriminação em relação a outras pessoas ou a grupos, provocando restrição de direitos e exclusão social de uma pessoa ou de grupos. O preconceito encontra-se presente nos sentimentos e pensamentos de uma pessoa e a discriminação se expressa por meio de atitudes.

É relevante que o(a) educador(a) tenha essas reflexões em mente para dialogar com as falas das(os) educandas(os). É fundamental problematizar posicionamentos e mediar a construção de novas aprendizagens sobre o tema. Na continuidade do diálogo, é importante o(a) educador(a) indagar se nas situações narradas anteriormente estavam presentes tanto o preconceito quanto a discriminação, ou ambos?

As questões finais provocam a reflexão sobre as razões pelas quais as pessoas agem de forma preconceituosa ou discriminatória, incluindo pessoas do seu círculo de convivência ou até mesmo os participantes na reflexão: “Por que agimos assim?”. Trata-se de um questionamento que cabe a cada pessoa, sendo fundamental refletir que preconceito e discriminação têm raízes históricas, sociais e culturais. É importante instigar a reflexão sobre as próprias atitudes, dialogar se sentem dificuldade de compreender, aceitar e acolher a forma de ser diferente de pessoas pertencentes a um determinado grupo e, no caso, como procuram agir diante dessa dificuldade, o que poderia ser feito para superá-la.

Os preconceitos são aprendidos nos diversos contextos em que uma pessoa circula: família, escola, comunidade, entre outros espaços sociais. Da mesma forma, a reflexão e o combate aos preconceitos podem ser

aprendidos também. Trata-se de um tema necessário na sociedade contemporânea, marcada por polarização, intolerância e violência.

A Prática de leitura e escrita **Diversidade**, em continuidade à atividade anterior, convida à leitura visual de uma imagem, na qual se encontram representações de diversas pessoas que sofrem preconceito e discriminação na sociedade.



A leitura visual proposta tem a intenção de aguçar o olhar das(os) educandas(os) para observar e interpretar detalhes que indicam quais grupos estão representados na imagem. As falas das(os) educandas(os) devem ser acolhidas e o(a) educador(a) realiza a mediação para identificarem os diferentes grupos.

Se necessário, ofereça pistas, sempre buscando acionar, ao máximo, a observação e a reflexão da turma. Se possível, o(a) educador(a) deve articular com as situações de discriminação relatadas anteriormente. É importante perguntar se sentem falta de outros grupos e quais seriam, convidando as(os) educandas(os) a extrapolar o que está representado na imagem.

Como produção final da atividade, é solicitado aos(às) educandas(os) que ditem ao(à) educador(a) uma lista de nomes de grupos que estão representados na imagem analisada e de outros mencionados pela turma. É fundamental que as(os) educandas(os) acompanhem o registro

feito pelo(a) educador(a), realizem a leitura em voz alta com o seu apoio, reflitam sobre a escrita do texto e registrem a versão final da lista.

A Prática de leitura e escrita **Etarismo** inaugura o trabalho linguístico com dois gêneros jornalísticos, charge e notícia, muito propícios para que as(os) educandas(os) possam compreender o que vem a ser essa forma de preconceito e discriminação, também conhecida como idadeísmo.

As charges articulam elementos visuais e verbais, por meio de desenhos ou caricaturas de personagens, com criatividade, humor e ironia, a fim de provocar reflexões sobre temas políticos, sociais e culturais. Possibilitam adentrar outros universos, conhecer outros discursos, acessar novas maneiras de encarar uma questão.

A charge, como recurso didático, fomenta o pensamento crítico e reflexivo das(os) educandas(os) sobre o etarismo. Nesse caso, apresenta balões de fala, escritos com letras maiúsculas, o que é propício nesta etapa inicial da alfabetização.

São propostas questões problematizadoras, culminando com a solicitação para que as(os) educandas(os) reflitam sobre qual atitude tomariam se estivessem na cena retratada.

A atividade dá margem para uma dramatização da situação, que poderia ser ampliada para além da cena apresentada, por meio da criação coletiva da turma. No tocante ao trabalho com a oralidade, a dramatização novamente pode ser utilizada um recurso didático, que estimula a participação, o convívio social; desenvolve a linguagem oral e corporal, trazendo à tona os saberes prévios das(os) educandas(os) articulados ao conhecimento construído durante a atividade. As(os) educandas(os) são convidadas(os) a expressar as atitudes que tomariam se estivessem na cena.

Na sequência, devem ser convidadas(os) a acompanhar o registro pelo(a) educador(a) de tais atitudes na lousa. Estimule a reflexão sobre a escrita e o registro da versão final. As letras móveis podem ser acionadas diante de conflitos sobre a forma de escrever palavras, na medida que se fizer necessário.

Em continuidade, há a proposta de reflexão sobre fragmentos de uma notícia intitulada “Etarismo afeta a saúde e pode causar depressão”, assinada por Gabriel Brum, repórter da Rádio Nacional, veiculada pela Agência Brasil, em 15/03/2023, voltada a informar a população sobre acontecimentos relevantes e verídicos relacionados ao tema.

O(a) educador(a) deve propor, inicialmente, a leitura da manchete e instigar as(os) educandas(os) a expressar o que consideram que seja tratado a partir da manchete, por meio dos seus conhecimentos prévios sobre o tema, a fim de mobilizá-las(os) para escutar atentamente a leitura em voz alta dos fragmentos da referida notícia.

A partir do contato com a charge e com os fragmentos da notícia, as(os) educandas(os) vão tecendo as suas reflexões, que serão registradas pelo(a) educador(a) na lousa.

Na sequência, é proposta uma sistematização das reflexões da turma sobre o etarismo. Enfatiza-se que essa sistematização das reflexões deve ser um texto voltado a organizar, estruturar e dar coerência a informações ou conhecimentos, constituindo-se em uma unidade de sentido, com atenção às articulações linguísticas.

A Prática de leitura e escrita **Racismo** focaliza a ideologia que promove a crença na superioridade de uma raça ou etnia sobre outra, resultando em preconceitos, discriminação e violência. Instiga as(os) educandas(os) a realizarem reflexões, a partir do trabalho sequenciado com uma charge e uma reportagem.



As(os) educandas(os) são instigadas(os) a realizar a leitura visual da charge e compartilhar suas reflexões a respeito da situação de racismo retratada. Há presença de um balão com a fala de uma personagem, grafada com letra maiúscula, o que favorece a compreensão do texto verbal pelas(os) alfabetizandas(os).

Diferentemente, da primeira charge relativa ao etarismo, que apresentava a crítica àquele preconceito com humor e ironia, dessa vez, a charge apresenta elementos visuais e verbais que desvelam de forma direta a “cruza” da discriminação racial.

A charge é sucedida por questões problematizadoras, culminando com a solicitação de que as(os) educandas(os) reflitam sobre qual atitude tomariam se estivessem na cena apresentada.

Na sequência, são desafiadas(os) a construir, em dupla, com apoio do(a) educador(a), uma mensagem de indignação sobre a situação de racismo apresentada. Cada dupla deve compartilhar oralmente ou por escrito a sua proposta para que o(a) educador(a) faça o registro das mensagens de todas as duplas na lousa.

Trata-se de uma produção textual coletiva, e as possíveis lacunas e marcas de oralidade serão revisadas, contando com a colaboração de toda a turma. Cabe ao(à) educador(a) orientar as reflexões sobre o conteúdo e o formato do texto, a partir da definição do público-alvo e espaço de circulação, que for definido para a mensagem.

Concluído o processo, as(os) educandas(os) devem registrar individualmente a versão final da mensagem de indignação contra o racismo. Em continuidade, organize a divulgação da mensagem que pode ser realizada por meio de um mural no espaço da sala, por postagens em redes sociais, ou outros espaços presenciais ou virtuais escolhidos pela turma.

Na segunda parte da atividade, é realizado o trabalho com trecho de uma reportagem do Portal G o(a) educador(a) deve questionar qual(is) expectativa(s) das(os) educandas(os) a partir da manchete anunciada. Em seguida, será realizada a leitura da reportagem em voz alta feita pelo(a) educador(a), que apresenta mais dados sobre a problemática. Provoque a reflexão da turma: o que esse trecho da reportagem faz você pensar? Como essa questão é vivida em sua localidade ou município?

As(os) educandas(os) devem acompanhar a leitura do registro feito pelo(a) educador(a) dos depoimentos da turma, refletir sobre a escrita, realizar a leitura em voz alta do registro, com o apoio do(a) educador(a), e registrar a versão final dos depoimentos da turma sobre o racismo na sua localidade ou no seu município. Na segunda parte da atividade, é realizado o trabalho com trecho de uma reportagem do Portal Geledés intitulada “Racismo é principal fator de violência contra jovens negros”. Vale ressaltar que uma reportagem é um texto jornalístico que tem a função social de ser formador de opinião.

Inicialmente, o(a) educador(a) deve questionar qual(is) expectativa(s) das(os) educandas(os) a partir da manchete anunciada. Em seguida, será realizada a leitura da reportagem em voz alta feita pelo(a) educador(a), que apresenta mais dados sobre a problemática. Provoque a reflexão da turma: o que esse trecho da reportagem faz você pensar? Como essa questão é vivida em sua localidade ou município?

As(os) educandas(os) devem acompanhar a leitura do registro feito pelo(a) educador(a) dos depoimentos da turma, refletir sobre a escrita, realizar a leitura em voz alta do registro, com o apoio do(a) educador(a), e registrar a versão final dos depoimentos da turma sobre o racismo na sua localidade ou no seu município.

A Prática de leitura e escrita **Igualdade** apresenta as(os) educandas(os) com uma nova charge, que retrata com humor, crítica e leveza um diálogo intergeracional entre um jovem negro e o seu avô, em que se fazem presentes diferentes sentidos da palavra “luta”. No diálogo, o jovem menciona diversos tipos de lutas corporais e pergunta sobre a luta que seu avô considera mais importante. O ancião, com postura acolhedora, a partir da sua sabedoria, maturidade e experiência de vida, responde ao jovem que a “luta” mais importante é pela igualdade.

Novamente, há espaço para uma dramatização da situação que poderia ser ampliada para a representação de outras cenas que expressem momentos de aprendizagem mútua, possibilitados pelo encontro de gerações e diálogos na própria sala de aula, em torno da luta pela igualdade. Novamente, a dramatização pode ser utilizada como um recurso didático, que busca estimular a participação ativa das(os) educandas(os), integrando seus conhecimentos prévios aos conhecimentos construídos no decorrer da atividade.

As questões propostas para aprofundamento da compreensão da charge indagam as(os) educandas(os) sobre o que as falas dos personagens as(os) fizeram pensar, o que diriam se estivessem na cena e sobre como acontece a luta pela igualdade na sua localidade ou no seu município. A proposta é que dialoguem e colabore para construção coletiva de uma sistematização que expresse o pensamento da turma sobre o tema.

Novamente, a mediação do(a) educador(a) é fundamental para orientar as reflexões sobre o conteúdo e o formato do texto. É essencial que as(os) educandas(os) acompanhem o registro feito pelo(a) educador(a) na lousa dos depoimentos da turma, realizem a leitura em voz alta com o seu apoio, reflitam sobre a escrita e registrem o texto, o qual deve expressar,

de forma coerente, depoimentos da turma sobre a luta pela igualdade na sua localidade ou no seu município.

A Prática de leitura e escrita **Capacitismo** propõe refletir criticamente sobre tal preconceito, direcionado às pessoas com qualquer tipo de deficiência, o qual permeia falas e atitudes recorrentes nas relações pessoais e nos cotidianos.

A atividade traz uma imagem que oferece um estímulo visual a fim de articular a temática com a realidade social. Está presente na cartilha *Combata o capacitismo*, elaborada pela Fiocruz e parceiros (s/d). É fundamental que o(a) educador(a) apresente que as cartilhas, como materiais educativos, devem trazer informações básicas e práticas sobre um determinado tema, de maneira acessível e didática, para facilitar a compreensão. Nesta atividade, a intenção é sensibilizar as(os) educandas(os) para aguçar o olhar diante das barreiras atitudinais, comunicacionais, físicas e simbólicas as quais dificultam que pessoas com deficiência exerçam plenamente a sua cidadania.

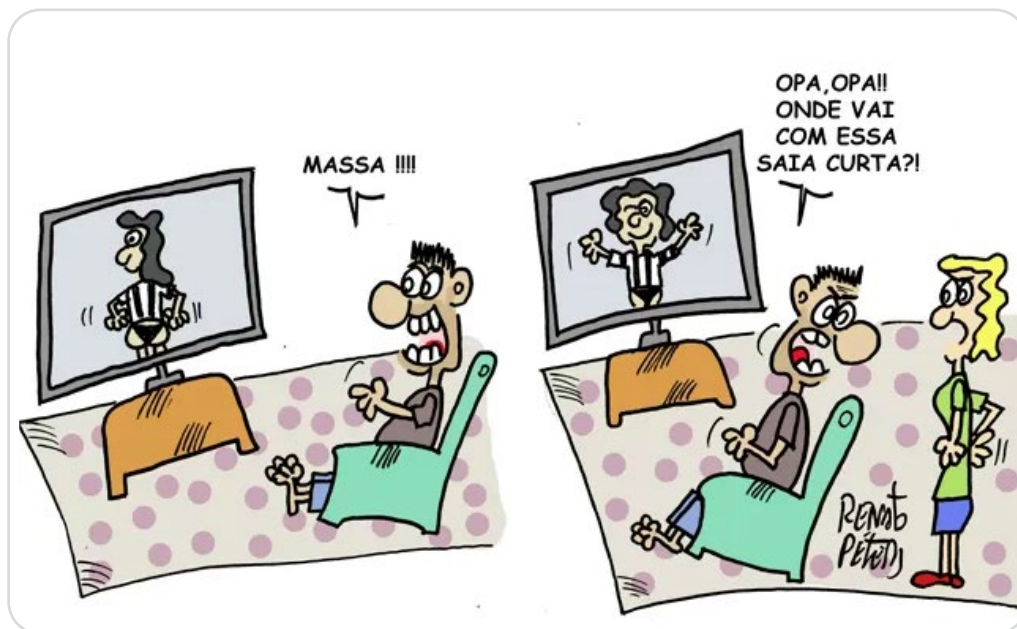
Ressalta-se que o(a) educador(a), ao convidar as(os) educandas(os) à leitura visual da ilustração, deve chamar a atenção para a convenção de que balões acompanhados por sequência de bolas representam o pensamento do médico sobre a pessoa com deficiência.

As(os) educandas(os) devem ser convidadas(os) a situar onde uma cena como essa poderia ter acontecido, contextualizando o cenário a partir de suas vivências e se observaram cenas semelhantes. Na sequência, devem ser desafiadas(os) a criar, coletivamente, uma mensagem sobre a necessidade de repensar atitudes preconceituosas em relação às pessoas com deficiência nos mais diversos espaços sociais. É importante considerar quem serão os(as) interlocutores(as) e qual a linguagem a ser utilizada para alcançar o objetivo da mensagem.

O(a) educador(a) deve anotar as ideias ditadas pelas(os) educandas(os), convidando-as(os) a refletir sobre a escrita, a escolha das palavras específicas que uma mensagem requer. Após a elaboração final do texto, é solicitado às(aos) educandas(os) que façam o registro da mensagem. Por fim, é importante providenciar a sua divulgação, considerando público e espaço de circulação definido pela turma.

Na Prática de leitura e escrita **Machismo e Sexismo**, o(a) educador(a) deve propor a leitura visual da charge presente na atividade, provocando nas(os) educandas(os) a observação e a interpretação da imagem. Há o convite para que as(os) educandas(os) compartilhem as suas reflexões

sobre as situações apresentadas. É importante o(a) educador(a) questionar se já presenciaram ou vivenciaram uma situação semelhante, qual atitude as(os) educandas(os) tomariam se estivessem na cena.



RENATO PETERS/Globo Esporte

Ressalte que tal preconceito e tal discriminação recebem denominações: sexismo e machismo. Sexismo é termo mais amplo, abrangendo qualquer forma de discriminação baseada no sexo ou no gênero, e o machismo é uma forma específica de sexismo, a qual enfatiza a suposta superioridade masculina e decorrente submissão feminina.

É relevante que o(a) educador(a) tenha essas reflexões em mente para dialogar com as falas das(os) educandas(os): Que cenas de machismo vocês já presenciaram? E de sexismo? É importante problematizar posicionamentos e mediar a construção de novas aprendizagens sobre o tema. Na continuidade do diálogo, é importante o(a) educador(a) problematizar se nas situações destacadas pelas(os) educandas(os) estavam presentes tanto o sexismo quanto o machismo.

Proponha a escrita coletiva da atitude assumida pela turma diante da cena. Para isso, o(a) educador(a) deve fazer o registro na lousa das atitudes que tomariam diante da cena. Para construção do texto, é necessária a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) das falas registradas. O(a) educador(a) deve fazer, de forma colaborativa junto às(aos) educandas(os), as ligações linguísticas necessárias para que se configure um texto, com

coesão e coerência, ao tempo que será realizada a reflexão sobre a escrita do texto com um todo. Por fim, é solicitado o registro pelas(os) educandas(o) da versão final do texto.

Na continuidade, é realizado um convite para as(os) educandas(os) fazerem uma leitura visual, chamando a atenção para observar e interpretar um cartaz sobre uma campanha realizada pela Prefeitura de Goiânia contra a violência em relação às mulheres. As(os) educandas(os) são provocadas(os) a conversar sobre os casos de violência doméstica contra a mulher que conhecem e quais as formas de superação.

É essencial que o(a) educador(a) realize perguntas a respeito do cartaz, acerca dos seus elementos visuais e escritos: Qual a sua mensagem? Qual o seu objetivo? Para quem é direcionado? Existe um convite explícito para fazer algo? As cores foram chamativas e adequadas ao tema? As imagens provocam impacto e complementam a mensagem? Que diferenças você observa nas letras utilizadas? Você teve dificuldade de visualizar os textos escritos no cartaz? Há muita informação? Você já viu cartazes semelhantes a esse? Onde? Em que locais cartazes como esse devem estar? Vocês fariam modificações no cartaz?

As(os) educandas(os) são convidadas(os) a acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) na lousa das formas de violência doméstica contra mulheres na sua localidade ou município indicadas pela turma. Na sequência, são chamadas(os) a fazer a leitura dos apontamentos e, com o apoio do(a) educador(a) e participação da turma, transformar os registros em um texto, seguido pela sua leitura em voz alta. Após a reflexão sobre a construção desse texto, é solicitado que as(os) educandas(os) façam o registro da sua versão final.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Rimas** propicia o diálogo e a análise das palavras *ETARISMO*, *IDADISMO*, *RACISMO*, *CAPACITISMO*, *MACHISMO* E *SEXISMO*, as quais expressam diferentes formas de preconceito e discriminação presentes na sociedade, que foram trabalhadas na trilha.

ETARISMO
IDADISMO
RACISMO

As(os) educandas(os) são convidadas(os) a realizar a leitura em voz alta das referidas palavras, conversar sobre seus significados e observar quais delas são mais escutadas em seu dia a dia. Há a solicitação de que observem as sílabas iniciais das palavras ETARISMO, IDADISMO, RACISMO, CAPACITISMO, MACHISMO E SEXISMO: se são iguais, semelhantes, se possuem o mesmo som; bem como para que circulem as primeiras sílabas de cada palavra e formem novas palavras, juntando as suas sílabas iniciais.

A partir das sílabas iniciais das palavras em destaque: **ETARISMO**, **IDADISMO**, **RACISMO**, **CAPACITISMO**, **MACHISMO** E **SEXISMO**, é possível formar novas palavras e explorar seus significados: EI, ERA, ECA, EMA, IRA, IMÃ, RAMA, CAI, CARA, CAMA, MÃE, MARA, MACA, MAMA, SEI, SERÁ, SECA. Não é necessário que sejam formadas todas essas palavras, mas é fundamental garantir que, à medida que as palavras sejam formadas, haja um diálogo sobre os seus significados e contextos de uso.

Continuando a conversar sobre a língua, a atenção deve se voltar para as sílabas finais das palavras, com a provocação para que as(os) educandas(os) reflitam se conhecem outras palavras que poderiam rimar com aquelas em destaque. É fundamental apresentar às(aos) educandas(os) que rimas são repetições de sons idênticos ou semelhantes ao final das palavras, utilizadas, comumente, em poemas para trazer ritmo, sonoridade e musicalidade aos textos. Por fim, as(os) educandas(os) são desafiadas(os) a identificar e registrar outras palavras que rimem com as palavras em destaque na atividade.

A Cultura digital **Mensagens preconceituosas** problematiza a presença de imagens, áudios e vídeos violentos ou constrangedores na Internet. Há mensagens que se colocam como brincadeiras ou piadas, mas, no fundo, são carregadas de preconceito e discriminação de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, orientação sexual e identidade de gênero.

A atividade traz orientações básicas sobre como agir ao se deparar com mensagens preconceituosas e discriminatórias presentes na Internet. Há dicas sobre como tirar uma foto da tela, ou seja, um *print* de uma mensagem, com o intuito de conversar com alguém de sua confiança sobre o assunto. Em caso de necessidade de denúncia, a atividade traz orientações sobre como fazê-lo, destacando que preconceito em relação à raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, orientação sexual e identidade de gênero é crime e não pode ser tolerado.

É apresentado o *site* da Safernet Brasil, organização não governamental, que mantém a central nacional de denúncias de crimes cibernéticos, em parceria com o Ministério Público Federal, para receber denúncias anônimas sobre qualquer violação aos direitos humanos praticada no âmbito virtual. As(os) educandas(os) devem ser convidadas(os) a destacar o que mais chamou a sua atenção ao visitar o referido *site*. A atividade abre caminho para a reflexão sobre cidadania digital a ser aprofundada na Unidade VI.

A atividade Compartilhando **Vozes-mulheres** traz um segundo poema de Conceição Evaristo que disponibiliza às(aos) leitoras(es) o percurso de mulheres negras na construção de suas identidades.

As(os) educandas(os) são instigadas(os) a pensar o que um poema com o título “Vozes-mulheres” pode abordar, o que esperam que a autora apresente em seus versos, lembrando de que se trata de uma leitura antecipada, motivadora para uma escuta atenta da criação artística.

Para promover o diálogo, pergunte às(aos) educandas(os): o que o poema faz você pensar? Que imagens o poema desperta? Quais sentimentos as vozes dessas mulheres suscitam em você? Como você se vê diante das vozes da bisavó, da avó, da mãe e da filha focalizadas por Conceição Evaristo? O poema permite entender que há muitas vozes silenciadas historicamente que precisam ser escutadas.

A Ciranda cultural **Racistas otários** apresenta um *rap*, dos Racionais MC’s, lançado em 1990, no primeiro álbum do grupo. O *rap* é uma cuidada mistura de ritmo e poesia, marca das(os) jovens negras(os), uma voz da denúncia advinda das periferias, que ganhou espaço nos diferentes estratos da sociedade.

No momento da pré-leitura, o(a) educador(a) pode apresentar a foto do quarteto que compõe o grupo: Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e Kl Jay, indagando: o que vocês já ouviram falar e/ou o que conhecem sobre o trabalho desses artistas? O que o título da letra da música sugere a vocês? É essencial a articulação feita pelo(a) educador(a) para, mais uma vez, estimular a comunicação, o respeito e a acolhida intergeracional.

Na sequência, o(a) educador(a) fará a leitura em voz alta da letra, com entonação e interpretação requeridas. Se possível, é importante escutar a execução da música. É pertinente indagar: vocês consideram que as antecipações realizadas, a partir do título, foram confirmadas?

Após a leitura, as(os) educandas(os) devem ser convidadas(os) a compartilhar sentimentos despertados e reflexões realizadas.

O **Para saber mais** indica o *link* para localização do guia *Combata o capacitismo*, trabalhado na trilha.

Traz a indicação do documentário intitulado *Menino 23*, que apresenta resultados de pesquisa que identificou a existência de meninos órfãos escravizados em uma fazenda de São Paulo, nos anos 1930, mostrando como as raízes do racismo no Brasil são profundas.

Há também a indicação de um vídeo para compreender por que se fala em racismo estrutural, produzido em uma linguagem bastante interessante e acessível.

Por fim, traz o *link* para acessar projeto intitulado “Migrações, memória e pertencimento”, desenvolvido pelo professor Rodrigo Neres, em turma de Educação de Jovens e Adultos, em Campinas, o qual, por meio da arte, trabalhou a questão das origens, lutas e sonhos dos descendentes dos povos africanos a partir do estudo da história daquele município.

TRILHA 9: CONHECER DIREITOS E TOMAR ATITUDES

A Roda de memórias **(Re)conhecendo atitudes** convida as(os) educandas(os) a compartilharem histórias de enfrentamento a situações de preconceito, discriminação, violência ou falta de acesso a direitos.

É fundamental que o(a) educador(a) instigue a participação por meio de questões disparadoras: Quais leis de proteção aos direitos dos cidadãos você conhece? Quais movimentos e associações de defesa de direitos existem na localidade em que reside? Tais movimentos e associações atuam na superação de quais situações de desrespeito aos direitos? De direitos humanos? Direitos dos animais? Do meio ambiente? Outros? Quais números de telefones de órgãos públicos e entidades podem ser contatados para denunciar e tomar atitudes contra atos que ferem a dignidade humana? Você já enfrentou situações em que o conhecimento das leis foi importante para que pudesse defender os próprios direitos ou direitos de outras pessoas?

É importante o olhar atento do(a) educador(a) para perceber as posturas das(os) educandas(os). Ressalta-se a necessidade de escuta sensível, inclusive do silêncio que também faz parte da comunicação. É relevante valorizar conhecimentos prévios das(os) educandas(os) sobre o tema e compartilhar novas informações, em constante diálogo com suas memórias e a projeção de novas formas de atuação no mundo.

Diferentemente do que é comum nas Rodas de Memória, é relevante que o(a) educador(a) registre na lousa nomes de documentos legais de proteção às pessoas que se relacionem às situações compartilhadas pelas(os) educandas(os) na roda, tais como: o Estatuto da Igualdade Racial, a Lei Maria da Penha, o Estatuto do Idoso, o Estatuto da Juventude, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei Brasileira de Inclusão, entre outros. Em outra parte da lousa, podem ser registrados telefones úteis para a defesa de direitos. Além disso, é importante destacar que há órgãos locais ou regionais que podem ser acessados, a saber: Ministério Público, Defensoria Pública, Centro de Referência de Assistência Social (Cras), Centro de Referência de Assistência Social (Creas), Conselhos Tutelares, entre outros.

A Prática de leitura e escrita **Direitos da(o) cidadã(o)** inicia com uma contextualização sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos, disparadora das reflexões na atividade. O(a) educador(a) é chamado(a) a realizar a leitura em voz alta do artigo 2º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Proponha as questões disparadoras para dinamizar o diálogo: O que você conhece sobre Direitos Humanos? Qual a sua compreensão? O que você já tinha ouvido falar sobre Direitos Humanos? A quem interessa que a população desconheça os Direitos Humanos? Por que é importante conhecê-los?

ARTIGO 2º

TODO SER HUMANO TEM CAPACIDADE PARA GOZAR OS DIREITOS E AS LIBERDADES ESTABELECIDOS NESTA DECLARAÇÃO, SEM DISTINÇÃO DE QUALQUER ESPÉCIE, SEJA DE RAÇA, COR, SEXO, LÍNGUA, RELIGIÃO, OPINIÃO POLÍTICA OU DE OUTRA NATUREZA, ORIGEM NACIONAL OU SOCIAL, RIQUEZA, NASCIMENTO, OU QUALQUER OUTRA CONDIÇÃO.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.

<https://www.unicef.org/brazil/innocenti/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

CAPA DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados



O(a) educador(a) pode abordar outros artigos da DUDH para instigar as(os) educandas(os), em um momento potente de diálogo a respeito do seu caráter universal, a fim de desconstruir discursos que associam os Direitos Humanos apenas a situações de conflito com a lei. É importante explicar cuidadosamente sobre a importância do documento, pois nele há a afirmação de que os direitos são para todas as pessoas, sem distinções de qualquer espécie.

Na sequência, é apresentada uma contextualização da Constituição Federal em vigor, a ser ampliada pelo(a) educador(a). É importante ressaltar que há leis municipais, estaduais e federais e que todas devem estar harmonizadas com essa lei máxima, que visa garantir a democracia em todo o território nacional.

Para dinamizar a conversa, cabe a proposição de questões disparadoras: O que você já tinha ouvido falar sobre a Constituição brasileira? Por que é importante conhecer a lei máxima, que regula e organiza o funcionamento do Estado brasileiro? O que vocês conhecem sobre os direitos e deveres das(os) cidadãs(aos), garantidos pela Constituição?

É proposta a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) do artigo 5º da Constituição, que dialoga com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao explicitar que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se às(aos) brasileiras(os) e às estrangeiras(os) residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. As(os) educandas(os) são instigadas(os) a refletir sobre os direitos presentes no artigo da Constituição lido pelo(a) educador(a), que tem potencial para ser um disparador de diversas reflexões.

As(os) educandas(os) são convidadas(os) a planejar, com o apoio do(a) educador(a), a elaboração de um cartaz para expressar direitos destacados pela turma. É fundamental que o(a) educador(a) oriente as(os) educandas(os) nesse processo de construção do cartaz, que pertence ao gênero informativo e apelativo, por meio de questões que poderão guiar tal produção. Inicialmente, as questões devem focalizar o objetivo, o conteúdo e os destinatários da produção: Qual será a mensagem principal que se deseja transmitir? Qual será o seu objetivo? Para quem será direcionado? Onde será exibido? Convidará a uma ação? Em caso afirmativo, qual seria essa ação?

No tocante ao aspecto apelativo, como o cartaz é um gênero textual que combina textos escritos e visuais, é essencial instigar as(os) educandas(os) a refletir sobre a sua forma: Quais cores serão adequadas diante da mensagem definida pela turma? Quais imagens podem ser utilizadas para chamar a atenção e complementar a mensagem? Que tipo e tamanho de letras devem ser utilizados para que o texto seja legível? Quais partes do texto serão colocadas em evidência com letras de tamanho maior? Como organizar as imagens e a parte escrita de modo equilibrado no cartaz, de forma que a quantidade e o formato de apresentação das informações fiquem adequados à leitura?

Quanto ao processo de construção, é significativo refletir sobre a importância do conteúdo e do formato, que a mensagem seja breve e as imagens escolhidas ajudem a comunicar aos leitores a mensagem definida pela turma.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Formação de palavras** convida as(os) educandas(os) à leitura de palavras presentes na unidade: DIVERSIDADE, IDENTIDADE, DIGNIDADE, IGUALDADE e LIBERDADE, propondo primeiramente um diálogo sobre o significado das palavras em foco e quais delas escutam em seu dia a dia e em que situações.

As(os) educandas(os) devem ser provocadas(os) a construir, com letras móveis, as palavras destacadas, a fim de que possam observar a sua materialidade e identificar partes iguais e diferentes existentes, com possibilidade de realizar várias tentativas, até superar os conflitos pertinentes a essa construção.

A provocação é para refletirem sobre a formação de outras palavras que rimem com as do quadro e, em duplas, construam com letras móveis, tais palavras. Em diálogo com as(os) colegas, devem ser instigadas(os) a refletir sobre a escrita e registrar as palavras que rimam.

Na sequência, com o apoio do(a) educador(a), é proposta a leitura em voz alta da palavra SOLIDARIEDADE. Considerando os conhecimentos prévios das(os) educandas(os), dialogue sobre quais percepções têm sobre a presença dessa atitude na sua localidade.

Novamente o desafio é a construção da palavra, visando a uma maior apropriação da sua materialidade. O convite é que, a partir das letras e sílabas que compõem a palavra SOLIDARIEDADE, formem novas palavras. É fundamental a mediação do(a) educador(a), chamando a atenção para os movimentos reflexivos sobre a escrita e o significado das palavras construídas pelas duplas.

FORMATURA DE 520 IDOSOS CELEBRA CONQUISTAS, DIGNIDADE E O SONHO DE APRENDER



Secretaria da Educação – SEDUC/Governo do Piauí

A Prática de leitura e escrita **A Educação é um direito humano** apresenta dois fragmentos da reportagem “Formatura de 520 celebra conquistas, dignidade e o sonho de aprender” publicada no site <https://www.seduc.pi.gov.br/noticias/noticia/12669/sem-deixar-ninguem-para-tras:-alfabetiza-piaui-celebra-historias-de-superacao-em-noite-marcada-por-emocao>.

Instigue as(os) educandas(os), com o apoio do(a) educador(a), à leitura visual da manchete da reportagem sobre piauienses que tomaram a atitude de retornar ou iniciar os estudos, articulando-a a uma fotografia apresentada: Quem são as pessoas da foto? Como estão vestidas? Vocês sabem o nome desta vestimenta? É recomendável que o registro na lousa das falas das(os) educandas(os).

Após o diálogo com os(as) colegas, mediado pelo(a) educador(a), é proposta a escrita de uma legenda, de forma coletiva, para a fotografia da reportagem. É importante o(a) educador(a) retomar que a legenda

de uma fotografia é um texto curto que registra informações adicionais e explicita o contexto da imagem.

Convide as(os) educandas(os) a acompanhar o registro realizado pelo(a) educador(a) e participar ativamente da elaboração de uma primeira versão da legenda. Concluída essa etapa, o(a) educador(a) deve problematizar se o texto corresponde a informações adicionais sobre a foto e sobre a sua escrita. A partir da reflexão coletiva, as(os) educandas(os) devem registrar a sua versão final.

Prosseguindo a atividade, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a realizar uma leitura em voz alta, com apoio do(a) educador(a), de um primeiro trecho da reportagem. O(a) educador(a) pode questionar: Você conhece situações como a destacada no trecho da reportagem? Em que a atitude de uma pessoa de retornar para a escola fez com que outros da família ou amigos tomassem a mesma atitude? Você tem familiares ou amigos a serem convidados(as) a voltar a estudar? Você se inclui nessa história? Por quê? É momento para enfatizar a importância da continuidade dos estudos e compartilhar com outras pessoas a experiência que estão vivenciando nesse momento.

Cada educanda(o) deve ser apoiada(o) pelo(a) educador(a) para registrar a sua resposta pessoal. As letras móveis podem contribuir diante de conflitos sobre a forma de escrever palavras, na medida que se fizer necessário. É sempre fundamental que as(os) educandas(os) leiam em voz alta, com apoio do(a) educador(a), o texto produzido, reflitam sobre a escrita e registrem a versão final.

A Prática de leitura **Sonhos realizados** convida inicialmente as(os) educandas(os) a realizarem a leitura em voz alta do fragmento de outra reportagem que tematiza a volta aos estudos, veiculada no jornal *online* <https://piauihoje.com/noticias/educacao/alfabetiza-piaui-forma-mais-de-500-adultos-e-idosos-e-revela-historias-emocionantes-436269.htm>

As(os) educandas(os) são instigadas(os) a conversar com os(as) colegas sobre sua história antes e depois do acesso à leitura; se a leitura e a escrita trouxeram maior liberdade no seu dia a dia e por quê. Cabe ao(a) educador(a) manter uma escuta atenta e sensível, a fim de perceber falas significativas das(os) educandas(os). Contar e escutar histórias de vida são movimentos memorialísticos que ajudam a enriquecer o processo de aprendizagem.

Prosseguindo a atividade, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a realizar a leitura em voz alta, com o apoio do(a) educador(a) de mais um fragmento da reportagem. Proponha como questões disparadoras da reflexão: O que o depoimento de Dona Francisca de Brito e a de seus colegas fizeram você pensar? Quais são os seus planos para a continuidade dos estudos?

Oriente as(os) educandas(os) a acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) na lousa dos planos da turma para continuidade dos estudos, processo sempre acompanhado pela reflexão sobre a escrita e a articulação das ideias. Ao final, convide cada educanda(o) a registrar o seu plano.

Como forma de ampliar as discussões, o(a) educador(a) pode apresentar oportunidades de continuidade dos estudos no município, com levantamento de demandas e possibilidades.

A Prática de leitura e escrita **Sinais de acessibilidade** provoca as(os) educandas(os) a ampliarem os conhecimentos prévios sobre sinais referentes a pessoas que têm direito à prioridade no atendimento, nos diversos espaços sociais, por apresentarem condições específicas que podem dificultar ou impedir o acesso igualitário.

Sinais de acessibilidade são formas de linguagem que visam transmitir uma informação, no caso, de atendimentos prioritários de pessoas com deficiência, idosas, gestantes, lactantes, com crianças de colo, obesas, com transtorno do espectro autista entre outras condições.

É importante provocar as(os) educandas(os) a realizarem a leitura visual do painel constante na atividade, observando detalhadamente os sinais de acessibilidade e interpretando-os, inicialmente de forma individual e, depois coletiva, compartilhando a associação feita de cada sinal ao grupo social que representa. As(os) educandas(os) devem ditar para o(a) educador(a) os nomes dos grupos aos quais os sinais se referem e acompanhar o registro na lousa pelo(a) educador(a). É fundamental refletir coletivamente sobre a escrita da lista e registrar a sua versão final.

O(a) educador(a) deve instigar a participação das(os) educandas(os), por meio de questões disparadoras: Em que lugares tais sinais de acessibilidade costumam estar presentes na sua localidade e no seu município? Já presenciaram situações de respeito ou desrespeito, ou ainda de reivindicação de atenção a esses sinais? É essencial encorajar as(os) educandas(os) a compartilharem suas experiências.

Na sequência, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a realizar a leitura de dois ícones de atendimento prioritário. É importante propor a reflexão: Existem dois símbolos que indicam o atendimento preferencial a pessoas idosas. Qual deles melhor expressa respeito à dignidade da pessoa idosa? Por quê?

Como sugestão de ampliação da atividade, pode ser realizado um trabalho de campo, com um passeio pela localidade, para identificar sinais de acessibilidade. Pode-se fotografar e compartilhar as imagens com uma legenda no grupo de mensagens instantâneas da turma.

A Prática de leitura e escrita **Lei Maria da Penha** promove uma reflexão crítica sobre os direitos das mulheres e indica passos para a tomada de atitudes diante de situações de preconceito, discriminação, violência doméstica e feminicídio. Enfatize que o feminicídio se refere ao assassinato de mulheres, em todas as faixas etárias, motivado pelo simples fato de ser mulher, muito presente na sociedade brasileira.



Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Lei Maria da Penha

FOTOGRAFIA MARIA DA PENHA

Cesar Itiberê/Wikimedia Commons

Cabe estabelecer uma conexão com a atividade *Machismo e Sexismo*, destacando que, historicamente, as mulheres foram impedidas de acessar diversos direitos, como, por exemplo, o direito à educação. São situações inadmissíveis agravadas pela violência doméstica.

O(a) educador(a) é chamado(a) a realizar a leitura em voz alta de um texto introdutório que situa a importância de Maria da Penha para a luta contra a violência doméstica e a convidar as(os) educandas(os) a realizarem a leitura visual de um cartaz apresentando Maria da Penha ao lado de um dos artigos da lei que leva o seu nome, bem como de um de um texto informativo sobre avanços trazidos pela Lei Maria da Penha.

Proponha as seguintes perguntas disparadoras: o que a atitude de Maria da Penha fez você refletir? Na sua localidade há movimentos que defendem os direitos das mulheres? O que pode ser feito na sua localidade para prevenir e transformar situações de inferiorização, discriminação e violência contra as mulheres?

Para finalizar a atividade, convide as(os) educandos(as) a sistematizar, com o apoio do(a) educador(a), as reflexões a partir das questões propostas. As(os) educandas(os) devem acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a).

Como nas atividades anteriores, o(a) educador(a) deve solicitar que as(os) educandas(os) reflitam sobre o texto, com a reorganização das frases, reescrita de ideias e palavras, quando necessário, mediante a valorização das diferentes contribuições.

Por fim, as(os) educandas(os) devem registrar a sua versão final do que pode ser feito na sua localidade para prevenir e transformar esse quadro de inferiorização, discriminação e violência contra as mulheres.

A Cultura digital **Canais de denúncia e apoio** propõe pesquisas exploratórias sobre o Ligue 180 e o Disque 100, por meio da utilização do comando de voz. O(a) educador(a), durante a leitura das instruções presentes na trilha, caso seja viável, poderá realizar as pesquisas, para que as(os) educandas(os) visualizem o processo.

É importante explicar às(aos) educandas(os) que diversos buscadores dispõem de dispositivos de inteligência artificial integrados. Desse modo, as mensagens que vão “escutar” são produzidas a partir de recursos da inteligência artificial, conhecida pela sigla “IA”.

É relevante alertar que o resultado pode apresentar limitações ou equívocos, a depender dos sites que foram acessados pela IA e porque se trata de uma tecnologia experimental. Vale destacar também que, em algumas ferramentas de busca, é possível observar quais sites foram pesquisados pela IA para gerar os resultados, sendo sempre importante refletir criticamente sobre os resultados obtidos.

Após realizar o passo a passo da atividade, é importante dialogar com as(os) educandas(os) sobre quais informações a pesquisa revelou que ainda não conheciam. Vale indicar às(aos) educandas(os) que alguns estados brasileiros possuem, por exemplo, canais específicos para atendimento de pessoas idosas, os quais também podem ser pesquisados, dentre outras possibilidades.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Continuando a formação de palavras** propõe, dessa vez, a reflexão sobre as palavras *LEI*, *DIREITO*, *SUJEITO*, *PRECONCEITO* E *RESPEITO*, que perpassam essa unidade. Em uma conversa inicial, o foco deve ser o significado das palavras e quais delas mais as(os) educandas(os) escutam em seu dia a dia e em que situações.

- EM DIÁLOGO COM AS(OS) COLEGAS E APOIO DO(A) EDUCADOR(A), FORME NOVAS PALAVRAS, UTILIZANDO SÍLABAS OU LETRAS QUE COMPÕEM AS PALAVRAS A SEGUIR:

SUJEITO: _____

RESPEITO: _____

PRECONCEITO: _____

O desafio seguinte é para que as(os) educandas(os) construam, com letras móveis, as palavras presentes no quadro. É pertinente observar se as(os) educandas(os) percebem semelhanças e diferenças em sua escrita, inicialmente, sem intervenções do(a) educador(a). Todas as colocações devem ser problematizadas, indagando as razões dos posicionamentos, a fim de que reflitam a partir dos conflitos suscitados pela atividade e se apropriem de novas aprendizagens.

Observe se as(os) educandas(os) perceberam as semelhanças entre as sílabas “LEI”, “REI”, “PEI” e “CEI” e a presença da sílaba final “TO” na maioria das palavras. Caso necessário, é fundamental criar possibilidades para que possam identificar tais questões.

O desafio seguinte é que as(os) educandas identifiquem palavras que poderiam rimar com as do quadro e escolham uma delas para ser construída com letras móveis. É fundamental fazer a reflexão sobre a escrita e registrar a versão final da palavra escolhida.

Por fim, em diálogo com as(os) colegas e apoio do(a) educador(a), as(os) educandas(os) devem ser provocadas(os) a formar novas palavras, utilizando sílabas ou letras das palavras *SUJEITO*, *RESPEITO* E *PRECONCEITO*, que oferecem diversas possibilidades para novas composições.

A atividade Compartilhando **Todas as manhãs** apresenta um terceiro poema de Conceição Evaristo que tem o potencial para evocar memórias, dores, sonhos de transformação social.

O interesse pela leitura pode ser mobilizado a partir do chamamento proposto pelo título: “Todas as manhãs”.

Como requerido pela natureza da atividade, como momento para degustar a literatura, a leitura em voz alta realizada pelo(a) educador(a) deve ter entonação apropriada, valorizando a sonoridade e o sentido das palavras, com a orientação para que as(os) educandas(os) busquem captar as imagens e as emoções que o poema pode proporcionar.

Após a leitura, o(a) educador(a) deve convidar a turma para uma conversa a partir das seguintes perguntas: O que o poema fez você pensar? Que sentimentos ele despertou? Quais imagens do poema ficaram na sua memória?

O mais importante é compartilhar impressões, afetos e significados construídos, com a orientação para que as(os) educandas(os) retomem trechos do poema que mais as(os) tocaram. A escuta atenta e o respeito mútuo são essenciais, e cada fala das(dos) educandas(os) é uma possibilidade de encontro entre a poesia e as suas vivências.

A Ciranda cultural **Canto das três raças** destaca um samba enredo da Escola de Samba Portela, de 1976, eternizado na voz de Clara Nunes.

No momento da pré-leitura, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a fazer inferências, a partir da indagação: O que deve abordar uma canção com esse título?, a fim de mobilizar sentidos para o momento da leitura.

A leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve ser realizada com entonação, revelando a sua interpretação da letra do samba, que faz memória da discriminação vivida pelos povos originários, pelo povo negro e pelas(os) trabalhadoras(es).

Após a leitura, o(a) educador(a) deve questionar: vocês consideram que as antecipações se confirmaram? Por quê? Na sequência, apresenta o convite para que as(os) educandas(os) expressem os sentimentos suscitados e as reflexões desencadeadas.

O **Para saber mais** é um convite à pesquisa que focaliza inicialmente um cordel dos Direitos Humanos, de Gustavo Dourado, que pode ajudar a trabalhar a questão junto às(aos) educandas(os); um vídeo de um projeto intitulado “Um abraço negro, um sorriso negro”, desenvolvido pela professora Nilma Sladkevicius, da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Luis Bortolosso, Osasco-SP, sobre preconceito e identidade junto às(aos) educandas(os) da EJA, um dos ganhadores do prêmio Professor Nota 10 em 2019 e, por fim, um vídeo com informações adicionais sobre como denunciar casos de violência contra a pessoa idosa.

VÍDEO

VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA É CRIME!
SE VOCÊ É IDOSO E ESTÁ SOFRENDO VIOLÊNCIA, OU CONHECE ALGUÉM NESSA SITUAÇÃO, “NÃO SE CALE”. PROCURE A DELEGACIA DE POLÍCIA MAIS PRÓXIMA OU DENUNCIE PELO “DISQUE 100”.

<https://www.youtube.com/watch?v=KwNGcU7ppng&t=38s>





UNIDADE TEMÁTICA IV: SOMOS PARTE DO MEIO AMBIENTE

Sensibiliza para a importância da água, do cuidado com o meio ambiente, de iniciativas de combate à fome, da defesa de uma alimentação saudável, tendo em vista a responsabilidade humana pela vida no planeta.

Trilha 10: A água na vida da gente

Trilha 11: Cuidado com o Meio ambiente

Trilha 12: Da fome à alimentação saudável

TRILHA 10: A ÁGUA NA VIDA DA GENTE

A atividade **Para começo de conversa** traz uma série de imagens relacionadas a questões ambientais importantes no Brasil contemporâneo. A proposta é que se inicie a conversa pedindo para que as(os) educandas(os) façam a leitura visual de cada fotografia e expressem com quais situações retratadas identificam-se e as razões.

Solicita-se também que busquem quais pontos em comum é possível identificar entre as imagens. Recomenda-se que sejam feitas anotações das falas, para que se possa registrar e sintetizar conhecimentos e posicionamentos iniciais acerca da temática. O intuito é que as(os) educandas(os) comecem a se familiarizar com novos saberes relacionados ao meio ambiente.

A Roda de memórias **A água na minha vida** convida a refletir sobre a presença essencial da água na trajetória de vida das(os) educandas(os) e da localidade.

Inicialmente, o(a) educador(a) deve trazer questões relacionadas à presença da água na trajetória de vida das(os) educandas(os): Você lembra na história da sua vida de momentos em que a água tenha sido marcante? Qual? Por quê? Você conviveu e/ou convive com a fatura de água? Em caso de falta d'água, o que costumava ou costuma fazer para garantir o acesso? Como essas questões se apresentam no seu cotidiano? Cabe ao(à) educador(a) uma escuta sensível, valorizando os saberes das(os) educandas(os) a respeito da água como elemento vital na localidade e nos seus percursos individuais.

Na sequência, o(a) educador(a) deve chamar a atenção se a sua localidade está situada ou não à margem de rios, riachos, lagos, lagoas ou mar. As questões disparadoras as(os) convidam a fazer uma contextualização da situação da localidade diante da água: se existem igarapés, cachoeiras, rios temporários, cursos d'água, açudes, cisternas ou outros reservatórios d'água.

Após esse primeiro reconhecimento, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a dialogar sobre a situação da água na localidade: Como a questão da água se coloca na localidade onde moram?

A atividade Compartilhando **Vidas Secas** oportuniza a leitura de um fragmento do romance escrito por Graciliano Ramos, um clássico da literatura brasileira.

É essencial, no momento que antecede à leitura, apresentar elementos sobre a trajetória do autor, indagando: Vocês já tinham ouvido falar de Graciliano Ramos?

Recomenda-se a leitura de um recorte da sua biografia, presente ao final da atividade, a qual pode ser expandida por outras informações trazidas pelo(a) educador(a). Essa postura de apresentar quem são as(os) autoras(es) vai despertando e formando, ao longo do tempo, gostos e preferências por escritoras(es), na perspectiva de aproximação entre o leitor-autor. Na sequência, é importante estimular as(os) educandas(os) a fazerem antecipações a partir do título da obra, a fim de mobilizar a atenção e os sentidos para o momento da leitura: Do que será que trata um livro com este título: Vidas Secas? O que o título sugere? Caso seja possível visualizar a capa, é pertinente questionar: O que a composição da capa as(o)s fazem pensar?

Em continuidade, inicia-se a leitura em voz alta do fragmento do romance, feita pelo(a) educador(a) de forma pausada e com entonação expressiva.

Após a leitura, a conversa com a turma pode ser realizada, a partir das questões disparadoras a seguir ou de outras indagações propostas pelo(a) educador(a): Vocês consideram que as antecipações realizadas, a partir do título, foram confirmadas? O que a leitura desse trecho do livro despertou em vocês? Como a água aparece nesta cena? Você já passou, ou conhece alguém que tenha passado por alguma situação parecida, em que a água era difícil de conseguir?

A Prática de leitura e escrita **Planeta água: nosso lugar** propõe inicialmente a escuta de uma música Planeta Água, do compositor e cantor Guilherme Arantes. Recomenda-se a leitura em voz alta de fragmentos da letra da música e, se possível, a escuta da canção para envolver as(os) educandas(os) com a beleza de sua melodia. A articulação da letra da música Planeta Água, do compositor e cantor Guilherme Arantes, com as memórias evocadas em atividades anteriores, visa focalizar a água como símbolo da vida no planeta.

Nessa perspectiva, inspiradas(os) pelas histórias compartilhadas na roda de memórias, ura ou outra forma de expressão com os materiais disponíveis, um fato que marcou a presença da água na sua vida ou na sua localidade. O(a) educador(a) deve acompanhar o processo da criação, escutando de forma sensível as histórias que vão emergindo.

As(os) educandas(os) são chamadas(os) a escolher um título para a criação e construí-lo com letras móveis. Um título é um gênero textual restrito que individualiza e identifica o conteúdo da criação, no caso da criação artística proposta, auxiliando na sua interpretação.

Promova um momento de compartilhamento com os(as) colegas, com a apresentação da criação artística e do título escolhido. As(os) educandas(os) devem acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) dos títulos das criações artísticas. Em seguida, deve ser realizada a leitura em voz alta dos títulos, com o apoio do(a) educador(a), e a reflexão sobre a escrita.

Na sequência, cada um(a) registra a versão final do título da própria criação. Como culminância da atividade, estimule as(os) educandas(os) a organizarem uma exposição das criações por meio de um mural, sendo necessária a escolha de um título representativo a todas as criações, pela leitura do trecho de Vidas Secas e pela música, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a expressar, por meio de um desenho, uma pintura, uma colagem, uma escultura ou outra forma de expressão com os materiais disponíveis, um fato que marcou a presença da água na sua vida ou na sua localidade. O(a) educador(a) deve acompanhar o processo da criação, escutando de forma sensível as histórias que vão emergindo.

As(os) educandas(os) são chamadas(os) a escolher um título para a criação e construí-lo com letras móveis. Um título é um gênero textual restrito que individualiza e identifica o conteúdo da criação, no caso da criação artística proposta, auxiliando na sua interpretação.

Promova um momento de compartilhamento com os(as) colegas, com a apresentação da criação artística e do título escolhido. As(os) educandas(os) devem acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) dos títulos das criações artísticas. Em seguida, deve ser realizada a leitura em voz alta dos títulos, com o apoio do(a) educador(a), e a reflexão sobre a escrita.

Na sequência, cada um(a) registra a versão final do título da própria criação. Como culminância da atividade, estimule as(os) educandas(os) a organizarem uma exposição das criações por meio de um mural, sendo necessária a escolha de um título representativo a todas as criações.

A atividade **Conversando sobre a língua escrita** **A escrita das letras: formas e usos** focaliza inicialmente placas de atrativos turísticos – Lagoa, Praia, Cachoeira – com a solicitação de que as(os) educandas(os) façam a leitura visual e, na sequência, acompanhem a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a), a fim de que as interpretem, articulando as imagens

aos respectivos textos. São propostas como questões disparadoras para o diálogo com as(os) colegas: Você se deparou com placas semelhantes a essas? Quais? Em que situações? O que as placas indicavam? O que você observou de diferente na forma como as letras que compõem as palavras foram escritas nas placas?



PLACAS DE ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS.

Guia Brasileiro de Sinalização Turística/Iphan (2021).

Na continuidade, é proposta a leitura de uma placa em que se encontra inserido o símbolo de praia, observado anteriormente, seguido do nome “Boa Viagem”, com o intuito que observem atentamente a presença desses dois modos – letras maiúsculas e minúsculas – de escrever, a partir das seguintes perguntas: O que chamou a sua atenção na placa? Como você articula o símbolo ao texto escrito? O desafio proposto pela atividade é para que retomem as três placas de atrativos turísticos e observem se há semelhança no uso, na maneira de escrever as letras iniciais dos nomes dos lugares.

É proposta ainda a leitura de uma fotografia com diversas placas indicativas de lugares. Recomenda-se que o(a) educador(a) atue de modo a provocar as(os) educandas(os) a observar as diferentes placas, comparar, tecer comentários e expressar sua compreensão acerca das diferentes formas de escrita das letras. No caso, as três placas de atrativos turísticos trabalhadas no início da atividade trazem uma única palavra em que a letra inicial está escrita de um “modo diferente”. Na placa de “Boa Viagem”, temos o uso das letras maiúsculas na inicial de cada palavra, sendo que o mesmo ocorre na fotografia que contém diferentes placas indicativas de lugares. O intuito é que as(os) educandas(os) expressem como percebem a questão das formas de escrita – letras maiúsculas e minúsculas – com suas palavras, sem preocupação que as nomeiem dessa forma.



Imagem gerada com IA

No processo de alfabetização, aprender e ter consciência de que as letras podem ter diferentes formatos, cores e tamanhos é uma aprendizagem que exige percepção visual e memorização dos formatos. As letras “b”, “p” e “q”, por exemplo, podem ser facilmente confundidas pelas(os) educandas(os) no início do processo, pois possuem formatos semelhantes. Dessa forma, é importante que mais do que memorizar ou saber o que é “letra maiúscula e minúscula”, a(o) educanda(o) possa compreender que para cada uma das letras do alfabeto latino há uma grande possibilidade de formatos.

A atividade final é que as(os) educandas(os), em duplas, a partir das reflexões realizadas, com base nas cartelas presentes na atividade, escolham sílabas, recortem-nas e formem, de dois modos diferentes, nomes de praias brasileiras muito conhecidas em Fortaleza (CE) e no Rio de Janeiro (RJ). O intuito é que reflitam sobre as diferentes possibilidades trazidas pelas cartelas e conversem com os(as) colegas sobre o que chamou a sua atenção ao formar as palavras, colando-as, por fim, em seu caderno.

Como desdobramento da atividade, o(a) educador(a) deve alertar as(os) educandas(os) para que fiquem atentas(os) a placas e outros textos escritos presentes no dia a dia, solicitando que prestem atenção às diferentes formas de escrita de letras, suas formas e seus usos. Recomenda-se apresentar às(aos) educandas(os) capas de livros, rótulos, camisetas, jornais ou revistas para explorar as diferentes formas das letras.

A Prática de leitura e escrita **Água é vida no corpo humano** propõe diálogo entre os saberes das(os) educandas(os) e conhecimentos científicos, advindos das Ciências da Natureza, a fim de despertar a consciência

sobre a importância da água na manutenção da saúde corporal, o que envolve o bem-estar e a capacidade funcional do organismo nos aspectos físicos, mentais, emocionais dentre outros.

Realize a leitura da comanda inicial da atividade presente na trilha e, na sequência, convide as(os) educandas(os) a realizar a leitura visual detalhada do cartaz.

Deve ser estimulado o diálogo entre os(as) colegas, permitindo a escuta ativa e o respeito pelas experiências compartilhadas. Utilize as questões presentes na trilha: O que o cartaz fez você refletir? Você conhece alguém que bebe pouca água? Quais conselhos poderíamos dar a essas pessoas para mudarem de hábito? Como podemos fazer para lembrar de beber água ao longo do dia a dia?

Considerando as características do cartaz, pertencente ao gênero informativo e apelativo, proponha perguntas sobre os seus elementos visuais: As suas cores são chamativas e adequadas ao tema? Qual(is) imagem(ns) é(são) utilizada(s)? A(s) imagem(ns) provoca(m) impacto e complementa(m) a mensagem? Que tipo e tamanho de letras são utilizados? O texto é legível e seu tamanho é proporcional à(s) imagem(ns)? Há muita informação? Você acredita que deveria ter menos informações? Na sequência, as questões podem voltar-se para seus objetivos e conteúdo: Qual é a mensagem principal do cartaz? Qual o seu objetivo? Ele faz parte de alguma campanha? Como é possível saber? É fácil de entender? Para quem é direcionado? Convida à ação? Existe um convite explícito para fazer algo? Oriente a turma a pensar se haveria um público ao qual a mensagem se destina, se já viram cartazes semelhantes a esse e em que locais cartazes como esse deveriam estar.

Espera-se despertar a consciência sobre a importância da água na manutenção da saúde corporal, que a atividade favoreça o diálogo entre os saberes das(os) educandas(os) do seu cotidiano com conhecimentos científicos e, ao mesmo tempo, poderá incentivar a produção coletiva de dicas de como lembrar de beber água no dia a dia, tendo como foco na saúde e o cuidado pessoal: quais conselhos poderíamos dar às pessoas para mudarem de hábito?

O(a) educador(a) deve estimular as(os) educandas(os) a sugerirem dicas práticas para lembrar os(as) colegas a beberem água e ir registrando na lousa tais dicas por meio de frases simples e curtas, acompanhadas de reflexões com foco nos reconhecimentos das palavras, sílabas e sons presentes. São propostas as seguintes perguntas para realizar a mediação:

Com que letra começa esta palavra? Tem alguma palavra parecida com outra que já vimos? Onde ouvimos esse som? Para finalizar a atividade, instigue a leitura compartilhada das dicas e a definição de formas para o seu compartilhamento e divulgação junto à família e à comunidade. Como possibilidade de ampliação da atividade, estimule a elaboração de lembretes criativos, com frases nos espaços físicos utilizados pela própria turma.

A Prática de leitura e escrita **Planejando uma entrevista sobre economia de água** inicia destacando a necessidade urgente de economizar água como uma responsabilidade de toda a sociedade: governo, setor produtivo e população em geral, com destaque à desigualdade existente quanto ao acesso.

DICAS PARA ORGANIZAR O ROTEIRO DA ENTREVISTA

- DEFINA O OBJETIVO DA ENTREVISTA.
- ELABORE AS PERGUNTAS.
- COLOQUE AS PERGUNTAS EM UMA SEQUÊNCIA LÓGICA.
- REVISE E AJUSTE O ROTEIRO.

Provoque a leitura visual e a interpretação de dois cartazes de campanhas sobre o tema. Na sequência, as(os) educandas(os) são chamadas(os) a acompanhar a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) dos dizeres presentes nos cartazes. O primeiro contém a mensagem: “Gastar água em excesso é desperdício de vida” e, o segundo, “Cada gota conta. Use a água com consciência, alguns pequenos hábitos podem fazer toda a diferença. #Vamos economizar juntos”.

A partir das questões disparadoras propostas na trilha, provoque a reflexão com as(os) educandas(os) se os cartazes se complementam e com qual deles a turma mais se identificou, com apresentação de justificativas. Questione as(os) educandas(os) sobre seus elementos visuais – cores, imagens, tipo e tamanho das letras – se estão coerentes com o tema.

Na sequência, é proposto que as(os) educandas(os) planejem uma entrevista a ser realizada em dupla a uma pessoa da comunidade sobre

o tema “Economia de água”, na perspectiva de valorização dos saberes presentes na comunidade. É necessário realizar a escolha da pessoa a ser convidada e elaboração coletiva do roteiro de entrevista.

A entrevista é um gênero textual bimodal, uma vez que são utilizadas a oralidade e a escrita, pela culminância do registro do resultado da entrevista. No caso da presente atividade, trata-se novamente de uma entrevista com roteiro semiestruturado, definido coletivamente pela turma, sendo possível a inclusão de outras questões, a depender do encaminhamento da atividade.

Após delimitado o objetivo da entrevista, as(os) educandas(os) em diálogo vão definindo as perguntas a serem realizadas e acompanhando o seu registro feito pelo(a) educador(a). Concluído o roteiro, é fundamental que leiam em voz alta o texto, com o apoio do(a) educador(a), refletindo sobre a sua escrita e reorganizando as questões, se necessário. Por fim, deve acontecer o registro da versão final do roteiro a ser utilizado pelas duplas junto à(ao) sua(seu) convidada(o).

A Cultura digital **Entrevistando com o gravador de voz** traz orientações sobre o uso do aplicativo para realizar a entrevista planejada. É importante que as(os) educandas(os) localizem o gravador de som, ou também chamado gravador de voz no celular, contando com o apoio do(a) educador(a).

Na sequência, cabe ao(à) educador(a) fazer a leitura em voz alta das dicas para a sua utilização, pausadamente, e as(os) educandas(os) podem ir testando a execução do passo a passo. Cada dupla, que atuará conjuntamente na entrevista, pode fazer uma simulação da situação a ser vivenciada junto à(ao) convidada(o). Um deve fazer o papel do(a) entrevistador(a) e o(a) outro(a) o da(o) entrevistada(o), gravando as perguntas e possíveis respostas, a fim de observar se ficaram gravadas. Ao final do teste, podem também exercitar o envio dos arquivos com o educador(a). Em caso de dificuldade de compartilhamento, a gravação futura com a fala da(o) entrevistada(o) pode ser apresentada aos colegas no próprio celular.

Caso não seja possível utilizar o aplicativo de gravação de som ou de voz, há orientações sobre como utilizar o microfone do próprio aplicativo de mensagem instantânea para realizar uma entrevista teste, em preparação à atividade a ser realizada.

A Prática de leitura e escrita **Entrevista: dicas para economia de água** é a culminância das duas atividades anteriores – “Planejando uma entrevista sobre economia de água” e “Entrevistando com o gravador de voz”. O(a) educador(a) deve motivar as(os) educandas(os) a narrarem como aconteceu a entrevista, quais os seus destaques a partir das falas das entrevistadas(os) e se consideram que o objetivo da entrevista foi alcançado, apresentando suas justificativas.

As reflexões devem seguir no intuito de que identifiquem quais aproximações ou semelhanças houve entre as falas das(os) entrevistadas(os). É fundamental que se posicionem criticamente diante das dicas das(os) entrevistadas(os) e tragam as suas contribuições com outras dicas que podem ser acrescentadas.

O(a) educador(a) deve organizar uma síntese pontuando as dicas de economia de água presentes nas falas das(os) entrevistadas(os) destacadas pelas duplas e aquelas acrescentadas pela própria turma.

É fundamental que as(os) educandas(os) acompanhem o registro feito pelo(a) educador(a); façam a sua leitura em voz alta, com o apoio do(a) educador(a); reflitam sobre a escrita e, por fim, registrem a versão final da síntese elaborada coletivamente.

Recomenda-se que o(a) educador(a) converse com a turma para que se organize para divulgar as contribuições por meio da confecção de filipetas criativas, com frases curtas nos espaços físicos em que a turma circula, ou por meio de outras formas dentro das condições da turma.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Sons e articulações** instiga o olhar das(os) educandas(os) para palavras – ÁGUA, RIO GAVIÃO, ÁGUIA, GUARDA-CHUVA, GAROPABA, GUARANÁ, PRAIA DO GUARUJÁ, PRAIA DE GUARATUBA, GUARANI, a partir das seguintes questões: as palavras em negrito possuem a mesma quantidade de sílabas? As palavras em negrito possuem sílabas iguais? Quais? As palavras possuem sílabas semelhantes? Quais? Qual o som de cada sílaba semelhante? Você consegue lembrar de outras palavras com essas sílabas semelhantes?

O intuito é despertar a reflexão sobre os diferentes sons e articulações, como indicado no título da atividade, no caso, quando há sílabas como “GA” e “GUA” presentes nas palavras. É fundamental que o(a) educador(a) apoie as(os) educandas(os) na construção de um quadro comparativo a partir das palavras presentes na atividade, bem como de outras palavras com GA e GUA indicadas pelas(os) próprias(os) educandas(os), as quais devem ser registradas no caderno.

ÁGUA	RIO GAVIÃO	ÁGUIA
GUARDA-CHUVA	GAROPABA	GUARANÁ
PRAIA DO GUARUJÁ	PRAIA DO GUARATUBA	GUARANI

A consciência fonológica para compreensão da sílaba falada e da sílaba escrita é importante ao longo do processo de alfabetização. Trata-se de identificar o som das palavras. Quando as(os) educandas(os) compreendem a diferença entre sons e letras apropriam-se de condições para identificar o nome de cada letra e que esse nome difere do som que a letra representa.

Perceber semelhanças e diferenças das sílabas do português é um desafio, pois a presença ou ausência de uma letra pode alterar os significantes e os significados das palavras. Comparar palavras **ÁGUA/GUARANI** ou **GAVIÃO/GAROPABA** pode ajudar as(os) educandas(os) a perceber que alguns sons iguais podem ser escritos da mesma forma em diferentes palavras. É fundamental para a consolidação de tal aprendizagem observar outras palavras escritas com “GA” ou “GUA”.

A Ciranda cultural traz a música **Água do vintém** de Chiquinha Gonzaga, um tango brasileiro, de domínio público. No momento da pré-leitura, pode-se indagar: o que o título da letra da música sugere? É essencial a articulação feita pelo(a) educador(a) para, mais uma vez, estimular a comunicação, o respeito e a acolhida intergeracional. Compreender o que é de outra época é apropriar-se de conhecimentos que nem sempre circulam nas suas interações. É relevante apresentar às(aos) educandas(os) que a música foi criada diante da importância da fonte em um contexto

de escassez de água na vida de Niterói no fim dos anos 1890 e início dos anos 1900. Em um cenário de dificuldades no abastecimento de água, o chafariz do vintém possuía uma água de excelente qualidade, vendida a domicílio. À época, um barril de 20 litros era vendido pelo valor de 40 a 80 réis, mas nem todos podiam comprar.

Na sequência, o(a) educador(a) pode realizar um convite para que as(os) educandas(os) fechem seus olhos e deixem a imaginação fluir ao escutarem a música instrumental criada por Chiquinha Gonzaga. Antes de compartilhar a música, é fundamental indagar o que as(os) educandas(os) conhecem sobre músicas instrumentais. O diálogo deve ser encaminhado sempre a partir dos conhecimentos prévios da turma, buscando garantir que todos saibam que uma música instrumental tem o foco principal na execução por instrumentos musicais e, em alguns casos, pode incluir elementos vocais, como sons e palavras sem significado, desde que esses não sejam o elemento central da canção. No caso de Água do vintém, trata-se de um tango brasileiro composto para ser tocado no piano.

Após a apreciação da música instrumental, o(a) educador(a) deve fazer a indagação de quais sentimentos, imagens e palavras surgem na memória ao ouvir a versão original de Água do vintém, composta por Chiquinha Gonzaga em 1896.

Em continuidade, o(a) educador(a) apresenta que, mais de cem anos depois, em 1998, a beleza de Água do vintém inspirou Paulo César Pinheiro, renomado compositor e poeta brasileiro, a escrever versos para a música, com uma poética que retrata encontros e sentimentos de pessoas enamoradas à volta do chafariz do vintém.

O(a) educador(a) é convidado(a) a fazer a leitura de trecho da letra da música e, se possível, proporcionar às(aos) educandas(os) a escuta da canção, novamente trazendo a indagação de quais sentimentos, imagens e palavras surgem na memória ao entrar em contato com a letra composta.

O **Para saber mais** traz episódio da Campanha “Água: economizar para a fonte não secar”, da Rádio Nacional, da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC); vídeo com dicas para lembrar de beber mais água no dia a dia”, do Ministério da Saúde; vídeo sobre direito do cidadão à água e o papel do Ministério Público, produzido pelo Ministério Público da Bahia, e vídeo que apresenta festival “Águas que me tocam” integram diferentes linguagens artísticas, abordando a relação das pessoas com o rio, produzido por Casa do Rio Filmes, sob coordenação de Juraci Júnior.

TRILHA 11: CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE

A Roda de memórias **Meio Ambiente em foco** busca promover a escuta sensível e a reflexão crítica na construção de uma consciência ambiental. Tem a intenção de fazer com que as(os) educandas(os) reflitam sobre suas interações com o meio ambiente com base em suas experiências.

Apresente as perguntas contidas na trilha, uma a uma, fazendo pausas para que as(os) educandas(os) consigam dar suas contribuições, com seus relatos. As questões apresentadas versam: Você observa a natureza? O que chama a sua atenção? Como você percebe a situação do meio ambiente na sua localidade? No seu município? Na sua região? Quais são os principais problemas e desafios ambientais na sua localidade? O que você tem escutado e assistido na TV, internet, redes sociais sobre a situação do meio ambiente no Brasil e no mundo? Você se sente parte do meio ambiente?

Ressalta-se a importância de valorizar os conhecimentos prévios, a diversidade dos relatos de experiência, das formas de olhar e das narrativas. É importante incentivar a turma para relacionar o cotidiano com temas mais amplos como poluição, lixo, queimadas, preservação dos animais, entre outros.

A Prática de leitura e escrita **Fotógrafas(os) do meio ambiente** retoma a atividade, Câmeras em Ação, realizada na Unidade II, com foco, dessa vez, em questões ambientais. Incentiva a leitura crítica de imagens da própria localidade em que residem, a consciência ambiental, articulando oralidade, leitura e escrita, a partir de uma experiência concreta proposta às(aos) educandas(os).

Convide a turma para se organizar em duplas e proponha o uso de dispositivo móvel para uma observação sensível da realidade local, nos percursos que costumam fazer e nas circunvizinhanças, para fotografar cenas que revelam preservação, degradação e destruição do meio ambiente.

Chame a atenção e informe que a preservação envolve a presença de árvores, hortas, áreas limpas, cuidado com animais, dentre outros aspectos. Ademais, a degradação se apresenta por meio de lixo, poluição, entulho, esgoto ao ar livre, dentre outros problemas que implicam a deterioração gradual do ambiente, e a destruição diz respeito ao aniquilamento total da natureza.

Enfatize que as(os) educandas(os) devem ter um “olhar aguçado”, ou seja, a cada detalhe, como por exemplo: sinais de cuidado ou descaso com o meio ambiente, da ação humana no meio ambiente ou de iniciativas para recomposição da natureza.

A atividade Compartilhando **Fabiano** propõe a leitura de um outro fragmento do romance escrito por Graciliano Ramos, um importante clássico da literatura brasileira.

É relevante, no momento que antecede à leitura, retomar a trajetória do autor, por meio de perguntas realizadas pelo(a) educador(a) sobre a sua biografia, lembrando o que foi trabalhado e trazendo novos elementos sobre sua história. Para iniciar a atividade, sugere-se a leitura da comanda presente na trilha, e a realização da leitura em voz alta do trecho do capítulo intitulado “Fabiano”, nome do personagem principal do romance. Valorize o texto, com pausas, silêncios, quando necessário, e busque uma sonoridade para fruição da leitura.

Após a leitura, abra o espaço para o diálogo, baseando-se nas perguntas propostas: o que mais chamou a sua atenção? Quais sentimentos e imagens esse trecho de Vidas Secas provoca em você? Como você percebe a relação de Fabiano com o meio ambiente e consigo mesmo? Estimule articulações entre a realidade retratada na obra e a do território da turma.

A Prática de leitura e escrita **Problemas ambientais** apresenta painel de situações vividas pelos(as) brasileiros(as). O intuito é desenvolver a leitura crítica de imagens e promover uma maior apropriação do repertório relacionado à temática ambiental.



Polícia Federal/Divulgação/Agência Brasil.



Marcelo Camargo/Agência Brasil.

O momento de apresentação das fotografias será de diálogo com a turma, a fim de que as(os) educandas(os) reflitam, interpretem e cheguem às próprias conclusões. Proponha as perguntas disparadoras: Em que as imagens fizeram você pensar? Quais problemas ambientais foram retratados? Quais delas chamaram mais a sua atenção? Por quê? Você já presenciou situações semelhantes a essas retratadas nas fotografias? Tais situações têm se tornado mais frequentes? Por quê?

Após a leitura visual e interpretação das fotografias, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a construir, em duplas, com letras móveis, uma palavra que expresse o problema ambiental focalizado em cada uma das fotografias.

Em seguida, são convidadas(os) a escolher uma das imagens para criar uma legenda articulada à palavra criada pela dupla. É fundamental lembrar às(aos) educandas(os) que a legenda de uma fotografia é um texto curto que registra e explicita o contexto da imagem.

Na sequência, são chamadas(os) pelo(a) educador(a) a acompanhar o registro das legendas criadas pelas duplas; ler em voz alta as referidas legendas, com o apoio do(a) educador(a) e refletir sobre a escrita, junto aos(às) colegas, com o apoio do(a) educador(a), registrando, a seguir, a versão final da legenda criada em dupla.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Escrita das letras: formas e usos** possibilita a continuidade da abordagem das referidas questões, a partir da leitura visual e da interpretação de três cartazes de uma campanha de combate aos incêndios no Pantanal, produzidos pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima.



Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima/ <https://www.gov.br/mma>

Após escutarem a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a), as(os) educandas(os) são convidadas(os) a articular as imagens aos respectivos textos: Quais sentimentos e reflexões os cartazes despertaram em você? Quais articulações você estabeleceu entre as imagens e os textos escritos presentes nos cartazes? O que chama a sua atenção na organização dos cartazes? Quais textos escritos em cada um dos cartazes você destacaria? Por quê? Você observou – em espaços da sua localidade, do seu município ou virtuais – formas de escrita semelhantes a essas utilizadas nos cartazes? Em que situações?

Na sequência, são destacadas duas frases presentes, respectivamente, no primeiro e segundo cartaz: **“O PANTANAL ENFRENTA A SECA MAIS GRAVE EM 70 ANOS”** e a **“Seca no Pantanal é a mais grave em 70 anos.”** A proposta é que reflitam coletivamente sobre o que chama a atenção nas formas de escrita das letras que compõem as palavras presentes nas frases, e o que observam nas palavras que existem em comum nas duas frases, semelhanças e diferenças.

É importante instigar as(os) educandas(os) a perceberem quais formas de letras são utilizadas para títulos, palavras e expressões que se deseja colocar em destaque, os usos das letras maiúsculas e minúsculas nas duas frases em destaque, bem como nos cartazes como um todo.

É pertinente também o diálogo sobre a questão das letras escritas em negrito, tamanho das letras e outros elementos gráficos que tenham chamado a atenção das(os) educandas(os).

O desafio seguinte é para que observem fichas que contêm um conjunto de sílabas escritas com letras maiúsculas e minúsculas. Em duplas, as(os) educandas(os) devem ser convidadas(os) a escolher sílabas, recortá-las a fim de formar palavras que expressem problemas ambientais do Brasil e do mundo, as quais deverão ser coladas no caderno. É fundamental que as(os) educandas(os) sejam instigadas(os) a resolver, em diálogo com o colega da dupla, cada desafio, a partir das dicas presentes na trilha, chegando à composição das palavras: ENCHENTE, DESMATAMENTO, DESLIZAMENTO, seca, lixo, queimada. O intuito é desafiar as(os) educandas(os) a comporem palavras com letras maiúsculas e minúsculas, familiarizando-se, cada vez, com essas diferentes formas de escrita.

Como desdobramento da atividade, o(a) educador(a) pode propor novos desafios com outras palavras que remetam à temática ambiental, tanto com letras maiúsculas, quanto minúsculas.

A Prática de leitura e escrita **Mudanças climáticas e altas temperaturas** inicia um diálogo em torno desses fenômenos, motivo de preocupação no mundo todo. Mudanças climáticas podem ser causadas por questões advindas da própria natureza ou provocadas pelos seres humanos.

Proponha a leitura em voz alta, com apoio do(a) educador(a), da manchete “O ano de 2024 foi o mais quente da história” – veiculada pela Agência Brasil, em 10/01/2025, a partir de um Programa da Rádio agência Nacional, respectivamente, jornal on-line e rádio pertencentes à Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

Sugere-se o levantamento de percepções das(os) educandas(os) sobre a temperatura e as estações do ano na sua localidade, se observam mudanças e, em caso afirmativo, quais são.

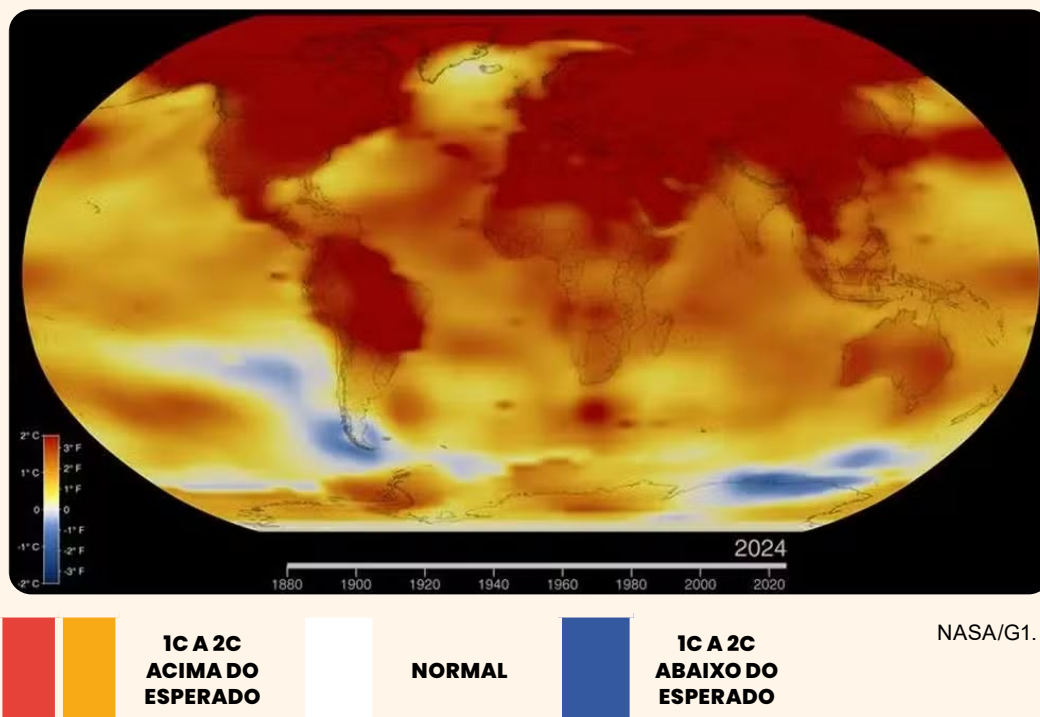
Na sequência, são convidadas(os) a acompanhar o registro feito pelo educador(a) dessas percepções da turma; a realizar a leitura em voz alta desse registro, com o apoio do(a) educador(a), a refletir sobre a escrita e a registrar a versão final da sistematização referidas percepções.

A atividade propõe, na continuidade, a reflexão sobre o fato de a crise climática estar sendo noticiada com frequência nas mídias. É indicado que as(os) educandas(os) dialoguem sobre: Como as mudanças climáticas trazem prejuízos para o campo e para a cidade? Em que aspectos? Essas mudanças atingiram a sua vida? E da localidade? Como? Você teve notícia de pessoas prejudicadas pelas mudanças climáticas? Em quê?

Em duplas, são requisitadas(os) a escolher e rememorar um fato relacionado a mudanças climáticas que tenha ocorrido na sua localidade ou região.

Diante da solicitação de produção de uma manchete sobre o referido fato, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a realizar a leitura em voz alta, com o apoio do(a) educador(a), de um texto que dá dicas sobre o que é uma manchete.

O diálogo sobre as manchetes criadas pelas duplas propicia a retomada de acontecimentos relacionados a mudanças climáticas que marcam a história da localidade. Esse movimento dialógico deve ser sequenciado pelo acompanhamento do registro feito pelo(a) educador(a); a leitura em voz alta das manchetes criadas pelas duplas, com o apoio do(a) educador(a); a reflexão sobre a sua escrita e, por fim, cada dupla deve registrar a versão final da manchete que criou.

ANOMALIAS DE TEMPERATURA DA SUPERFÍCIE TERRESTRE EM 2024.

Na Prática de leitura e escrita **Aquecimento global**, sugere-se iniciar a atividade contextualizando a temática que diz respeito ao aumento da temperatura média terrestre, tendo como causa principal a emissão de gases poluentes na atmosfera, o que tem crescido de forma insustentável desde a Revolução Industrial.

A trilha inicia com a solicitação de que as(os) educandas(os) façam a leitura visual e interpretem um mapa do mundo, produzido pela National Aeronautics and Space Administration (Nasa), que apresenta anomalias das temperaturas na superfície terrestre em 2024, chamando a atenção para a legenda ao lado do mapa.

É importante apresentar que um mapa do mundo, também chamado como mapa-múndi, é uma representação plana e em escala reduzida da superfície do planeta Terra, com seus continentes e oceanos.

É necessário escutar as impressões das(os) educandas(os) sobre as cores utilizadas no mapa. Nessa perspectiva, coloca-se a questão disparadora para o diálogo: Como você percebe as cores no mapa?

É essencial mediar a interpretação da legenda, trazendo a compreensão que as áreas em tons de vermelho e laranja indicam as regiões que tiveram as médias de temperatura de 1 a 2 graus Celsius mais elevadas do que o normal; as áreas na cor branca indicam as regiões que tiveram as médias de temperatura consideradas normais, e as áreas em azul, as regiões que tiveram as médias de temperaturas mais frias, de 1 a 2 graus Celsius abaixo do esperado.

Desafie as(os) educandas(os) a localizar o Brasil no mapa, para que o diálogo possa prosseguir, indagando: o que o mapa indica sobre a situação das mudanças nas médias de temperaturas em nosso país em 2024?

É relevante que o(a) educador(a) estimule a observação de que a maior parte do Brasil se situa na área marcada com a cor vermelha, sendo que apenas partes do litoral nordestino e da região sul do Brasil receberam a cor laranja.

Considerando as informações presentes no mapa e aquelas advindas da vida cotidiana, é proposta a última indagação sobre qual a cor que atribuiriam à própria localidade, com apresentação das razões.

Quanto ao texto informativo “Aquecimento Global”, é importante que acompanhem a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a), de modo a relacionar o que está escrito ao mapa, fazendo inferências de informações e articulando ideias sobre o assunto.

É solicitado que conversem com as(os) colegas: O que o mapa e o texto fizeram você refletir sobre o aquecimento global? Quais consequências do aquecimento global aconteceram e vêm acontecendo na sua localidade, na sua região e no Brasil?

Após esse movimento reflexivo, as(os) educandas são chamadas(os): a acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) das consequências do aquecimento global para a localidade, a região e o Brasil; a ler em voz alta, com o apoio do(a) educador(a), as anotações e refletir sobre a escrita. Por fim, registrar a versão final das consequências do aquecimento global para a localidade, a região e o Brasil mencionadas pela turma.

Na Cultura digital **Os “R” da sustentabilidade**, há orientações para a realização de uma pesquisa sobre o tema. É fundamental apresentar que os referidos “R” retratam atitudes que contribuem para a diminuição da emissão dos gases de efeito estufa que provocam o aquecimento global. São práticas que têm o propósito de reduzir o impacto da ação humana no meio ambiente e buscar um estilo de vida responsável que contribua

para minimizar as agressões que ameaçam a vida no planeta. Tais atitudes ganham essa denominação, uma vez que, coincidentemente, são escritas tendo como letra inicial o “R”, cada atitude com seu significado.

É proposta às(aos) educandas(os) a leitura visual e a interpretação de um cartaz virtual sobre o tema. As questões disparadoras problematizam quais reflexões as imagens e os dizeres do cartaz despertaram, bem como quais ações estão ao alcance de cada um para reduzir as emissões de carbono, ou seja, de gases de efeito estufa.

Após o(a) educador(a) escutar os conhecimentos prévios das(os) educandas(os), que devem ser desafiadas(os) a pesquisar sobre os “R” da sustentabilidade, em duplas, a partir das orientações para a pesquisa de imagens presentes na trilha.

O(a) educador(a) deverá ler e instigar a interpretação das instruções para a pesquisa de imagens e orientá-los para a realização desse processo em dupla.

No processo da pesquisa, as duplas vão se deparar com diversos cartazes virtuais e devem escolher um deles para realizar a leitura visual e a sua interpretação.

É essencial contextualizar que, desde os anos 1970, se fala dos “R” da sustentabilidade, mas, a princípio, eram 3 “R”: Reduzir, Reutilizar e Reciclar. A partir de então, foram ampliados e, nessa perspectiva, a pesquisa a ser feita na Internet deverá revelar essas e outras atitudes, representadas por “R” que estão ao alcance de todos e têm sido indicados para a proteção da vida no planeta Terra.

Após a pesquisa, as duplas são convidadas a compartilhar quantos e quais “R” da sustentabilidade encontraram e quais os seus significados.

Observe que há cartazes virtuais que apresentam três, cinco, que poderão chegar a oito ou mais “R”, os quais são complementares.

A conversa pautará as seguintes questões: Quantos “R” da sustentabilidade cada dupla encontrou? Quais são eles e seus significados? Quantas e quais atitudes diferentes podem ser percebidas nos resultados das pesquisas?

As(os) educandas(os) devem acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) dos diferentes “R” da sustentabilidade que foram encontrados pelas duplas, com os seus respectivos significados; fazer a leitura em voz alta do registro, com o apoio do(a) educador(a) e refletir sobre a escrita; por fim, anotando a versão final do resultado da pesquisa feita pela própria dupla sobre os “R” da sustentabilidade.

A conversa final é sobre quais os “R” da sustentabilidade, identificados pela turma durante a pesquisa, que foram ou são efetivamente praticados pelos(as) colegas da turma, seguidos pelo registro dessas atitudes colocadas em prática.

A Ciranda cultural **Planeta Azul** destaca uma música sertaneja, em ritmo de guarânia, composta por Aldemir Emídio de Souza e Durval de Lima, o Xororó, lançada em 1991, no álbum de Chitãozinho & Xororó que tem o mesmo nome.

No momento da pré-leitura, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a fazer inferências: Sobre o que deve tratar uma letra de música com esse título?

A leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve ser realizada com entonação, revelando a sua interpretação da letra da canção, a qual é um convite à reflexão sobre a relação dos seres humanos com a natureza.

Após a leitura, o(a) educador(a), se possível, poderá colocar a música para apreciarem sua expressiva melodia. O(a) educador(a) deve problematizar: Vocês consideram que as antecipações se confirmaram? Por quê? Na sequência, apresenta o convite para que as(os) educandas(os) expressem os sentimentos e reflexões despertados pela letra da música.

O **Para saber mais** é um convite à pesquisa que disponibiliza *links* dos Programas Saúde e Meio Ambiente, da Rádio USP (Universidade de São Paulo), com o professor Paulo Saldiva, médico patologista e pesquisador, que trata de questões relacionadas à sustentabilidade e à saúde; de uma série de reportagens do Jornal da USP sobre meio ambiente e temas afins e do vídeo “Você sabe o que é racismo ambiental? – episódio 3, produzido pela Agência Pública sobre mudanças climáticas, populações indígenas e afrodescendentes.

TRILHA 12: DA FOME À ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

A Roda de memórias **Fome e insegurança alimentar** convida à reflexão sobre essa gravíssima situação de injustiça presente em diversas partes do mundo, a qual deve ser enfrentada por toda a sociedade: governos, empresas e cidadãos(ãos). Estimule reflexões sobre a desigualdade, a pobreza, o desemprego, o desperdício de alimentos, bem como sobre políticas públicas voltadas para promover a segurança alimentar e, conseqüentemente, a superação da fome no Brasil.

A insegurança alimentar é a falta de acesso sistemático e permanente à alimentação, que pode variar de leve a grave. A primeira se refere à falta de acesso regular e sistemático a alimentos de qualidade em quantidades suficientes para uma vida saudável, ou seja, quando uma pessoa ou família não tem certeza de quando conseguirá a próxima refeição, se terá alimentos suficientes para toda a família, todos os dias. A segunda, a grave, é a própria situação de fome, a falta de acesso a alimentos, em que as pessoas passam dias sem se alimentar.

É considerado um quadro de fome quando, de forma contínua e persistente, o consumo alimentar de uma pessoa apresenta uma qualidade insuficiente para manter uma vida ativa e saudável. A fome impacta diversas comunidades da cidade e do campo, os grupos marginalizados que enfrentam desafios específicos no acesso à alimentação.

A presente atividade constitui um espaço de escuta e partilha que promove diálogos sobre experiências pessoais, familiares, comunitárias visando à construção de uma consciência social e cidadã. É fundamental respeitar os silêncios e o tempo de cada um(a); valorizar todas as falas e experiências, tanto de quem já vivenciou e superou essas situações-limite, quanto daqueles que conhecem situações próximas.

As perguntas propostas para o diálogo são as seguintes: Por que existem pessoas em situação de insegurança alimentar e de fome? Você presenciou situações de desperdício ao longo da vida? Quais iniciativas existem para a promoção da segurança alimentar e a superação da fome no Brasil? Na sua localidade, na sua região, como essas situações têm sido vivenciadas e enfrentadas?

Como desdobramento da temática, sugere-se identificar representantes de iniciativas de promoção de segurança alimentar para serem entrevistadas(os), a fim de compartilharem a sua experiência em movimentos de superação da insegurança alimentar e da fome.

Recomenda-se que o(a) educador(a) faça a mediação do diálogo, reconhecendo a alimentação como um direito humano fundamental, para que todos(as) tenham acesso a alimentos nutritivos e a uma vida saudável.

O Compartilhando intitulado **Mudança** retoma mais um trecho do livro *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos. Ao provocar a pré-leitura, é importante o(a) educador(a) indagar as(os) educandas(os) o que imaginam estar contido neste trecho que recebe esse mesmo título.

Na sequência, a leitura em voz alta do trecho selecionado deve ser realizada com ênfase, de modo a provocar a compreensão e interpretação das(os) educandas(os), estabelecendo um vínculo com o texto.

Sugere-se o diálogo a partir das questões propostas na trilha: O que mais chamou a sua atenção? Quais sentimentos e imagens esse trecho de Vidas Secas provoca em você? Você vivenciou situações que exigiram mudanças? Em que momentos da sua vida, você sonhou acordada(o) diante de uma situação de dificuldade, como forma de sobreviver ou resistir?

Recomenda-se ampliar o diálogo, acrescentando outra questão: Como você interpreta o modo como Fabiano sonha, mesmo diante da seca e da fome?

A roda deve ser o espaço acolhedor para que cada educanda(o) possa interpretar o texto a partir de suas vivências e, caso deseje, falar sobre os seus sonhos e desejos para si, sua família ou sua comunidade.

A Prática de leitura e escrita **“Quem tem fome tem pressa”** parte de um texto informativo sobre a Organização Social Ação e Cidadania, uma rede de comitês constituída por pessoas e organizações locais que atuam, voluntariamente, nos territórios e na luta por políticas públicas. Apresente oralmente aspectos da trajetória da referida organização, bem como dados de seu fundador, Herbert de Souza, conhecido como Betinho. Acrescente informações sobre o Conselho de Segurança Alimentar (Consea) e outras políticas públicas voltadas ao direito à alimentação.



Observatório do terceiro setor.

Após a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) do texto informativo intitulado “Ação e Cidadania”, fomente um diálogo junto às(aos) educandas(os), indagando se haviam escutado falar sobre a organização e se conhecem as ações dessa rede ou de outras redes de solidariedade.

Na continuidade, a proposta é que as(os) educandas(os) façam a leitura visual do cartaz da campanha “Natal sem fome de 2020”, vinculando-o ao trecho da letra da música “Quem tem fome tem pressa”, e os interprete.

No tocante ao cartaz, é relevante instigar as(os) educandas(os) a observar o tamanho, o formato, as cores das letras e a imagem escolhida. Na sequência, devem ser convidadas(os) a acompanhar a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) do cartaz e do trecho da letra da música, criada e gravada por quase trinta artistas para a Ação Cidadania, por ocasião da “Campanha do Natal sem fome”, durante a pandemia. São propostas as seguintes questões: O que chama mais a sua atenção no cartaz e no trecho da letra da música? Quais sentimentos despertam em você? O que convidam a fazer? Quais vínculos existem entre o cartaz e o trecho da letra da música?

Na sequência, as(os) educandas(os) devem ser desafiadas(os) a formar duplas e, inspiradas(os) no cartaz e no trecho da letra da música, utilizando letras móveis, criar uma mensagem solidária para a superação da fome e da insegurança alimentar. Incentive as duplas a lerem suas mensagens em voz alta para a turma e, a seguir, a acompanhar o registro de cada mensagem na lousa feito pelo(a) educador(a) e ler em voz alta, com o seu apoio, as mensagens elaboradas e a refletir sobre a escrita. No fim, cada dupla deve registrar a versão final da mensagem que criou.

A sugestão é que essas mensagens venham compor um “Mural de Palavras Contra a Fome” a ser exposto na sala ou em outro espaço coletivo da comunidade.

A Prática de leitura e escrita **Iniciativas e políticas** propõe a leitura de trechos do depoimento do agricultor Audeci Nunes da Silva, sobre vivências no semiárido. A atividade tem o intuito de aproximar as(os) educandas(os) da realidade do semiárido brasileiro, de iniciativas comunitárias e de políticas públicas para a superação da fome e da insegurança alimentar. Estimule a reflexão crítica sobre o acesso à água e à alimentação como direitos humanos fundamentais.

Inicie com a comanda presente na trilha. Realize a leitura em voz alta dos trechos selecionados do depoimento do agricultor Audeci, em que destaca a memória familiar diante da fome e das transformações recentes com acesso a políticas públicas.

Após a leitura, proponha as seguintes questões disparadoras: Você escutou na sua localidade depoimentos semelhantes ou diferentes a esse do agricultor Audeci? O que diziam tais depoimentos? O que o depoimento do agricultor acrescenta aos seus valiosos conhecimentos sobre a realidade brasileira?

É fundamental que todas as vezes que estiver em foco uma questão que diz respeito a uma região do país em específico, o(a) educador(a) chame a atenção, provoque a reflexão sobre as dimensões continentais do nosso país e a importância da apropriação de conhecimentos acerca das diversas realidades que o compõem.

Na continuidade da atividade, há o convite para a leitura visual de uma fotografia que apresenta a imagem de uma cisterna instalada, relacionando-a a um texto informativo sobre a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), a ser lido em voz alta pelo(a) educador(a).



CISTERNA

Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome/Wikimedia Commons

Estimule uma conversa inicial com as seguintes questões: Como você interpreta a fotografia de forma articulada ao texto informativo apresentado? Qual seria a relação entre a presença da cisterna e a superação da fome e da insegurança alimentar? O que você conhece sobre iniciativas e políticas públicas que atuam na superação das causas da fome e da insegurança alimentar?

A partir das reflexões realizadas, as(os) educandas(os), em duplas, são convidadas(os) a: formar com letras móveis nomes de iniciativas ou políticas para a superação da fome e da insegurança alimentar; acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) da lista de iniciativas mencionadas pela turma; ler em voz alta, com o apoio do(a) educador(a), a lista de iniciativas destacadas; refletir sobre a sua escrita e, por fim, registrar a versão final da lista de iniciativas para a superação da insegurança alimentar e da fome, produzida a partir dos conhecimentos da turma.

Como ampliação da atividade, sugere-se a construção coletiva de um “Mapa da Solidariedade”, por meio de marcações, em um mapa do município, dos locais onde essas iniciativas acontecem, podendo ser inseridos desenhos, fotos ou textos.

A Prática de leitura e escrita **Alimentos, acesso e preferências** parte de uma provocação inicial sobre as experiências das(os) educandas(os) junto a hortas produzidas em quintais, ou comunitárias, apresentadas como parte das ações para a promoção da segurança alimentar. São propostas as seguintes questões disparadoras: Você cultiva ou cultivou uma horta no seu quintal? Na sua localidade, existem hortas comunitárias? Você participa ou participou de uma experiência dessa natureza? Você compra produtos em hortas? O intuito é favorecer uma reflexão sobre as hortas caseiras, comunitárias e de pequenos produtores, as quais, ao serem cultivadas sem uso de agrotóxicos, podem contribuir com uma alimentação saudável. A agroecologia integra práticas agrícolas sustentáveis, com princípios ecológicos para produzir os alimentos, o que respeita o meio ambiente e promove justiça social.

Dialogue com as(os) educandas(os) sobre as recomendações de consumir: frutas da época, pois fora desse período, é mais provável que tenham recebido maior carga de agrotóxicos; legumes e verduras da localidade, buscando, se possível, informações sobre as origens dos alimentos. É fundamental também dialogar sobre a importância de lavar todos os alimentos antes de consumi-los e cozinhá-los, a fim de minimizar os prejuízos advindos da possível presença de agrotóxicos, venenos que

vão se acumulando e destruindo os organismos e o meio ambiente. É preciso prestar atenção ao que se come e como se come, bem como aos sabores e aos nutrientes dos alimentos a que se tem acesso e da própria preferência, a fim de rever e confirmar escolhas.

Na sequência, é proposta uma reflexão sobre a quais alimentos as(os) educandas(os) têm mais acesso. É retomado o trabalho com o gênero textual lista, com a solicitação de que formem, inicialmente, com letras móveis os nomes desses alimentos. São convidadas(os) a acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) da lista de alimentos aos quais a turma tem mais acesso, ler em voz alta, com o apoio do(a) educador(a) a lista e refletir sobre a sua escrita. A culminância é o registro da versão final da lista de alimentos aos quais cada(o) educanda(o) tem mais acesso.

Em continuidade, é proposto um diálogo sobre a seguinte questão: diante da possibilidade de escolher os alimentos, quais são as suas preferências? As(os) educandas(os) são convidadas(os) a utilizar letras móveis, sendo que agora o desafio é formar nomes dos referidos alimentos. Novamente é proposto o movimento de acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) de uma lista dos alimentos preferidos pela turma; a leitura em voz alta, com o apoio do(a) educador(a) e a reflexão sobre a escrita. O registro da versão final da lista de alimentos da preferência de cada educanda(o) abre possibilidades para as práticas de leitura e escrita que virão a seguir, as quais vão problematizar questões relativas à alimentação saudável.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Formas de escrita das letras** propõe, inicialmente, a leitura visual de dois folhetos de supermercado, gêneros comuns do cotidiano que incluem informações sobre produtos para o consumidor.

É importante dialogar com as(os) educandas(os) sobre a importância dos folhetos com meios de divulgação de produtos e serviços, documentos de natureza multimodal, impressos ou virtuais, que têm o intuito de serem atraentes e circularem entre o maior número de pessoas possível, tendo em vista chamar a atenção para os produtos e serviços anunciados, a fim de potencializar a sua comercialização. É pertinente indagar às(aos) educandas(os) se conhecem folhetos impressos ou virtuais, quais as vantagens que percebem em cada formato, lembrando que os virtuais alcançam um maior número de pessoas. Caso haja interesse das(os) educandas(os) por folheto e desconheçam como acessá-los, é pertinente que o(a) educador(a) e as(os) colegas que saibam como fazê-lo possam apoiar as(os) interessadas(os).

A solicitação da comanda é que as(os) educandas(os) articulem as imagens aos nomes dos alimentos e a seus respectivos preços, o que deve gerar uma série de comentários iniciais das(os) educandas(os) sobre as ofertas no setor de hortifruti, se as consideram interessantes, tomando por base os preços dos alimentos praticados nos estabelecimentos existentes na sua localidade ou município.

No tocante à escrita das palavras, são propostas as seguintes questões: Como as letras que compõem as palavras foram escritas nos folhetos? Você destacaria quais diferenças na escrita das palavras?

É importante instigar as(os) educandas(os) a explicitar todas as semelhanças e diferenças que observam, buscando identificar quais formas de escrita suscitam mais dúvidas e por quais razões.

MANGA	MELÃO	ABACAXI	MAÇÃ
manga	melão	abacaxi	maçã
MANGA	MELÃO	ABACAXI	MAÇÃ
manga	melão	abacaxi	maçã

Na sequência, é apresentado um quadro que traz nomes de quatro frutas – MANGA, MELÃO, ABACAXI E MAÇÃ – escritas com letras maiúsculas e minúsculas, com diferentes fontes tipográficas. Novamente, as(os) educandas(os) devem ser provocadas(os) a observar as formas de escrita das letras utilizadas nos nomes das frutas, expressar o que chamou a sua atenção nas formas de escrita das letras, em suas semelhanças e diferenças, refletindo, coletivamente, com o(a) apoio do(a) educador(a) sobre as formas diferentes de escrita das letras presentes no quadro e na própria localidade, como observa essas mesmas letras em outros formatos e situações, compartilhando suas percepções.

O desafio seguinte é para que façam a leitura em voz alta, com o apoio do(a) educador(a), de placas de produtos comercializados na feira presente em uma imagem. Em uma das barracas, os produtos são anunciados em letras maiúsculas e, na outra, em letras minúsculas. A proposta é que dialoguem se houve dificuldade em reconhecer o formato das letras e, em caso afirmativo, de qual(is); se houve dificuldade em ler alguma palavra e por qual motivo.



Como desdobramento da atividade, as(os) educandas(os) podem ser provocadas(os) a ficarem atentas(os) a formatos diferentes de letras com os quais venham a se deparar no cotidiano e tragam para a sala de aula textos, embalagens ou fotografias desses textos, de modo que possam dialogar sobre esses diferentes formatos de letras que possam suscitar dúvidas e possibilitar novas aprendizagens.

A Prática de leitura e escrita **Refletindo sobre a lista de compras** propõe novamente a leitura de folhetos de supermercados, dessa vez, para a produção de uma lista de compras. É necessário solicitar que as(os) educandas(os) tragam folhetos impressos de supermercado que costumam frequentar e/

ou que o(a) educador(a) traga folhetos para realização da atividade, sendo também possível a consulta de folhetos virtuais. A leitura dos nomes dos produtos nos próprios folhetos certamente se constituirá um apoio para a produção da lista de compras por parte de cada educanda(o). Contudo, é pertinente o(a) educador(a) deixar as letras móveis também disponíveis para as(os) educandas(os) que desejarem utilizá-las.

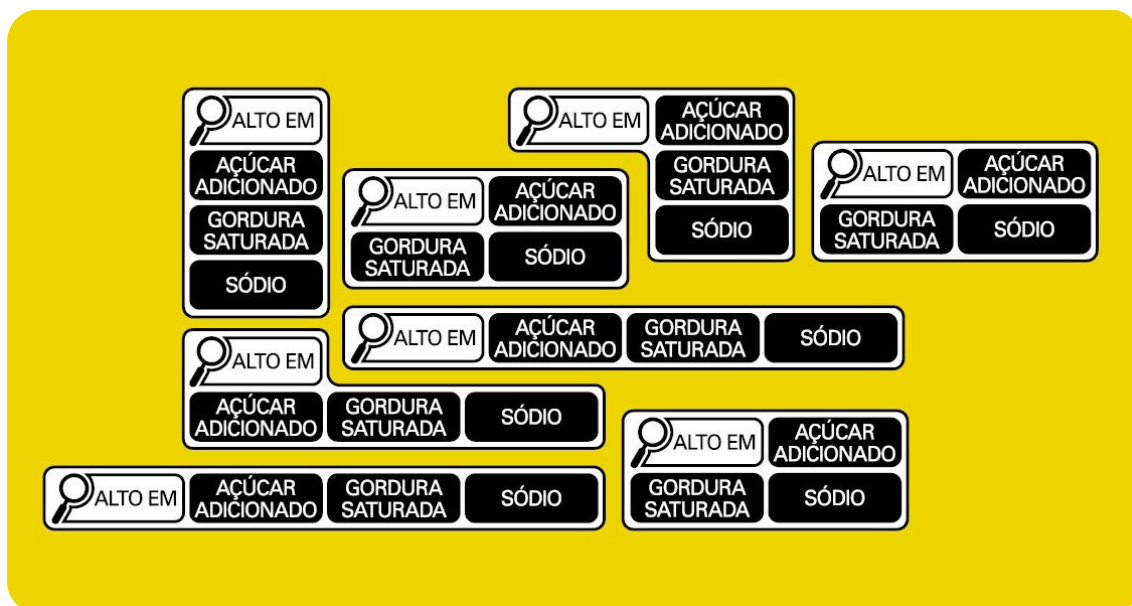
Concluída a produção da lista de compras, é proposto que as(os) educandas(os) façam a leitura visual de um quadro, produzido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (Nepa) da Universidade Estadual de Campinas, buscando articular as imagens dos alimentos ao texto informativo inserido à frente de cada ilustração. Na sequência, as(os) educandas(os) devem ser convidadas(as) a acompanhar a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) do referido quadro. É importante promover o diálogo sobre as informações presentes, buscando articulá-las aos conhecimentos prévios das(os) educandas(os) sobre o tema.

Com o seu apoio, as(os) educandas(os) devem retomar a lista de compras produzida, recortar imagens dos produtos escolhidos dos folhetos e classificá-los conforme o quadro presente na trilha.

É imprescindível a realização de uma conversa final sobre de que forma as reflexões que a construção desse quadro suscitaram nas(os) educandas(os) em relação à sua alimentação.

A Prática de leitura e escrita **Analisando rótulos** procura desenvolver leitura a partir da observação e análise de rótulos de produtos alimentícios industrializados, tendo em foco as novas normas de rotulagem nutricional. Peça com antecedência às(aos) educandas(os) que tragam embalagens de produtos alimentícios que costumam consumir em seu cotidiano. Sugere-se que, no dia da atividade, essas embalagens sejam expostas da forma que for mais conveniente para a observação da turma.

É fundamental explicitar que os rótulos são um gênero textual, bimodal, que articulam textos verbais e não verbais, os quais têm a função de informar o consumidor, marca, validade, ingredientes, composição nutricional, entre outros. As embalagens que carregam os rótulos têm a função de armazenar e proteger os produtos, podem ser feitas de materiais variados: plástico, papel, vidro, alumínio, isopor, com formatos variados: caixas, latas, garrafas, dentre outros, os quais sempre buscam ser convidativos e atraentes ao consumidor.



Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

É importante informar que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) regula e fiscaliza as informações presentes nos rótulos das embalagens e que a presença da “lupa” com a indicação de alto teor de sódio, de açúcar adicionado e de gordura saturada, foram estabelecidos pela Anvisa, em 9 de outubro de 2022, a fim de que houvesse informações mais precisas aos consumidores, com a função de proteger adequadamente a sua saúde. Explique, com linguagem acessível, o que significam os símbolos e as expressões.

Após essa reflexão, é importante convidar as(os) educandas(os) a acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) dos nomes dos produtos, cujas embalagens foram trazidas pela turma. Devem ser provocadas(os) a realizar leitura em voz alta dos nomes dos produtos, com o apoio do(a) educador(a), e a refletir sobre a sua escrita.

Com seu apoio, devem escrever, no quadro presente na trilha, os nomes dos produtos trazidos e marcar um X, nas colunas, em caso de presença das indicações relativas aos respectivos produtos.

Em continuidade, realize uma conversa com a turma sobre as informações que encontraram nos produtos que trouxeram para a aula. A fim de contribuir para as reflexões, proponha as seguintes questões: Quais produtos da lista aparecem com mais de um alerta? Você tinha prestado atenção anteriormente nessas indicações referentes a alto teor de sódio, açúcar adicionado e gordura saturada? E no seu cotidiano, alimentos com

essas características estão presentes? Essas informações mudam a forma como você vê os produtos? Há alternativas mais saudáveis a eles? Quais? O que o preenchimento do quadro fez você pensar?

A atividade traz em si um potencial para criar situações de simulação de compras e vendas de produtos alimentícios, levando em conta as informações nutricionais presentes nos rótulos das embalagens.

A Cultura digital **Pesquisando e criando receitas saudáveis** propõe inicialmente que as(os) educandas(os) acompanhem a leitura feita pelo educador(a) de trechos do Guia alimentar para a população brasileira, lançado pelo Ministério da Saúde, em 2014, o qual apresenta quatro recomendações e uma regra de ouro para uma alimentação saudável. Tais orientações servirão como critérios para avaliar criticamente se as receitas são realmente saudáveis.

É importante que o(a) educador(a) tenha um olhar aguçado para as quatro recomendações presentes no referido guia: i) fazer de alimentos in natura ou minimamente processados a base da alimentação; ii) utilizar óleos, gorduras, sal e açúcar em pequenas quantidades ao temperar e cozinhar; iii) limitar o uso de alimentos processados, consumindo-os, em pequenas quantidades, como ingredientes de preparações culinárias ou como parte de refeições baseadas em alimentos in natura ou minimamente processados; e iv) evitar alimentos ultraprocessados – sendo a regra de ouro: preferir sempre alimentos in natura ou minimamente processados em preparações culinárias a alimentos ultraprocessados.

Na sequência, encontra-se um texto que retoma dicas para pesquisa por comando de voz, sendo o enfoque na leitura crítica das informações obtidas. É fundamental incentivar as(os) educandas(os) a observar, nos vídeos de receitas selecionados, se os ingredientes e modos de preparo estão conforme as orientações do guia.

Ao final, cada educanda(o) deve escolher uma receita e compartilhá-la oralmente com as(os) colegas, destacando por que ela chamou a sua atenção e se atende às recomendações de alimentação saudável presentes no guia.

É importante ressaltar que as informações presentes nos *sites* disponíveis na Internet nem sempre são confiáveis. Por isso, é fundamental a atenção às fontes das receitas, por vezes, mais voltadas a fazer propaganda de produtos do que indicar receitas efetivamente saudáveis. É essencial orientar que *sites* de instituições públicas, universidades, profissionais da saúde são

considerados fontes confiáveis. Reflita junto às(aos) educandas(os) que uma alimentação saudável não pode ser confundida com as dietas da moda. Trata-se de uma escolha baseada em conhecimentos científicos, alinhados com o direito à saúde.

Na sequência, as(os) educandas(os) são estimuladas(os) a criar coletivamente uma receita saudável, para demonstrar a apropriação dos conhecimentos tratados nessa atividade. Caso necessário, retome com a turma as quatro recomendações e a regra de ouro do guia.

Recomenda-se chamar a atenção da turma para as especificidades que esse gênero requer, encorajando-a a escolher um título criativo e coerente com o conteúdo da receita; uma lista de ingredientes simples e saudáveis e o modo de fazer, respeitando a sequência lógica requerida pelo texto instrucional. Durante a realização do registro da receita, promova reflexões sobre a grafia das palavras e a estrutura da receita culinária, como texto instrucional. É importante a leitura em voz alta da receita com a turma e a reflexão sobre a sua escrita.

Como ampliação da atividade, sugere-se promover o preparo da receita criada pela turma no local de estudo, ou em um espaço comunitário próximo, observando sempre os cuidados de higiene. É recomendável organizar um caderno com receitas saudáveis.

A Ciranda cultural **Tocando em frente** apresenta trecho da letra da música de Renato Teixeira e Almir Sater. A canção, nas vozes de Maria Bethânia e Vera Holtz, compôs o álbum Ação da cidadania 25 anos, uma atualização do álbum Brasil são outros 500, lançado em 1998, que teve a participação de 40 artistas.

No momento da pré-leitura, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a fazer inferências, a partir da indagação: O que deve abordar uma canção com esse título? – a fim de mobilizar sentidos para o momento da leitura.

A leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve ser realizada com entonação, de modo a favorecer a interpretação da letra da música, a qual destaca a importância de valorizar e saborear as experiências simples da vida, buscando superar dificuldades com serenidade e leveza.

Após a leitura, o(a) educador(a) deve questionar: Vocês consideram que as antecipações se confirmaram? Por quê? Na sequência, apresenta o convite para que as(os) educandas(os) apreciem a canção e compartilhem sentimentos que emergem, imagens suscitadas e as reflexões desencadeadas pela canção.

O **Para saber mais** apresenta “Memórias da solidariedade: Dona Terezinha”, que conta a história dessa líder comunitária, voluntária da ação desde o tempo do Betinho, na Ação e Cidadania.

Traz na sequência os *links* do clipe oficial da música Tenho sede – de Anastácio e Dominginhos, interpretada por Gilberto Gil, no clipe oficial do “Programa 1 milhão de Cisternas”.

Recomenda o documentário Conviver, da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), revelador de que o combate à seca deu lugar ao bem viver com o Projeto Cisternas, bem como traz o *link* do livro Água para colher o futuro, comemorativo dos 20 anos do referido projeto.

Indica também o link para acesso ao Guia Alimentar para a população brasileira (Ministério da Saúde, 2014), instrumento para apoiar e incentivar práticas alimentares saudáveis.

Recomenda também o vídeo “Alimentos ultraprocessados e câncer: conheça os impactos para a saúde”, do Instituto Nacional de Câncer (Inca) e o episódio “Nutricídio racismo alimentar”, do programa do Canal preto, com a participação da pesquisadora de culturas alimentares Patty Durães.

Por fim, traz o *link* da reportagem da Revista Avisa Lá, que apresenta “Lia, a cirandeira de Itamaracá”, a qual traz entrevista concedida a Elza Corsi, sobre a experiência de Lia como cozinheira cirandeira.



UNIDADE TEMÁTICA V: SOMOS TRABALHO: PRODUZIMOS CULTURA

Valoriza o trabalho na constituição da identidade dos sujeitos produtores de culturas, problematiza o trabalho na contemporaneidade e aborda questões relativas a direitos das(os) trabalhadoras(es).

Trilha 13: Trabalho, natureza e cultura

Trilha 14: O trabalho no mundo contemporâneo

Trilha 15: Trabalho, direitos e atitudes

TRILHA 13: TRABALHO, NATUREZA E CULTURA

A atividade **Para começo de conversa** traz fotografias que remetem ao trabalho humano como ação transformadora da natureza e produtora de cultura. É fundamental que inicie a conversa a partir das imagens apresentadas, provocando as(os) educandas(os) a observarem atentamente os detalhes e compartilhem o que mais lhes chama a atenção.

É importante valorizar as experiências e memórias trazidas por cada pessoa, sobretudo as relacionadas a atividades de trabalho, sejam elas formais, informais ou domésticas. Essa escuta inicial permite identificar saberes prévios, modos de vida e valores atribuídos ao trabalho em diferentes contextos, inclusive nas ruas. A postura do(a) educador(a) deve ser sempre de sensibilidade e de acolhida, a fim de encorajar o compartilhamento de elementos da trajetória de vida das(os) trabalhadoras(es) estudantes. Por meio da reconstrução da memória, é possível reconhecer saberes advindos de sua ação como pessoas transformadoras do espaço em que habitam, no exercício de tomar nas mãos a própria história e projetar a perspectiva do futuro, como produtoras e produtores de cultura.

A Roda de memórias **O trabalho da gente** provoca o diálogo sobre questões relativas ao trabalho de cada pessoa da turma, indagando em que momento da vida cada um(a) começou a trabalhar, se esse início ocorreu no contexto do campo ou na cidade, sempre incentivando as(os) educandas(os) a relatarem a sua experiência.

As questões as(os) convidam a compartilhar em que trabalham, se consideram os afazeres domésticos, incluindo o cuidado com familiares, como formas de trabalho e se tais afazeres são valorizados pela sociedade e como afetam sua participação em outras atividades – estudo, lazer, dentre outras – com apresentação de justificativas para suas posições.

A roda instiga a reflexão sobre de que formas as condições de trabalho se apresentam na localidade e as(os) educandas(os) chegaram a migrar em busca de trabalho e, em caso positivo ou não, narrar as situações e o porquê. São provocadas(os) à reflexão se há aspectos relativos ao trabalho que prejudicam a sua vida, tais como jornada excessiva, assédio, condições precárias do ambiente de trabalho, salários injustos, entre outros, refletindo em quais sentidos e por quais razões. Por fim, são convidadas(os) a compartilhar com as(os) colegas, qual trabalho gostam de fazer.

É fundamental, durante a atividade, acolher e valorizar os relatos das(os) educandas(os), reconhecendo o trabalho como dimensão essencial da existência humana e como expressão de cultura. Problemатize qual o sentido e a concepção de trabalho que as(os) educandas(os) têm e depois provocá-las(los) a fazerem essa reflexão sobre as desigualdades históricas: o trabalho invisibilizado das mulheres, das populações negras, indígenas e das classes populares. Estimule reflexões sobre como o trabalho pode ser, simultaneamente, forma de criação e de resistência.



PRODUÇÃO DE FOGO

Tanja Lage/Wikimedia Commons



FERRAMENTA DE PEDRA LASCADA

Leitmotiv/Wikimedia Commons

A Prática de leitura e escrita **Transformando a Natureza** propõe inicialmente a leitura visual de duas fotografias, com o convite para que as(os) educandas(os) interpretem de forma articulada as imagens e o texto informativo Domínio do fogo: a natureza se transforma em cultura, a ser lido em voz alta pelo(a) educador(a). Ao ler, considere o ritmo do texto e suas entonações, dentre outros pontos que aquela leitura requer, em consonância com o gênero textual. A leitura em voz alta deve fazer com que as(os) educandas(os) se apropriem das especificidades da escrita do texto informativo lido.

As questões apresentadas convidam ao diálogo sobre quais lembranças as fotografias as(os) despertaram, e o que chamou a atenção no texto acerca dos desdobramentos que o domínio do fogo trouxe para a existência humana, ao possibilitar a transformação da natureza em elementos de cultura. A conversa instiga também a identificar e refletir sobre quais outras invenções humanas – a partir do controle do fogo ou de outro elemento da

natureza – chamam a atenção das(os) educandas(os) e por quais razões.

Busque valorizar a escuta atenta e o diálogo interpretativo, apoiando as(os) educandas(os) a compreenderem que o domínio do fogo representa um marco na História da Humanidade, símbolo da capacidade humana de intervir, criar e transformar o meio em que vive.

Instigue a reflexão e a interpretação da turma sobre a frase de Paulo Freire destacada em negrito – “cultura é toda criação humana” –, na perspectiva que a cultura é produzida a partir da inserção das pessoas no processo de produção da vida social. É fundamental provocar as(os) educandas(os) a refletir por si mesmas(os), acolhendo, inicialmente, os sentidos que o trecho em negrito nelas(eles) desperta. Só depois de uma primeira rodada de compartilhamento de posições, o(a) educador(a), considerando as falas proferidas, pode fazer novas problematizações, de modo que possam reconhecer os seus saberes cotidianos, advindos das produções culturais que realizam por meio do trabalho.

A produção escrita proposta será de uma lista das invenções humanas que mais chamam a atenção da turma. Podem ser tanto aquelas que se encontram presentes nos seus cotidianos, quanto outras as quais têm acesso pelas diferentes mídias. É fundamental apoiar as(os) educandas(os), organizadas(os) em duplas, para formarem, inicialmente, com letras móveis, o nome de uma invenção humana a partir do controle ou modificação de um elemento da natureza, diferente daqueles presentes nas fotografias. Estimule a cooperação e a atenção à escrita, de modo que troquem ideias, verbalizem e comparem suas hipóteses durante o processo de construção da escrita. Aproveite o momento coletivo de leitura e registro para que se apropriem da experiência da autoria coletiva de uma lista, recordando as características desse gênero textual.

Como desdobramento da atividade, caso seja pertinente e haja condições objetivas para a organização de uma exposição, pode ser proposta a partir de desenhos, fotografias, frases e objetos que representem os diferentes modos como o trabalho transforma a natureza e constrói cultura na localidade, no município ou região, para a qual a turma escolheria um nome convidativo, relacionado à temática na localidade.

A Prática de leitura e escrita **Instrumentos de trabalho** propõe, inicialmente, uma reflexão sobre a importância da construção de instrumentos, cada vez mais complexos, para a facilitação da execução das tarefas cotidianas. Instigue a reflexão sobre o significado do trabalho humano,

com condições de transformar não só a natureza, mas os homens e as mulheres que o criaram, por meio da leitura e interpretação de fragmento de um texto de autoria de Sonia Couto, Samara Marino e Luiz Nascimento, presente no livro Alfabetização, formação profissional e direitos humanos, publicado pelo Instituto Paulo Freire, em 2014. Verifique a pertinência de buscar textos complementares.

As questões propostas convidam a refletir sobre quais instrumentos de trabalho as(os) educandas(os) utilizam no seu dia a dia, para que os utilizam e se foram produzidos pelas(os) próprias(os) educandas(os) ou por outras pessoas. Provoque as(os) educandas(os) a nomear os instrumentos que utilizam em seu trabalho e a refletir se, em sua trajetória, os instrumentos de trabalho e o próprio trabalho que realizam foram se modificando e quais seriam essas transformações.

É fundamental provocar a reflexão em torno do trabalho que realizam, como envolve o seu pensar, a sua criatividade, o seu corpo e o seu tempo; estimulando-os(as) a contar para os(as) colegas como compreendem a contribuição do seu trabalho para si mesma(o) e para os outros e como percebem, de que maneiras, que o seu trabalho transforma a natureza e produz cultura. É importante valorizar as experiências profissionais, domésticas e comunitárias como formas legítimas de trabalho e de produção de cultura.

É essencial dialogar sobre o que são instrumentos de trabalho, que são variáveis a depender do trabalho que cada um(a) realiza – seja na lavoura, em casa, em uma empresa, na rua. Por exemplo, para um(a) educando(a) que trabalha na lavoura, a enxada pode ser um instrumento mais “leve” do que a caneta ou o lápis. Outra questão colocada é que diversas profissões, como as(os) empregadas(os) domésticas(os), têm se deparado com transformações nos instrumentos que utilizam, sendo muitos substituídos por máquinas.

Após realizarem as reflexões acerca do texto e das questões disparadoras, no diálogo sobre as imagens presentes em um painel de instrumentos de trabalho, oriente para que as(os) educandas(os) percebam que cada ferramenta representa uma mediação entre o ser humano e o mundo, conceito que pode ser explorado de maneira acessível, reforçando o papel da inteligência, da criatividade e da experiência no ato de trabalhar: Como esses instrumentos apresentados no painel podem produzir cultura? Você conhece outros instrumentos de trabalho utilizados por homens e

mulheres para transformar a natureza? Produzir cultura? Qual(is)? Solicite que compartilhem com a turma as suas vivências.

Desse modo, a atividade visa provocar o estabelecimento de relações entre o texto e a vivência das(os) educandas(os), destacando o conceito de trabalho como capacidade humana de transformar a natureza e a si, convidando as(os) educandas(os) a identificar elementos dessa transformação em seu cotidiano, por exemplo, nas atividades agrícolas, de cuidado, artesanais, de ensino, culinárias, na construção civil, entre outras.

No momento de registro da lista de instrumentos, incentive que acompanhem o registro feito pelo(a) educador(a) dos nomes de instrumentos de trabalho destacados pela turma, para além daqueles apresentados no painel. A leitura em voz alta dos nomes destacados, a reflexão sobre a escrita, deve culminar com o registro da versão final da lista dos instrumentos de trabalho utilizados para transformar a natureza e produzir cultura, mencionados pela turma.

É interessante propor às(aos) educandas(os) a produção da lista, com atenção especial à estruturação requerida pelo gênero. Durante a reflexão realizada no momento da escrita coletiva, é sempre válido retomar aspectos que suscitam a curiosidade da turma, acerca de sílabas iniciais, mediais ou finais que compõem os nomes dos instrumentos destacados pelas(os) educandas(os).

O Conversando sobre a língua escrita **Rimas** busca promover um diálogo sobre a potencialidade da experiência estética proporcionada pela sonoridade das palavras. É essencial indagar ou valorizar a existência de pessoas na turma ou na localidade que produzem e recitam versos com rimas em seus cotidianos.

A atividade proposta, de forma mais simples, solicita que seja realizada uma leitura em voz alta, com o apoio do(a) educador(a) de nomes de diversas profissões, explorando as variações de gênero e as regularidades sonoras, como por exemplo, cozinheira/cozinheiro, professora/professor. O que não impede que se vá além, a depender do repertório e da familiaridade das(os) educandas(os).

Para a realização da atividade, é essencial retomar o conceito de rima visto anteriormente – como repetição de sons iguais ou semelhantes dentro ou no fim dos versos – destacando que há diversos tipos de rimas e que, na atividade, é abordada aquela de repetição sonora, que ocorre na terminação das palavras de forma perfeita, ou seja, corresponde à

totalidade da terminação da palavra. Caso apareçam as rimas feitas pelas(os) educandas(os), esse conceito deve ser trabalhado a partir dessas rimas por elas(eles) criadas, que têm especial concretude. Caso haja educandas(os) com familiaridade com as rimas, é fundamental que contribuam para a condução da aula, a partir da sua experiência.

Caso seja pertinente, a proposição de uma atividade para iniciantes, o(a) educador(a) deve estar atento(a) para apoiar as(os) educandas(os), de modo que realizem a leitura em voz alta dos nomes das profissões presentes em uma cartela disponibilizada no fim da trilha.

Os nomes das profissões presentes na cartela devem ser cuidadosamente recortados, de modo que possam, em duplas, agrupar os nomes das profissões que rimam.

Na sequência, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a formar palavras que rimem com os nomes das profissões, ou avancarem das palavras em destaque: agricultor, agricultora, cozinheira e cozinheiro. O diálogo sobre outros exemplos orais são muito bem-vindos, de modo a incentivar as(os) educandas(os) a formarem, em duplas, pares rimados com os nomes de profissões propostos, favorecendo a aprendizagem de forma colaborativa.

É fundamental dar atenção especial às(aos) educandas(os), em processo de consolidação da escrita, garantindo que possam observar e refletir sobre as palavras coletivamente com apoio visual e auditivo. As(os) educandas(os) devem ser instigadas(os) a dialogar sobre a atividade: O que você observou em relação aos nomes das profissões indicadas? E ao formar as rimas?

Como desdobramento da atividade, pode ser proposta a criação de versos rimados com nomes das profissões exercidas pelas(os) educandas(os), ou com outras profissões de seu interesse.

A Prática de leitura e escrita **Modos de produção** instiga, inicialmente, a leitura visual e interpretação de imagens relacionadas a diferentes formas de produção de tecidos – das manufaturas às produções industriais – sinalizando para as transformações históricas dos instrumentos e dos modos de produção. A leitura visual das imagens deve ser compreendida como um ato interpretativo, que permite às(aos) educandas(os) situarem-se no mundo do trabalho e perceber a interdependência entre diferentes profissões.



André Koehne/Wikimedia Commons



Alberto Buscató Vázquez, /Wikimedia Commons



Lewis Hine/Wikimedia Commons



Brandenburgisches Textilmuseum Forst/Wikimedia Commons



Azorbli/Wikimedia Commons



Kurt Kaiser/Wikimedia Commons

É essencial provocar o diálogo sobre o que as fotografias fizeram os(as) educandas(os) refletirem e, para além das imagens, instigando o olhar investigativo: Você havia parado para pensar quantas(os) trabalhadoras(es) estiveram envolvidas(os) para que a vestimenta que está usando pudesse existir? Quais saberes, instrumentos e tecnologias encontram-se envolvidos nesse processo?

É fundamental valorizar a interdependência do trabalho desenvolvido no campo e na cidade e a importância e as especificidades do trabalho artesanal e do industrial. É essencial também salientar a relevância do trabalho exercido pelos mais diversos profissionais, nem sempre valorizados. No sistema de produção capitalista em que vivemos, aqueles que detêm os meios de produção são os proprietários do que é produzido e, desse modo, concentram os lucros obtidos a partir da produção.

Na contramão das desigualdades pertinentes à divisão social injusta do trabalho, é importante problematizar a realidade e projetar caminhos para a valorização de todas(os) trabalhadoras(es).

A atividade de produção escrita é proposta para ser realizada em duplas, com a solicitação de que construam, com letras móveis, o nome da profissão de um(a) trabalhador(a) envolvido(a) na produção de uma peça de algodão. Incentive as(os) educandas(os) a acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) dos nomes das profissões destacadas pelas duplas; a fazer a leitura em voz alta das profissões destacadas, com o apoio do(a) educador(a), a refletir sobre a escrita e registrar a versão final da lista de profissões envolvidas na produção de uma peça de algodão, que foram destacadas pela turma.

Durante o registro das profissões, é sempre importante incentivar a escrita colaborativa e a leitura em voz alta, explorando as regularidades gráficas e sonoras das palavras. Essa etapa favorece o desenvolvimento da consciência fonológica e ortográfica.

A atividade Compartilhando **Operário em Construção** traz a proposta de leitura como fruição sensível do poema com o referido título, de autoria de Vinícius de Moraes.

No momento da pré-leitura, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a conhecer um pouco mais sobre o autor, que se declarava, antes de tudo, um dedicado poeta. Em seguida, devem ser provocadas(os) a fazer inferências a partir do título do poema: o que poderão abordar os seus versos?

Depois de mobilizar a atenção das(os) educandas(os) e a uma predisposição para o momento da leitura, o(a) educador(a) deve realizá-la com entonação, de forma expressiva, enfatizando o movimento de descoberta e de consciência presente na experiência do operário em foco, que vai se reconhecendo, aos poucos, como sujeito histórico e criador.

Após a leitura, convide as(os) educandas(os) a conversarem sobre quais sentimentos a experiência do operário em construção despertou. O desconhecimento do operário acerca de que “o operário faz a coisa e a coisa faz o operário” pode ser problematizado, no intuito de aprofundar a reflexão em torno das diferentes maneiras pelas quais o trabalho influencia trajetórias, forma identidades e modos de vida. É essencial instigar a reflexão sobre como homens e mulheres têm condições de agir e de transformar o mundo pelo trabalho e pela cultura. Desse modo, modificam o mundo e têm suas vidas marcadas pelo trabalho que realizam.

Caso seja possível, apresente o poema completo de Vinícius de Moraes e dialogue sobre a relação entre arte, trabalho e consciência social, favorecendo uma leitura humanizadora.

A Prática de leitura e escrita **Construindo um acróstico** sobre trabalho traz a proposta de construção coletiva dessa composição poética.

A atividade apresenta inicialmente o convite para que as(os) educandas(os) acompanhem a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) de um texto informativo sobre o que vem a ser um Acróstico, um poema criado a partir de uma palavra em destaque, escrita de cima para baixo, ou seja, na posição vertical. O texto informativo aborda também diferentes possibilidades para a composição do Acróstico, a partir: das primeiras letras de uma palavra, com a inserção de novas palavras ou frases relativas ao tema; de uma única palavra, colocada em diferentes posições; da ordem alfabética, em que o primeiro verso começa com a letra “a” e assim sucessivamente, sendo criadas frases sobre o tema escolhido, ou a partir do nome próprio do(a) autor(a). É importante mostrar exemplos orais ou escritos, para garantir a compreensão da turma.

Na sequência, é proposto um diálogo para que, coletivamente, possam fazer escolhas acerca do Acróstico a ser criado pela turma. As(os) educandas(os) devem eleger uma palavra-tema relacionada à temática do Trabalho para compor a estrutura do texto e decidir, dentre as opções apresentadas no texto informativo, qual o formato será escolhido.

Definidos a palavra-tema e o formato, como primeira etapa da produção escrita, solicite para que, em duplas, com o uso de letras móveis, formem uma ou mais palavras que podem compor o acróstico. Durante a produção, incentive as(os) educandas(os) a pensarem palavras que expressem sentimentos, experiências e valores associados ao tema.

Realize a leitura em voz alta das palavras que foram produzidas pelas duplas e apoie a turma, na elaboração coletiva do acróstico, a partir da palavra e do formato escolhidos. Incentive as(os) educandas(os) a colaborar, ativamente, para a construção do texto, a partir das palavras construídas pelas duplas.

O processo reflexivo sobre a escrita é primordial e deve ser incentivado. Após as revisões apontadas por meio do diálogo entre os pares, e com o apoio do(a) educador(a), é importante que todas(os) se sintam representadas(os) no poema criado. Por fim, deve ser realizado o registro da versão final do Acróstico construído a muitas mãos.

Como desdobramento, estimule a gravação em áudio ou vídeo da leitura do acróstico, criando um registro multimodal para circulação nas redes sociais da escola, fortalecendo o sentimento coletivo de autoria e valorização da cultura local.

A Cultura digital **Museu da Pessoa** visa propiciar o contato com o referido museu como um espaço colaborativo e digital que valoriza as histórias de vida de trabalhadoras e trabalhadores. É importante refletir sobre o sentido de um museu virtual e a importância de registrar memórias que, muitas vezes, ficam à margem da história oficial.

Estão disponíveis na trilha orientações para uma navegação orientada: desde o envio do comando de voz “Museu da Pessoa”, na ferramenta de busca da preferência das(os) educandas(os), à identificação do “Menu”, em que se encontram as seções do museu.

As(os) educandas(os) devem ser acompanhadas(os) na navegação, para que consigam selecionar “Histórias” > “Todas as Histórias”, onde poderão “Pesquisar por”. Desse modo, deverão indicar o nome da profissão escolhida, a fim de constatar se há histórias de pessoas que possuem a referida profissão.

É importante solicitar que as(os) educandas(os) observem que há histórias de vida registradas por texto e outras por vídeo e texto, condições que devem ser cuidadosamente levadas em consideração para a escolha das histórias. Auxilie as(os) educandas(os) a seguirem o passo a passo para exploração do sítio, valorizando o aprendizado tecnológico como exercício de autonomia digital.

Incentive o diálogo sobre o que cada história desperta: memórias, emoções, aprendizados. Essa atividade permite um encontro entre tecnologia, memória e trabalho, na busca de ampliar a leitura do mundo das(os) educandas(os) acerca desse encontro.

Há dicas adicionais, ao fim da atividade, sobre a importância de utilizar táticas para economia de dados. É relevante promover o diálogo junto às(aos) educandas(os) sobre como fazem para economizar dados, se costumam perguntar nos espaços que frequentam se é possível se conectar a redes wi-fi existentes; se ativam a economia de dados nos aparelhos que utilizam; se sabem como escolher a exibição de um vídeo em uma qualidade mais baixa, ou seja, econômica; se utilizam o recurso de baixar vídeos, quando estão conectados a wi-fi, para assisti-los depois, sem usar os dados móveis. É muito importante solicitar que compartilhem suas dicas para economia de dados com as(os) colegas.

Como desdobramento da atividade, pode ser construído um registro coletivo: um painel de palavras, frases ou pequenos textos sobre os sentimentos despertados pelas histórias encontradas.

A Ciranda cultural **Cidadão** retrata o olhar de um trabalhador sobre obras as quais ajudou a construir e sobre suas reflexões acerca do reconhecimento, ou completa ausência desse reconhecimento pela sociedade.

Na etapa de pré-leitura, apresente o contexto histórico da criação da canção, composta por Lúcio Barbosa. Solicite que as(os) educandas(os) fiquem atentas(os) à primeira cena apresentada na canção, inspirada em uma situação real vivida pelo tio do compositor. No sentido de aguçar a atenção da turma para o momento da leitura, é relevante também destacar que, logo ao ser lançada por Zé Ramalho, em 1979, a canção conquistou grande sucesso, tendo sido gravada também por Luiz Gonzaga, Renato Teixeira, Silvio Brito e Wilson Paim.

O momento da leitura deve ser realizado pelo(a) educador(a), em voz alta, com entonação e expressividade e, se possível, apresente a música em áudio ou vídeo, estimulando a escuta sensível da composição.

Após a leitura, é essencial estimular o diálogo sobre o que esse trecho da letra da música fez as(os) educandas(os) pensarem; quais sentimentos e imagens são despertados pelos versos da canção e como o poema musical de Lúcio Barbosa dialoga com as realidades vividas pela turma.

É importante a acolhida das narrativas das(os) educandas(os), que podem também ter ajudado “a levantar algo” – uma casa, uma escola, um prédio comunitário – e ter diferentes experiências com relação ao reconhecimento ou não de seu trabalho nesse processo.

O **Para Saber Mais** traz inicialmente a recomendação do filme Tempos Modernos, de Charlie Chaplin, como possibilidade de aprofundar a reflexão sobre as transformações do trabalho na era das máquinas e sobre o

impacto da industrialização na vida das pessoas. Apresenta também a indicação do documentário *Mirante Mercado*, o qual focaliza o olhar sobre as(os) trabalhadoras(es) informais e sua criatividade diante das adversidades, favorecendo o debate sobre a economia popular e a resistência cultural. Por fim, indica o vídeo “PROEJA FIC Cáceres”, que oferece um excelente exemplo de integração entre formação geral e profissional na EJA, mostrando experiências concretas que articulam saberes, trabalho e cidadania.

TRILHA 14: O TRABALHO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A Roda de memórias **O mundo do trabalho e suas mudanças** instiga as(os) educandas(os) a dialogarem sobre suas percepções e experiências acerca das transformações no mundo do trabalho, a partir das seguintes questões disparadoras: Quais mudanças têm ocorrido no mundo do trabalho? Por que será que têm acontecido? Elas têm atingido os direitos das(os) trabalhadoras(es)? De que forma? E os seus direitos?

O(a) educador(a) deve estimular um diálogo que valorize tanto as memórias pessoais quanto as observações sobre o contexto contemporâneo, buscando identificar as mudanças ocorridas e percebidas no modo de trabalhar, nas relações trabalhistas e nos direitos conquistados ou perdidos.

É importante que o(a) educador(a) acolha as percepções e relatos, auxiliando as(os) educandas(os) a relacionarem as vivências locais, regionais e nacionais, com transformações mais amplas – mecanização, a terceirização, o trabalho por aplicativos e o avanço das tecnologias digitais.

O intuito é promover reflexões críticas sobre as transformações do mundo do trabalho, seus impactos sobre a vida das(os) próprias(os) educandas(os), das(os) trabalhadoras(es) em geral e as desigualdades sociais e econômicas, reconhecendo o trabalho como elemento de produção de cultura, identidade e dignidade humana.

O Compartilhando **O açúcar** traz para apreciação de um poema do escritor Ferreira Gullar. No momento da pré-leitura, é importante instigar as(os) educandas(os) a pensarem o que um poema com o referido título pode abordar. Como se trata do primeiro contato com o autor, é essencial que o(a) educador(a) leia as informações presentes na trilha sobre a sua

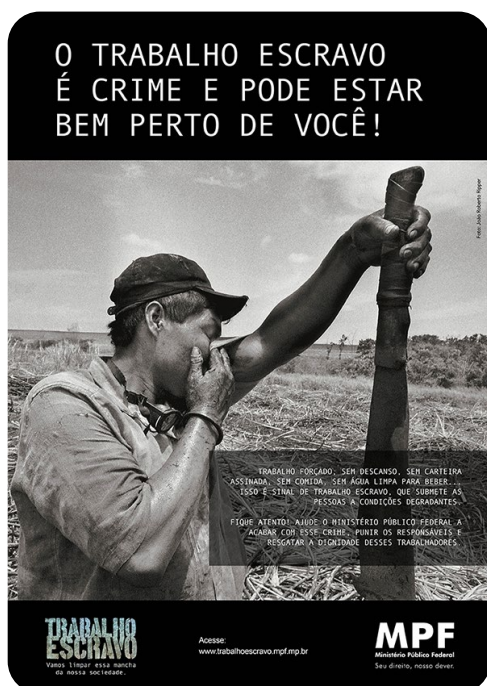
trajetória, as quais podem ser complementadas por outros dados relevantes, a critério do(a) educador(a), a fim de ampliar o repertório das(os) educandas(os) como leitores(as).

O momento da leitura em voz alta do poema pelo(a) educador(a) deve ser feito de forma a favorecer a sua interpretação e a criação de sentidos a partir dos versos apresentados.

Para promover o diálogo em torno do poema, proponha como questões disparadoras: Quais sentimentos e reflexões o trecho do poema despertou em você? Você considera que houve mudanças na realidade das(os) trabalhadoras(es) rurais e urbanos? Por quê? Você havia refletido anteriormente sobre questões semelhantes ou diferentes dessas propostas por Ferreira Gullar? Quais?

Durante o diálogo, instigue a turma a observar o contraste entre o cotidiano urbano – “meu café nesta manhã de Ipanema” – e o cenário de exploração do trabalho no campo. Estimule a escuta ativa, abrindo espaço para que as(os) educandas(os) ampliem o olhar sobre o trabalho e suas condições históricas, dialoguem sobre o valor do trabalho humano invisibilizado e sobre as desigualdades que persistem na sociedade.

A Prática de leitura e escrita **Refletindo sobre cenas de trabalho** solicita, inicialmente, que as(os) educandas(os) realizem a leitura visual dos dois cartazes do Ministério Público Federal e os interprete.



www.trabalhoescravo.mpf.mp.br



www.trabalhoescravo.mpf.mp.br

É importante retomar que os cartazes, gênero textual informativo e apelativo, podem ser produzidos em diferentes suportes – manuscritos ou impressos em folhas de papel, plásticos entre outros materiais – ou produzidos em aplicativos. A finalidade de um cartaz é divulgar informações – produtos, campanhas, manifestações, eventos entre outros – por meio de textos e imagens, de forma objetiva. Visa facilitar a compreensão de uma mensagem junto ao público em geral ou específico a que se destina em diversos espaços presenciais ou virtuais.

São propostas as seguintes questões para que as(os) educandas(os) dialoguem entre si: O que chamou a sua atenção nos cenários retratados em cada um dos cartazes? Por quê? Em que situações essas(es) trabalhadoras(es) se encontram? Você conhece situações semelhantes a essas? Conte para os(as) colegas.

É fundamental estimular a atenção aos detalhes das imagens, favorecendo uma leitura crítica dos cartazes, que têm elementos em comum e diferenciados. Durante o diálogo, incentive as(os) educandas(os) a observarem os elementos gráficos – cores, expressões faciais, gestos, cenários – e a linguagem textual – expressões de alerta utilizadas – com apelos à responsabilidade social.

É indispensável que o(a) educador(a) realize a leitura em voz alta do texto que acompanha as imagens e o que está localizado abaixo dos cartazes, em fonte ampliada para facilitar a sua visualização. Solicite que as(os) educandas(os) acompanhem a leitura.

É fundamental que o(a) educador(a) contextualize o tema do trabalho escravo contemporâneo, destacando que, embora ilegal, essa prática ainda existe no Brasil e desrespeita direitos humanos fundamentais. Durante toda a atividade, a mediação do(a) educador(a) deve estimular a reflexão ética: “Como podemos reconhecer e combater situações de exploração?”, de modo a estabelecer relações entre a temática e situações presenciadas na localidade.

Ao final, a solicitação é para que as(os) educandas(os) elaborem, coletivamente, um título para cada um dos cartazes. Devem ser estimuladas(os) a acompanhar o registro feito pelo(a) educador(a) dos títulos criados pela turma, fazer a leitura em voz alta dos títulos e a refletirem sobre a escrita, registrando, por fim, a sua versão final.

A Prática de leitura e escrita **Elaborando texto jornalístico** convida inicialmente a refletir e compreender o que significa “trabalho em condição

análoga à escravidão”, um conceito presente na legislação brasileira e amplamente debatido nos meios de comunicação e nas políticas públicas de direitos humanos.

ORIENTAÇÕES PARA A ESCRITA DE TEXTOS JORNALÍSTICOS

OS TEXTOS JORNALÍSTICOS TÊM O OBJETIVO DE DIVULGAR INFORMAÇÕES SOBRE ACONTECIMENTOS PARA O PÚBLICO EM GERAL.

PARA A SUA ELABORAÇÃO, É NECESSÁRIO RESPONDER ÀS SEGUINTE QUESTÕES:

- 1.** O QUE? (O FATO OCORRIDO)
- 2.** QUEM? (OS PERSONAGENS ENVOLVIDOS)
- 3.** QUANDO? (A DATA, O HORÁRIO)
- 4.** COMO? (A FORMA QUE OCORREU)
- 5.** POR QUÊ? (AS CAUSAS)

DEVE APRESENTAR FRASES CURTAS E IDEIAS OBJETIVAS.

EM SUA PRIMEIRA PARTE, DEVE TRAZER AS PRINCIPAIS INFORMAÇÕES DA MATÉRIA PARA CHAMAR A ATENÇÃO DAS(OS) LEITORAS(ES).

Inicie com a leitura em voz alta das manchetes e dos trechos iniciais das reportagens, que constituem o ponto de partida para o diálogo. É essencial estimular as(os) educandas(os) a identificar as informações principais, observando o tipo de linguagem jornalística e os recursos que despertam o interesse do leitor – data, local, título, subtítulo. Durante a conversa, incentive que compartilhem suas percepções sobre as causas e consequências dessas situações e sobre o papel das instituições na defesa dos direitos das(os) trabalhadoras(es), a partir das questões disparadoras: Você havia escutado, anteriormente, notícias de situações

semelhantes a essas abordadas nas reportagens? Qual a sua suposição sobre o que aconteceu na continuidade das situações apresentadas? Conte para a turma. O diálogo pode ser ampliado com a reflexão sobre como as desigualdades de gênero, raça e classe social se expressam no mundo do trabalho.

Na sequência, realize a leitura em voz alta das “Orientações para a escrita de textos jornalísticos”, presentes na trilha. Tais orientações trazem subsídios para a elaboração, de forma coletiva, de um texto jornalístico que expresse as suposições da turma em relação à continuidade de uma das reportagens.

Durante a produção do texto jornalístico, de maneira coletiva, o(a) educador(a) pode retomar as perguntas orientadoras – O quê? Quem? Quando? Como? Por quê? – como estrutura para a escrita, conduzindo o grupo na formulação de frases curtas e claras. O objetivo é vivenciar o processo de escrita como prática social, fortalecendo a autoria e a leitura crítica das notícias.

É fundamental estimular a turma a participar da produção coletiva, procurando articular as frases, dando pleno sentido ao texto que está sendo construído.

Após a conclusão da escrita, é importante realizar a leitura em voz alta da reportagem original completa, com a solicitação de que as(os) educandas(os) a acompanhem atentamente. Oriente para refletirem sobre a escrita do texto jornalístico elaborado coletivamente, considerando a reportagem completa. Se considerarem necessário, realizem complementações no texto da turma, acrescentando dados da reportagem original. Por fim, solicite o registro da versão final da produção coletiva.

Como desdobramento da atividade, caso haja acesso à internet, incentive a leitura de outras reportagens sobre o tema, em portais oficiais, como o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o Ministério Público do Trabalho (MPT) e a Agência Brasil, para acessar diferentes formas de abordagem, que tratem do trabalho digno ou da precarização.

A Prática de leitura e escrita **Legendando profissões e mudanças** propõe a leitura visual e a interpretação de um painel de fotografias que convida as(os) educandas(os) a observarem transformações nas profissões e na sua função social, diante da automação e das novas tecnologias.

É fundamental que o(a) educador(a) convide à leitura visual e à interpretação das imagens, para que observem e analisem os cenários, as(os) trabalhadoras(es), instrumentos de trabalho e outros elementos em foco,

a partir da seguinte questão disparadora: O que cada fotografia do painel retrata? Compartilhe suas percepções.

O diálogo pode abarcar se, e quais profissões estão passando por transformações, desapareceram ou tendem a desaparecer; quais profissões permanecem essenciais e o que muda quando uma máquina é inserida para substituir uma pessoa. Esses questionamentos têm potencial para estimular a análise crítica e a percepção das tensões entre a inovação tecnológica e a dignidade humana.

Após o diálogo sobre as percepções da turma, incentive a elaboração coletiva de legendas para cada uma das fotografias. É importante retomar que a legenda se trata de um texto curto que apresenta a importância e características de uma imagem, dentre outros aspectos, o que permite uma comunicação visual e verbal acerca do seu sentido.

Solicite para a turma que acompanhe o registro das legendas criadas, depois realize a leitura em voz alta das referidas legendas, com o apoio do(a) educador(a), e a reflexão sobre a escrita.

A elaboração coletiva das legendas é um exercício de síntese e de uso social da escrita. Convida a turma a produzir textos curtos e significativos, e a atividade de culminância deve ser o registro da versão final das legendas criadas coletivamente.

A Prática de leitura e escrita **Profissões ameaçadas ou extintas** propõe a leitura visual e interpretação de uma charge intitulada “Engraxate”.

O trabalho com o gênero charge permite desenvolver a leitura crítica de textos não verbais, com a marca do humor ou da ironia, que expressam opinião sobre fatos sociais.

O(a) educador(a) deve orientar para a observação atenta dos detalhes da imagem – cenário, personagens, gestos, expressões, vestimentas, símbolos – e conduzir uma conversa sobre os sentidos que perpassam a cena. Proponha às(aos) educandas(os) que dialoguem com os(as) colegas: O que os detalhes do cenário e os personagens retratados fazem você pensar? Durante o diálogo, problematize se identificam conexões entre a charge e o painel de fotografias presentes na atividade anterior.

Na sequência, peça que, em duplas, utilizando letras móveis, formem nomes de profissões ameaçadas ou extintas com as mudanças ocorridas no mundo do trabalho. À medida que as duplas forem compartilhando os nomes das profissões ameaçadas ou extintas, realize o seu registro, estimulando o aprofundamento crítico da reflexão sobre os diferentes casos focalizados.

Solicite que a turma acompanhe a lista formada, reflita sobre a escrita dos nomes das profissões destacadas e registre a versão final da lista com os nomes das profissões ameaçadas ou extintas, elaborada pela turma.

Como possibilidade de ampliação da atividade, pode ser criado um glossário coletivo com os nomes das profissões mencionadas, incluindo uma explicação sobre a função de cada uma das profissões. É importante situar que o glossário é uma lista alfabética de termos específicos de um determinado assunto, no caso, os nomes das profissões, acompanhados de suas definições, com destaque para as suas funções. O glossário serve para facilitar a compreensão de um texto ou documento, explicando palavras ou expressões que podem não ser familiares ao leitor. O glossário pode ainda ser apresentado em cartaz ou em áudio gravado pela turma, articulando oralidade e registro escrito.

A Prática de leitura e escrita **Exploração das(os) trabalhadoras(es)** propõe a ampliação da leitura crítica das realidades vividas por trabalhadoras(es) na economia digital, em tempos de plataformação do trabalho.

Oriente as(os) educandas(os) a realizarem a leitura visual e interpretação das charges, a partir da observação atenta dos elementos visuais e textuais, com destaque às expressões dos personagens, com a crítica social presente em cada composição.



Toni D'Agostinho/<https://www.acaricatura.com.br/>

É fundamental retomar a discussão de que a charge articula elementos visuais e verbais – por meio de desenhos ou caricaturas de personagens; com criatividade, humor e ironia –, a fim de provocar reflexões críticas sobre temas políticos, sociais e culturais. Possibilita conhecer universos, discursos, formas de compreender uma questão, trazendo possibilidade de ampliação da leitura do mundo.

Incentive o diálogo a partir das questões disparadoras: Quais os seus sentimentos e posicionamentos diante das situações retratadas nas charges? Na sua localidade, no seu município, você conhece pessoas nessas situações? Conte para a turma.

Durante o diálogo, é importante que as(os) educandas(os) relacionem o humor e a ironia das imagens às desigualdades e aos desafios enfrentados por quem vive do trabalho mediado por aplicativos. Provoque ainda questionamentos como: Quais direitos aparecem ameaçados nessas situações? Quais responsabilidades recaem sobre as empresas e sobre o poder público? Essas discussões possibilitam compreender o fenômeno da chamada “uberização” do trabalho, conectando a vivência local à reflexão social mais ampla.

Realize o registro das impressões da turma e solicite que acompanhem essa escrita. Apoie as(os) educandas(os) na leitura em voz alta dos apontamentos e na reflexão sobre a escrita.

É fundamental que a sistematização coletiva dos posicionamentos seja orientada como um exercício de escuta que favorece a participação e a experiência da autoria coletiva, mediante a valorização das contribuições das(os) educandas(os). Finalizada a construção, solicite que registrem a versão final da sistematização dos posicionamentos da turma.

A atividade **Conversando sobre a língua escrita** **Parafraseando com rimas** tem como foco o trabalho com paráfrase e o reconhecimento da linguagem poética como meio de expressão das experiências de vida e de luta das(os) trabalhadoras(es).

Realize a leitura em voz alta do fragmento da letra da música *Trabalhador*, anunciando que será foco, posteriormente, na Ciranda cultural.

A leitura em voz alta, feita pelo(a) educador(a), deve favorecer a compreensão dos versos. Dialogue com a turma sobre as impressões acerca do trecho da canção, incentivando as(os) educandas(os) a interpretá-lo. Apoie as(os) educandas(os) para que realizem, em seguida, a leitura em voz alta do fragmento da canção.

Na continuidade da atividade, realize a leitura do texto informativo presente na trilha, que explica o que é uma paráfrase. Explique à turma que fazer uma paráfrase não é apenas copiar, mas recriar o sentido do texto com outras palavras, preservando a ideia central.

Incentive as(os) educandas(os) a reescreverem, de maneira coletiva, com o apoio do(a) educador(a), os versos da letra da música *Trabalhador*, com palavras escolhidas pela turma, procurando realizar as rimas sem perder o sentido dos versos originais. Ao final, leia com a turma os versos construídos e proponha a reflexão sobre a escrita.

Como desdobramento da atividade, pode ser realizada a leitura das paráfrases criadas e de versos autorais inspirados nas vivências de trabalho, reconhecendo a potência artística e crítica das(os) educandas(os).

É importante que, durante a reelaboração coletiva, o(a) educador(a) destaque o uso das rimas, da musicalidade e as marcas da oralidade presentes nas criações.

A Cultura digital **Pesquisando canais de denúncia** apresenta inicialmente a informação de que há canais na internet específicos para realizar denúncias sobre casos de violação dos direitos das(os) trabalhadoras(es). É necessário que os relatos sejam precisos, de modo a tornar a denúncia consistente, fornecendo informações suficientes para sua análise e apuração.

A atividade busca promover o letramento digital crítico, orientando o uso ético e responsável da internet para o exercício da cidadania e a defesa de direitos das(os) trabalhadoras(es).

Leia em voz alta com a turma o passo a passo da atividade. Ao acompanhar a navegação nos sítios oficiais, o(a) educador(a) deve reforçar a importância da verificação das fontes, da confiabilidade das informações e do uso seguro dos dados pessoais.

A conversa coletiva, após a navegação, deve ser orientada pela questão disparadora: Quais informações a pesquisa revelou que você ainda não sabia? Conte para a turma.

O diálogo pode retomar experiências de injustiça, desigualdade ou preconceito vividas no trabalho, articulando-as ao tema das denúncias. A intenção não é apenas técnica, aprender a usar os sítios indicados, mas formativa, de modo que as(os) educandas(os) possam compreender o papel social das plataformas públicas na garantia da dignidade e dos direitos das(os) trabalhadoras(es).

Diante de dificuldade de acesso à internet, o(a) educador(a) pode imprimir ou projetar as telas principais do portal gov.br/trabalho, simulando

a navegação e identificando direitos trabalhistas básicos: carteira assinada, jornada, segurança, igualdade salarial, entre outros que precisam ser respeitados, e o desrespeito a eles pode e deve ser notificado às autoridades competentes.

A Ciranda cultural **Trabalhador** apresenta fragmento da letra da canção composta por Sombrinha, Arlindo Cruz, Franco e Seu Jorge, que traduz, em linguagem popular e poética, a realidade cotidiana de milhões de brasileiras e brasileiros.

No momento da pré-leitura, o(a) educador(a) pode indagar se as(os) educandas(os) conhecem seus compositores e se ouviram anteriormente a famosa canção.

A leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve ser realizada com entonação e interpretação, sendo que a audição da canção tem potencial para promover um engajamento ainda maior na atividade, caso seja possível fazê-lo.

Após a leitura, é fundamental conduzir o diálogo sobre os versos, instigando a reflexão sobre os elementos simbólicos que expressam desigualdade, resistência e esperança: O que esse trecho da letra da música fez você pensar?

Outras questões podem ser feitas no sentido de refletir sobre quais imagens o texto traz do trabalhador brasileiro, quais sentimentos são expressos na letra e como fazem refletir sobre o valor do trabalho. A atividade estimula a valorização da cultura popular, a ampliação da escuta sensível e a articulação entre arte, trabalho e cidadania.

O **Para Saber mais** traz inicialmente o sítio “A Caricatura”, que reúne produções do cartunista Toni D’Agostinho, reconhecido e premiado por seu trabalho como chargista político.

O vídeo “Milhares de crianças e adolescentes no Brasil têm suas infâncias roubadas pelo trabalho infantil”, disponível no canal do Ministério do Trabalho e Emprego, discute o trabalho infantil e suas consequências físicas, emocionais e sociais.

Por fim, traz a “Cartilha Amarela”, elaborada pela Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), com orientações a trabalhadoras(es), a empregadoras(es) e a toda a sociedade sobre a prevenção ao assédio, às violências e ao suicídio relacionados ao trabalho, sendo um recurso que pode ser explorado como instrumento de educação em direitos, ressaltando a importância de ambientes laborais seguros, saudáveis e dignos.

TRILHA 15: TRABALHO, DIREITOS E ATITUDES

A Roda de memórias **(Re)conhecendo direitos** promove um espaço de diálogo entre as(os) educandas(os) a partir dos conhecimentos prévios e experiências sobre os direitos trabalhistas, das leis que os asseguram e das formas de organização coletiva dos(as) trabalhadores(as) em defesa desses direitos, associações, sindicatos, dentre outras formas.

Inicie a roda retomando os temas das trilhas anteriores, “Trabalho, Natureza e Cultura” e “Trabalho no mundo contemporâneo”, destacando que vem sendo discutido, nesta unidade, o trabalho como prática social, histórica e cultural, permeado por transformações nos modos de produção do sistema capitalista.

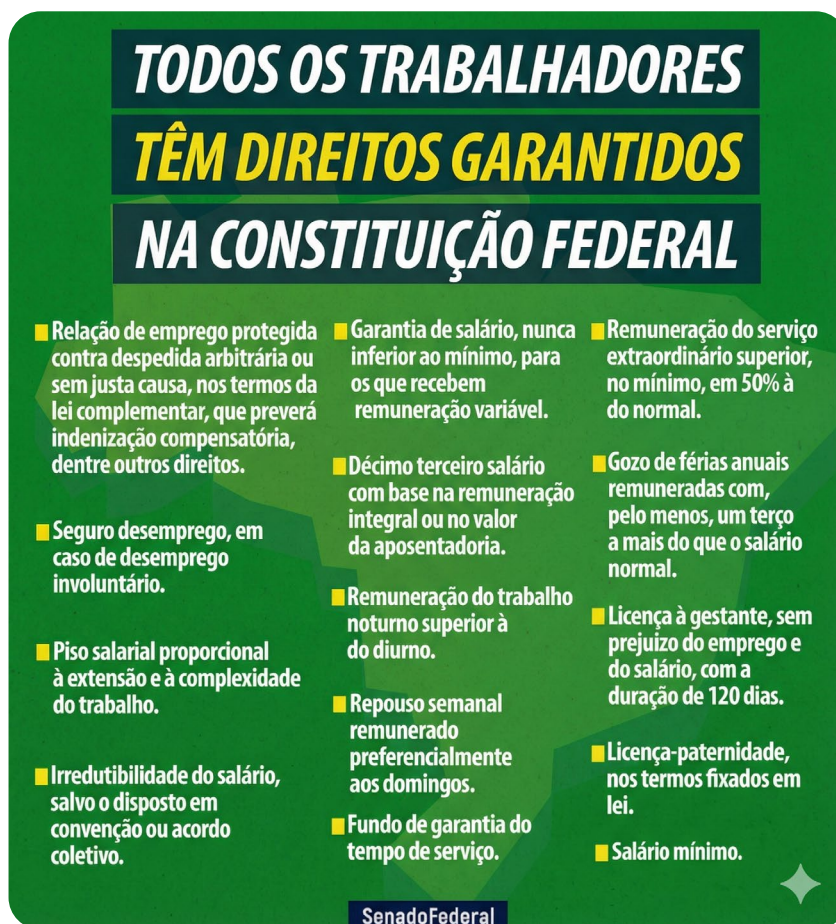
Solicite às(aos) educandas(os) que, em círculo, conversem sobre as seguintes questões: O que você sabe sobre leis que tratam dos direitos das(os) trabalhadoras(es)? Quais desses direitos você conhece? Conte para a turma. Você conhece ou participa de movimentos, sindicatos ou associações na sua localidade, ou município que atuam na defesa dos direitos das(os) trabalhadoras(es)? Qual(is)? Você conhece endereços, números de telefone de órgãos públicos e entidades, aos quais se pode recorrer em situação de desrespeito aos direitos das(os) trabalhadoras(es)? Qual(is)? Você conhece, na sua localidade ou município, iniciativas em que as(os) trabalhadoras(es) atuam em cooperativas? Conte para turma.

É fundamental convidar as(os) educandas(os) a compartilharem lembranças, vivências ou casos conhecidos relacionados a importantes movimentos de trabalhadores(as), cooperativas, sindicatos ou entidades de defesa de direitos.

A escuta atenta e o acolhimento das falas são fundamentais nesta etapa, especialmente porque muitas(os) educandas(os) da EJA trazem trajetórias marcadas por experiências de trabalho informal, precarizado ou sem reconhecimento de direitos.

Caso surjam relatos de situações de violação de direitos, acolha-os com sensibilidade, reforçando que o conhecimento sobre as leis e os canais de denúncia são uma forma de fortalecimento coletivo.

A Prática de leitura e escrita **Direitos das(os) trabalhadoras(es)** propõe a reflexão sobre direitos trabalhistas, que estão garantidos na Constituição Federal de 1988, especialmente no Artigo 7º, e que resultam de lutas históricas das(os) trabalhadoras(es).



Senado Federal/Facebook. Ajuste de visibilidade realizado com auxílio de inteligência artificial.

A proposta inicial é que as(os) educandas(os) acompanhem a leitura em voz alta, feita pelo(a) educador(a), de um cartaz disponível nas redes sociais do Senado Federal. O cartaz destaca 14 direitos trabalhistas regulamentados pela Constituição. O convite é para que reflitam, com o apoio do(a) educador(a), sobre os direitos em destaque.

É fundamental que o(a) educador(a) fique atento se há termos utilizados no cartaz que não sejam conhecidos de toda a turma, sempre promovendo o diálogo e a leitura cuidadosa das palavras no contexto do texto, para apoiar a sua compreensão.

Instigue as(os) educandas(os) a refletirem coletivamente sobre o que chama a sua atenção nas formas de escrita das letras que compõem as palavras presentes nas frases do cartaz, a observarem quais formas de letras são utilizadas para títulos, palavras e expressões em destaque, os usos das letras maiúsculas e minúsculas, as palavras ou frases colocadas em “negrito”, o tamanho das letras e outros elementos gráficos que tenham chamado a atenção das(os) educandas(os).

Incentive a turma a dialogar sobre as seguintes questões: Quais desses direitos chamam mais a sua atenção? Por quê? Há direitos das(os) trabalhadoras(es) que você conhece e não foram mencionados no cartaz? Quais? A quais desses direitos você teve acesso? Há direitos que lhe foram negados? Em que situação ou situações? Durante a conversa, busque aproximar os conteúdos do cartaz das experiências cotidianas das(os) educandas(os): férias remuneradas, 13º salário, licença-maternidade/paternidade e jornada de trabalho – direitos que podem ser exemplificados com situações reais.

Na continuidade da atividade, provoque a elaboração coletiva de uma lista de direitos das(os) trabalhadoras(es) que a turma considera importantes, levando em consideração, tanto os que estão presentes no cartaz quanto os que foram acrescentados pela turma.

É fundamental que as(os) educandas(os) acompanhem o registro da lista de direitos mencionados pela turma. Após a elaboração da lista, realizem a leitura em voz alta do texto e reflitam sobre a escrita. Só após esse movimento reflexivo, deve ser realizado o registro da versão final da lista de direitos das(os) trabalhadoras(es) mencionados pela turma, com atenção à estruturação de um texto pertencente a esse gênero.

A Prática de leitura e escrita **Planejando uma entrevista sobre leis trabalhistas** incentiva conhecer mais sobre a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e sobre as principais alterações provocadas pela Reforma Trabalhista de 2017, relacionando-as às condições de trabalho no Brasil contemporâneo.

Primeiramente, apresente o texto informativo sobre a CLT, realizando a leitura em voz alta e destacando que sua criação, em 1943, foi um marco na história das relações de trabalho, pois reuniu em um único documento as leis que regulam os direitos e deveres de empregadoras(es) e empregadas(os). Dialogue sobre o que as(os) educandas(os) conhecem sobre a CLT e sobre a reforma trabalhista de 2017, solicitando que compartilhem seus conhecimentos com as(os) colegas. À medida que a conversa for acontecendo, é importante focalizar questões como o trabalho intermitente, a terceirização, a flexibilização de férias e a contribuição sindical não obrigatória.

Ao apresentar o cartaz do Senado sobre a Reforma, convide as(os) educandas(os) a refletirem sobre as mudanças, promovendo um debate crítico sobre o impacto dessas alterações na vida das(os) trabalhado-

ras(os): Quais questões sobre a reforma trabalhista de 2017 presentes no cartaz chamam mais a sua atenção? Você tem dúvidas sobre a reforma trabalhista de 2017? Quais?

Observe se as(os) educandas(os) perceberam os elementos gráficos presentes no cartaz – cores, formas e tamanhos das letras, presença de trechos em negrito dentre outros destaques. Sendo necessário, provoque a turma para esses detalhes.

Na sequência, a proposta é que as(os) educandas(os) escolham, coletivamente, uma pessoa conhecedora dos direitos das(os) trabalhadoras(es) para ser entrevistada pela turma.

Inicialmente, realize a leitura em voz alta das dicas para a organização do roteiro de entrevista presentes na trilha. Convide as(os) educandas(os) para conversarem entre si sobre quais perguntas que desejam fazer à(ao) entrevistada(o) sobre os direitos das(os) trabalhadoras(es) previstos na Constituição, na reforma trabalhista e em leis posteriores à reforma. É fundamental que a conversa seja ampliada no tocante a quem fará as perguntas no dia da entrevista, de modo que todas(os) estejam envolvidas(os) ativamente na atividade.

Realize o registro das perguntas sugeridas pela turma. É essencial realizar a leitura em voz alta e orientar as(os) educandas(os) para acompanharem a leitura e depois refletirem sobre a escrita. Em seguida, convide a turma a registrar a versão final do roteiro da entrevista.

Durante a realização da entrevista, é importante que haja uma participação ativa da turma, garantindo uma experiência significativa de diálogo e aprendizagens.

A Prática de leitura e escrita **Conhecendo os direitos das(os) trabalhadoras(es)** busca refletir sobre a experiência da entrevista, destacando os novos conhecimentos adquiridos e a atuação das(os) educandas(os) como sujeitos críticos e informados sobre seus direitos.

É fundamental realizar uma reflexão sobre o processo vivido, desde a preparação até a realização da entrevista. Questione a turma sobre o que mais chamou a atenção nas respostas, quais informações eram desconhecidas e quais temas geraram maior interesse ou indignação, se consideram que a entrevista atingiu o objetivo planejado, com apresentação de justificativas e, sobretudo, quais as informações sobre direitos das(os) trabalhadoras(es) eram desconhecidos pela turma.

Realize com a turma o registro das informações trazidas pela(o) entrevistada(o) que trouxeram conhecimentos novos sobre os direitos trabalhistas. Incentive as(os) educandas(a) a realizarem a leitura em voz alta das informações destacadas e a refletirem sobre a escrita.

Durante o registro coletivo, apoie a turma na organização das ideias em frases curtas e coesas, que comuniquem de forma simples e eficaz os conhecimentos construídos. Essa sistematização das reflexões deve ser um texto voltado a organizar, estruturar e dar coerência a informações ou conhecimentos, constituindo-se em uma unidade de sentido, com atenção às articulações linguísticas.

É importante valorizar o protagonismo das(as) educandas(os), evidenciando que compreender os direitos trabalhistas é também compreender a própria história social do trabalho no Brasil.

Como desdobramento da atividade, a sistematização pode ser compartilhada por meio de um mural informativo ou postagem em uma rede social, ampliando o alcance das reflexões da turma. Seria muito pertinente comunicar os resultados da entrevista com outras turmas da EJA, promovendo uma roda intergrupos sobre o tema “Direitos conquistados e desafios enfrentados pelas(os) trabalhadoras(es) na contemporaneidade”.

A Prática de leitura e escrita **Dialogando sobre afazeres domésticos** provoca a reflexão sobre as desigualdades de gênero que marcam o mundo do trabalho, a partir da leitura de um texto informativo, de uma charge e um cartaz.

Propõe inicialmente que as(os) educandas(os) acompanhem a leitura feita pelo(a) educador(a) de trecho do documento Tempo de Cuidar, da Oxfam Brasil, que trata da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado majoritariamente por mulheres. Conduza a conversa por meio de perguntas que instiguem o posicionamento diante o texto, a partir das próprias vivências: Quais sentimentos e reflexões o fragmento do texto despertou em você? Você conhece pessoas que vivem situações semelhantes?

Na sequência, as(os) educandas(os) são convidadas(os) a realizar a leitura visual de uma charge e de um cartaz, com o desafio de interpretá-los, articulando imagens e textos. É fundamental orientar as(os) educandas(os) a observarem expressões faciais dos personagens, os cenários, os gestos, as cores e os textos escritos; a compartilharem com as(os) colegas se conhecem situações semelhantes a essas representadas na charge e no cartaz e quais os seus posicionamentos diante dessas cenas.

Após o diálogo, realize a sistematização de maneira coletiva, e registre os posicionamentos da turma diante das situações representadas na charge e no cartaz. Incentive as(os) educandas(os) a participarem ativamente do momento da sistematização, por meio de sugestões de como registrar, de forma objetiva, os posicionamentos da turma.

Na sequência, as(os) educandas(os) devem ser apoiadas(os) a realizar a leitura em voz alta do texto e a refletir sobre a escrita, com a possibilidade de sugestões para aprimoramento do texto coletivo até que todas(os) estejam de acordo com o texto e, desse modo, possa ser registrada a sua versão final.

A Prática de leitura e escrita **Iniciativas solidárias** visa reconhecer ações coletivas e cooperativas que expressam formas solidárias e sustentáveis de organização do trabalho, estimulando a leitura crítica de imagens e o diálogo sobre experiências locais.



Armazém do Campo SP/mst.org.br.



Thiago Mucci/reciclasampa.com.br.

Proponha que as(os) educandas(os) façam a leitura visual de um painel de fotografias e interpretem as imagens. É fundamental cultivar uma escuta sensível às falas das(os) educandas(os). Incentive a conversa entre a turma com as questões presentes na trilha: Qual(is) dessas fotografias mais chamou (ou chamaram) a sua atenção? Por quê? Você conhece iniciativas semelhantes na sua localidade, no seu município ou na sua região? Qual(is)? Você viveu ou conhece quem tenha experienciado situações semelhantes a essas retratadas no painel? Conte para a turma. Durante o diálogo, valorize as experiências vividas na comunidade ou na região.

É relevante destacar que pequenas feiras, cooperativas agrícolas locais, associações de costureiras, grupos de reciclagem, entre outras iniciativas

desenvolvem práticas de economia solidária, mesmo que não usem esse nome, se constituem como uma forma coletiva de trabalho em que todas(os) são corresponsáveis pela produção, pelas decisões democráticas e pelos benefícios gerados.

Realize a leitura em voz alta do texto proposto na trilha sobre a temática que aborda a economia solidária como uma maneira de organizar as(os) trabalhadoras(es) a partir de novas relações, sem ter as figuras do patrão e do empregado.

Após a leitura do texto informativo, proponha as questões disparadoras presentes na trilha, instigando as(os) educandas(os) a estabelecerem relações entre o texto informativo e o painel de fotografias apresentado anteriormente.

Na sequência, oriente para que, em duplas, escolham uma das fotografias e construam uma legenda. É importante o(a) educador(a) retomar que a legenda de uma fotografia é um texto curto que registra informações adicionais e explicita o contexto da imagem.

Demande que as(os) educandas(os) acompanhem o registro das legendas que foram criadas pela turma, realizem a leitura em voz alta das legendas criadas pelas duplas e reflitam sobre a escrita. Para concluir, cada dupla deve registrar a versão final da legenda que criou para a fotografia escolhida.

Na Cultura digital **Pesquisando sobre Economia solidária** a proposta é aproximar as(os) educandas(os) de conteúdos digitais que discutem práticas solidárias de trabalho e renda, promovendo o uso crítico da internet e o letramento digital.

É importante propor uma reflexão inicial sobre a necessidade de cultivar uma postura ativa ao buscar conteúdos na internet que agreguem conhecimentos alinhados com a transformação da sociedade.

Encontram-se disponíveis, em diversos sítios e redes sociais, conteúdos que abordam novos modos de relacionar-se consigo, com as pessoas e com o mundo – que podem contribuir para a ampliação dos repertórios das(os) educandas(os), pela apresentação de novas práticas e leituras de mundo.

Nessa perspectiva, a atividade propõe a exploração do canal de vídeos da Unicopas – União Nacional das Organizações Cooperativistas Solidárias – que tem o papel de reunir as principais centrais do cooperativismo e da economia solidária do Brasil.

Estão disponíveis na trilha orientações para que as(os) educandas(os) possam utilizar o celular para navegação no canal da Unicopas. Apoie as(os) educandas(os) durante a atividade, valorizando a autonomia e a colaboração entre pares.

As(os) educandas(os) são convidadas(os) a realizar uma leitura visual, com o apoio do(a) educador(a), da página de “início” do canal, a selecionar a opção “vídeos”, de modo a visualizar todos os vídeos disponíveis até o fim da página. São desafiadas(os) também a explorar a opção *playlists* e visualizar a *Websérie* intitulada “Outro mundo é possível”. É importante explicar que *playlist* é uma lista de reprodução de músicas ou vídeos que podem ser acessados na sequência ou de forma aleatória.

O QUE É UMA WEBSÉRIE?

É UMA SÉRIE DE VÍDEOS, EM FORMATO DE EPISÓDIOS, PRODUZIDA PARA INFORMAR OU DIVERTIR, DISPONIBILIZADA ON-LINE EM PLATAFORMAS ESPECÍFICAS E REDES SOCIAIS.

É MAIS CURTA E DINÂMICA DO QUE UMA SÉRIE DA TV E COSTUMA PROMOVER MAIOR ENGAJAMENTO DO PÚBLICO.

É importante realizar a leitura em voz alta do texto informativo sobre o que vem a ser uma *websérie*, que se trata de uma série de vídeos, em formato de episódios, produzida para informar ou divertir. É essencial apresentar que essa série de vídeos é disponibilizada de forma on-line, em plataformas específicas ou redes sociais, sendo uma produção mais curta e dinâmica do que uma série da TV, sendo comum que promova maior engajamento do público.

Considerando a questão de economia de dados, é apontada mais uma vez na trilha a dica de utilização de uma rede wi-fi para a exploração das *playlists* disponíveis. Cada uma delas abordará um projeto de economia solidária diferente. Apoie as(os) educandas(os) a identificar que há três episódios para cada um dos projetos e para que consigam localizar o episódio 1 em cada websérie.

Caso seja possível assistir aos vídeos, de forma coletiva, verifique a pertinência de realizar pausas, para promover a escuta atenta e diálogo, de modo que as(os) educandas(os) possam realizar destaques do que mais chamou a sua atenção.

Após assistirem aos episódios, em uma roda de conversa, identifiquem os projetos que a turma considerou mais inspiradores. Promova o diálogo utilizando as questões disparadoras presentes na trilha: Quais contribuições retratadas nos vídeos trazem contribuições, diante das possibilidades e desafios existentes na sua localidade ou no seu município? Por quê? Conte para a turma. Incentive a reflexão sobre o que seria possível ser realizado na realidade local, considerando suas necessidades e suas características.

A atividade Compartilhando **Economia Solidária** coloca em destaque o gênero cordel como expressão da cultura popular e de reflexão crítica sobre o trabalho coletivo e a justiça social.

A atividade de pré-leitura deve instigar as(os) educandas(os) a compartilhar o que conhecem sobre o gênero e o que esperam de um cordel sobre a Economia Solidária. Antes das(os) educandas(os) terem acesso ao poema, o(a) educador(a) pode apresentar o título e propor que façam uma tempestade de ideias sobre o que deve estar presente nos versos escritos por Luiz Haroldo Peixoto Silva. Na trilha, há informações sobre o autor que atribui a própria veia poética a uma herança de seu avô, o qual fora “perseguido na ditadura por usar o cordel como arma”.

A leitura fluente do poema, feita em voz alta pelo(a) educador(a), deve criar um clima para que as(os) educandas(os) possam se transportar para os cenários apresentados.

É desejável uma leitura sem interrupções. As dificuldades diante de palavras podem ser resolvidas, após a leitura, por meio do diálogo, a fim de compreender o seu sentido no contexto do verso, da estrofe.

Após a leitura, podem ser propostas como questões disparadoras: O que o poema “economia solidária” fez você pensar? Compartilhe com os(as) colegas os trechos que mais chamaram a sua atenção.

As(os) educandas(os) podem ser convidadas(os) a destacar qual trecho do poema, qual estrofe, mais chamou a sua atenção. O(a) educador(a) pode retomar a leitura do(s) verso(s) destacados pelas(os) educandas(os), buscando incentivá-las(os) a refletir sobre diferentes aspectos e características da Economia Solidária.

É de grande valia incentivar as(os) educandas(os) a identificar versos que traduzem a força da união, da esperança e da autogestão. Busque retomar com a turma a força do cordel como forma de resistência e conscientização popular.

O Conversando sobre a língua escrita **Cordel** propõe o diálogo sobre esse gênero literário popular brasileiro. O convite inicial é para que as(os) educandas(os) acompanhem a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) de um texto informativo que apresenta as suas características, como poema com rimas, com linguagem simples e acessível. Geralmente impressos em folhetos ilustrados com xilogravuras, os cordéis são vendidos em feiras, muitas vezes, pendurados em barbantes ou cordas, o que justifica o seu nome.



Contextualize de que se trata de uma tradição, trazida por portugueses, que assumiu uma expressão única e popular no Nordeste do Brasil, sendo reconhecido como patrimônio cultural brasileiro.

É importante dialogar sobre temas variados que costumam ser abordados – aventuras, amor, humor e crítica social, com espaço para que as(os) educandas(os) relatem se possuem experiências com cordéis e quais lembranças o gênero lhes traz.

Após a conversa sobre o gênero cordel e seus elementos estruturais: rima, ritmo, oralidade e temáticas abordadas, com destaque à questão da crítica social, oriente as(os) educandas(os) na atividade de criação de versos sobre a Economia Solidária.

A proposta é que reescrevam, coletivamente, versos do cordel *Economia solidária* apresentado, com palavras escolhidas pela turma, procurando rimar, sem perder o sentido dos versos originais. O cordel de Haroldo Silva será tomado como uma inspiração, sendo propício utilizar palavras e situações que dialoguem com o cotidiano da localidade e a temática da Economia solidária.

É primordial apoiar as(os) educandas(os) no processo de escrita coletiva, no qual cada dupla pode contribuir com ideias, rimas e na construção dos versos, revisando e aprimorando o poema de forma colaborativa. Convide a turma para a leitura dos versos construídos. A atividade, desse modo, estimula o diálogo sobre a língua viva, como expressão poética e crítica das(os) educandas(os), com valorização da cultura popular e a autoria coletiva. A leitura final deve ser celebrada como um momento de partilha poética e política.

A Ciranda cultural **Economia Solidária pra Geral** apresenta vídeo produzido pela equipe nacional e dos agentes territoriais de Economia Popular e Solidária de São Paulo do Programa de Formação Paul Singer. É importante contextualizar que se trata da equipe atua em uma iniciativa do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio da Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária (Senaes), em parceria com a Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do trabalho (Fundacentro), dentre outras instituições.

É pertinente na etapa de pré-leitura indagar o que as(os) educandas(os) supõem que seja abordado em uma composição com o referido título, criada coletivamente por um grupo que se encontra envolvido nesse movimento, comprometido em formar novos agentes para trabalhar com a Economia Popular Solidária em diferentes territórios.

Depois de escutar as falas das(os) educandas(os), é importante a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) da letra da canção, de modo a favorecer a interpretação do poema.

O poema tem potencial para promover um aprofundamento da compreensão dos objetivos, dos ideais e das características da Economia Solidária, provocando novas aprendizagens por meio da arte.

É sempre recomendável, se possível, propiciar às(aos) educandas(os) escutar a execução da criação artística: as primeiras estrofes são declamadas e, na sequência, os versos musicados.

Após a apreciação do texto, e se possível da canção, proponha às(aos) educandas(os) o diálogo sobre quais sentimentos, reflexões e imagens vêm à mente ao escutar o poema.

O **Para saber mais** apresenta inicialmente um documento que reúne informações sobre direitos da mulher trabalhadora, produzido pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Traz também o vídeo *Princípios da Economia solidária (vídeo 1) – Introdução*, que compõe uma série de cinco vídeos sobre a temática, produzidos e narrados pela professora Tatiana Losano, do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), com edição de áudio e vídeo de Alexandre Peixoto e orientação de Allysson Oliveira.

Na sequência, indica a *playlist* “Comércio justo, solidário e consumo responsável”, da TV Ecosol, composta por 14 vídeos curtos introdutórios sobre a temática da Economia Solidária.

Por fim, apresenta um vídeo sobre o Banco Palmas, o primeiro banco comunitário do Brasil, com informações sobre que é realizado para democratizar o acesso a serviços financeiros e bancários para a população moradora de uma localidade situada na periferia de Fortaleza, no Ceará.



UNIDADE TEMÁTICA VI: SOMOS CONECTADAS(OS)?

Promove a reflexão sobre o movimento de invenções de tecnologias analógicas e digitais, a partir do presente para o passado, perspectivando trajetórias de ampliação da informação e comunicação, em busca da cidadania digital.

Trilha 16: Tecnologias na vida da gente

Trilha 17: Tecnologias em movimento

Trilha 18: Em busca da Cidadania digital

TRILHA 16: TECNOLOGIAS NA VIDA DA GENTE

O **Para Começo de Conversa** instiga o diálogo a partir de fotografias que remetem a experiências diversas com tecnologias. É primordial convidar o grupo a observar atentamente as imagens, provocando leituras múltiplas: temporalidades, contextos sociais, diferentes tecnologias, desigualdades, acessibilidade, presença ou ausência de políticas públicas, dentre outras. É essencial que cada estudante identifique e mencione em quais imagens se reconhece e por quê, valorizando tanto vivências urbanas, rurais e outros espaços, destacando diferentes gerações.

É vital mediar o diálogo de modo que as(os) educandas(os) possam perceber que as tecnologias são soluções criadas a partir dos conhecimentos populares, científicos e técnicos, que cada momento histórico e social exige para atender a necessidades humanas.

A postura do(a) educador(a) é de provocar a reflexão e, ao mesmo tempo, de promover a escuta sensível dos destaques feitos pelas(os) educandas(os) com base nas imagens, relatos, posicionamentos e vivências. Podem emergir demandas, interesses, necessidades, resistências e desejos de aprender mais sobre e a partir das tecnologias.

A Roda de memórias **Cotidianos** provoca a refletir sobre as tecnologias presentes no dia a dia das(os) educandas(os) e permite analisar seus usos e impactos na vida pessoal, familiar, no âmbito do seu trabalho e da vida na localidade, enfim, nos diversos âmbitos da vida social.

Durante as interações, valorize as trajetórias de cada educanda(o) com suas diferentes experiências em relação às tecnologias. São propostas as seguintes questões disparadoras, a fim de facilitar o diálogo com a turma: Quais tecnologias estão presentes no seu dia a dia? Como as tecnologias atendem às suas necessidades nos seus cotidianos? Em casa? No trabalho? No lazer? Para se deslocar? Para pagar contas e receber valores? Para se comunicar com outras pessoas? Quais atendem mais às suas necessidades? As tecnologias, ao mesmo tempo, ajudam e prejudicam a sua vida? Em quê? Por quê?

Busque incentivar reflexões sobre a presença das tecnologias em diferentes dimensões sociais da vida – casa, trabalho, deslocamento, comunicação – e apoie a turma a reconhecer os benefícios, as dificuldades e as atuais inseguranças trazidas pelas tecnologias.

É um momento importante para expressar sentimentos e reflexões sobre a presença da tecnologia na vida cotidiana e problematizar posturas ingênuas e de resistência ao diálogo sobre a temática.

A Prática de leitura e escrita **Comunicação e mudanças** convida a analisar transformações nas formas de comunicação ao longo do tempo, por meio da leitura visual de fotografias e as interpretar. É fundamental instigar as(os) educandas(os) a relacionarem lembranças pessoais aos marcos tecnológicos presentes no painel de fotografias. Incentive a turma a dialogar, utilizando as questões disparadoras presentes na trilha: Quais lembranças as fotografias trazem a você? Como você se comunicava e se comunica com sua família, amigas(os) e conhecidas(os)? Você utiliza as tecnologias para fazer novos contatos e amizades? Quais mudanças aconteceram nas formas de comunicação? Conte para os(as) colegas como você percebeu e percebe essas mudanças na sua vida.

O(a) educador(a) pode registrar as contribuições das(os) educandas(os) tendo como foco: o temporal – anteriormente e na contemporaneidade; os usos nas práticas sociais – facilidades e dificuldades; acessos e possibilidades – desigualdades e desafios.

É vital solicitar que as(os) educandas(os) acompanhem o registro da sistematização e reflitam sobre a escrita. Dialoguem sobre a sistematização elaborada coletivamente, retomando as características desse texto que visa condensar, de forma objetiva, os posicionamentos de suas(seus) autoras(es) acerca de um tema.

Durante a escrita coletiva, é essencial que o(a) educador(a) apoie as(os) educandas(os) e faça problematizações de natureza linguística, acerca das palavras escolhidas, sua forma de uso e de escrita, valorizando as autorias e escolhas da turma. Por fim, convide as(os) educandas(os) a registrarem a versão final da produção textual coletiva sobre mudanças nas formas de comunicação por meio das tecnologias.

Enriquecendo a atividade, pode ser proposto que as(os) educandas(os) tragam fotografias ou objetos, tais como cartas guardadas, fotografias de familiares, telefones fixos ou celulares antigos ou outros objetos para a sala de aula, que ampliem esse movimento de reflexão memorialístico sobre as referidas mudanças e seja organizado um mural sobre o tema.

O Compartilhando **Poemas sobre Tecnologia** busca estimular a escuta sensível de fragmentos de dois textos poéticos. É a primeira vez que se propõe a leitura de trechos de dois poemas e de diferentes autores em

uma atividade dessa natureza. Tal proposta visa propiciar o contato com diferentes perspectivas, favorecer reflexões críticas sobre afetos, usos sociais e desigualdades relacionadas à tecnologia, de um lado uma crítica à superficialidade das interações mediadas pelo digital e, ao mesmo tempo, o encantamento com a internet que aproxima pessoas geograficamente distantes.

No momento da pré-leitura do primeiro fragmento, é importante apresentar aspectos relativos à biografia de Francisca Araújo, conhecida como Fran Araújo, e indagar às(aos) educandas(os) o que esperam que seja abordado pela autora no “Poema da Tecnologia”.

O momento da leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) deve ser feito com entonação, de modo a favorecer a interpretação do fragmento poético, as especificidades que esse gênero requer e o compartilhamento de reflexões suscitadas: Quais sentimentos da autora perpassam esses versos? E você, como se posiciona diante deles?

Do mesmo modo, no momento de pré-leitura do fragmento do segundo poema, apresente aspectos relativos à biografia de Agostinho Macêdo e questione as(os) educandas(os) sobre o que esperam que seja abordado pelo autor no poema *Bendita Modernidade*.

É fundamental realizar a leitura em voz alta do trecho do poema de Agostinho Macêdo e, da mesma forma como foi feito diante do poema anteriormente apresentado, provocar o diálogo a partir das questões disparadoras: O que o trecho do poema fez você pensar? Quais sentimentos do autor encontram-se presentes? E você, como se posiciona diante desses versos?

Durante a atividade, valorize as falas das(os) educandas(os) a identificarem e refletirem sobre as emoções presentes nos poemas e as conexões estabelecidas entre os poemas e as experiências familiares, locais e regionais.

A Prática de leitura e escrita **Redes sociais** permite a reflexão sobre impactos sociais das redes digitais e convida as(os) educandas(os) a produzir coletivamente uma lista de ideias para fortalecer relações humanas nos ambientes conectados.



Inicie a atividade propondo um diálogo com a turma acerca das questões disparadoras presentes na trilha: O que você observa ao navegar pelas redes sociais? O que as pessoas publicam? Quais são os assuntos mais visualizados pela turma? Você costuma publicar nas redes sociais? O que você publica? O que gostaria de publicar? De que forma as redes sociais têm provocado aproximação entre as pessoas conhecidas? E entre as desconhecidas? Você presenciou pessoas reunidas, mas que estavam completamente isoladas umas das outras por estarem absorvidas nas redes sociais? Conte para a turma. É essencial solicitar que compartilhem ideias para mudar situações em que as redes sociais acabam prejudicando as relações entre as pessoas. Estimule o grupo a analisar como as redes geram pertencimento, mas também isolamento quando usadas de forma excessiva.

Realize o registro das ideias sugeridas pela turma, solicitando que acompanhem o registro. Leia em voz alta e solicite que reflitam sobre a escrita.

Como desdobramento da atividade, recomenda-se que, ao registrar as ideias da turma, seja provocada uma ampliação da reflexão no tocante a práticas de cuidado: uso consciente do tempo de tela, realização de pausas digitais para realização de conversas presenciais, bem como a prática de checagem de informações.

A Prática de leitura e escrita **Uso de caixas eletrônicos** promove o diálogo sobre usos, dúvidas e dificuldades relacionadas à utilização dos

equipamentos. A atividade inicial propõe a leitura visual e interpretação de duas imagens. A proposta na trilha destaca as seguintes questões: Você utiliza caixas eletrônicos? Em que situações? Como você se sente ao utilizá-los? Você enfrentou problemas nessa utilização? Há procedimentos que você precisa fazer no caixa eletrônico e tem dúvidas como fazer? Qual a sua atitude nesses casos? Existem atendentes nas agências da sua localidade? Eles(as) ajudam de que forma? Após a ajuda, você permanece com dúvidas? Quais? É fundamental, o(a) educador(a) acompanhar os relatos com acolhimento, considerando que muitos adultos e idosos têm receio de fraudes ou dificuldades de navegação nas telas. Valorize quem já aprendeu estratégias e pode ajudar colegas. Registre as dúvidas que as(os) educandas(os) ainda têm, mesmo após as dicas da turma.

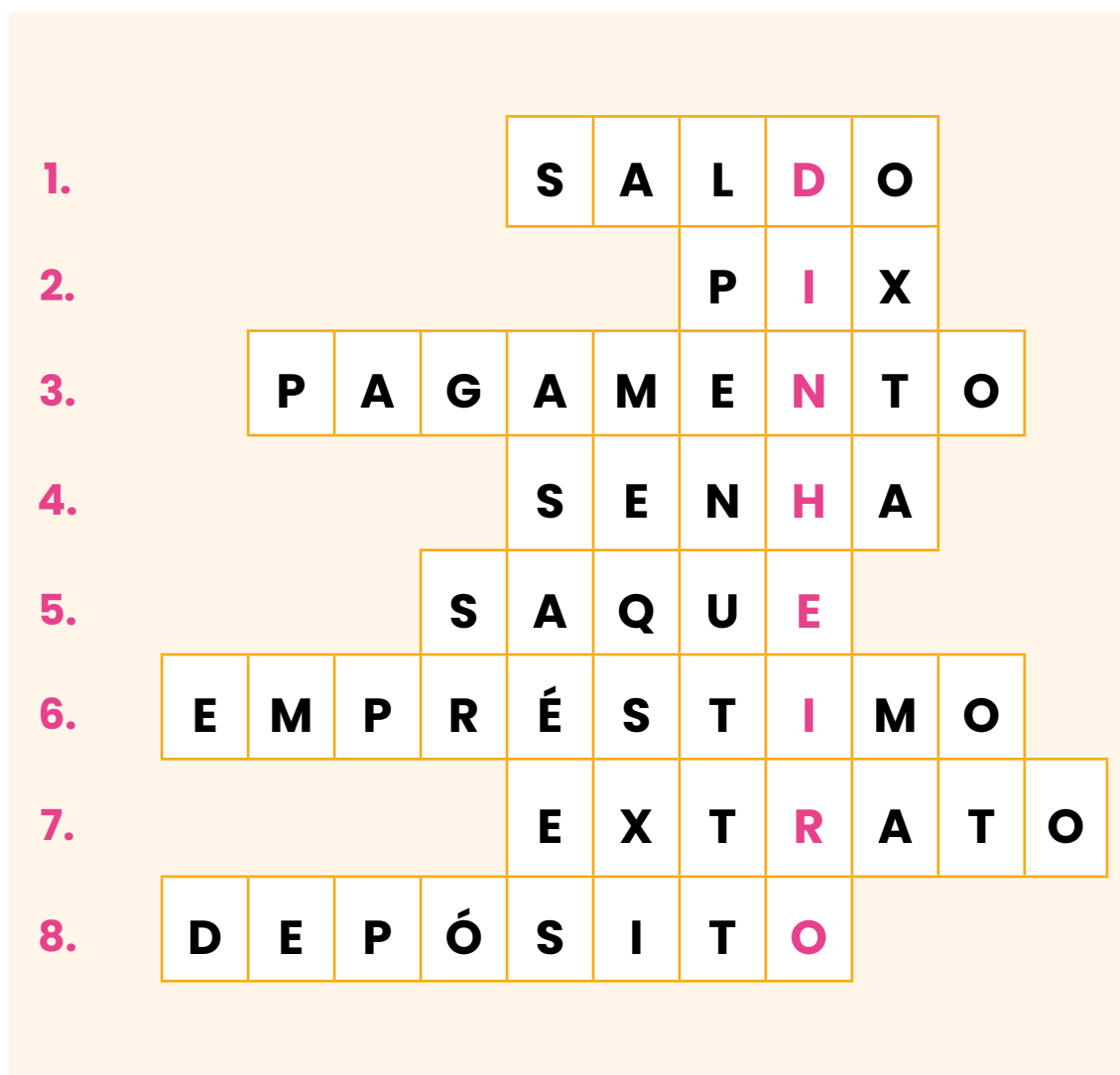
Ao organizar as dúvidas, recomenda-se separá-las em categorias: segurança, navegação, depósitos, saques, senhas, extratos. Essas categorias ajudarão na etapa seguinte, relativa à pesquisa de vídeos sobre o tema. É fundamental que o(a) educador(a) registre no quadro as dúvidas ainda não esclarecidas após a conversa. Solicite que as(os) educandas(os) reflitam sobre a escrita e registrem a versão final da lista das dúvidas da turma a respeito dos caixas eletrônicos.

A Cultura digital **Pesquisando orientações** instiga o desenvolvimento da autonomia das(os) educandas(os) na busca de informações confiáveis e úteis sobre uso de caixas eletrônicos. Realize a leitura em voz alta das orientações presentes na trilha, acompanhando junto às(aos) educandas(os) o passo a passo descrito na atividade, depois instigue o diálogo a partir das questões disparadoras: Você encontrou vídeos do banco que mais utiliza? Você observou diferenças entre as telas dos caixas eletrônicos presentes nos vídeos e aquelas que você utiliza? Qual(is)? Conte para as(os) colegas.

Há um lembrete na atividade para orientá-las(os) sobre como “pular” propagandas indesejáveis e como retornar à página inicial, com cuidado com *links*, ou seja, ligações com sites externos.

Durante a pesquisa, auxilie as(os) educandas(os) a reconhecerem que os canais oficiais dos bancos são as melhores fontes para obter informações. Ressalte ainda que as telas dos caixas passam por ajustes periódicos. Contudo, mesmo que haja diferença entre as telas exibidas nos vídeos e aquelas com as quais interagem, os vídeos podem promover uma maior familiarização com termos utilizados nos caixas eletrônicos que possivelmente encontrarão ao navegar em suas telas.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Finanças em foco** busca revisar e desenvolver nomenclaturas relacionadas à vida financeira e ao uso de serviços bancários, buscando favorecer a autonomia das(os) educandas(os) em situações dessa natureza. Indica-se uma palavra-cruzada, com termos que merecem a atenção das(os) educandas(os) quando se trata de lidar com finanças no cotidiano, com destaque a questões relativas ao planejamento e controle do orçamento familiar.



É fundamental explorar o significado dos termos, em diálogo com as(os) educandas(os), relacionando-os a situações reais vivenciadas pela turma. Instigue as(os) educandas(os) a lembrarem de outras palavras presentes em extratos, comprovantes ou telas de caixas eletrônicos e de aplicativos, as quais desejem compreender melhor. Valorize os conhecimentos prévios

e estabeleça um diálogo sobre os significados das palavras propostas pela turma e sobre a sua escrita, por meio de segmentação em sílabas, análise de semelhanças e diferenças na escrita de palavras, tais como depósito, depositar, depositante; saque e sacar; pagamento, pagar, pago; dentre outras palavras que possam ser objeto de interesse da turma.

A Cultura digital **Meu SUS Digital** oportuniza que as(os) educandas(os) reconheçam o aplicativo como ferramenta pública de acesso à saúde e compreendam seus serviços básicos.

É essencial acompanhar as(os) educandas(os), realizando a leitura em voz alta das orientações presentes na trilha. Acompanhe o momento de selecionarem um ou mais vídeos produzidos pelo Ministério da Saúde sobre o aplicativo para serem assistidos. Retome a dica que, para retornar à página anterior ou à tela inicial, utilizem os botões de navegação que ficam na parte inferior da tela, de modo que as(os) educandas(os) não se percam na navegação.

Após realizar o passo a passo, requeira que a turma dialogue sobre as questões propostas: Os vídeos provocaram novas curiosidades? Quais? Que informações mais chamaram especialmente a sua atenção? Por quê? Conte para a turma.

Faça a leitura em voz alta do texto informativo inserido no fim da atividade, que traz informações sobre como baixar das lojas oficiais de aplicativos ou como acessar o sítio do Meu SUS Digital, salientando o caráter oficial e gratuito do aplicativo. É essencial comentar sobre a importância do cadastro via gov.br e retomar as orientações sobre cuidados com segurança digital – senhas pessoais, golpes e mensagens falsas, pois o portal gov.br dá acesso a diversos serviços e benefícios. Enfatize que as senhas são sigilosas e devem ser criadas e armazenadas com muita segurança e que, ao sentir dificuldades, devem solicitar a ajuda de uma pessoa de sua confiança!

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Ícones e legendas** propõe o diálogo sobre a questão, na busca de favorecer a autonomia das(os) educandas(os) na navegação e no uso do Meu SUS Digital, além de ampliar o repertório e proporcionar o diálogo sobre a escrita de termos relacionados ao universo do direito à saúde.

A proposta inicial é um convite à exploração da sigla SUS, de modo que as(os) educandas(os) expressem as suas hipóteses sobre o seu significado. Valorize os conhecimentos prévios e reforce que o Sistema Único de Saúde

é uma política pública que garante atendimento universal e gratuito, independentemente das condições socioeconômicas. Se necessário, realizem juntas(os) uma pesquisa rápida na Internet e apoie as(os) educandas(os) no registro do significado de cada letra que compõe a sigla.

Na sequência, instigue a leitura visual dos ícones do Meu SUS Digital, chamando atenção para as pistas gráficas que representam funcionalidades presentes no aplicativo. Auxilie o grupo a relacionar cada ícone a experiências reais: agendamentos, retirada de medicamentos, consulta a resultados de exames, acompanhamentos de filhos ou familiares, vacinas, dentre outros serviços.

Promova o diálogo a partir das questões disparadoras: Quais curiosidades os ícones despertam em você? Quais serviços destacados nos ícones do meu SUS digital mais atendem às suas necessidades? Você utilizou esses serviços anteriormente? Em que situações? Como você faz para marcar uma consulta médica, os exames e o retorno? Conte para a turma. Reforce que cada território organiza o SUS de modo próprio, e que compreender os ícones ajuda a fortalecer a autonomia dos(as) usuários(as).

O próximo passo da atividade é o trabalho com letras móveis, em duplas, para a construção de legendas para cada um dos ícones do Meu SUS Digital destacados. É fundamental que o(a) educador(a) registre as legendas criadas pelas duplas. Ao comparar as legendas produzidas, que as(os) educandas(os) sejam desafiadas(os) a identificar convergências e diferenças na escrita das legendas criadas pelas duplas para os ícones.

Por fim, cada um(a) deve escolher uma das legendas criadas pelas duplas para cada ícone e registrá-la abaixo de cada um deles.

A Ciranda cultural **Pela Internet 2**, de autoria de Gilberto Gil, provoca uma leitura crítica de produtos culturais contemporâneos relacionados às tecnologias digitais e estimula posicionamentos pessoais a partir da escuta sensível de um fragmento da letra da música.

No momento da pré-leitura, as(os) educandas(os) devem ser estimuladas(os) a fazer inferências a partir do título da letra da canção, a fim de mobilizar sentidos e se sentir devidamente estimuladas(os) para o momento da leitura: Do que será que se trata a letra de uma canção criada por Gilberto Gil com esse título? Será que nossas antecipações irão se confirmar ao escutar a leitura?

O número 2 presente no título, possivelmente, chamará a atenção das(os) educandas(os). É relevante situar que a canção foi lançada em

2018, como regravação e continuação da canção original *Pela Internet*, de 1996, sendo apresentada durante um show comemorativo de 21 anos do lançamento original. A canção *Pela Internet* marcou época por ter sido a primeira música brasileira a ser transmitida ao vivo pela internet.

A leitura em voz alta pelo(a) educador(a) do fragmento da letra da música deve ser realizada de forma a provocar o gosto pela canção, em um momento de deleite da cultura brasileira. O intuito é enriquecer a experiência cultural e estimular as(os) educandas(os) a compartilharem sentimentos e reflexões despertados: Após a escuta de trechos da letra da canção, o que você diria a Gilberto Gil a partir da sua experiência com as tecnologias? Incentive que expressem o que diriam ao compositor, considerando a sua própria relação com a tecnologia.

É importante, a partir das falas das(os) educandas(os), aproveitar momentos para destacar o humor, a crítica e o encantamento presentes na letra. Incentive interpretações que relacionem a tecnologia ao ritmo de vida, ao excesso de aplicativos, aos mapas digitais e às transformações no cotidiano.

Se possível, proporcione a audição tanto da música *Pela Internet 2* quanto da música original *Pela Internet*, a fim de que as(os) educandas(os) possam apreciar as diferenças nos destaques realizados pelo compositor após 20 anos da primeira criação.

O **Para Saber Mais** apresenta inicialmente o filme *Central do Brasil*, um dos mais reconhecidos na história do cinema brasileiro, que dá destaque ao papel da escrita, da escuta e das histórias de vida como ferramentas de dignidade.

Os vídeos produzidos pelo poeta Agostinho Macêdo buscam trazer inspiração e reflexões sobre a potencialidade das mídias digitais para proporcionar o compartilhamento de narrativas pessoais, que constroem memória e o reconhecimento de pertencimento aos territórios.

O vídeo sobre o Meu SUS Digital apresenta um panorama do aplicativo, como política pública que amplia o acesso a informações de saúde, com elementos sobre suas funcionalidades, segurança dos dados e situações em que o aplicativo pode ser útil no cotidiano.

TRILHA 17: TECNOLOGIAS EM MOVIMENTO

A Roda de memórias **Tecnologias em (Des)uso** instiga as(os) educandas(os) a dialogarem como se dava o uso de tecnologias na sua infância, adolescência, juventude e vida adulta e a relatarem as suas experiências. Baseie-se nas questões disparadoras presentes na trilha, que indagam sobre as tecnologias que se encontravam presentes no seu dia a dia e não se encontram mais; em caso afirmativo, quais seriam e por quais razões.

As problematizações giram em torno de quais tecnologias movimentam a vida das(os) educandas(os) nos diversos âmbitos do seu cotidiano e de que maneiras se fazem presentes.

É fundamental favorecer a socialização das vivências, ampliando o repertório cultural da turma e fortalecendo a compreensão da presença das tecnologias antes da e durante a era digital. Conduza a roda em ambiente acolhedor, estimulando que cada estudante verbalize suas experiências.

A Prática de leitura e escrita **Avanços tecnológicos** propõe inicialmente uma leitura visual e interpretação de cinco fotografias. Neste primeiro momento, instigue as(os) educandas(os) a observar os detalhes presentes nos cenários, figuras e objetos destacados.

Na sequência, cabe ao(à) educador(a) realizar a leitura em voz alta de cada uma das cinco legendas – Pintura em Paredes de Cavernas – Parque Nacional da Capivara (Piauí); Inscrições na Pedra do Ingá (Paraíba); As Primeiras Letras do Alfabeto Fenício-Hebraico; Bíblia: Primeiro Livro Impresso (1455) e Prensa de Tipos Móveis (1811). As fotografias remetem a marcos relacionados à invenção da escrita.

Na sequência, realize a leitura do texto informativo “Invenções e Transformações” presente na trilha, solicitando que as(os) educandas(os) acompanhem atentamente. Após a leitura do texto, provoque o diálogo a partir das questões disparadoras: Você tinha visto imagens semelhantes a essas do painel? Em que situações? O que essas fotografias provocam no seu imaginário? Antes da invenção da imprensa, como você imagina que eram produzidos os livros? Quais outras invenções humanas transformaram o mundo da informação e comunicação além daquelas apresentadas nas imagens e citadas no texto “Invenções e transformações”?

A prática de escrita proposta é que as(os) educandas(os), com o uso de letras móveis, formem, em duplas, o nome de uma invenção humana que transformou o mundo da informação e comunicação. Realize o registro

dos nomes das invenções destacadas pela turma. Realize a leitura em voz alta, solicite às(aos) educandas(os) que reflitam sobre a escrita da versão final da lista de invenções humanas que transformaram o mundo da informação e comunicação destacadas pela turma e a registrem.

A Prática de leitura e escrita **Vivências com o Rádio** convida a refletir que novas tecnologias não pararam de ser inventadas e que muitas transformações aconteceram com a chegada do rádio no Brasil.



RÁDIO VALVULADO (1933)

Hihiman/Wikimedia Commons



FAMÍLIA REUNIDA OUVINDO RÁDIO

Reprodução/Diário de Pernambuco

É proposta inicialmente a leitura visual e a interpretação de duas fotografias. Instigue as(os) educandas(os) a observarem os detalhes presentes nos cenários, pessoas e objetos em foco. Acolha a interpretação de cada educanda(o), estimulando que observem: o tamanho dos aparelhos, a organização da sala, a posição e a expressão das pessoas na segunda foto. Essa leitura visual amplia o campo da percepção e coloca a turma em contato com o contexto histórico da chegada do rádio ao Brasil.

Na sequência, é fundamental o(a) educador(a) realizar a leitura em voz alta das duas legendas – Rádio Valvulado (1933) e Família reunida ouvindo rádio (Rio de Janeiro, 1942) –, solicitando que a turma acompanhe atentamente, de modo a apoiar a interpretação das imagens em articulação com sua respectiva legenda.

A etapa seguinte consiste em um diálogo entre a turma, a partir das questões sugeridas na trilha: Você teve contato, anteriormente, com apare-

lhos de rádio semelhantes a esses das fotografias? Em que situações? Você observou, ao longo da sua trajetória, as mudanças desses aparelhos de rádio? Sempre é importante retomar a solicitação de que compartilhem suas vivências com a turma.

Esse conjunto de questões iniciais favorece a participação de educandas(os) idosas(os) que podem ter experiências como crianças ou adolescentes, na chamada Era de Ouro do Rádio, nos anos 1940 e 1950. É fundamental fazer provocações que colocam em diálogo experiências passadas e presentes: Você costuma ouvir rádio? Em caso positivo, em que momentos ouve rádio? Quais programas gosta de ouvir? Há programas que você gostava de ouvir e não ouve mais? Por quê? Você tem a experiência de ouvir e assistir a programas de rádio pelo celular? Quais? Você conhece programas transmitidos pelo rádio, TV e internet, ao mesmo tempo? Você tem preferência por qual(is) desses meios de transmissão? Novamente, o intuito é que compartilhem suas vivências.

Em diálogo com a turma, escolham coletivamente uma ou mais vivências narradas pelas(os) educandas(os) em relação ao rádio para serem registradas. Solicite que a turma acompanhe o registro das experiências, e depois leia em voz alta, reflita sobre a escrita e registre a versão final das vivências em relação ao rádio destacadas.

A Prática de leitura e escrita **TV e Mudanças** aborda a chegada do sistema de televisão ao Brasil. Instigue as(os) educandas(os) a fazerem a leitura visual das fotografias e as interpretarem, articulando a imagem ao texto. Convide a turma para acompanhar atentamente a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) das legendas.



**CHEGADA DA TELEVISÃO
NO RIO DE JANEIRO (1950)**

Alesp/www.al.sp.gov.br



**FILMAGEM DE JOGO
DE FUTEBOL**

Divulgação/Tribuna do Paraná

Provoque o diálogo entre as(os) educandas(os), fazendo uso das questões disparadoras presentes na trilha: O que as fotografias apresentadas fazem você refletir? Você tem lembranças de TV em praça pública na sua localidade? Os programas a que você gostava de assistir na TV foram se modificando ao longo do tempo? Quais são as suas lembranças? Há programas a que você gosta de assistir? Quais? Por quê? Você considera que o seu gosto em relação aos programas televisivos foi se modificando ao longo do tempo? Por quê? Conte para a turma.

O momento da conversa com as(os) colegas deve oportunizar que a turma reconheça o impacto social da televisão na sociedade brasileira. A televisão constituiu-se, na sua chegada, uma grande inovação, mobilizando reuniões das pessoas nas ruas, praças e vizinhanças. Ao observar as imagens, incentive que percebam as pessoas concentradas, como quem participa de um acontecimento. Esse exercício ajuda a reconstruir o sentido comunitário que marcou as primeiras transmissões com os seus respectivos programas.

Por ocasião do compartilhamento de lembranças da turma, propicie um clima para que as(os) educandas(os) possam reconstruir histórias relativas a programas que marcaram finais de tarde, reuniões familiares na sua infância e na sua juventude. A escuta sensível dessas memórias por parte do(a) educador(a), estimula que encontrem acolhida e ressonância entre os colegas que vivenciaram essa experiência à época e de narrar para os mais jovens realidades desconhecidas.

Esse diálogo abre espaço para que o(a) educador(a) faça uma leitura crítica da cultura televisiva que se consolidou no país e as suas mudanças. Ao mesmo tempo, propicia a comparação com a experiência contemporânea, atravessada pelas plataformas digitais.

Na sequência da atividade, em duplas, as(os) educandas(os) devem formar, com o uso de letras móveis, nomes de programas de TV destacados pela turma. É fundamental que o(a) educador(a) acompanhe de perto, orientando a identificar as letras necessárias, os sons, as diferenças entre fala e escrita. Na sequência, realize o registro dos nomes de programas sugeridos e, ao registrar os referidos nomes criados pelas duplas, convide a turma a observar semelhanças, diferenças e recorrências, como certas letras e sílabas que se repetem, como há palavras que geram dúvidas em sua escrita. A leitura final do registro deve ser realizada em voz alta pelo educador(a), ao fim do diálogo estabelecido, no qual a turma poderá

reconhecer na escrita coletiva a expressão da sua participação na construção do texto. Após a reflexão sobre a escrita e ajustes finais na lista, convide as(os) educandas(os) a registrar a versão final da lista de nomes dos programas destacados pela turma.

Na Cultura digital **Publicidade e propaganda em foco**, a proposta é que a turma se reencontre com lembranças sonoras e visuais de anúncios publicitários e propagandas que marcaram épocas distintas do rádio e da televisão no Brasil. É fundamental que o(a) educador(a) situe a publicidade como comunicação utilizada para anunciar produtos ou serviços, com foco comercial; e a propaganda, como divulgação de ideias e causas, com um foco mais ideológico.

Ao convidar as(os) educandas(os) a pesquisarem publicidades e propagandas que fizeram e fazem história, é primordial abrir espaço para que cada um(a) expresse suas memórias. Muitas publicidades e propagandas acompanham trajetórias pessoais – imagens, frases ou canções – que se tornam parte do cotidiano, influenciando hábitos, gostos e até modos de falar.

Converse como a publicidade e a propaganda atuam na formação de desejos e comportamentos. Esse diálogo ajuda a turma a perceber que se trata de narrativas construídas para convencer, agradar e influenciar, tendo em vista o seu poder de persuasão. Essa compreensão crítica é relevante também diante da Cultura digital, na qual a circulação de publicidades e propagandas se intensificou e se sofisticou.

Oriente as(os) educandas(os) no passo a passo descrito na atividade. Ao apoiá-las(os) no uso dos comandos de voz, acompanhe e incentive as(os) que têm mais conhecimentos sobre universo digital a apoiar àquelas(es) que têm menos familiaridade com o celular, na leitura das telas, quando surgirem os resultados. A ideia é que cada pessoa consiga realizar a busca com autonomia crescente, fortalecendo sua confiança no uso das ferramentas digitais.

Instigue que a turma dialogue: Com qual publicidade ou propaganda você mais se identificou ao fazer a busca? Por quê? Quais efeitos provoca em você? Como você percebe essa influência nas pessoas? O que mais poderia ser anunciado no rádio, na TV e na internet para além de produtos e serviços?

Depois que a turma escolher e assistir aos vídeos, incentive que observem as publicidades e propagandas com atenção aos detalhes: a música, o ritmo, as cores, as frases e os personagens utilizados. Esses elementos

ajudam a compreender como é importante a postura crítica diante das publicidades e propagandas que têm o potencial para criar vínculos emocionais e, muitas vezes, gostos, preferências e identidades de consumo. Essas distinções ajudam a entender como cada uma dessas ferramentas é utilizada em contextos diferentes.

A Prática de leitura e escrita **Anúncios publicitários** propicia novos elementos para a compreensão da função social das publicidades e propagandas veiculadas nos meios de comunicação e apoiar a turma na produção de um roteiro de anúncio voltado à chamada pública para turmas de alfabetização.

Ao iniciar a atividade, promova uma conversa acolhedora com a turma, retomando exemplos de publicidades e propagandas que circulam no cotidiano, rádio, TV, carros de som, redes sociais. Em seguida, realize a leitura em voz alta do texto proposto na trilha, que apresenta objetivos, características dos anúncios publicitários e as campanhas que articulam recursos impressos e virtuais a depender dos meios de circulação e das(os) destinatárias(os).

É primordial retomar que as propagandas, além de apresentarem produtos ou serviços, constroem sentidos, e que esse potencial pode ser utilizado para chamar a atenção das pessoas para questões de utilidade pública, relacionadas a seus direitos como cidadãs e cidadãos.

Convide as duplas a elaborar, com o seu apoio, o roteiro de um anúncio em áudio ou vídeo voltado à chamada pública para as pessoas com 15 anos ou mais estudarem nas turmas de alfabetização da localidade, fazendo jus ao direito garantido pela Constituição Federal, preconizado da alfabetização à conclusão da Educação Básica.

DICAS PARA A ELABORAÇÃO DO ANÚNCIO

- 1. DIRIJA-SE ÀS PESSOAS NÃO ALFABETIZADAS COM 15 ANOS OU MAIS.**
- 2. DEFINA O CONTEÚDO APROPRIADO PARA O ANÚNCIO.**
- 3. ELABORE UM TEXTO CURTO, COM MENSAGEM SIMPLES, OBJETIVA E DE CONVENCIMENTO.**

Leia em voz alta o texto informativo com dicas para a elaboração do anúncio. Provoque a turma a perceber que um anúncio bem elaborado é simples, direto e comprometido com a realidade das pessoas para quem se destina. Reflita junto às(aos) educandas(os) sobre quem são as pessoas jovens, adultas e idosas que ainda não tiveram acesso à alfabetização em sua localidade e quais mensagens podem tocá-las com respeito, força e humanidade.

É fundamental valorizar ideias que reforcem esperança, direito à educação e à dignidade. O(a) educador(a) deve registrar o roteiro do anúncio a ser gravado em áudio ou vídeo, elaborado coletivamente, solicitando que a turma acompanhe o registro e reflita sobre a escrita. Proporcione tempo para ajustes coletivos antes da versão final do roteiro do anúncio para divulgação das turmas de alfabetização, o qual deve ser registrado por escrito pelas(os) educandas(os).

A Cultura digital **Chamada pública** visa orientar a turma na gravação da referida chamada, cujo roteiro foi elaborado coletivamente na atividade anterior ampliando, no exercício de ação-reflexão-ação, o entendimento sobre produção de conteúdos digitais, como *podcasts* e *videocasts*.

Retome o roteiro já concluído, convidando o grupo a decidir se gravará a chamada pública em vídeo, em áudio ou nos dois formatos. Leia em voz alta junto às(aos) educandas(os) os textos presentes na trilha para orientação. Explique detalhadamente, cada passo descrito na atividade: a localização do aplicativo de gravação, cuidados com ruído, estabilização



do celular e repetição quando necessário. Apoie aqueles que têm menor familiaridade com o celular, garantindo que todos se sintam com condições de realizar a atividade.

Estimule a turma a avaliar criticamente a qualidade da gravação: nitidez na voz, velocidade da fala, pausas, entonação. Caso a gravação seja coletiva, organize duplas e definam as atribuições de cada um(a). Apoie as(os) educandas(os) a perceberem que produzir conteúdo digital é também exercer cidadania, comunicando direitos e oportunidades.

Faça a leitura em voz alta do texto informativo presente ao final da trilha e convide as(os) educandas(os) a expressarem suas experiências diante do acesso a áudios e vídeos que, para além de características de publicidade e propaganda, trazem conteúdos informativos.

Para acompanhar a atividade, utilize as questões presentes na trilha: O anúncio com a chamada pública está circulando na sua comunidade? Comente como você tem percebido o número de curtidas, compartilhamentos e comentários realizados. O que poderia ser feito para aumentar as visualizações? Tais questões visam engajá-las(os), efetivamente, na atividade como prática educativa de cidadania digital, visto que se trata de utilizar os recursos digitais para a defesa do direito à educação.

A atividade Conversando sobre a língua escrita **Abreviações** visa explorar as variações de escrita presentes nos ambientes digitais e compreender que revelam criatividade, rapidez comunicativa e adequação a diferentes contextos de uso da língua.

Realize a leitura em voz alta do texto informativo sobre o chamado “Internetês”, termo utilizado para denominar a linguagem informal no meio virtual, no contexto das transformações tecnológicas, como modificação criativa da língua.

É essencial explicar que a linguagem digital é marcada por abreviações, repetições de letras e outros recursos que buscam agilidade na comunicação. É preciso apoiar as(os) educandas(os) a reconhecerem essas formas de comunicação e que é importante saber o momento adequado para utilizá-las nos diferentes espaços virtuais.

Distribua os cartões da atividade e solicite que as duplas leiam, comparem e identifiquem diferentes escritas que expressam o mesmo sentido.

Incentive a turma a refletir: O que muda? O que permanece? Quando é apropriado escrever dessa forma? Quando não é? Aproveite o momento para valorizar as habilidades já presentes no cotidiano digital das(os)

educandas(os), sem julgamento, mostrando que domínio da língua é também saber escolher como escrever em cada situação.

A atividade Compartilhando **A vida é loka** traz uma poesia de Sérgio Vaz que, como apresentado na trilha, tem um jeito especial de utilizar diversos espaços, inclusive, as redes sociais para divulgar a poesia e despertar o interesse pela literatura junto às pessoas moradoras das periferias.

No momento da pré-leitura, é proposto às(aos) educandas(os) que realizem a leitura visual e interpretem um verso de Sérgio Vaz grafitado em um muro da periferia da capital paulistana: “Vida loka é quem estuda”. Convide a turma a comentar o que chama atenção no verso. Proponha um diálogo entre as(os) educandas(os) a partir das questões propostas na trilha: Você conhecia essa expressão “Vida loka”? Em caso positivo, em que situação a escutou? O que chama a sua atenção no verso?

Caso as(os) educandas(os) indaguem sobre a escrita da palavra “loka”, contextualize que a expressão “Vida loka” tem origem nas periferias e no movimento *hip-hop*, popularizada pelo grupo Racionais MC’s. No caso a expressão “Vida loka é quem estuda” trata-se de uma apropriação desse sentido de resistência, superação e atitude, para se referir a pessoas guerreiras que enfrentam os obstáculos de cabeça erguida e não se rendem às dificuldades, em um movimento de ressignificação da expressão original.

Leia em voz alta o trecho do poema *A vida é loka*, com a entonação requerida, a fim de criar um ambiente de escuta sensível.

Proponha um diálogo a partir das questões disparadoras: Qual o trecho do poema fez você pensar? O que vem à sua imaginação ao escutar esses versos? “Vida loka é quem estuda”? Por quê? O que essa discussão tem a ver com o seu momento de vida? – deixando o tempo necessário para que cada educanda(o) compartilhe memórias, imagens e pensamentos que os versos despertam.

A partir das falas, instigue o aprofundamento de reflexões sobre resistência, estudo, trabalho e a potência transformadora da palavra poética que mobiliza para tais atitudes. Instigue o diálogo e as reflexões especialmente sobre o modo como o poeta dialoga com experiências de pessoas jovens e adultas presentes nas periferias, tornando a literatura um gesto de afirmação identitária.

A Ciranda cultural **Parabolicamará** traz o fragmento de outra letra de música composta por Gilberto Gil para a apreciação da turma.

No momento da pré-leitura, instigue o levantamento de ideias sobre o que poderia significar a expressão criada para o título: O que esse título sugere a você?

Depois de ouvir as hipóteses da turma sobre o conteúdo da letra da canção, é importante situar que o compositor se permite “juntar” duas palavras “Parabólica” e “Camará”, para formar uma nova palavra, para valorizar, horizontalmente, as tecnologias e as raízes culturais. A antena parabólica é um símbolo das tecnologias e a expressão “Camará” remete à capoeira, à ancestralidade e à cultura popular, indicando que, em tempos de avanços tecnológicos, a identidade cultural e a local têm extrema importância.

No momento da leitura, é importante que seja realizada com entonação e ritmo, a fim de apoiar as(os) educandas(os) na interpretação da letra da música. Se possível, escute a música junto à turma e, caso não seja possível, descreva o ritmo e a atmosfera da canção.

Para suscitar o diálogo sobre a letra, proponha a conversa a partir das questões disparadoras: Quais reflexões os trechos da letra da canção provocaram em você? Você compartilha do posicionamento que o compositor expressou nessa música?

Convide a turma a conversar sobre as diversas imagens poéticas presentes na letra da canção, que chamam a refletir sobre o tempo, a comunicação e as mudanças na relação das pessoas no e com o mundo.

O **Para Saber Mais** visa considerar e ampliar repertórios sobre comunicação, cultura e tecnologia, articulando sugestões de pesquisas complementares relacionadas à História da Escrita, ao Rádio, à TV, ao cinema, ao patrimônio cultural e às invenções que marcaram a humanidade.

Indica, inicialmente, dois sítios da *Wikipedia*. O primeiro apresenta informações sobre o Parque Nacional Serra da Capivara, no estado do Piauí, que tem a maior e mais antiga concentração de sítios pré-históricos da América. O segundo traz informações sobre as inscrições rupestres – desenhos e pinturas – feitas na Pedra do Ingá, no estado da Paraíba, realidades que demonstram que ainda há muito a ser pesquisado sobre o nosso passado, sobre a História da Escrita, inventada originalmente por volta das 3.300 a.C., como consequência do desenvolvimento das sociedades humanas.

Na sequência, são sugeridos diversos sítios da internet que trazem informações sobre as mudanças ocasionadas a partir da invenção da imprensa, um divisor de águas na História da Humanidade.

Outra dica é de realização de visita ao sítio da Rádio Senado, que tem gravações de diversos programas da chamada “era de ouro do rádio” no Brasil, com apresentação de clássicos das décadas de 1930, 1940 e 1950.

É sugerida também a exploração de uma série de reportagens da Agência Brasil sobre a história do rádio e da televisão no país. Por fim, a dica é assistir ao filme *Bye Bye Brasil*, lançado em 1979, dirigido por Cacá Diegues, o qual mistura comédia e reflexão, ao apresentar a trupe da Caravana Rolidei pelo interior do país, que se encontrava em mudança, inclusive, pela chegada da televisão.

TRILHA 18: EM BUSCA DA CIDADANIA DIGITAL

A Roda de memórias **Possibilidades e Mudanças** busca criar um espaço de escuta em que as(os) educandas(os) possam reconhecer suas próprias experiências em busca do exercício da cidadania digital.

Proponha as questões disparadoras: quais são as maiores dificuldades para exercer a cidadania digital? Em que locais acontecem essas dificuldades? Você tem acesso a locais em que a internet é livre? Utiliza espaços públicos para acessar à internet? Telecentro? Escola? Centro comunitário? Outro espaço? Você tem percebido mudanças em suas possibilidades de acesso a equipamentos, à internet nos últimos cinco anos? Em caso afirmativo, de que forma? O que você acrescentaria ser necessário para exercer seu direito à cidadania digital?

É relevante situar que exercer a cidadania digital implica uma série de direitos e de responsabilidades de quem utiliza a internet e as tecnologias digitais, o respeito aos outros; a proteção à privacidade; a atitude de identificar, não divulgar e denunciar notícias falsas; de aprender a usar o mundo virtual para defender causas humanitárias e relacionadas ao bem comum. Para exercer a cidadania digital, é indispensável o direito ao acesso a equipamentos, à internet de qualidade e à formação para saber usufruir dos benefícios como cidadão que precisam ser acionados por plataformas e aplicativos.

A roda instiga as(os) educandas(os) a dialogarem sobre os direitos, as dificuldades e os caminhos que tornam possíveis sua conexão ao mundo digital. Acolha cada fala, provocando as(os) educandas(os) a relacionarem suas dificuldades e possibilidades a contextos específicos: bairro, trabalho, casa, escola, telecentros e demais espaços públicos.

É fundamental que identifiquem possibilidades de mudança, com efetivação de políticas públicas nesse campo: “O que ainda falta para que vocês se sintam incluídos na cidadania digital?” Essa pergunta abre caminhos para expressarem necessidades reais: internet de qualidade, equipamentos acessíveis, segurança no uso de aplicativos, entre outros.

A Prática de leitura e escrita **Notícias Falsas** amplia a compreensão sobre desinformação e fortalece atitudes críticas diante das notícias que circulam na internet.



Imagem gerada com IA

Inicie a atividade orientando a turma para a leitura visual da imagem, convidando as(os) educandas(os) a observarem e interpretarem o que revelam a expressão facial, gesto e elementos nela presentes. Em seguida, solicite que acompanhem a leitura em voz alta feita pelo(a) educador(a) do texto informativo sobre a temática, presente na trilha, articulando a imagem e as informações nele presentes.

São propostas questões disparadoras para a conversa: Você considera confiáveis todas as informações a que tem acesso? Por quê? Em quais situações você teve desconfiança diante das informações acessadas? Em quais situações você sentiu segurança nas informações? Por quê? Você tem costume de refletir sobre o que escuta das pessoas, no rádio, assiste à TV e acompanha nos jornais e nas redes sociais? Você recebeu

uma notícia falsa? Em que situação? Convide as(os) educandas(os) para compartilharem as experiências com os(as) colegas.

Enquanto a turma compartilha relatos, vá sistematizando os principais pontos, destacando repetições e convergências entre as falas. Depois, releia a sistematização em voz alta para que todas(os) possam refletir sobre a escrita e sobre o conteúdo produzido coletivamente. Em seguida, solicite que registrem a versão final do texto, valorizando a autoria da turma.

A Prática de leitura e escrita **Identificando notícias falsas** propõe o diálogo sobre o tema, buscando fortalecer práticas de cidadania digital, mostrando que cada pessoa tem um papel importante no combate à desinformação.

Leia em voz alta as orientações iniciais para identificação de notícias falsas apresentadas na trilha. A começar pela apresentação do título do texto informativo, comente que a expressão em inglês *fake news*, que muitos devem ter ouvido anteriormente, é muito utilizada para designar esse tipo de ocorrência.

ORIENTAÇÕES PARA IDENTIFICAR NOTÍCIAS FALSAS

4. LEIA A NOTÍCIA INTEIRA, VÁRIAS VEZES, NÃO APENAS O TÍTULO.
5. OBSERVE SE O TÍTULO É EXAGERADO.
6. BUSQUE A AUTORIA DA NOTÍCIA.
7. CONFIRA A DATA.

TEM DÚVIDA? NÃO COMPARTILHE!

É importante explicar cada uma das orientações para identificação de notícias falsas com exemplos simples: títulos exagerados, datas antigas, notícias sem autor, mensagens que apelam para emoções fortes. Conduza o diálogo perguntando: Quais outras dicas você acrescentaria a essas orientações para ajudar as pessoas a identificarem notícias falsas? Que outros cuidados costumam tomar antes de acreditar em uma notícia?

Incentive que compartilhem táticas que utilizam no cotidiano ou que sabem que são utilizadas por familiares e pessoas próximas.

Convide as(os) educandas(os) a acompanharem o registro das contribuições da turma e, realize a leitura em voz alta do texto elaborado conjuntamente. Depois da leitura coletiva, solicite que registrem a versão final das dicas elaboradas.

Como sugestão de complementação da atividade, esse registro pode se transformar em um cartaz para a sala, lembrando que a responsabilidade no compartilhamento é parte da cidadania digital.

Na Cultura digital **Agências de Checagem** a intenção é promover o diálogo junto às(aos) educandas(os) que existem caminhos seguros e gratuitos para verificar a veracidade das informações que circulam na internet. Ao apresentar as agências de checagem, o intuito é trazer informações que subsidiem o exercício responsável da cidadania digital.

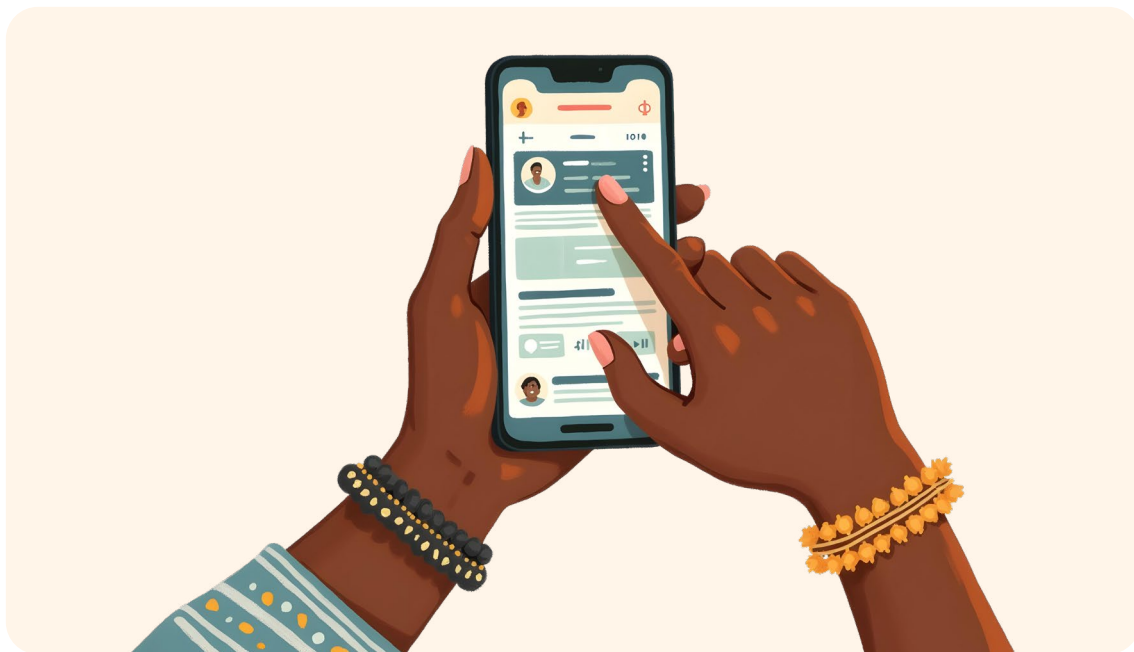
É essencial começar lendo os nomes das agências em voz alta e convidar a turma a comentar se conheciam essa possibilidade e se utilizaram anteriormente um sítio de agência de checagem ou acompanharam uma pessoa próxima a fazê-lo. É importante acolher as respostas, lembrando que muitas pessoas entrarão em contato com esse recurso pela primeira vez.

Instigue a turma a escolher coletivamente uma das agências para visitar virtualmente. Oriente cuidadosamente o uso do comando de voz na busca e mostre como acessar o sítio, onde ficam os botões e como observar a organização das informações.

Leia em voz alta o passo a passo da atividade presente na trilha. É fundamental apoiar as(os) educandas(os) a localizar o espaço onde podem enviar uma notícia suspeita de ser falsa.

Com a turma reunida, realize a submissão da notícia. É fundamental, ao finalizar o processo, provocar as seguintes reflexões: O que chamou a sua atenção ao utilizar os recursos da agência de checagem de notícias falsas? Qual contribuição a visita ao sítio trouxe para você? – sempre com a solicitação de que apresentem aos colegas seus posicionamentos, acompanhados de justificativas e argumentos. Ao constatar que uma notícia é falsa, como você agiria? Incentive que percebam a responsabilidade coletiva diante da desinformação.

A Cultura digital **Tomando atitudes** busca fortalecer junto às(aos) educandas(os) a atitude de atuar eticamente nas redes sociais, compreendendo que denunciar conteúdos falsos traz proteção para a comunidade em que se está inserida(o) e toda a sociedade.



É essencial ler as orientações constantes na trilha, em voz alta e, se possível, demonstrar no próprio celular, exibindo onde ficam: os três pontinhos, como acessar a opção “denunciar” e quais caminhos cada rede social oferece para a realização das denúncias.

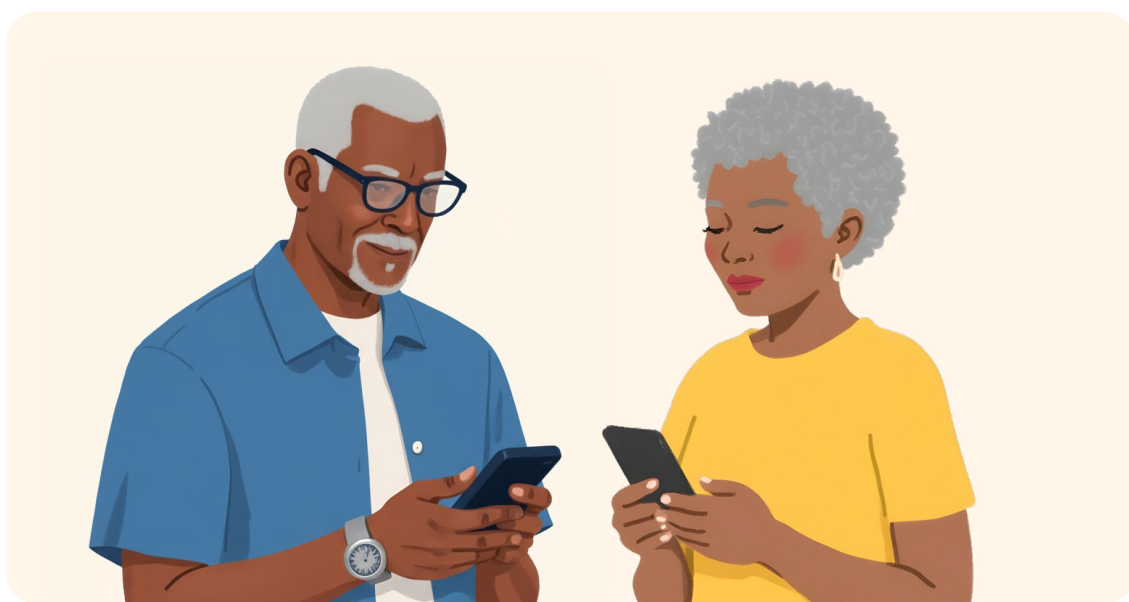
Comunique que as denúncias são anônimas e o objetivo é manter um ambiente digital mais seguro, reforçando que a atitude de denunciar não é no intuito de causar “confusão”, mas expressar o cuidado com a coletividade. Se houver insegurança no uso das plataformas, ofereça exemplos fictícios projetados ou impressos, para que as(os) educandas(os) possam apenas observar o procedimento da realização de uma denúncia.

A Prática de leitura e escrita **Pegadas digitais** estimula reflexões sobre as marcas que cada pessoa deixa na Internet. É fundamental iniciar com a leitura do texto informativo disponibilizado na trilha.

Após a leitura do texto, conduza uma conversa acolhedora: O que esse texto fez você refletir? Quais situações semelhantes aconteceram com você? Você tinha pensado anteriormente que suas postagens deixam pistas sobre você? Que pegadas digitais você tem deixado para os outros? E quais

pegadas digitais você gostaria de deixar? Convide a turma a relacionar o conteúdo com situações do próprio cotidiano: curtidas, comentários, fotos postadas, vídeos compartilhados. Apoie as(os) educandas(os) a perceberem que tudo isso compõe uma imagem pública, que pode influenciar como são vistos(as) no presente e no futuro.

Sistematize as respostas das(os) educandas(os) destacando valores expressos pela turma: respeito, alegria, aprendizagem, cuidado com o outro, registro de memórias positivas, entre outros. Depois, solicite que façam uma leitura em voz alta, reflitam sobre a escrita e registrem a versão final do texto construído coletivamente.



A Prática de leitura e escrita **Comunidades virtuais** amplia o entendimento sobre o potencial transformador das redes sociais, destacando que também são espaços de mobilização, solidariedade e participação cidadã.

Realize a leitura em voz alta do texto informativo sobre a temática situado no início da atividade. Em seguida, provoque o diálogo entre as(os) educandas(os), a partir das questões: O que o texto fez você refletir? Você conhece, participou ou participa de comunidades virtuais? Quais? Essas comunidades virtuais são voltadas para promover o bem comum? Com quais objetivos?

A partir das respostas, liste coletivamente as comunidades virtuais mencionadas: grupos de bairro, redes de apoio, campanhas de saúde, iniciativas culturais, páginas de interesses comuns entre outras.

Oriente para acompanharem o registro das comunidades virtuais mencionadas, solicitando que observem elementos como clareza, organização e fidelidade ao que a turma disse.

Em seguida, conduza o registro da versão final da lista de comunidades virtuais, reforçando que participar desses espaços também é uma forma de exercer cidadania.

A atividade **Conversando sobre a língua escrita O verbal e o visual** convida a turma a aprofundar a reflexão sobre o internetês, destacando a convivência entre linguagem verbal e visual que caracteriza a comunicação nas redes.

Inicie explicando que *emojis*, símbolos e marcas visuais são recursos que as pessoas utilizam para expressar sentimentos, reações e sentidos que vão além das palavras, um novo modo de significar o mundo.

É importante pedir que as(os) educandas(os) acompanhem atentamente a leitura em voz alta da comanda da atividade. Oriente para que, em duplas, escolham uma das cartelas presentes no final da trilha. Garanta que todos(as) se sintam à vontade para manusear o material, explicando como o bingo funcionará.

Ao sortear cada palavra ou expressão, faça a sua leitura em voz alta, conversando sobre como costuma aparecer nas redes e o que comunica. Convide, então, as(os) educandas(os) a observarem com atenção suas cartelas, identificando se existe algum elemento visual correspondente ao que foi sorteado.

Instigue as(os) educandas(os) a compararem, trocarem impressões com seus pares. Trata-se de um exercício de leitura multimodal, em que se compreende a língua escrita articulada às marcas visuais de sentido.

É importante acompanhar as(os) educandas(os) para que preencham todos os campos, destacando que o essencial não é completar a cartela antes das(os) colegas, pois todas(os) vão preenchê-la e, sim, compreender como as linguagens circulam e como cada pessoa pode interpretar criticamente aquilo que vê e utiliza nas redes sociais.

Durante a atividade, convide as(os) educandas(os) a comentarem como essas imagens aparecem no seu cotidiano digital, o que sentem e pensam ao se depararem com elas e, por fim, o que puderam refletir durante a atividade.

A atividade **Compartilhando Tecendo a manhã** traz um reconhecido poema de João Cabral de Melo Neto.

No momento da pré-leitura, é interessante salientar que é o mesmo autor de *Morte e Vida Severina*, auto de Natal presente na primeira trilha. Provoque as(os) educandas(os) a refletirem sobre o que deve conter nos versos com o título Tecendo a manhã.

No momento da leitura, realize-a com tranquilidade, em voz alta, respeitando o ritmo do poema. Depois da leitura, abra um diálogo leve e sensível, a partir das seguintes questões: O que esses galos nos ensinam? O que significa tecer a manhã juntas(os)? Instigue a turma a aproximar a metáfora da realidade digital: Com sentimento poético, retome os versos e reflita sobre pistas para caminhos futuros: com as redes sociais, como você pode tecer manhãs coletivamente?

É importante promover a reflexão que, assim como os galos que constroem a manhã com seus cantos cruzados, nós também criamos sentidos coletivamente nas redes, partilhando informações, avisos, convites, afetos e cuidados. Esta atividade propõe que a turma experimente a poesia como caminho inspirador para pensar o mundo digital de forma ética, colaborativa e solidária. Acolha cada interpretação, desde as mais simples às mais complexas.

O poema tem o potencial para despertar que as(os) educandas(os) reconheçam que a participação de cada pessoa é importante para criar ambientes digitais mais humanos, éticos e solidários. Proponha que expressem como, nas redes sociais, é possível “tecer manhãs”: compartilhando boas práticas, apoiando colegas, divulgando projetos de estudo, cultura, realizados na comunidade.

A Ciranda cultural apresenta a letra da canção **Minha Ciranda** composta pelo compositor pernambucano Capiba, gravada em 1977, pela artista, também pernambucana, Lia de Itamaracá.



CAPIBA

Ed Machado/Reprodução/Folha de Pernambuco.

No momento da pré-leitura, apresente informações sobre o compositor, disponíveis na trilha, e retome a figura de Lia de Itamaracá, resgatando informações apresentadas anteriormente, às quais podem ser agregadas a outras, a critério da(o) educadora(o).

No momento da leitura em voz alta, apresente os versos com ritmo e entonação. Se possível, escute junto às(aos) educandas(os) a interpretação de Lia para a canção, disponível no *Para Saber mais* da trilha. É fundamental convidar a turma a escutar não apenas com os ouvidos, mas com o corpo, com a memória e com a sensibilidade.

Depois da leitura, conduza a roda de conversa: Que sentimentos esta ciranda desperta em vocês? O que ela lembra da nossa turma e da nossa comunidade? De que forma construímos laços por aqui?

É essencial escutar com atenção cada resposta, valorizando as memórias de pertencimento, solidariedade e colaboração. Promova a reflexão de que a canção pode ser interpretada como uma oportunidade de fortalecer laços e pensar a cultura como espaço de encontro.

Como atividade final, convide as(os) educandas(os) para compor uma “Ciranda da Turma”, inspirada nos versos e em suas vivências.

Apoie as(os) educandas(os) na elaboração de um roteiro: que versos vão compor, quem vai cantar, como será o vídeo, com a escolha do espaço – interno e externo – em que pretendem gravar.

Incentive a criatividade e a organização, de modo que pensem no enquadramento, na iluminação, no cuidado com o som, como já foi mencionado em outras atividades de produção de vídeos.

Instigue as(os) educandas(os) a refletirem que ocupar as redes sociais com as vozes da turma é um ato de afirmação e de cidadania cultural e digital: um modo de deixar pegadas digitais potentes, que falam de união, memória e força comunitária.

O **Para Saber Mais**, como mais uma oportunidade de ampliar repertórios, traz uma reportagem da TV Brasil que focaliza resultados de pesquisa realizada pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), braço executivo do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), divulgada em 2024, a qual aponta que apenas 22% das(os) brasileiras(os) têm um bom acesso à Internet.

Na sequência, apresenta página da campanha do governo federal “*Quem espalha Fake News espalha destruição*” com histórias reais que alertam sobre os perigos, os danos irreparáveis provocados por notícias falsas.

Apresenta também, na interpretação de Lia, o exemplo concreto de como a ciranda tem o potencial para unir as pessoas e as comunidades.

Por fim, é destacado um vídeo produzido por professoras(es) e estudantes do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos localizado em Perus (Cieja Perus I) sobre *Fake news*, inspirando caminhos para pensar, criticar e produzir conteúdos digitais.

VÍDEO

A CIRANDA UNE AS PESSOAS E AS COMUNIDADES. É UMA DANÇA CIRCULAR, UMA FORMA DE EXPRESSAR LAÇOS E DE JUNTAR FORÇAS. NO *LINK* VOCÊ ENCONTRARÁ LIA DE ITAMARACÁ INTERPRETANDO MINHA CIRANDA.

<https://www.youtube.com/watch?v=BkvPXZtBgOI>



Lia de Itamaracá OFICIAL/Youtube



PARA NÃO CONCLUIR...

Educadoras e educadores,

Educar implica compromisso político, ético, afetivo e social. Educar implica a responsabilidade de educar-se para educar: *"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens [e as mulheres] se educam entre si, mediatizados pelo mundo."* (Freire, 1987, p.39). Isso porque não basta informar ou informar-se. É preciso assumir a responsabilidade no ato de formar-se (Freire, 1989).

As trilhas foram construídas em um processo de ação-reflexão-ação, o qual demanda uma constante análise do vivido, uma avaliação "para" as aprendizagens, no sentido de pensar, analisar e transformar a realidade.

Esperamos que as trilhas tenham contribuído para o ato de planejar a sua prática e na construção dos currículos *pensadospraticados*, criando e (re)criando "com" as(os) educandas(os) e não "para" elas e eles. Trata-se de articular os *saberesfazeres*, o *dentrofora* da sala de aula, todas as relações estabelecidas, tomando juntas(os) as decisões e se apropriando de novos conhecimentos.

Organizadoras e organizador

REFERÊNCIAS

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE; Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita**: perspectiva para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

KOCH, Ingeodore Grünfeld Villaça. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo, Contexto, 2018.

STREET, Brian Vincent. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.



LISTA DE CRÉDITOS

p. 51	Divulgação/TSE. https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-07/rio-grande-do-sul-sera-primeiro-estado-emitir-nova-identidade .
p. 56	Museu Paulista, Public domain, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1-19394-0000-0000_Baiana.jpg .
	unknown (20th Century Fox), Public domain, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Carmen_Miranda_in_That_Night_in_Rio_(1941).jpg .
	Brazilian National Archives, Public domain, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ruth_de_Souza_(1968).tif .
p. 59	Isabel Gomes, para a Revista Sextante. https://www.ufrgs.br/sextante/pararelembra-aquelas-que-tiveram-a-sorte-de-serem-lembradas/ .
	Ilustração reproduzindo placa de rua, produzida com auxílio de inteligência artificial.
p. 73	#Colabora. https://projetocolabora.com.br/ods5/marcia-kambebe-violencia-degenero-e-intersecao-com-o-racismo/
p. 77	Foto de Karla Vidal no Unsplash: https://unsplash.com/pt-br/fotografias/dwA92JJW7Y
	Foto de Sintegrity no Wikimedia Commons: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vit%C3%B3ria_-_Paineiras_de_Goiabeiras_(52).jpg
	Foto de EyeEm no Freepik: https://br.freepik.com/fotos-premium/cesto-devime-no-chao_133057974.htm
p. 83	Foto de Ministério da Cultura no Wikimedia Commons: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Festival_de_Parintins_(42610930125).jpg
	Foto de Tetraktys no Wikimedia Commons: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bloco_de_maracatu_-_olinda.jpg
	Foto de William Carvalho no Wikimedia Commons: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dan%C3%A7a_das_Fitas_na_Festa_do_Ros%C3%A1rio.jpg
p. 85	Foto de Janine Moraes, Ministério da Cultura no Wikimedia Commons: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Liadeitamaraca_minc_flickr.jpg
p. 86	Foto de Byfreddygutierrez no Wikimedia Commons: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tapioca_de_trancoso.jpg
p. 91	Foto de WS Studio BR no Freepik: https://br.freepik.com/fotos-premium/tigela-com-canji-ca-comida-tipica-brasileira_20576984.htm

p. 92	Jrobal0, CC BY-SA 4.0 < https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/ >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cabidela_de_galinha.JPG
	Just a Brazilian man from Brazil, CC BY 2.0 < https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/ >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Taac%C3%A1_(Brazilian_indigenous_soup)_(51404038372).jpg
	Moe Alves, CC BY 2.0 < https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/ >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Feij%C3%A3o_tropeiro.jpg .
p. 97	Foto de Guillaume Delaitre no Wikimedia Commons: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Priontes_maximus_at_R%C3%A9gina.jpg
	Foto de AnitaFortis no Wikimedia Commons: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guaran%C3%A1_02.jpg
p. 99	Lucas Vale
p. 102	Lucas Vale
p. 108	Chargista Junião. https://ponte.org/um-policial-pode-prender-voce-semprovas-e-a-justica-vai-acreditar-nele/ilustra_ponte_reconhecimento_pm_racismo_72/
p. 112	Chargista Renato Peters. https://ge.globo.com/blogs/especial-blog/quatrolinhas/post/machismo-fc.html
p. 117	https://bd.camara.leg.br/bd/items/588f1bce-f769-4a07-80b9-8487bc5801cc
p. 120	Secretaria da Educação - SEDUC/Governo do Piauí. https://www.seduc.pi.gov.br/noticias/noticia/12669/sem-deixar-ninguem-para-tras:-alfabetizapiaui-celebra-historias-de-supera-cao-em-noite-marcada-por-emocao
p. 123	Cesar Itiberê/Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maria_da_Penha_em_novembro_de_2018.jpg
p. 127	Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul - TJRS/YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=KwNGcU7ppng&t=38s
p. 132	Placas de Atrativos Turísticos Naturais. Guia Brasileiro de Sinalização Turística/Iphan (2021). https://bibliotecadigital.iphan.gov.br/items/065d5ab2-8976-4724-b-147-8f7b58c7381d/full
p. 133	Imagem gerada com IA no Gemini. https://gemini.google.com/

p. 141	Foto de Polícia Federal/Divulgação/Agência Brasil, na reportagem “Crimes ambientais na Amazônia Legal aumentam 88%, aponta PRF”, de Alex Rodrigues – repórter da Agência Brasil, Brasília, 29/10/2024. https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2024-10/crimesambientais-na-amazonia-legal-aumentam-88-aponta-prf .
	Foto de Marcelo Camargo/Agência Brasil, na reportagem “Brasil tem 1 milhão de focos de queimada registrados em 5 anos”, de Guilherme Jeronymo – repórter da Agência Brasil, São Paulo, 03/01/2025. https://agenciabrasil.ebc.com.br/meio-ambiente/noticia/2025-01/brasil-tem-1-milhao-de-focos-de-queimada-registrados-em-5-anos .
p. 142	Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima/ https://www.gov.br/mma
	Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima/ https://www.gov.br/mma
p. 150	Observatório do terceiro setor. https://observatorio3setor.org.br/acao-dacidadania-lanca-clipe-sobre-fome-no-brasil .
p. 152	Ministério do Desenvolvimento Social, CC BY-SA 2.0 < https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0 >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Programas_MDS_(14281657017).jpg .
p. 158	Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp. https://revistapesquisa.fapesp.br/embalagens-de-alimentos-exibiram-selo-frontal-alertando-para-quantidades-elevadas-de-acucar-sodio-e-gorduras-saturadas/
p. 164	Foto de Tanja Lage, CC BY-SA 4.0 < https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0 >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Des8.jpg .
	Foto de Leitmotiv, CC0, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lithic_crescent_tool.png .
p. 169	Foto de André Koehne, CC BY 3.0 < https://creativecommons.org/licenses/by/3.0 >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Algod%C3%A3o_Bahia_2003.jpg .
	Foto de Alberto Buscató Vázquez, CC BY-SA 4.0 < https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0 >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tz%27u-tujil_hand_spinning_cotton.jpg .
	Foto de Lewis Hine, Public domain, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Spinner_in_Vivian_Cotton_Mills._Been_at_it_2_years._Where_will_her_good_looks_be_in_10_years%5E_Cherryville,_N.C._-_NARA_-_523111.jpg .
	Foto de Archiv Brandenburgisches Textilmuseum Forst (Lausitz), CCBY 4.0 < https://creativecommons.org/licenses/by/4.0 >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mechanischer_Buckskin-Webstuhl,_Brandenburgisches_Textilmuseum_Forst_(Lausitz).jpg .
	Foto de Azorbli, CC BY-SA 4.0 < https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0 >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Seamstress_01.jpg .
	Foto de Kurt Kaiser, CC0, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Clothing_store_downtown_Boston.jpg .

p. 175	Ministério Público Federal. www.trabalhoescravo.mpf.mp.br .
	Ministério Público Federal. www.trabalhoescravo.mpf.mp.br .
p. 180	Charges de Toni D'Agostinho. https://www.acaricatura.com.br/copiapublicacoes-2 .
p. 185	Senado Federal/Facebook. https://www.facebook.com/SenadoFederal/posts/o-artigo-7%C2%BA-da-constitui%C3%A7%C3%A3o-federal-elenciaalguns-dos-principais-direitos-dos-tr/3952507151431777/ . Ajuste de visibilidade realizado com auxílio de inteligência artificial.
p. 189	Foto de Armazém do Campo SP. https://mst.org.br/2025/07/30/rede-dearmazem-do-campo-do-mst-completa-9-anos-com-festividades-em-sp/ .
	Foto de Thiago Mucci. https://www.reciclasampa.com.br/artigo/chicomendes-a-cooperativa-que-nasceu-do-voluntariado .
p. 207	Foto de Hihiman, CC BY 3.0 < https://creativecommons.org/licenses/by/3.0 >, via Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Telefunken_Nauen_330WL_Front.jpg .
	Foto Reprodução do Diário de Pernambuco. Título da Matéria: Há 80 anos, a hora do Brasil chegava ao rádio. https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2018/08/ha-80-anos-a-hora-do-brasil-chegava-ao-radio.html
p. 208	Foto de ALESP. https://www3.al.sp.gov.br/repositorio/noticia/09-2010/telespectadores_inauguracao_tupi_18_set_1950.jpg .
	Foto de Tribuna do Paraná/divulgação. https://www.tribunapr.com.br/esportes/cristian-toledo/70-anos-da-tv-brasileira-futebol/ .
p. 217	Imagem gerada com IA no Gemini. https://gemini.google.com/
p. 223	Foto de Ed Machado na reportagem “Passeio também homenageia as grandes personalidades ligadas à música pernambucana”, da Folha de Pernambuco. https://www.folhape.com.br/especiais/passeio-tambemhomenageia-as-grandes-personalidades-ligadas-a-musica/266556/ .
p. 225	Lia de Itamaracá OFICIAL/Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=BkvPXZtBgOI

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO

PRESIDENTE

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Camilo Sobreira de Santana

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Zara Figueiredo

DIRETORA DE POLÍTICAS DE ALFABET- IZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ana Lúcia Sanches

COORDENADOR-GERAL DE ALFABETIZAÇÃO

Paulo Roberto de Sousa Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Jarina Rodrigues Fernandes (UFSCar)

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Marinaide Lima de Queiroz Freitas Ferri
(UFAL)

COORDENAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Clecio dos Santos Bunzen Júnior (UFPE)

ORGANIZAÇÃO EDITORIAL

Marinaide Lima de Queiroz Freitas Ferri
Jarina Rodrigues Fernandes
Clecio dos Santos Bunzen Júnior

REVISÃO

Augusto Noronha

Mauricélia Ramos

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Karla Vidal e Augusto Noronha

IMAGEM DA CAPA

Imagem gerada com IA no Freepik .
<https://gemini.google.com/>

ILUSTRAÇÕES

Pipa Comunicação (geradas com auxílio de
inteligência artificial)

CONSULTORAS

Liana da Silva Borges (Rede Internacional
Café com Paulo Freire)

Sonia Couto Souza Feitosa

COLABORADORAS

Izaura Naomi Yoshioka Martins (UFSCar)
Elana Simone Schiavo Caramano (UFSCar)

GESTÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Fundação de Apoio Institucional - FAI
UFSCar



A presente obra **CADERNO DE ORIENTAÇÕES ÀS (AOS) EDUCADORAS(ES): TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO (TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO, VOL. 19)**, publicada pela Pipa Comunicação e pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), tem licença creative commons — atribuição-nãocomercial-semderivados 3.0 não adaptada. Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em <https://www.gov.br/mec/pt-br>

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

C122

Caderno de orientações às (aos) educadoras(es): trilhas para alfabetização / Organização de Marinaide Lima de Queiroz Freitas Ferri, Jarina Rodrigues Fernandes, Clecio dos Santos Bunzen Júnior. – Recife: Pipa Comunicação, Brasília: Secadi/MEC, 2025.

(Trilhas para alfabetização, V. 96)

Livro em PDF

ISBN 978-65-87033-94-5

1. Alfabetização de adultos. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Formação de professores. I. Ferri, Marinaide Lima de Queiroz Freitas (Organizadora). II. Fernandes, Jarina Rodrigues (Organizadora). III. Bunzen Júnior, Clecio dos Santos (Organizador). IV. Título.

CDD 374.012

Índice para catálogo sistemático

I. Alfabetização de adultos

PREFIXO EDITORIAL: 87033

COMISSÃO EDITORIAL PIPA COMUNICAÇÃO

EDITORES EXECUTIVOS:

Augusto Noronha e Karla Vidal

CONSELHO EDITORIAL:

Alex Sandro Gomes (Informática/Educação)

Angela Paiva Dionisio (Letras/Linguística)

Carmi Ferraz Santos (Educação/Língua Portuguesa)

Caio Dib (Jornalismo/Educação)

Cláudio Clécio Vidal Eufrausino (Comunicação/Teoria Literária)

Cláudio Pedrosa (Psicologia)

Claudia Roberta de Araujo Gomes (Psicologia Cognitiva)

Clecio dos Santos Bunzen Júnior (Pedagogia)

Felipe de Brito Lima (Design/Comunicação)

José Ribamar Lopes Batista Júnior (Letras/Linguística)

Leila Ribeiro (Design/Ciência da Informação)

Leonardo Pinheiro Mozdzenski (Letras/Linguística)

Marcio Gonçalves (Comunicação/Ciências da Informação)

Pedro Francisco Guedes do Nascimento (Antropologia)

Regina Lúcia Péret Dell'Isola (Letras/Linguística)

Rodrigo Albuquerque (Letras/Linguística)

Ubirajara de Lucena Pereira (Design)

Wagner Rodrigues Silva (Letras/Linguística)

Washington Ribeiro (Tecnologia/Linguística Aplicada)

CADERNO DE ORIENTAÇÕES ÀS(AOS) EDUCADORAS(ES)

TRILHAS PARA ALFABETIZAÇÃO



Pacto pela
Superação do
Analfabetismo
e Qualificação na Educação
de Jovens e Adultos

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



DO LADO DO POVO BRASILEIRO